HISTORIA

DA

VIDA, MORTE, MILAGRES, CANONISAÇÃO E TRASLADAÇÃO

DE

SANCTA IZABEL

SEXTA RAINHA DE PORTUGAL

ESCRIPTA POR

D. Fernando Correia de Lacerda

Nova edição feita pela de 1680

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

HISTORIA

DA

VIDA, MORTE, MILAGRES, CANONISAÇÃO E TRASLADAÇÃO

DE

SANCTA IZABEL

SEXTA RAINHA DE PORTUGAL

DEDICADA

AO SERENISSIMO PRINCIPE

DOM PEDRO

ESCRIPTA POR

D. Fernando Correia de Lacerda

Indigno Bispo do Porto.

LISBOA

Na officina de João Galrão

Com todas as licenças necessarias. Anno de 1680.

Nova edição

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1868

A SUA ALTEZA REAL

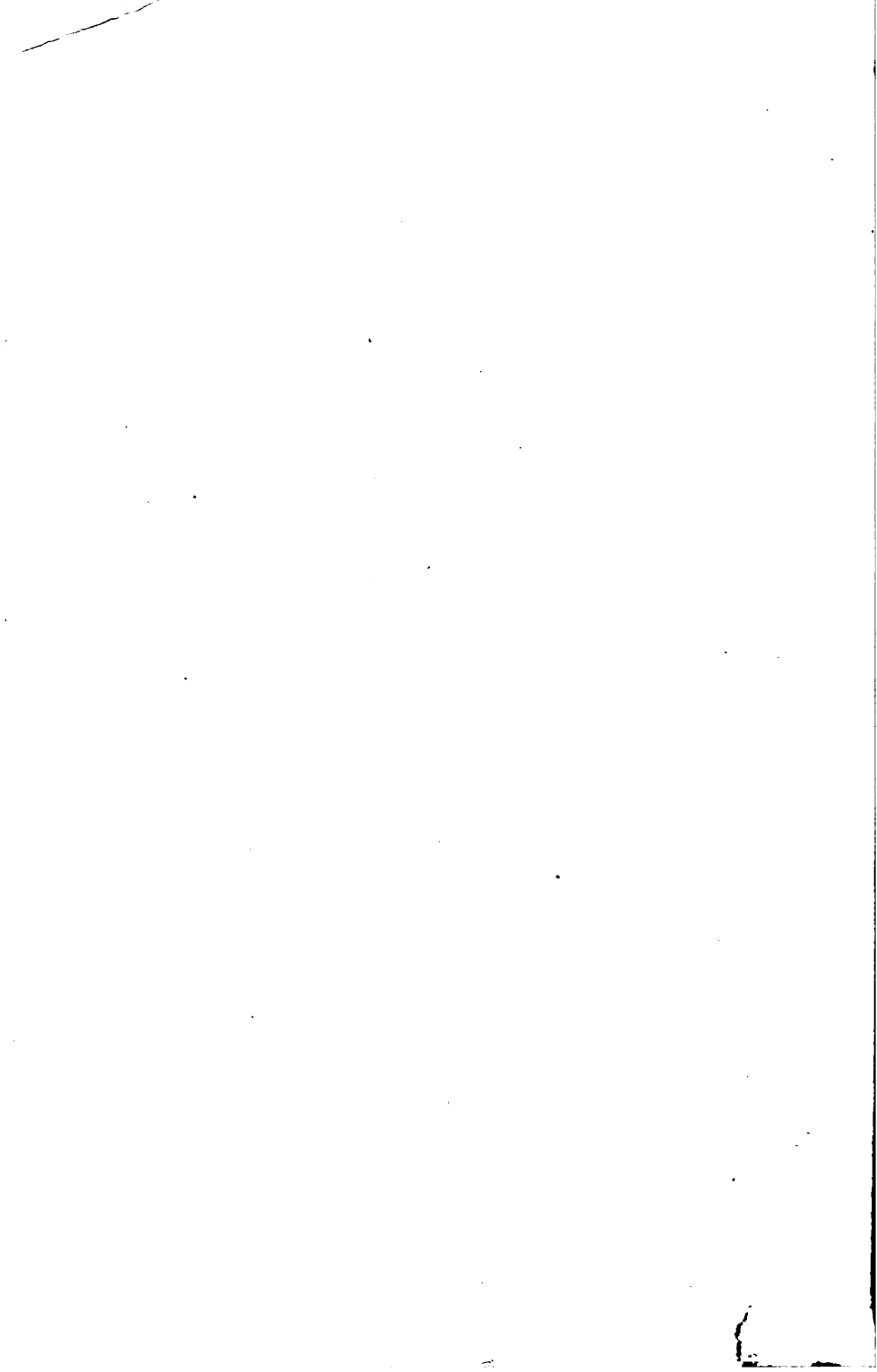
O SERENISSIMO SENHOR

Infante D. Augusto

DUQUE DE COIMBRA

RESPEITOSAMENTE

O editor,

José de Mesquita.

AO SERENISSIMO PRINCIPE

DOM PEDRO

Senhor!

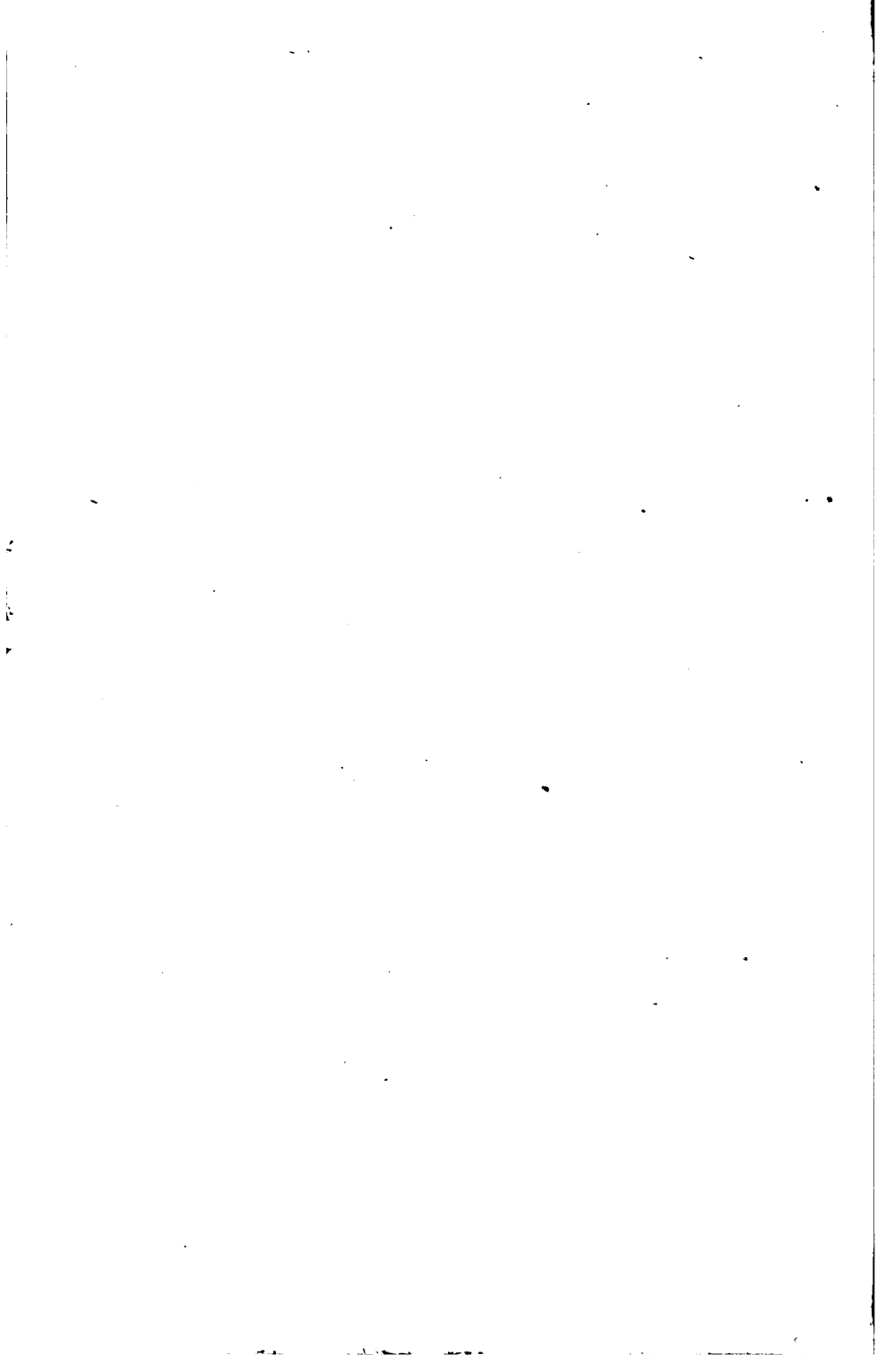
Foi V. A. servido ordenar-me que escrevesse a vida de Sancta Izabel Rainha de Portugal, tantas vezes gloriosa Avó de V. A., e não podia eu recusar tão acreditado trabalho, por não faltar á mais devida obediencia, e porque de tão insigne occupação me resulta o mais glorioso credito; mandando-me V. A. escrever este livro, me deu licença para que lhe fizesse d'elle offerta, e bem se vê que o preceito foi favor, pois acreditando V. A. a minha pessoa com a sua escolha, tanto que fez a eleição, empenhou, no meu amparo, o seu patrocinio; assim não tenho que temer a mais acre censura, pois logro a mais respeitada immunidade.

Certo é que o livro é mui desegual ao assumpto, mas não podia deixar de ser o assumpto superior ao livro; em outras obras pode ser o artificio de maior preço que o ouro; nesta é impossivel não ser muito mais precioso o ouro que o artificio; assim as excellentes prerogativas da Sancta Rainha são

as minhas maiores desculpas, nem eu podia ajudar o sol com raios, nem deixar de cegar com os raios do sol.

Empenho era meu, segundo o estylo commum, dedicando a V. A. as heroicas acções da virtude da Rainha Sancta, escrever as acções gloriosas do principado de V. A., porem a minha grande insufficiencia e a insigne modestia de V. A. me livram d'este empenho; a minha insufficiencia, porque eu não posso fazer panegyricos a V. A.; a modestia de V. A., porque não consente que lhe façam panegyricos; mas não pode deixar o mundo de conhecer que V. A. porque os merece os recusa, e porque os recusa os merece: algumas magestades sentem que lhe digam as verdades que as offendem, e estimam ouvir as lisonjas que as applaudem; V. A. por fazer com a moderação mais virtuosa a virtude, não podendo haver lisonjas que o louvem, não quer ouvir os elogios que o acclamam; esta

razão basta para o meu silencio, e assim as publicas como as particulares me obrigam a pedir a Deos conserve a real vida de V. A. para augmento e gloria da portugueza monarchia.

Porto, 10 de Agosto de 1678.

AO LEITOR

Se algum livro não necessitava de prologo parece que era este, porque quem escreve por obediencia na obediencia tem a desculpa, e quanto ella é mais cega, tanto mais é acreditada: assim quanto mais forem os erros, tanto mais serão os sacrificios; com o que quando a censura ponha culpas ao entendimento, ficará fazendo elogios á vontade.

Sem embargo d'estas razões nos pareceu exprimir algumas: escrevemos a historia d'uma vida que passou ha mais de tres seculos; e como naquelles tempos era grande a falta ou incuria dos escriptores, por mais que se repetiram as diligencias, acharam-se muito poucas noticias, foi maior o trabalho da indagação que o da escriptura. Se houvera promptos informes e não accresceram outros estorvos, estivera este livro impresso ha muitos dias, porque se não meditou, escreveu-se; e elle mostra que foi escripto,

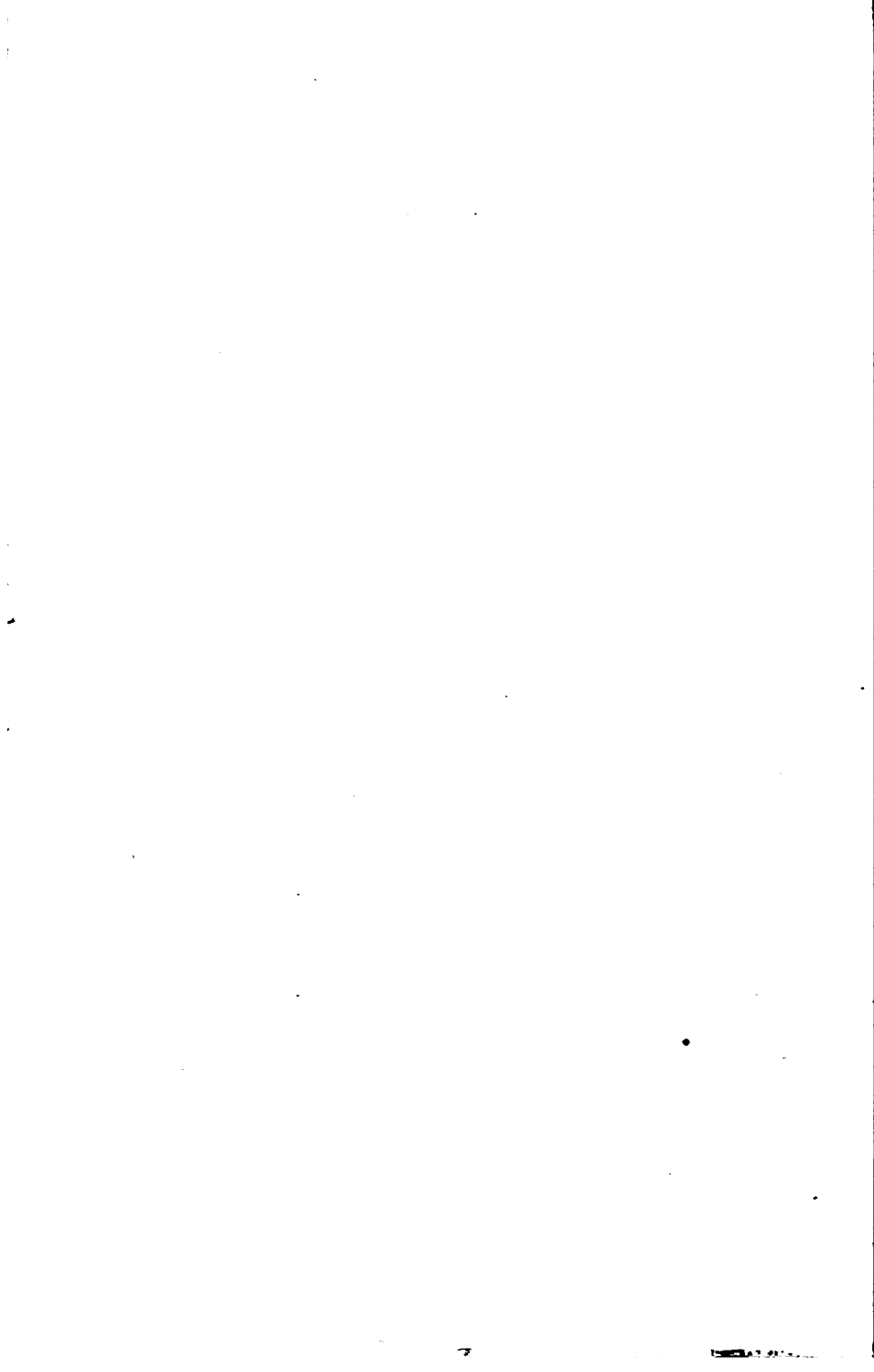
não meditado, o que pode ser culpa, e desculpa; mas esperamos que a benevolencia nos julgue pela melhor parte, porque quando seja subtileza o arguir, sempre é generosidade o perdoar.

Para podermos escrever este livro foi necessario ler todas as historias d'aquelles tempos, assim proprias, como peregrinas, e muitas relações, e papeis, que guardou a curiosidade e a devoção; é certo que haveria, para escrever, mais assumptos, porque d'esta sancta Rainha foram muitos os prodigios; perdeu-se o livro de suas revelações, e não achámos d'ellas mais noticias que o haverem-se perdido estes thesouros.

Poderá parecer que nos diffundimos nas acções da vida de El-Rei D. Diniz; porém, como ellas tiveram tanta conexão com as da Rainha Sancta, não se podiam estas escrever, sem se escreverem aquellas; exornámos alguns successos da historia com logares da escriptura; o padre Frei João Carrilho da ordem de S. Francisco, provincial de Aragão, confessor da serenissima infanta D. Margarida de Austria, que escreveu sobre este mesmo assumpto, foi censurado porque não seguiu este estylo; nós o poderemos ser porque o seguimos; porem em uma vida d'uma sancta não são incongruentes os exemplos sagrados; e podemos affirmar que as exornações não foram buscadas com a indagação, e só usamos das que nos offereceu a memoria.

De alguns successos que houve na trasladação escrevemos por relações, e ainda que assistimos a ella, todos viram tudo, cada um não viu o que viram todos; o espanto e a

admiração impediram a alguns testemunharem todas as circumstancias, porém de todas as que escrevemos temos documentos irrefragaveis.

Tambem nos parece que não usamos de novas vozes, nem das antigas, e neste particular escrevemos sem escolha; se o fizessemos sem acerto, para os erros é a indulgencia; se merecemos algum louvor, a Deos se deve attribuir toda a gloria.

Carta que o Conde de Villar Maior, Manuel Telles da Silva, do Conselho de Estado de S. A. seu gentil homem da Camera e Veador da Fazenda, escreveu ao Bispo do Porto em resposta da em que lhe pediu a censura do livro da Rainha Sancta.

Manda-me v. s.ª que lhe diga o que me pareceu o livro da vida de Sancta Izabel, Rainha de Portugal, que v. s.ª por ordem de S. A. tem escripto; e ainda que com mais razão devia eu sómente dizer agora a v. s.ª o que já disse Plinio a Tacito: *Neque ut magistro Magister, neque ut discipulo discipulus, sed ut discipulo magister librum misisti*: [1] como a obrigação de obedecer a v. s.ª precede a toda a outra, nem a do conhecimento proprio me escusa da obediencia d'este preceito, que me ficaria mais facil se a obra em que v. s.ª quer que eu interponha juizo, não fôra tão perfeita, porque mais bem recebidas seriam da modestia de v. s.ª as minhas advertencias, do que os seus louvores: *Neque minus considerabo quid aures ejus pati possint, quam quid virtutibus debeatur* [2]. E tanto mais facil seria a minha ignorancia perceber as imperfeições do que explicar os acertos, quanto é mais facil ver os eclipses do sol, do que observar os atomos de suas luzes: é porém certo que a mesma perfeição, que me põe na difficuldade de a louvar dignamente, me livra do perigo, a que Tacito considera mais expostos os que applaudem, que os que arguem: *Nàm ambitionem scriptoris facile adverseris; ob-*

[1] Plin., lib. 8, Epist. 7.
[2] Plin., Paneg. Trajan. dict.

trectatio, et livor pronis auribus accipiuntur; quippe adulationi foedum crimen servitutis, malignitati falsa species libertatis inest; [1] porque quem vir o livro certamente julgará que os mais encarecidos elogios ficariam mais devedores á verdade na diminuição do applauso, que no encarecimento do louvor.

Acertadamente se resolveu v. s.ª a escrever livros, porque, ainda que Plinio reputou por bemaventurados os que obram acções merecedoras de serem escriptas, ou escrevem livros dignos de serem lidos, como pôz a sua felicidade em uma e outra gloria, depois de v. s.ª exercitar em seu pastoral officio virtudes merecedoras de se escreverem para exemplo dos mais perfeitos prelados, necessariamente havia de escrever livros dignos de se lerem, para doutrina dos mais sabios escriptores; porque não seria este o complemento de uma e outra gloria, se o mundo as não visse conseguidas por v. s.ª: *Equidem beatos puto, quibus Deorum munere datum est, aut facere scribenda, aut scribere legenda, beatissimos vero, quibus utrumque* [2]. E não fica a republica menos obrigada a v. s.ª em ser a historia assumpto dos seus escriptos, do que pelas virtudes que são emprego de seu zelo; porque já Sallustio entendeu que não recebia menos utilidade a de Roma pelas historias que escrevera, do que por qualquer outro grande trabalho de seus naturaes: *Maiusque commodum ex otio meo, quam ex aliorum negotiis Reipublicae venturum:* [3] e cresce este beneficio publico, por ser o argumento d'este livro a vida de uma Rainha Sancta, porque sendo a historia em sentença de Cicero mestra da vida, e as virtudes dos principes mais uteis ao mundo que as dos outros homens, grande e proporcionado estimulo lhe propõe v. s.ª no exemplo de uma sancta princeza; porque nem os que forem tão altivos como Alexandre se dedignarão do sugeito que se offerece á sua emulação: *Libens, inquit, si decertaturos me-*

[1] Tacit., hist. lib. 1.
[2] Plin., lib. 16, Epist. 6.
[3] Sallust. in praef. de bel. Jug.

cum Reges sim habiturus;[1] antes conhecerão que a virtude não é incompativel com a magestade; pois que á mais augusta magestade se viu unida a mais sancta virtude.

Logrado o acerto no genero e assumpto da escriptura, egualmente o conseguiu v. s.ª na verdade, ordem, estylo, ornato e juizo, que são as partes essenciaes da historia, e tão difficeis de conseguir, que, sendo grande o numero de historiadores que tem visto o mundo, são raros os que até agora satisfizeram na opinião universal os difficultosos preceitos d'esta primorosa arte.

Luz da verdade chama Cicero á historia, e Quintiliano[2] constituiu na verdade a distincção da fabula, comedia e historia, e é certo que faltará á sua fundamental constituição quem nella faltar á verdade; e nesta parte se ajustou v. s.ª de sorte ás leis de verdadeiro historiador, que tudo o que refere se comprova com as chronicas portuguezas, documentos verdadeiros, e tradições constantes.

A ordem é tão necessaria, que sem ella todo o edificio seria labyrinto, e toda a historia miscellanea; e a regra que João Bodino[3] deu para facilitar o conhecimento da historia devem observar os historiadores; porque se não poderá ler com ordem o que for escripto confusamente: *Quemadmodum in epulis, tametsi magna condimentorum suavitas est, nihil tamen insuavius, si misceatur, ita quoque providendum erit, ne historiarum ordo confundatur, id est, ne postrema priori loco, vel media postremo ad legendum proponantur, quod qui faciunt, non solum res gestas capere non possunt, sed etiam memoriae vim penitus labefactant.* Plinio[4] disse, *summam rerum nuntiat fama, non ordinem,* para mostrar que não será historia a que não for bem ordenada; e este preceito observou v. s.ª de sorte que neste livro se vêem não só seguidas, mas melhoradas todas as regras que deixaram escriptas os mestres da estructura historica.

---

[1] Justi., supplem. in Q.
[2] Cicer., lib. 2 de oratore, c. 9. Quintil., lib. 2 cap. 4.
[3] Bodin., method facil. hist. cognition. c. 2.
[4] Plin., lib. 4, Epist. 11.

É o estylo parte mui essencial, e a mais difficultosa da historia, porque se compõe de circumstancias que se oppõem umas ás outras; deve ser claro, mas de sorte que não seja humilde; alto, mas em forma que não fique escuro; fluido, mas com o cuidado de não ser languido; harmonico, mas com advertencia de que não pareça affectado; e finalmente uma fiel copia das acções que refere e das materias que tracta, sendo triste nos acontecimentos funebres, festivo nos successos alegres, grave nos casos serios, sublime nas acções grandes, e corrente nas narrações simples.

> Tristitia moestum
> Vultum verba decent; iratum plena minarum.
> Ludentem lasciva, severum seria dictu.[1]

Famiano Estrada explicou a propriedade do estylo historico, com os ingredientes de que se deve usar, com tal temperamento, que, perdendo o proprio sabor, só sirvam de dar gosto aos pratos; deve pois a oração historica ajustar-se de tal sorte á propriedade do que refere, que seja concerto e não composição do que relata. Tão exactamente seguiu v. s.ª esta regra, que será necessario lembrar do tempo em que Famiano [2] compoz as suas prolusões, para que se não entenda que das observações d'este livro que v. s.ª agora escreveu tirou aquelle preceito.

É tão proprio o formato na historia, que muitos auctores julgaram que nesta parte deve distar pouco da poesia: *est enim proxima poëtis, et quodam modo carmen solutum,* disse Quintiliano [3]. Cicero [4] louvou a historia de Xenofonte, dizendo que fallava pela bocca das musas. D. Luiz

[1] Q. Horat., de art.
[2] Famian. Estrad., prolus. 3 de ration. scrib. hist.
[3] Quint., lib. 1 cap. 1.
[4] Cicer., lib. 2 de orat.

de Gongora [1] chamou poema á historia pontifical, que escreveu D. Luiz de Babia.

Este que oy Babia al Mundo ha offerecido,
Poéma si non a numeros atado,
dela apposicion antes limado,
y dela erudicion despues lamido,
Historia es culta, etc.

Luciano [2] diz que a historia deve ter parte de poesia: *Ac sententia quidem cum poëtice communicet, ejusque partem aliquam contingat,* e que nella se deve usar de figuras e ornatos: *Jam vero figuris, et exornationibus utatur.* [3]

O padre Pedro de Moine affirma que a antiguidade em honra de Herodoto [4] deu aos nove livros da sua historia os nomes das nove musas. Quintiliano julgou necessario, que o historiador com a galantaria do ornato suavisasse aos leitores o tedio da narração: *Ideo verbis liberioribus, remotioribusque figuris narrandi taedium evitat;* [5] e até a doutrina se introduz melhor com a suavidade, nem o suave se oppõe ao verdadeiro, tudo disse brevemente Horacio. [6]

Quamquam ridentem discere verum
Quid vetat? ut pueris olim dant crustula blandi,
Doctores, elementa velint ut discere prima.

[1] Gong., sonet. 21.
[2] Lucian., comod. hist. scribend.
[3] Lucian., ibid.
[4] Moine, art. hist. des sart. 1, art. 1.
[5] Quint., lib. 1 cap. 1.
[6] Horat , satira. lib. 1 sat. 1.

E em toda a acção consiste o ultimo ponto do acerto em ensinar deleitando, e junctar o util ao suave.[1]

> Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci,
> Lectorem delectando, pariterque monendo.

Assim o practicaram os historiadores, que conseguiram o maior nome.[2] Nas historias de Tito Livio, Quinto Curcio e Tacito se acham tantas exornações e termos poeticos, como notou Famiano Estrada em confirmação d'esta doutrina, da qual elle usou tão largamente na historia da guerra de Flandres, que até a figura paronomasia, que alguns tiveram por alheia da gravidade historica, se acha nella: *Consilia omnia, praecipue bellica, tandiu tuta, quandiu tecta.*[3] De sorte ajustou v. s.ª estas leis, que neste livro se acham tão bem cultivadas as flores, que asseguram a esperança dos fructos, e tão maduros os fructos, que deixam bem logradas as flores.

São as digressões parte muito essencial dos ornatos, e assim como na poesia, se compõem os episodios de successos fingidos, que servem de engrandecer o poema, e dar materia á elegancia poetica, assim as digressões na historia, compostas de factos verdadeiros e connexos ao assumpto, ornam a narração, deleitam aos leitores, e facilitam a intelligencia dos successos principaes.

Mascardo[4] na sua arte historica tractou largamente a questão de serem as digressões proprias da historia, e resolve pela parte affirmativa com solidos fundamentos, e v. s.ª nas de que usa não só satisfaz a esta propriedade, mas livra-se do inconveniente de que Tacito se queixa, que o

[1] Horat., de art.
[2] Estrad., Prolus.
[3] Estrad., de bello Belgico.
[4] Mascard., de art. hist. trat. 3, c. 4.

assumpto dos seus annaes, [1] seja esteril, e sem as grandes acções, que fazem agradavel a historia; porque nas de el-rei D, Diniz, que v. s.ª refere, pela parte que nellas tève a Rainha Sancta, se acham empresas militares, conseguidas com grande valor, resoluções politicas, consideradas com grande prudencia, e liberalidades sumptuosas, despendidas com summa grandeza, e por v. s.ª tão bem tecidas na historia, que não quebram o fio d'ella.

Com o juizo e breves reflexões na historia se satisfaz a melhor parte do intento d'ella, porque, sendo constituida para mestra da vida, melhor ensina o historiador que adverte os casos de que se pode tirar doutrina, do que o que simplesmente os refere; porque, como disse Tacito, [2] o verdadeiro conhecimento da historia, não consiste sómente nos successos que costumam ser fortuitos, senão nas causas e razão d'elles: *ut non modo casus, qui plerumque fortuiti sunt, sed etiam ratio, causae quae noscantur,* por esta circumstancia são estimados por grandes historiadores Sallustio, Velleio Paterculo e Tacito.

Os documentos, que os historiadores propõem, se recommendam melhor, quando se corroboram com exemplos, que auctorisem o seu juizo; d'esta ultima parte usou com grande approvação Manuel de Faria e Sousa no epitome das historias portuguezas [3] e v. s.ª melhor que todos, porque, escrevendo a vida de uma Rainha Sancta, pondera tão discretamente as excellencias de suas virtudes, que facilita muito o conhecimento d'ellas, e as exemplifica tão doctamente com as letras sagradas, que persuade á sua imitação, que é o virtuoso fim que devem ter todos os livros.

Finalmente não só se ajustou v. s.ª com as leis da historia em geral, senão tambem com as de quem escreve especialmente uma vida, porque, se naquellas se faz só menção de acções grandes e de consequencia, nesta se referem todas, principalmente quando são obradas por tão su-

[1] Tacit., lib. 4 annal.
[2] Tacit., hist. lib. 1.
[3] Epitom. Faria.

perior pessoa, em quem tudo é grande, e nada seu se deve perder da memoria da posteridade; assim refere Philostrato, [1] que respondeu Damis a quem o arguiu de que tão miudamente escrevera as acções de Theaneo, que imitava os cães, que assistem á mesa, para se aproveitarem das reliquias d'ella: *Recte dicis, inquit, Damis'verum convivium hoc Deorum est; et convivae Dii, quorum famulis maxima cura est, ne qua etiam minima ambrosiae particula si forte ceciderit, pereat*; e Tacito observou esta differença entre a vida de Julio Agricola e historias que escreveu; e a esta, e a todas as mais excellencias de grande historiador, satisfez v. s.ª tão primorosamente, que depois de dizer a v. s.ª menos do que sinto de cada uma das partes d'esta insigne obra, posso affirmar do todo o que não sei se com tanta razão disse Plinio dos livros de Nono Maximo: [2] *Est opus pulchrum, validum, acre, sublime, varium, elegans, purum, figuratum, spatiosum etiam et cum magna tua laude diffusum*, pelo que ficará a posteridade em eterna obrigação a sua alteza por mandar escrever por v. s.ª a vida da Rainha Sancta Izabel, e a v. s.ª pela escrever com tanta elegancia, que não menos se perpetuará na memoria dos homens a vida d'esta Sancta Princeza, pela singular virtude com que floreceu, do que pela sublime eloquencia, com que v. s.ª a escreve.

Assim o entendo, e se o não entendera, o não dissera assim. [3] *Nam, et ego verum dicere assuevi, et tu libenter audire*. Guarde Deus a v. s.ª muitos annos. Salvaterra, a 12 de fevereiro de 1680.— *O Conde Manuel Telles da Silva.*

1 Philos., trat. de vita Thean. lib. 1, cap. 13.
2 Plin., lib. 4., Epist. 20.
3 Plin., Epist. 20, lib. 7.

Carta que D. Antonio Alvares da Cunha, Trinchante de sua alteza, coronel de infantaria na cidade de Lisboa, deputado da juncta dos tres estados, e guarda-mòr da Torre do Tombo, escreveu ao bispo do Porto, em reposta da em que lhe pediu a censura do livro da Rainha Sancta.

Restituo a v. s.ª o livro da vida da Rainha Sancta Izabel, que v. s.ª por me fazer mercê fiou de mim; e dizendo melhor, restituo a v. s.ª um thesouro, porque não tem menos valia este livro, que enriquecendo-me de documentos, torna, sem me deixar a consciencia com o menor escrupulo, porque as minas do entendimento enriquecem ao mundo, sem que se diminua em cousa alguma o mineral. As fontes, que nascem do oceano, nelle mesmo se recolhem, para tornar a nascer em multiplicadas fontes. O vasto mar de conceitos e erudições, que correm pelas folhas d'este volume, no qual se refere uma vida tão exemplar e tão sancta, lhe fará dar tão sasonados fructos, como experimentarão todos os que por ellas lerem.

Por mais de tres seculos esteve a providencia preparando um escriptor como v. s.ª para uma historia como esta, porque as noticias que tinhamos de tão grande heroina eram por confusas tradições antigas, e umas breves relações nos dialogos de Marìs, elogios de Brito, Anasefaleosis de Vasconcellos, e epitome de Faria, que dizendo todos uma mesma cousa, não serviram mais que accrescentar a sêde á hydropesia dos estudiosos, fazendo aos devotos maiores ancias, pois lhe faltavam os melhores exemplos para a imitação; e agora os dá v. s.ª, não só escrevendo

uma tão maravilhosa vida, senão tirando d'ella as mais solidas reflexões, auctorisadas com innumeraveis passos da escriptura sagrada, não havendo paragrapho em todo este volume, no qual se não veja, nas obras da Sancta, a imitação d'aquelles mestres de sanctidade, e nas reflexões de v. s.ª o proveito que se tira de tam rara imitação; e não tão sómente se encaminham ellas ao espirito, mas incluem tambem toda a politica do bom governo, que, como esta Sancta foi Rainha tão celebrada, todas as suas acções eram encaminhadas a uma e outra virtude; e os documentos, que v. s.ª tira d'ellas, mostram tambem a estrada segura de uma e outra vida, temporal e espiritual.

É v. s.ª a todas as luzes insigne historiador, o meritissimo prelado, por mais que a sua virtuosa humildade o obrigue a que se chame indigno bispo; que o amor proprio faça perder a muitos cousa é commum, mas o desamor só a v. s.ª arriscou; e já a outro bispo do Porto (o ill.^mo^ e rev.^mo^ sr. D. Rodrigo da Cunha) vendo o conde de Miranda Pedro Lopes de Sousa o como se tractava no seu catalogo dos bispos d'aquella cidade, em outra carta saudatoria discretamente disse do auctor o que o auctor calou de si; nesta me occorre a mim maior obrigação, porque o conde disse o que o auctor calou, mas eu hei de contrariar o que v. s.ª disse.

Tres são as qualidades, que constituem um perfeito prelado, virtudes, letras, e nobreza; quanto ás virtudes, em v. s.ª concorrem todas aquellas que aponta S. Paulo nas suas epistolas a Timotheo e a Tito são necessarias aos que desejam tão grande dignidade; testemunhem esta verdade as ovelhas de tão advertido pastor, se experimentam o baculo pastoral, mais vara para o castigo das esparsidas, do que cajado para a conducção do rebanho, que as que estavam mais derramadas com a mansidão do pastor, tornavam ao fato a buscar o sustento no pasto espiritual com o exemplo de tanta doutrina, que v. s.ª repetidas vezes, no largo campo da sua diocese, abundantemente lhe presenta; ama v. s.ª tanto esta sua espiritual esposa, que contra o seu na-

tural, mais dado aos estudos e contemplação do que ao governo, desejando muito fazer divorcio d'este sagrado matrimonio, não para contrahir outro desposorio, senão para se empregar todo ao que o encaminha a sua estudiosa inclinação, receia fazel-o, por ser obrigado a distribuir os talentos conforme a providencia o tem enriquecido.

Quanto ás letras, me persuado que no berço mostrou v. s.ª propensão a ellas, que, assim como Hercules deu nelle signal de sua valentia, despedaçando as cobras, v. s.ª no mesmo logar abraçou os livros, e bebeu no leite esta natureza, e nella se contrahia. Não geram as aguias pombas: é v. s.ª filho do sr. Fernão Correia de Lacerda, o qual se deu com tanta ancia ao estudo do direito civil, que na celebre academia conimbricense teve uma conducta da mesma faculdade, premio não concedido naquelles tempos senão a eminentes talentos, a qual elle logrou com applausos e inveja de seus contemporaneos, que, quando os premios alcançam os merecimentos, são mais os que louvam dos que os que se queixam; porém, trocando a Minerva por Marte, deixou a conducta, e se foi servir a Africa, foi tão mimoso das musas, que não teve egual, como se vê nos seus escriptos, que tenho em meu poder com aquella veneração que merecem. Illustrou a patria com um poema heroico, intitulado o Imperio Lusitano, em que descreve toda a historia portugueza desde o seu primeiro rei, heroe do poema, até o tempo em que florescia o seu suave ingenho; fez outro poema lyrico, intitulado Pastor de Guadalupe, dando noticia de todo aquelle sanctuario, com tão devota melodia, que pode servir de texto espiritual aos contemplativos, porque suavemente eleva ao verdadeiro conhecimento.

Nas rimas soltas foi o primeiro que deu entre os portuguezes fórma aos romances, que até então tinham outra collocacão; em tudo foi v. s.ª filho d'esse pae, e tendo o mesmo mimo, usou d'elle em quanto os annos e as differentes occupações lhe deram logar, e se a modestia de v. s.ª o permittira, bem se poderam estas obras manifestar ao

mundo com o titulo de Musa Juvenil, imitando aos maiores prelados, para que as trevas do esquecimento se não atrevam a apagar tantas luzes. E passando v. s.ª a estudos maiores com exemplo d'aquelle pae alcançou na mesma academia o verde diadema, e assim doutamente coroado entrou no serviço do sancto officio, e neste puro, recto e sancto tribunal teve os logares de deputado, inquisidor e do conselho geral, e em todas estas occupações não deixou de estudar sempre, e escrever sempre, como vemos nos dous livros que se deram á estampa da vida da Princeza D. Joanna, e do panegyrico ao Marquez de Marialva, e pelo que lemos nelles não teria que invejar aquella Princeza a Marcella na pena de Jeronymo; nem este heroe a Trajano na descripção de Plinio: por estes degráus estudiosos, subiu v. s.ª á mitra que dignamente logra, e levando-lhe o demais do tempo este governo, deu á estampa a sua carta pastoral para o regimento de suas ovelhas, e tem no prelo a vida do bemaventurado S. João da Cruz, e publíca este da vida da Rainha Sancta Izabel, e em todos elles se estão vendo o trabalho do estudo e a inclinação da piedade, porque tanta erudição se não alcança sem grande desvelo, e tantos documentos se não dictam sem grande affecto.

Já disse era v. s.ª filho do sr. Fernão Correia de Lacerda, e isto bastava para manifestar a parte da nobreza, que é a terceira qualidade, que faz um meritissimo prelado, e nos seus illustres appellidos, se está vendo que Castella e Portugal uniram do melhor de tão antigos reinos, para lhe purpurear o sangue; Portugal de D. Paio Ramiro, que floresceu no governo do conde D. Henrique, anno 1112, que era decimo terceiro avô do sr. Fernão Correia: Castella de el-rei D. Affonso o sabio, anno 1252, por seu filho o infante D. Fernando de Lacerda, cuja descendencia se tem dilatado, em um e outro reino, por toda a sua qualificada nobreza, e na familia dos Correias, bastava para illustrar toda a Europa o insigne varão em virtudes, o sancto D. Frei Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga, Primaz das Espanhas, cujas pisadas vai v. s.ª

seguindo, como seu consanguineo. Veja agora v. s.ª se concorrem na sua pessoa por todas as tres qualidades aquellas partes que o podem constituir dignissimo bispo, e assim me parece deve emendar neste volume a verdade de v. s.ª; o que nos outros lhe quiz fazer crer a sua modestia, e posso fallar largamente nesta materia (perdoe-me v. s.ª), porque me criei com os dictames do ill.mo e rev.mo sr. D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Lisboa, meu thio, cuja amizade com o sr. Fernão Correia foi tão conhecida, que lhe não adornavam as paredes de suas casas, outras pinturas, nem as estantes de seus livros curiosos, e seus volumes, que o retrato do sr. Fernão Correia, e as suas obras. Guarde Deos a v. s.ª como desejo, Lisboa, 6 fevereiro de 1680.

D. Antonio Alvares da Cunha.

Carta que D. Francisco de Sousa, capitão da guarda de sua alteza, deputado da juncta dos tres estados, escreveu ao bispo do Porto, em reposta da em que lhe pediu a censura do livro da Rainha Soncta.

Conseguiram os livros, com que v. s.ª tem honrado a estampa, tantos merecidos applausos, que parece que os que precederam no tempo haviam apurado de sorte a universal acceitação, que faltaria para os que se vão seguindo; ainda que assim succedera a este volume, podera ficar sem queixa o seu valor; porque, como o que se espera não admira, havendo grangeado tanto credito no mundo os escriptos de v. s.ª, que parece que tudo o que se lê nelles se esperava antes, bem poderia este livro, sendo admiravel por si, por de v. s.ª deixar de ser admiravel, porque elevação nos conceitos, elegancia no estilo, descripção nas reflexões, propriedade nas vozes, e tanta divina erudição bem applicada, são partes, que se têm naturalisado tanto em tudo o que v. s.ª diz, e em tudo o que escreve, que só podiam maravilhar quando faltassem nos seus discursos, não quando se acham nelles; mas ainda assim excedem os talentos de v. s.ª ás nossas esperanças, nem ellas poderiam pretender egualal-os, sem offendel-os.

Vida de um heroe se costuma intitular a historia de suas acções. Nenhuma mereceu mais propriamente este titulo, porque v. s.ª não só escreve a historia da nossa Rainha Sancta Izabel, mas dá-lhe nova vida com a historia; parece impossivel que seja melhor que a com que as suas esclarecidas virtudes sanctificaram aquelle ditoso seculo, que logrou a sua presença, mas no modo possivel venceu o ingenho de v. s.ª esta difficuldade; sancta foi aquella prodigiosa vida, mas caduca, tambem esta historia a refere san-

cta, mas assegura-a immortal, porque a mesma Sancta Rainha, a que a injuria do tempo tinha sepultado até as memorias, achamos agora viva ainda para as edificações, e durará com o mundo neste volume tanto mais gloriosamente que nos bronzes, e nos jaspes, quanto são mais veneraveis as virtudes que se referem nas historias, que as pessoas que se representam nas estatuas.

Ordenou sua alteza a v. s.ª, que assistisse á trasladação d'esta sua augusta ascendente, e encarregou-lhe que escrevesse a sua vida; se creramos os effeitos, qual a fabulosa antiguidade attribuia á corrente do Lima, diriamos que foram duas as trasladações, e das margens de dous rios ambas, que com a primeira se preservou o veneravel sepulchro dos insultos do Mondego, com a segunda se eximiram as acções mararilhosas das offensas do Lima, e assistiu a ambas v. s.ª com tão fervoroso zelo, que começando a primeira a passos, acabou a segunda a vôos; assim havia de ser a primeira acção, para que concorria a planta; assim havia de ser a segunda, para que concorreu a penna; na primeira levou v. s.ª o cadaver sancto das margens do Mondego ao monte da Esperança, na segunda transferiu as prodigiosas virtudes das aguas do Lima ao templo da memoria; as sempre acertadas disposições de sua alteza escolheram para esta trasladação uma penna sempre occupada em formar caracteres divinos, para gloria de heroes sanctos, para aquelle uns hombros firmemente offerecidos ao mesmo insupportavel peso, que até aos hombros angelicos seria formidavel, mas a insigne constancia de v. s.ª o facilita ainda quando a sua religiosa modestia o repugna, e por não offendel-a passo em silencio as virtudes com que v. s.ª desempenha as obrigações do officio, guiando o seu rebanho para as fertilidades sanctas dos espirituaes pastos, de que as almas devem sustentar-se; e distribuindo com louvavel profusão os temporaes beneficios, de que se alimentam as vidas. Guarde Deos a v. s.ª, Lisboa, 19 de fevereiro de 1680.

D. Francisco de Sousa.

Carta que o Reverendissimo Padre Mestre Frei João de Deos, lente jubilado, etc., Provincial que foi da provincia de Portugal, qualificador do Sancto Officio, prégador de S. A. e examinador das ordens militares, escreveu ao Bispo do Porto em resposta da em que lhe pediu a censura do livro da Rainha Sancta.

Antes de ver este livro da vida, morte, milagres, canonisação e trasladação da nossa Sancta Rainha de Portugal, bem entendia o que havia de ser, porque, alem de conhecer a muita erudição e elegancia de v. s.ª desde os primeiros annos da universidade de Coimbra, onde v. s.ª aproveitou tanto, não só na faculdade dos sagrados Canones, que professou, mas em todo o genero das boas letras, de que se começaram a esperar muitos e sasonados fructos em aquelles verdes annos da edade, sempre maduros na composição e procedimento, não faltando a v. s.ª a Poetica, ainda que esta tinha v. s.ª muito de casa, sendo alumno das musas por filho do sr. Fernão Correia de Lacerda, cujos docissimos versos, ainda que a ambição particular os negou á estampa avarenta d'este thesouro, andam impressos na memoria dos curiosos, principalmente os remances decantados nas camaras dos principes, e applaudidos nos theatros de Espanha, em que excedeu a todos, sendo sem competencia mestre de toda a cortesania. Com estes cabedaes, que foram crescendo com os annos, se fez v. s.ª logar aos maiores. Aquelles, a que a natureza creou para principes, disse Platão que logo lhe misturara ouro na tempera; e como Deos criava a v. s.ª para principe da sua egreja, assim lhe deu o temperamento, e compostura, no illustre

do sangue, no inculpavel da vida, na modestia do procedimento, capacidade, e letras, de sorte que já desde aquelles primeiros annos, se prognosticava a v. s.ª o que havia de ser; de poucos entrou v. s.ª a servir o Sancto Officio com o talento, como se fora de muitos, começando pelo primeiro logar de deputado, subindo por seus gráus até o do supremo conselho; entre o pesado, ponderoso e grave d'estas occupações, não perdoou v. s.ª ao trabalho, nem admittia descanço, ou allivio, que não fosse de curiosidade e lição; e o que mais é, com pouca saude, que tambem é muito para sentir, como testimunham os muitos escriptos de v. s.ª, uns que viram a estampa, e outros que a esperam. Que podia eu esperar d'este, quando vi a vida da princeza D. Joanna com aquelles doctissimos escolios de tão refinada politica christã; em estylo tão conciso, e compendioso, que esgotaram os Tacitos, os Polibios, e Paterculos, e os mais mestres da historia e politica; no panegyrico do Marquez de Marialva, digno heroe de nossos tempos, não vi cousa melhor, nem sei em que o possam exceder os Pacatos, Nazareos e Mamertinos; e no opusculo poetico á morte de André de Albuquerque, outro varão insigne, não sei que mais dissesse Claudiano ao seu Estelicon; mas esta vida da Rainha Sancta excede a tudo: de Pompeu Saturnino disse o menor Plinio, *amabam Pompeum, Saturnium hunc dico nostrum; Laudabam ejus ingenium antequam scirem, quam varium, quam flexibile, quam multiplex esset; nunc vero totum me tenet, habet, possidetque. Audivi causas agentem acriter, et tardanter nec minus polite, et ornate, sive mediata, sive subita proferret; adsunt aptae, crebrae quae sententiae gravis, et decora constructio, sonantia verba, et antiqua; senties quod ego, cum orationes in manibus sumpseris, quas facile cuilibet veterum (quorum est aemulus) comparabis; idem in historiis tibi magis satisfaciet, vel brevitate, vel leve, vel suavitate, vel splendore, et sublimitate narrandi; in concionibus, eademque in orationibus vis est, pressior tamen, et circumscriptior, et adductior. Praeterea facit*

versus, quales Catullus, aut Calejus; Quantum illis leporis, et dulcedinis, etc. Não sei que palavras me venham a mim mais a proposito, nem mais de molde a v. s.ª, cujo ingenho eu amava antes de conhecer a grandeza, e o vasto d'elle agora me tem todo, e me possue com admiração, porque não sei quem tractasse negocios mais acre e polidamente, com mais sentenças, gravidade e ponderação, como se tem visto nos congressos e actos publicos, em que v. s.ª tem assistido em serviço do principe N. S. e do Reino; bastava a famosa e elegante peroração nestas ultimas cortes, com tanta erudição, noticias e razões congruentes ao bem da patria, e utilidade publica; das historias a brevidade; a luz a suavidade e o esplendor, e sublimidade de fallar, e o mesmo nos doutissimos sermões com agudeza de discursos, copia de escripturas, e gravidade dos padres, muitos o podem testimunhar em que v. s.ª é tão facil como copioso, e tão versado como facil; baste o com que v. s.ª illustrou este grande acto que escreve da trasladação da Sancta Rainha; e porque nada faltasse a v. s.ª, piza v. s.ª os louros que Plinio põe por ultima coroa ás grandes prendas de Pompeu, *praeterea facit versus*, sendo que se não dedignaram d'elles as Purpuras e as Tiaras; baste o nosso grande portuguez S. Damaso, e em nossos tempos o summo Pontifice Urbano VIII: mas ainda assim vemos nesta historia um grande poema com tão bem lançadas medidas na prosa, como se fôra nos versos, encaminhando variedades de historias, e digressões como episodios ao fim d'esta acção da trasladação, com tanto acerto e consonancia, como querem os epicos mais rigorosos; e na brevidade d'esta escriptura, se bem se considerar, se achará um epitome das historias de Portugal, Castella e Aragão, que succederam naquelles tempos, e uma historia de muitas que estavam esquecidas, e ainda ignoradas, como a da invenção do corpo inteiro da Sancta Rainha, quando os srs. bispos de Leiria e Coimbra abriram o sepulchro em ordem a sua canonisação; a mesma pompa e grandeza d'esta funcção em Roma, cousa que poucos sabem, e digna

de se saber, por ser uma das solemnidades maiores que tem a egreja de Deos: e porque não faltasse nada de agradavel, nos repete v. s.ª aquellas grandiosas festas que estamos vendo nestes escriptos de v. s.ª os que as não vimos; finalmente a grandeza d'este ultimo acto, desempenho da devoção de sua alteza que Deos guarde, da nobreza e de todo o reino, com estylo tão florido, e tão elegante, e tão proprio, que em v. s.ª vem a ser natural; ninguem censurou a cultura e elegancia em S. Leão Papa, Sancto Ambrosio, e S. João Chrysostomo, S. Pedro Chrisologo, porque era em elles natural a elegancia, e eram boccas de ouro, e haviam de ser seus sermões escriptos todos dourados. Com chaves de ouro de exemplos da sagrada escriptura fecha v. s.ª as clausulas dos periodos, cousa advertidissima e agradavel, e muito digna da materia e da pluma de um pontifice. De tudo venho a concluir ser este livro por todas as razões dignissimo de se imprimir com letras de diamantes, para a devoção, para o gosto, para o desempenho de sua alteza, e de se guardar em arcas mais que de cedro, para a posteridade. Em posse está a sancta egreja do Porto de ter gravissimos e eruditissimos prelados; a Arisberto devemos em suas celebradas Epistolas a noticia de seu calamitoso tempo, Thimoteo foi grande parte no conselho de Lugo para se condemnar uma heresia contra o Sanctissimo Sacramento do Altar, aonde lhe accresceu mais a veneração, e se tomou a de estar sempre exposto em aquella egreja, e tiveram principio as armas do reino de Galliza; Constancio foi insigne na constancia, no terceiro conselho de Toledo, e outros em outras virtudes. Hugo, seu restaurador, foi um dos auctores da celebre Historia Compostelana. O sr. D. Frei Marcos, honra d'esta nossa provincia, compoz as chronicas geraes da religião, e em essa egreja as doctissimas constituições. O sr. D. Rodrigo da Cunha, ahi principiou seus Catalogos. Graças a Deos, que continua o particular de tantos e tão illustrissimos prelados em v. s.ª, em quem vemos junctas as excellencia de todos; não fallo no cuidado incansavel, no zelo e na es-

mola, porque a modestia de v. s.ª, livre de toda a vangloria, o não permitte; mas por mais que v. s.ª recate uma mão da outra, á bocca cheia a confessam todos, porque recebem ás mãos cheias, e a nossa religião, como mais agradecida, o publíca a todas as vozes. Continue v. s.ª em tão sanctas obras e dignas occupações, que espero eu da Rainha Sancta ha de alcançar de Deos a v. s.ª saude muito perfeita, e vida muito dilatada para lhe fazer muitos serviços. Assim o queira o mesmo Senhór, etc.

Frei João de Deos.

Carta que o muito Reverendo Padre Mestre, Domingos de Paiva, da Companhia de Jesus, Qualificador do Sancto Officio e Lente de Theologia em o Seminario Irlandez, escreveu ao Bispo do Porto em resposta da em que lhe pediu a censura do livro da Rainha Sancta.

Quiz v. s.ª illustrissima com sua singular urbanidade e benevolencia dignar-se de me communicar o livro, composto por v. s.ª illustrissima da vida e virtudes da Rainha Sancta Izabel, juncto com um sermão prégado tambem por v. s.ª illustrissima na real celebridade da trasladação do corpo da mesma Sancta Rainha para o mosteiro novo de Sancta Clara de Coimbra: obrigando-me junctamente a haver de ler uma e outra obra, não com o respeito e veneração que devo ás cousas de v. s.ª illustrissima, e ellas de si tanto merecem, mas como censor rigoroso, notando e emendando tudo o em que julgasse poderia caber ainda a minima nota.

E como me não pude escusar do preceito, fui forçado a executar o officio; para o que li muito de vagar e com toda a attenção, que me foi possivel, ambas as dictas obras. E confesso, senhor, (deposto todo o genero de lisonja e affecto) que não só não achei nellas cousa alguma em que o mais critico censor possa reparar, mas que uma e outra obra, assim o livro como o sermão, podem servir de admiração aos que os lerem: o livro ajuncta em si e une com tão amigavel concordia as regras do bom historiador e panegyrista, que uns e outros o podem tomar por exemplar, se bem nunca cabalmente imitavel. O sermão na

propriedade e aceio do fallar, na madureza e gravidade da doutrina, na agudeza dos conceitos, na accommodação dos passos da sagrada escriptura, na erudição dos sanctos padres e expositores, sobe tanto de ponto, que excede todo o encarecimento. Emfim, senhor, uma e outra obra são mui proprias de v. s.ª illustrissima, e dignissimas de se darem á estampa para credito da nação portugueza, e maior gloria do sujeito d'ellas, a Rainha Sancta, merecedora de tão illustre historiador e panegyrista de suas virtudes e louvores. Este é o meu parecer, e creio o será de todos.

Lisboa, e Seminario Irlandez, 2 de março de 1680.

Domingos de Paiva.

LICENÇAS

Vista a informação pode-se imprimir o livro e sermão de que o supplicante faz menção, e depois de impresso tornará para se conferir e se dar licença para correr, e sem ella não correrão.

Lisboa, 22 de março de 1680.

Serrão.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Ordinario, e depois de impresso tornará á mesa para se taxar e conferir, e sem isso não correrá.

Lisboa, 22 de Março de 1680.

Magalhães de Menezes, Rochas, Basto, Rego, Lamprea.

VIDA

DE

SANCTA IZABEL

SEXTA RAINHA DE PORTUGAL

LIVRO PRIMEIRO

Emprehendemos escrever a vida, a morte, os milagres, a canonisação e a trasladação de Sancta Izabel, sexta rainha de Portugal, mulher tão forte, que nos ultimos fins da terra fez força ao reino do céo. Sendo a empreza tão heroica, temeridade seria da nossa insufficiencia elegermos assumpto tão insigne; porém, escrevendo por preceito do real decreto, não se nos pode accusar a confiança; razão é que se nos louve a obediencia.

Tendo a sé e a cadeira de S. Pedro o Summo Pontifice Gregorio decimo, no anno de mil duzentos setenta e um, nasceu no reino de Aragão esta admiravel Infanta. Seus paes se chamaram D. Pedro e D. Constança, elle filho de el-rei D. Jaime de Aragão, ella de Manfredo, rei de

Sicilia. Ignora-se o dia de seu feliz nascimento; mas, como aos sanctos se festeja o do glorioso transito, se a incuria não escreveu aquelle no perduravel bronze, a egreja numera este com diamante eterno.

É tradição que teve por patria a cidade de Çaragoça, e que viu a primeira luz do dia no palacio que chamam Aljaferia, insigne fabrica e habitação dos reis mouros, melhorada com a grandeza e assistencia dos catholicos, e é esta tradição tão estabelecida, que no concurso da innumeravel gente que vai ver a magnifica sumptuosidade d'aquelle soberbo edificio, os que mostram as cousas mais notaveis d'elle, chegando a uma casa a especificam com admiravel veneração, dizendo que se chama o toucador da rainha, porque nella nasceu a infanta D. Izabel de Aragão, que foi Sancta Rainha de Portugal, e fôra pequena jactura a ignorancia d'esta noticia, porque, se a um grande varão todo o mundo é patria, a uma mulher forte é patria todo o mundo; quem vive em innocencia tem o berço em toda a parte. Porque Saul era innocente quando foi elevado ao throno, sendo que tinha muitos annos de vida, disse a escriptura que tinha um só anno de edade.

Para que fosse notavel o seu nascimento, teve uma circumstancia admiravel; entre prodigios nasce quem nasce para ser prodigio. Quando todos os nascidos rompem as teias com que dentro do maternal claustro as veste a natureza provida, ella, porque se lhe não visse o tenro corpo, não rompeu o decente véo, com o que, se não nasceu vestida, nasceu composta; e nascendo composta, não podia ficar melhor vestida, porque a mais formosa gala é a compostura mais honesta. Ampliou Deos a formosura a Esther, porque ella procurou a decencia, e se despiu da vaidade.

Vendo a mãe que este successo não era acaso, o reputou por mysterio. E entendendo que era para guardar o que a filha não queria romper, tanto que a involveram nas reaes mantilhas, mandou guardar as mysteriosas tunicas, depositando em um precioso cofre de prata um inestimavel thesouro de virtude, sendo esta antecipada decencia como

prodigiosa profecia. Guardaram-se as reliquias antes do berço, porque se haviam de venerar depois do tumulo.

Quando se celebrou o baptismo houve sobre o nome que se lhe havia de pôr grande disputa; presagios eram de suas heroicas virtudes estas indecisões dos parentes. O que succedeu ao maior dos nascidos entre as mulheres succedeu a esta insigne infanta nascida para mulher forte; se na circumcisão d'aquelle o pae foi o que tirou a duvida, no baptismo d'esta a mãe decidiu a controversia, lembrando-se de Sancta Izabel, filha de el-rei de Hungria, tia materna de el-rei seu marido, a qual a catholica egreja com universal applauso do mundo declarou que estava gloriosa no céo, quiz que em veneração da tia bemaventurada a tivesse por tutelar a sobrinha já prodigiosa. E se foram similhantes nos nomes, tambem o foram nas prerogativas, porque, não degenerando a segunda da sanctidade da primeira, a imitou na vida e na morte, guardando na morte e na vida illesa a essencia de tão sancto nome; que quem perverte o da sanctidade faz-se indigna da sua denominação. Não se deve chamar Susana quem não for na castidade um lirio; não se deve chamar Esther quem não for na virtude uma estrella.

Tanto que nasceu esta infanta, logo teve a prerogativa de fazer a paz, sendo as candidas mantilhas pacificas bandéiras entre os principes discordes; como vinha como do céo, trouxe comsigo a paz á terra. Vvivia el-rei D. Jaime desgostoso com seu filho D. Pedro, por se haver casado sem seu beneplacito, e ou em razão de estado, ou pela apprehensão do sentimento, não bastou tomar elle digna esposa, para que não chegasse a demonstrações a sua displicencia; e conciliando os netos o amor dos avós que se desgostam com os filhos que se casam por seus interesses, podendo com el-rei mais o pezar que a natureza, não via o filho nem os netos. Nascendo porem esta infanta, os resplendores da graça e os dotes da formosura lhe empenharam o coração, de sorte que restituiu o filho á sua benevolencia, e levou comsigo para o paço a neta; e obri-

gado mais que da formosura, que era admiravel, da indole que a auspicava sancta, repetidas vezes dizia que seria a mais honrada mulher que havia de nascer em Aragão. Facil era prognosticar a maior honra em quem entre as ninharias da innocente infancia tinha conhecida inclinação á virtude. Tobias não fez adulto obra que não fosse louvavel, porque sendo menino não fez acção que fosse pueril.

Estando el-rei em Çaragoça com toda a casa real, e entrando naquella cidade o padre frei Hieronimo de Esculo, que então era ministro geral de toda a ordem de S. Francisco, e depois foi universal pastor do rebanho catholico, chamado Nicolau IV, sacrificando o devoto rei ao glorioso patriarcha toda a sua real descendencia, se poz com seus filhos e netos aos pés do Geral, pedindo-lhe que pois tinha no mundo o logar do patriarcha seraphico, os abençoasse em seu nome; condescendeu elle com a petição devota, e na tenra infanta perseveraram os effeitos d'aquella benção sancta todos os dias da sua vida. Assim como Samuel foi sempre dado a Deos porque sua mãe Anna lh'o deu sendo menino, foi ella sempre devota de S. Francisco, porque seu avô el-rei D. Jaime lh'a offereceu sendo infanta.

Depois de seu nascimento não teve el-rei D. Jaime mais que seis annos de vida, e por sua morte foi ella levada para o paço de el-rei seu pae, onde no estado da innocencia começou a ser admiração da côrte, porque naquella edade tenra tinha já a capacidade adulta, madrugando naquelle sol da formosura tão antecipados os raios da graça, que o que haviam de ser descuidos, regalos ou divertimentos, eram jejuns, orações e penitencias. Vendo os reis que na admiravel filha se antecipava a capacidade ao tempo, lhe deram por mestre e confessor ao padre frei Pedro Serra, religioso professo da sagrada ordem de Nossa Senhora da Mercê, varão de consummada virtude, abalisada prudencia e insigne doutrina, digno do magisterio d'uma infanta, que desde o innocente berço começou a mostrar que havia de ser venerada no miraculoso sepulchro, e com

este mestre e confessor, crescendo ella nos annos da edade e nos exercicios da virtude, se viu que nella não havia as juvenis verduras, que tudo eram fragantissimas flores que exhalavam virtuosissimas suavidades.

Se Josias, sendo de oito annos, fazia obras que eram para Deos agradaveis, ella, sendo da mesma edade, fazia obras agradaveis a Deos. Aprendendo a ler não para se divertir, mas para se aproveitar, sahindo dos annos innocentes, se achou tão instruida nos sanctos exercicios, que rezava as horas canonicas Como virava os olhos para que não vissem as vaidades, não lhe levavam as vaidades os olhos; sendo a sua formosura admiravel, não fazia caso da admiração, e servindo-se dos accidentes da belleza para considerar nos deliquios da vida, fazendo desengano do que podia ser desvanecimento, estimava o dom de Deos e desprezava o applauso do mundo.

Sendo a sua conversação a mais grata, fugia ainda da que lhe era licita; porque queria conversar no céo, deixava de conversar na terra. Recolhida comsigo, se recolhia com Deos, e o Senhor lhe fazia tão bom acolhimento, que ella se não achava assim, senão quando estava com elle; e d'este intimo tracto resultou uma união tão sancta, que ainda quando estava mais assistida, estava com Deos solitaria, não sendo necessario ao Senhor levar aquella alma ao deserto para lhe fallar ao coração.

Como logo começou a florescer em virtude, logo começou a exercitar a caridade; e se até então deu ninherias, depois veio a dar os thesouros, dando os thesouros como se fossem ninherias. Se Jacob se fez inclito por ser rico, ella por ser mais inclita se fez pobre. Entre a riqueza da magestade chegou a experimentar as faltas da pobreza, porque applicava ao remedio da pobreza a riqueza da magestade. Assim não só deixava colher as espigas, mandava distribuir as searas.

Vendo el-rei seu pae em tão poucos annos tão notaveis virtudes, tendo a antecipação por prodigio, dizia que pelos seus merecimentos havia de lograr aquelle reino as maiores

felicidades. Depois mostrou o tempo que o pae prevera o futuro, sendo a filha a maior gloria d'aquella coroa, porque, junctando as quinas portuguezas ás aragonezas barras, lançou as barras mais preciosas e as mais venturosas quinas sobre as mais elevadas espheras, sobre as mais superiores estrellas.

Como eram tão notaveis os dotes da graça, tantos os da natureza d'esta infanta, divulgou-se a sua fama por toda a Europa, e a mandaram pedir por esposa, ainda antes de chegar aos annos nubeis, quasi todos os principes catholicos. Porem el-rei seu pae, prevendo a saudade que havia de sentir com a sua falta, differia a resolução, porque o amor, ainda que a separação seja precisa, sempre differe o golpe da ausencia. Quando Eliezer tractava de levar Rebeca para esposa de Isaac, para differirem as saudades, lhe pediram os parentes que lh'a deixasse lograr alguns dias.

Vendo-se el-rei D. Diniz (unico no nome, e sexto dos reis de Portugal) estabelecido no reino, tractou com o seu conselho de buscar esposa digna, em quem se continuasse a successão da coroa, e conferindo-se nelle as razões de conveniencia em negocio de tão superior importancia, se resolveu que o casamento se devia ajustar em Hespanha com infanta que não necessitasse de dispensação, e se pedisse a el-rei D. Pedro de Aragão sua filha mais velha, a infanta D. Izabel, porque promptamente podia vir para Portugal, e d'esta alliança tirava el-rei o interesse de ter aquelle a seu favor, quando o de Castella ajudasse o infante D. Affonso, que por mal contente se temia que intentasse no reino alguma novidade. Estas foram as razões de estado d'esta resolução; porem a principal causa de se antepôr a todas esta infanta foi divulgar a fama que ella por sua heroica virtude e admiravel formosura, era duas vezes formosa, uma no corpo, na alma outra; que, se a alma o não é, ainda que o corpo o seja, sendo agradavel a presença, é desagradavel a companhia, e a belleza mais que nas perfeições que agradam á vista, consiste nas vir-

tudes que agradam ao entendimento. Então entendeu Eliezer que Deos prosperara a sua jornada, não quando viu tão formosa a Rebeca, mas quando a viu tão activa.

Tanto que se ajustou a conveniencia do casamento, mandou el-rei D. Diniz a el-rei D. Pedro por embaixadores a João Velho, Vasco Pires e João Martins, fidalgos seus vassallos, e seus conselheiros. Chegados elles á côrte de Aragão, foram recebidos com pompa, ouvidos com benevolencia, e ainda que el-rei por differir a separação da infanta, não deferia á proposta da embaixada, ultimamente queixando-se o povo de que antepozesse o paternal affecto ao publico interesse, e considerando que, casando a infanta em Portugal, passava logo a ser rainha, porque el-rei já tinha a successão da coroa, e nos outros reinos ou se podia dilatar ou não conseguir a magestade, porque o principe do imperio, o de Navarra, e o Delfim de França, que a pretendiam por esposa, tinham a successão em esperança, concluiu o casamento com universal applauso de um e outro reino; porem com maior felicidade de Portugal que de Aragão, porque Aragão ficou com a saudade da melhor infanta, Portugal com a gloria da melhor rainha.

Logo que os embaixadores de Portugal alcançaram de el-rei de Aragão o beneplacito do casamento, fizeram aviso a el-rei D. Diniz de tão feliz nova, e el-rei D. Pedro lhe mandou por embaixadores para se ratificarem os tractados a Bernardo Lança, almirante do reino, e Bertrando de Villafranca, camarario da sé de Tarragona, ambos capazes de se fiarem d'elles funcções tão relevantes, porque, tendo cada qual illustre nascimento, talento experimentado, o talento os fazia uteis, o nascimento veneraveis; se lhe faltaram uma ou outra qualidade, difficultosamente seriam sufficientes, porque para estas funcções a prudencia sem esplendor, o esplendor sem prudencia, tambem são incapacidades. Não cederam os egypcios por totalmente satisfeitos do viso reinado de José, quando viram que o seu talento era insigne, mas quando souberam que o seu nascimento era illustre.

Desejava a Infanta, fazendo a Deos sacrificio de sua pureza, votar perpetua castidade, e, vivendo na pobreza evangelica, passar a vida em clausura religiosa; porém obrigada das instancias dos pais, das conveniencias do reino, mudou o designio e conveiu no casamento, admittindo as reaes soberanias da coroa, para fazer maiores as prostrações da humildade. E foi divina providencia o ser soberana rainha, não humilde religiosa, para que se visse no mundo que podia haver quem fosse quasi humilde religiosa, sendo soberana rainha, e que entre os encargos do matrimonio se podia viver nos desertos do seculo. Esposa era Esther de el-rei Assuero, e passando a vida dentro do paço, fazia uma vida como do céo.

Como a virtuosa infanta, seguindo o conselho de Christo, primeiro que tudo buscava o reino do céo, tanto que teve noticia de que a divina providencia lhe destinava uma coroa na terra, tractou de que fosse com ella para Portugal seu mestre e confessor, o veneravel padre frei Pedro Serra, de quem, ainda que desegual á sua fama, temos dado alguma noticia; e por seu companheiro o padre frei Bernardo de Montagú, religioso da mesma ordem, de grande sciencia e elevado espirito. Estas foram as primeiras preparações que fez para o novo estado, não buscando adornos para a belleza, mas espelhos para a virtude; e achando nelles a constancia do aço, a luz do crystal, a lisura do vidro, a incorrupção do cedro, consultando nelles os escrupulos da consciencia, apurava as perfeições da alma.

Quando os embaixadores de Aragão chegaram a Portugal, estava el-rei no Alemtejo, aonde com armas tinha ido impedir a seu irmão o infante D. Affonso fazer os muros da villa de Vide. Porém sem embargo de el-rei estar como na campanha, foram recebidos com magnificencia; e depois de se ratificar o negocio principal do casamento, propozeram a el-rei que se concordasse com o infante porque seriam infaustos os principios d'aquellas bodas, se se celebrassem entre as civis armas aquellas lianças. Para este mesmo effeito interpoz o infante D. Sancho de Castella a

sua real auctoridade, e persuadido el-rei de tão dignos mediadores, obrigando-se o infante a derrubar os principiados muros, para que nas novas ruinas se estabelecessem as pretendidas pazes, assim como nas erigidas pedras se queriam levantar as timidas discordias, se ajustaram ambos. A estas diligencias se attribue o cessarem aquellas dissenções, porém as orações instantes da infanta devota foram as causas superiores de se concordarem aquelles principes discordes; como amava a um como esposo, como irmão a outro, pedia ao Senhor que désse a paz ao reino; e condescendendo a piedade divina com os rogos da real intercessora, em virtude de suas prerogativas se socegaram aquellas discordias.

Entrando el-rei na villa de Vide, passou (presentes os embaixadores) a carta de arrhas á futura esposa, fazendo-lhe doação, para quando fosse rainha, das villas de Obidos, Abrantes e Porto de Moz, com todos seus direitos e rendas, para que dispozesse d'ellas em sua vida, e depois de se fazer a escriptura, parecendo á sua grandeza que esta doação era limitada, sendo que naquella edade não era pequena, no mesmo dia lhe concedeu que podesse testar de dez mil libras, nos direitos das mesmas villas. Para que a magnificencia passasse alem da vida, deu faculdade para que se cobrassem depois da morte, que as doações que se limitam fazem que os merecimentos feneçam, e se são grandes os serviços, é razão que os agradecimentos sejam tambem posthumos. Porque Abrahão obrou grandes façanhas com a sua obediencia, lhe deu Deos grandes heranças para a sua successão.

Estas escripturas de arrhas se depositaram depois por ordem da Sancta Rainha no archivo do mosteiro das Sanctas Cruzes, da ordem de Cister, no principado de Catalunha, aonde as levou frei Domingos de Portugal, religioso da Observancia, e as entregou a frei Januario, abbade d'aquelle convento, querendo a Sancta Rainha com esta diligencia não segurar em publicos archivos as nupciaes escripturas,

mas que nos reinos extranhos houvesse das reaes doações documentos legaes. Em todos estes tractados se não lê que el-rei de Aragão dotasse a futura rainha, e só se escreve que lhe dera dons de muita riqueza e uma grande baixela de prata. Certo é que el-rei D. Diniz, na procuração que deu aos embaixadores, mais que pelos interesses da coroa, pelo decoro da magestade, pediu que se lhe désse dote, e sem duvida, que depois que soube os que a infanta tinha da graça e da natureza, satisfeito dos renomes da sua fama, renunciou todos os bens da fortuna, porque, sendo melhores que os thesouros os elogios, ella tinha nos mais gloriosos elogios os mais preciosos thesouros.

Estando el-rei em Estremoz, se despediram d'elle os embaixadores de Aragão, admirados de sua prudencia, satisfeitos de sua liberalidade, e com elles voltou Vasco Pires, que já tinha vindo d'aquelle reino, e de presente levava procuração para em nome de el-rei se desposar, ou receber com a infanta por palavras de futuro ou de presente. Chegados os embaixadores á villa de Lorca, onde el-rei estava, e mostrando os portuguezes a procuração que tinham, pediram que se fizesse o recebimento com toda a brevidade, assim por darem satisfação aos alvoroços de el-rei, como por terem a gloria de conseguir o reino a melhor rainha, por meio da sua diligencia. Grande fortuna foi de Isaac ter por esposa a Rebeca, grande dita de Eliezer trazer Rebeca para ser esposa de Isaac.

Examinada a procuração, determinou el-rei que o recebimento se fizesse por palavras de presente; e para que este acto se celebrasse com aquella decencia que convinha á magestade, se foi de Lorca para Barcellona, para que a sua opulencia servisse á pompa que requeria funcção tão regia, e aos onze do mez de fevereiro do anno de mil duzentos e oitenta e dois, nos reaes paços d'aquella nobilissima cidade, na presença dos reis e da maior parte dos titulos e senhores d'aquella coroa, se fez o recebimento por palavras de presente, pronunciando a admiravel infanta

as palavras com tanta modestia, que no mesmo tempo que se lhe viu no rosto o pudor da rosa, se lhe via no coração o candor da açucena.

Acabada aquella solemnidade, beijou a Sancta Rainha de Portugal a mão aos reis seus paes, mais que em agradecimento da coroa, em reconhecimento da sujeição; vendo-se-lhe naquelle acto o coração no rosto, se conheceu que não desejava a magestade, e só sacrificava a obediencia. Tanto que se acabou aquella funcção, mandou el-rei passar aos embaixadores publicos instrumentos, e com não pequena afflicção sua, começou a tractar da jornada da Sancta Rainha, assim pela pena que lhe causava a sua ausencia, como por temer que lhe impedisse o caminho o infante D. Sancho, de Castella; porém, confiando que os estorvos da guerra se facilitariam pelas prerogativas da filha, desistiu do intento que teve de a trazer por mar, com tão prospera resolução, que as que se temiam hostilidades se experimentaram benevolencias, porque a Providencia divina, mudando os animos, troca os affectos, e dá Esaú os braços a Jacob, quando Jacob receia vir ás mãos com Esaú.

Como el-rei se não podia despedir da Sancta Rainha, por lograr mais tempo da sua admiravel presença, a veiu acompanhando até os confins de Aragão, e passara com os extremos do amor as raias do reino, se as razões de estado não impediram os passos á magestade; e apartando-se, como rei, da filha a quem desejava seguir como pae, lhe deu os conselhos que lhe dictou a prudencia, e a abraçou banhado em lagrimas de ternura, e ella lhe beijou a mão com as mesmas demonstrações de saudade, e não se entendendo as ultimas palavras da despedida, porque foram interrompidas de dor. As lagrimas e as interrupções exprimiram que eram eguaes os affectos, que, quando os corações se quebram, as palavras se interrompem; quando Jonathas e David se despediram, interromperam-se as palavras com dor, porque os corações se quebravam com saudade.

Depois que a Sancta Rainha sahiu do reino de Aragão e entrou no de Castella, lhe sahiram ao encontro seus primos,

os infantes D. Sancho e D. Jayme, e desculpando-se aquelle de a não poder acompanhar, porque as guerras que trazia o impediam de fazer as demonstrações que desejava, mandou com toda a real grandeza ao infante seu irmão que a acompanhasse até á villa de Bragança, que foi a primeira d'este reino em que entrou a Sancta Rainha, e com estes felizes auspicios passou a ser cidade e ducado, em cuja real casa está a portugueza corôa, e d'ella descendem todos os principes da Europa. Antes que chegasse áquella villa, a estavam esperando nella, por ordem de el-rei, o infante D. Affonso, seu irmão, seu cunhado D. Gonçalo Garcia de Sousa, conde de Barcellos, muitos prelados e ricos homens do reino, com aquellas demonstrações de alegria e grandeza que pediam a occasião e a magestade. E ainda que a Sancta Rainha aborrecia todo o fausto, consentia o decoro o que renitia o animo; porém entre as faustas pompas do magnifico recebimento, sempre conservou inalteraveis as prostrações de sua interior humildade. Consentindo Esther em razão da decencia o ornamento da coroa, detestava a real insignia pelo que tinha de signal de soberba.

Como os applausos do mundo não divertiam a Sancta Rainha dos cuidados do céo, antes eram maiores os cuidados do céo entre os applausos do mundo, desenganando-a a gloria que se desvanece, que se ha de procurar a que sempre dura, visitou o convento dos religiosos de S. Francisco, que já era ornamento e devoção d'aquella villa, a quem o mesmo patriarcha, fazendo a romaria de S. Thiago, fez a planta para o edificio e para a edificação; e d'esta religiosa visita lhe ficou a Sancta Rainha com devoção tão affectuosa, que nunca se esqueceu d'aquella casa. Andados os tempos, a sua piedosa magnificencia e a magnifica piedade de el-rei repararam todo o edificio, fizeram a egreja de novo, vendo-se pelo decurso de muitos annos no forro da capella-mór os reaes retratos de ambos os reis bemfeitores; e se depois os sepultaram ás ruinas, não se sepultaram as memorias, porque os animos agradecidos gravam nas almas as imagens que se podem extinguir nas laminas.

Tanto que se fez a entrega, se voltou para Castella o infante D. Jayme, e a Sancta Rainha partiu para a villa de Trancoso, onde el-rei a estava esperando com o restante da côrte, e a maior parte da nobreza do reino. Bem desejava el-rei, obrigado da fama e do amor, ir buscal-a, não só aos confins, mas muito alem dos extremos; porém, como os reis estão sujeitos ás leis da magestade, as leis da magestade pozeram aos extremos confins, impedindo as razões de estado as demonstrações do affecto. Chegou a Sancta Rainha a Trancoso; e tanto que el-rei viu a sua real presença, conheceu que a belleza era maior que a fama, o decoro egual á formosura, e se prognosticou que um sol, mais que uma estrella, seria o planeta fausto de sua coroa. Como estavam recebidos por procuração na cidade de Barcellona, o acto que se celebrou na egreja de S. Bartholomeu d'aquella villa, dia de S. João do anno de mil e duzentos e oitenta e dois, seria receberem as bençãos, porque reis tão catholicos não omittiriam estas religiosas ceremonias. Celebrou-se este acto com universal contentamento da côrte, porque a Sancta Rainha em toda a acção se mostrava não só digna, mas superior á magestade, com o que todos conheceram que para o seu merecimento era pouco um só reino; porque, se a formosura merecia todas as coroas, a virtude a auspicava aos sanctos diademas.

Foram estes os mais celebres desposorios que até áquella edade se viram neste reino, porque, se o applauso se não egualou com o merecimento da Sancta Rainha, proporcionou-se com a grandeza do magnifico rei; e foi tão numeroso o concurso da gente, que condecorou aquella nupcial celebridade, que, não cabendo dentro da villa, fabricaram os ricos homens uma não pequena cidade no campo, que durou em quanto alli esteve a côrte; e como a fabricou a arte para aquella occasião, tanto que se acabou a occasião, desfel-a a arte. A egreja de S. Bartholomeu, que se devia conservar por devoção, ou por memoria, poz a diuturnidade do tempo em ruina, e no mesmo logar se levantou uma ermida da invocação do sagrado apostolo, em

que, com menor grandeza, entre a veneração do sancto se conserva tambem o padrão d'aquella celebridade, de que se não deviam extinguir as memorias, ainda que se consumissem as pedras.

Tão prendado ficou el-rei, das primeiras vistas, da Sancta Rainha, que aos vinte e seis de julho do mesmo anno, em prendas de seu amor, lhe deu a villa de Trancoso, mandando declarar na escriptura que fazia aquella doação por manifestar a particular affeição que tinha a sua real pessoa. e a Rainha lhe agradeceu aquella util demonstração da real benevolencia, não pelo interesse de lucrar as rendas, mas pelo lucro de ter mais com que dar esmolas.

Sendo observado uso d'este reino darem-se ás rainhas os officiaes da casa dos reis, por ser justa razão, que com egual grandeza se tracte uma e outra magestade, não achamos com especificação os officiaes que então se lhe deram; e pois o que mais se ama mais se estima, não faltaria el-rei a alguma demonstração do decoro, pois não faltava a alguma do amor, e em varias partes se acham que foram seu mordomo-mór D. Affonso Diniz, filho de el-rei D. Affonso III, de quem por varonía descendem os marquezes de Arronches, seu porteiro-mór Francisco Eschola, seu chanceller-mór o mestre Pedro, instituidor do illustre morgado dos Nogueiras de S. Lourenço de Lisboa, seu pagem Estevão da Guarda, que depois foi secretario de el-rei, seu uchão-mór e testamenteiro D. Estevão Gonçalvez Leitão, mestre da Cavallaria da ordem de Christo, seu criado, Pedro Martins seu collaço. Trouxe por damas a uma filha de sua irmã bastarda D. Brites, e de D. Ramon de Cordova, chamada D. Izabel de Cardona, que depois foi segunda abbadessa do convento de Sancta Clara de Coimbra, a D. Betaça, neta de Theodoro Lascaro, imperador da Grecia, da qual ha neste reino, em varios templos, magnificas doações e religiosas memorias, a D. Maria Ximenez Coronel, segunda mulher do conde D. Pedro, filho bastardo de el-rei D. Diniz; e é tradição que muitas familias d'este reino tiveram illustre principio em algumas

pessoas que vieram em sua companhia; e não é pequena gloria de sua posteridade serem seus ascendentes ennobrecidos na casa dos reis de Aragão, illustrados na familia de uma Rainha Sancta.

Deteve-se el-rei em Trancozo quasi todo o mez de julho, assim porque a Sancta Rainha tivesse tempo para descançar de tão dilatado caminho, como por dar logar ás festas que o reino lhe determinava fazer naquella villa por primicias de seu contentamento. Fizeram-se ellas com todo o apparato, mostrando os fidalgos portuguezes nos exercicios similhantes aos militares que, assim como eram terror do mundo nos exercitos, eram admiração de todos nos ensaios, e sendo que nos grandes concursos, principalmente de nações diversas, não faltam occasiões de pendencias, em todo o tempo que a Rainha Sancta esteve naquella villa, aonde concorreu quasi toda a nobreza do reino, e muita parte dos visinhos para que as festas fossem em tudo faustas (contra o que costuma acontecer no mundo, onde, ou por acaso, ou para o desengano, sempre entre o gosto se introduz o luto) não se ouviram tragicos gritos, entre os reaes applausos; tudo foram musicas vozes, e alegres vivas, attribuindo-se á pacifica prerogativa da Sancta Rainha tão notavel concordia, e prognosticando-se, de tão faustos auspicios, os seculos dourados.

Acabadas as festas, se passou el-rei para a cidade da Guarda, e fazendo a jornada pela de Vizeu, se deteve nella alguns dias até que ultimamente se veiu para a de Coimbra, e em todas estas cidades se fizeram aos reis publicos applausos, porque os vassallos á competencia se queriam exceder nas demonstrações do contentamento, para significarem que excediam nos affectos do amor; em Coimbra foi maior o apparato, porque, como tinha sido côrte até o tempo de el-rei D. Affonso III, estava ainda assistida da principal nobreza da monarchia, e quiçá que em presagio celebrasse tão magnificamente o thalamo, porque depois havia de lograr religiosamente o tumulo.

Assistia a Sancta Rainha a estes festivos applausos do

mundo, sem se divertir dos superiores cuidados do céo, porque quem se esquece do céo á vista da terra, não vê, cega, e no que se esquece delira; se as festas lhe occupavam os olhos, Deos lhe levava os pensamentos; como tudo via em o Senhor, contemplava ao Senhor em tudo, porque quem sabe contemplar vê tudo como se ha de ver. Nos applausos que se faziam á humana magestade, via os louvores que se deviam á magestade divina, que os reis da terra têm maiores motivos para se lembrarem do céu: quando vêem que dominam os homens, hão se de lembrar que são dominados de Deos; se se esquecem do dominio de Deos, perdem o dominio dos homens; porque Saul se esqneceu do preceito divino foi despojado do sceptro real.

Ainda que a Sancta Rainha era de tão pouca edade, que não passava de nubil, desde a estação mais delicada começou a exercitar a virtuosa fortaleza, considerando que naquelle estado, pelas leis de casada estava unida a um rei da terra, pelas de christã ao do céo; que se a porção caduca era esposa de um homem, a alma devia ser Esposa de Christo, concordou com tão suave harmonia os respeitos que devia a uma e a outra magestade, que foi perfeitissima Rainha, e perfeitissima casada, provindo da religiosa observancia da lei, a inculpavel magestade do throno e a casta innocencia do thalamo.

Como na ordem das cousas consiste, não só a formosura, mas o logro d'ellas, porque a confusão as malogra, quando a distincção as não desembaraça, dispoz a Sancta Rainha com tambem ordenada distribuição a sua moral vida, que por ser regulada era mais virtuosa; por não perder o tempo o dava a Deus quasi todo, e se não com a primeira luz do dia, com grande illustração do céo. Logo pela manhã resava matinas e laudes do officio divino, e na sua real capella, qne tinha adornada de preciosos ornamentos, assistida de honestos capellães e excellentes musicos, ouvia com fervorosa devoção uma missa cantada, e posta de joelhos á offerenda, levando uma offerta digna de sua grandeza, e conforme a celebridade do dia, beijava a mão, com grande

reverencia, ao ministro da egreja; porque a sua piedade insigne, conhecia que a veneração do sacerdocio, não era indecoro da magestade. Rei e sacerdote era Melchisedech, e foi mais respeitado do patriarcha Abrahão por ser sacerdote, que por ser rei.

Acabada a missa, resava as horas menores, as de Nossa Senhora, o officio dos defunctos, os psalmos penitenciaes, e outras orações dos sanctos seus advogados, em que occupava quasi a manhã toda. Tanto que era tempo de vesperas, tornava para a capella, donde assistia não só em quanto se resavam, mas todo o tempo que as reaes occupações lh'o permittiam; como a capella era casa do Senhor, e conhecia que era nada o ser soberana rainha do mundo em comparação de ser humilde serva de Deos, estimava mais estar na casa de Deos como serva, que no throno como rainha; porém por se occupar nos exercicios de sua devoção, não faltava ás funcções da magestade, porque os principes não podem faltar ao real officio, ainda que a occupação seja sancta. No monte estava Moyses fallando com Deos, e vendo que era necessario no povo, o mandou o Senhor interromper os colloquios, para que fosse remediar os delictos.

Tendo a Sancta Rainha aprendido, e ainda experimentado que o exercicio da oração é o melhor meio, para uma alma conseguir e se conservar no amor de Deos, tinha horas signaladas, em que se fechava no seu oratorio, onde, cerrando as portas ao mundo, estava das portas a dentro com o Senhor, tão recolhida, que naquelle tempo perdia todas as memorias da vida, que não serviam para o desengano da alma; e no tempo que estava em oração, meditando na divina bondade, na humana miseria, recebia de Deos grandes regalos, e como se tinha por indigna dos favores, reconhecendo a propria humildade, louvava a bondade divina, vertendo copiosas lagrimas de ternura; e como ellas eram choradas á vista do Senhor, pondo elle nellas os piedosos olhos, escrevendo-as no livro da razão e da vida, nesta as pagou com consolações, na outra com bem-

aventuranças; que, se o Senhor põe os olhos nas lagrimas, felizmente as vertem os corações; as que chegam á sua vista infallivelmente logram a sua benevolencia; tanto que viu a Ezechias no pranto, logo livrou ao reino do luto, e não só conseguem os bens do seculo, tambem alcançam os do espirito; por isso Ezechias, não só recuperou a saude do corpo, mas foi dentro de tres dias ao templo.

Sendo tão successiva a sua oração, a mais frequente era pela vida e saude de el-rei, pela conformidade e innocencia de ambos, porque d'estas virtudes resultavam grandes bens particulares e publicos, vivendo conformes se observariam as leis do matrimonio, sendo innocentes, se extirpariam os peccados do reino; porque, se os reis com os delictos ensinam os delictos, com as virtudes ensinam as virtudes, e como das suas culpas resultam os castigos dos vassallos, por livrar aos vassallos dos castigos, pedia a Sancta Rainha a Deos que os livrasse das culpas, e que não só em quanto á magestade os confirmasse no espirito de principes, mas que o espirito de cada qual fosse o espirito que dominasse uma e outra magestade, porque, se os vicios predominam os reis, que dominam os homens, é grande o risco de que dominem com os vicios de homens e não com as virtudes de reis.

Occupando o tempo nestes sanctos exercicios, crendo de si que tinha grandes peccados, se tractava com penitentes rigores, debaixo dos reaes adornos da magestade, trazia os asperos cilicios da penitencia; e não só se abstinha dos regalos, que lhe offerecia a grandeza, mas dos alimentos que podera admittir sem delicia. Alem de jejuar tres dias na semana, nas sextas feiras e sabbados, nas vigilias das festas do Senhor, de sua Mãe Sanctissima, dos sagrados apostolos, dos sanctos anjos e de outros seus advogados, a pão e agua jejuava todo o advento e quaresma, ajunctando á da egreja a da Senhora, que começa dia de S. João, e acaba ém quinze de agosto, a dos anjos que começa no mesmo dia e acaba no de S. Miguel, com o que, multiplicando quarentenas por frequentar os jejuns das qua-

tro partes em que se divide o anno, jejuava tres e jejuara todas, se os preceitos da obediencia, por lhe evitarem os damnos da saude, lhe não impediram os excessos da mortificação, porém ella não se mortificava, vivia, porque a sua delicia era a sua abstinencia, e se Judith jejuava todos os dias que não eram de festa, para ella eram de festa todos os dias que jejuava.

No decurso d'estas quaresmas, como servia a Deos por amor, não por jactancia, mandava vir com todo o segrêdo ao paço treze pobres dos mais miseraveis, quando se não achavam leprosos, e posta de joelhos lhes lavava os pés e depois os servia á mesa, e dando a cada um sua esmola, e vestido os despia, se não ricos, menos necessitados, e se lhe fôra possivel, todos os necessitados sahiriam da sua presença ricos; succedeu em uma occasião d'estas, que detendo-se um pobre na sala, o porteiro, ou porque a detença não revelasse o segredo, ou porque a importunação lhe occasionou o enfado, lhe deu, para que se fosse, e o feriu de sorte que elle se queixou. Ouvindo a Sancta Rainha a queixa, inquiriu a causa, e tendo d'ella noticia, mandou levar o lastimado pobre á sua presença, e vendo-lhe o golpe, o recebeu no coração, sendo maior o da magua, que o da ferida; e querendo recompensar com a propria caridade a alheia offensa, o curou por suas reaes mãos, e lhe mandou dar outra maior esmola, e não se satisfazendo com este piedoso officio de sua ardente caridade, não dormiu com aquelle cuidado toda a noite, e mandando saber do ferido pela manhã, se alliviou da pena, porque soube que estava sem lesão alguma, e sarando elle, mais em virtude das mãos, que dos remedios, ella attribuia a saude aos remedios, e não ás mãos. Chamava o Senhor a Samuel, e elle ia responder á Heli, porque entendia que o chamava Heli, e não presumia que o chamava o Senhor.

Acabados os seus exercicios, não buscava divertimentos em que o espirito se distrahisse, mas occupações em que a alma se aproveitasse, porque quem tem tracto interior com Deos, fecha ao mundo as janellas dos sentidos, para

que não entrem por ellas as distracções dos cuidados; assim quando não fallava com o Senhor, orando, procurava que o Senhor fallasse com ella, lendo, em razão do que lia as vidas dos sanctos, e outros livros, de que podia tirar virtuosos aproveitamentos, com tanta ternura e piedade, que no rosto mostrava que lhe chegava ao coração o que lia, sendo tão copioso o pranto do coração devoto, que depois das lagrimas inundarem as rosas das faces, chegavam ás folhas dos livros, onde as flores espirituaes colhiam o piedoso rocio de uma aurora da sanctidade.

Para que do paço se desterrasse o ocio, fazia com que as senhoras que assistiam a seu real serviço se occupassem em sua presença em algum trabalho honesto; e o mais frequente era fazerem ricos ornamentos para as egrejas pobres, e em quanto alli assistiam, eram de Deos as cousas em que tractavam; como o coração abundava no amor divino, fallava a bocca segundo a abundancia do coração, e nestas practicas e occupações, sendo as reaes antecamaras as espirituaes escholas, estando as senhoras decentemente occupadas, eram virtuosamente instruidas, fallando a Sancta Rainha na doutrina do céo com tanta efficacia, que, se as ouvintes se divertiam do trabalho, era porque as suspendia a edificação.

Na quinta feira da semana sancta, assim como Christo Senhor Nosso lavou os pés aos doze apostolos, lavava os pés a doze mulheres necessitadas, e ao sacerdote mais pobre e mais chagado, que se achava no logar onde assistia naquelle sancto tempo, nas mulheres considerava os apostolos, no sacerdote a Christo, e com estas considerações fazia o lava-pés com tantas lagrimas, que a inundação do pranto escusava outra agua para o ministerio. Acabada aquella heroica acção de sua humildade catholica, as servia á mesa no jantar que lhe dava, e as despedia, dando a cada uma seu vestido e algum dinheiro. Não quiz em uma occasião d'estas uma mulher, ou por pejo ou por decóro, metter na bacia um pé, em que tinha um cancro, que sendo lastimoso asco da vista era fetulento escandalo do olfato. Vendo a Sancta Rainha esta decorosa renitencia, desejando

exercitar a sua ardente caridade, disse a uma senhora, que andava servindo naquelle ministerio, que lhe méttesse o pé á força; obedeceu a virtuosa senhora, e tanto que ella e as que ministravam a agua viram aquelle lastimoso espectaculo, viraram o rosto, e se retiraram do officio, fugindo do cancro, como se fosse venenoso; porém a Sancta Rainha, tendo-o por astro feliz, com lastimado, porém firme aspecto, armada de religiosa constancia, não alterou a piedosa obra, lavou o pé com toda a suavidade, e depois de o alimpar com mimosa advertencia, como se fosse flor, beijou a chaga.

Não entrou Mardocheo no paço de Assuéro vestido de sacco, porque da presença dos reis (por lhe evitarem os desgostos) se removem os objectos tristes. Esta Sancta Rainha, que só tractava dos saudaveis desenganos, para exercitar os caritativos affectos, mandava vir á sua presença os objectos lastimosos, e das chagas da enfermidade fazia maravilhas de edificação; e não querendo o Senhor deixar sem visivel premio o divino agrado, qne teve d'este acto heroico, publicou com um milagre o successo, porque, recolhendo-se a pobre para sua casa, se achou com saude perfeita, confessando que naquelle osculo recebera a saude, e sendo o cancro tão voraz, que depois de lhe comer a carne, lhe hia roendo os ossos, achou o pé sem differença alguma do outro, vendo-se que, se o Senhor restituiu a mão a um tolhido, a Sancta Rainha restituiu o pé a uma aleijada; que, se Moysés morreu no osculo do Senhor, que esta pobre sarou no osculo da Sancta.

Na sexta feira da mesma semana, para celebrar as exequias da morte do Senhor, com todas as demonstrações de sentimento, despindo os reaes vestidos, se vestia de humildes pannos, e sem a pompa da magestade assistia na real capella a todas as funcções da egreja; e não só mostrava no luto o seu sentimento, mais que em tudo se lhe via no pranto, porque em todas aquellas ceremonias, não podia enxugar as lagrimas, tendo por avareza do sentimento chorar tão pouco sangue, e tão diverso, quando Christo

chorou por nós tanto, e tão precioso; como as lagrimas do Senhor chegaram á terra, tinha por sequidão da sua mágua não inundarem as suas lagrimas o mundo, que aquelles em quem o sentimento é muito, sempre julgam o pranto por pouco; por isso ainda que David regou com o pranto o leito, lê o Hebreu que foi uma lagrima o pranto.

Como a pobreza é muitas vezes causa de se vender a honra, sendo tal a malicia humana que dá, porque a pudicicia se perca, o que deve dar, porque a honestidade se guarde, mallogrando na compra do peccado o que podera enthesourar na conservação da virtude, estranhando a Sancta Rainha este vicioso commercio do poder, este venal perigo do pudor, em qualquer logar onde estava, tomava informações das donzellas que nelle havia, que por aperto da pobreza podiam arriscar a honra, e por não arriscarem a honra, as tirava do aperto da pobreza, dando-lhes conveniente estado ou mettendo-as em algum recolhimento, com o que a sua magnificencia e a sua caridade, com industria e sem jactancia, dando esmolas, conservavam as honras; Daniel aconselhava a Nabuco que remisse os peccados, dando os thesouros; a Sancta Rainha dava os thesouros para preservar dos peccados.

Sabendo que a nobreza pobre não tem tão prompto o remedio, sendo-lhe mais difficultoso o rogo, e que ordinariamente lhe é menos custosa a pena de necessitar, que a vergonha de pedir, poupando-lhe a vergonha do rogo, lhe escusava a pena da necessidade, com o que na prevenção e no soccorro, fazia duas esmolas em uma só acção. Soccorrendo aos pobres que mendigavam, occorria aos que não pediam; a estes dava muito mais que áquelles, tendo por melhor remediar necessitados com pejo que pedintes por officio, porque estes, pedindo a muitos, acham o remedio quasi em todos; aquelles não pedindo a alguem passam as necessidades sem nenhum remedio. Dos que depois de se verem em prospera fortuna cahiam em infeliz miseria tinha maior compaixão, porque a diversidade da sorte lhes havia de fazer mais penosa a pobreza, e pela medida

da sua mágua distribuia com elles a esmola, e como debaixo da reputação da abundancia se padece muitas vezes a maior penuria, não só remediava os que sabia que eram pobres na realidade, mas aos que entendia que só eram ricos na opinião, com o que lhes conservava o credito e lhes escusava o pejo; para Boz fazer maiores esmolas a Ruth dizia aos criados que o serviam no campo que deixassem cahir os molhos de industria para que ella os podesse apanhar sem vergonha.

Tendo o paço por asylo da pobreza honrada, recolhia nelle alguns filhos de seus vassallos, que não tinham com que sustentar a nobreza e o os mandava criar á conta de sua fazenda real; e tanto que tinham edade competente, fazia que ensinassem a cada um segundo seu genio, porque perverter as inclinações é mallograr as doutrinas, e ultimamente lhes dava conveniente estado; com o que mostrava a séus vassallos que se na magnificencia era Rainha na creação era Mãe, e quando se ostentava mais Mãe, então se mostrava mais Rainha, porque o amor dos reis para com os subditos, se é remedio dos subditos, é o maior elogio dos reis: os que mais os amparam esses são os que reinam, por isso Ahias, quando auspicou a magestade a Jeroboão, para lhe ensinar a cobrir os vassallos tirou a capa dos hombros.

Cada anno dotava muitas orphãs, precedendo sempre as mais desemparadas que o desemparo, e não a intercessão é o verdadeiro soborno da caridade. No dia das vodas não se dedignando de procurar o enfeite da formosura em ordem ao nupcial agrado, toucava as noivas por suas reaes mãos, e lhes emprestava para irem á egreja as proprias galas; e quando fazia estes emprestimos entendia que nelles tinha os melhores logros. Como tractava de se ornar de virtudes e não de ostentar as gentilezas, renunciava as gentilezas por se ornar de virtudes, que o tractar do adorno com grande cuidado é mostrar no espirito algum descuido. Esther não escolheu para si o adorno contentou-se com o que lhe deu o eunuco.

Como não pode haver maior miseria que a infermidade sobre a pobreza, tinha grande magua da pobreza que cahia em alguma infermidade, em razão do que visitava os enfermos pobres, não só nos publicos hospitaes, mas nas proprias casas, onde os servia e consolava, e dando saude a muitos, provia com o necessario a todos e quando não podia evitar-lhes com os remedios a morte, mandando dar aos corpos sepulturas, lhes mandava fazer suffragios pelas almas. Chamados de fama de sua real benignificencia concorram não só dos proprios reinos, mas dos extranhos, innumeraveis pobres; e para ella eram estes concursos lastimosos pelas necessidades que via, alegres pelas que remediava, no paço a cercavam, a acompanhavam nas ruas, sahiam-lhe nas estradas, esperavam-na nas egrejas, e nestes cercos, nestes sequitos, nestes encontros, nestas esperanças, tinha as melhores emprezas, os melhores applausos, as melhores sortes, os melhores logros, e sendo tão grandes estes concursos, todos os pobres sahiam soccorridos; e porque não houvesse algum a quem não chegasse a sua benignificencia, tinha dado a seu esmoler por ordem que a todos désse esmola; e quando ella a dava pela sua mão, a iam receber algumas pessoas de reconhecida riqueza, não para se aproveitarem da utilidade, mas para a guardarem como reliquia; a todos os mosteiros mendicantes, a todos os hospitaes necessitados, mandava liberaes esmolas, para fazerem os habitos, e proverem as infermarias, e sendo tão limitadas as suas rendas, tão sem limites os seus dispendios, todos se persuadiam, principalmente os pobres, que ainda que subornados de sua benignificencia eram veridicas testimunhas de sua caridade, que não podia fazer tantas esmolas sem lhe virem do céo as riquezas, o que se confirmava com se ver que passando os limites do reino, se abria a sua mão, e se estendia a sua palma a soccorrer muitos conventos dos confinantes. Não só dava aos proprios, mas aos extranhos, porque tinha por escassas as liberalidades que se limitavam ás proprias dicções. Na grande esterilidade que preveniu José, não só sustentou os mo-

radores do Egypto, tambem sustentou os estrangeiros de Canaan.

Se tinha alguma recreação era fallar com gente religiosa, porque como do cheiro da virtude se pega a espiritual suavidade, d'aquella sancta conversação tirava sempre algum virtuoso aproveitamento, e nestas practicas não só se edificava, tambem edificava, porque fallava de Deos com tanto espirito, que parecia que no seu espirito fallava Deos; e como nas communidades religiosas, são como os mais sanctos os exercicios, maiores os merecimentos, procurava ter parte nas suas orações, em razão do que se fez irmã da seraphica ordem de S. Francisco da sagrada religião da Sanctissima Trindade, do insigne hospital de Roncesvalhes, favorecendo estas, e outras muitas confrarias, não só como quem era irmã de muitas, mas como quem desejava ser protectora de todas.

Despido o coração de todos os humanos interesses, se vestiu a sua alma de todas as virtudes, sendo tão candidos os ornamentos, que pela neve da sua brancura se isentaram da combustão do fogo. Como das virtudes principaes dependem todas as outras, fez os alicerces nas principaes; foi tanta a fortaleza de seu animo, que nunca desistiu da virtude, por mais que se lhe oppozesse a difficuldade, antes a difficuldade a fazia empenhar mais na virtude, porque sendo mais disputado o vencimento, fosse mais glorioso para Deos o triumpho. Quando de sua heroica fortaleza não houvera outra prova, mais que o insigne soffrimento do seu constante coração, elle bastava para ser o elogio mais famoso d'esta fundamental virtude, e como no throno em que está a soberania, com difficuldade se enthronisa a paciencia, ella foi mais virtuosa no throno; porque fez que não fosse impaciente o sceptro, para conseguir a paz da salvação, tinha a prudencia do espirito, conforme o dictame recto, fugia do vicio, e seguia a virtude. E todas as suas resolucções se conferiam com pessoas que as acreditavam; porem primeiro que com os homens as consultava com Deos, porque o acerto de todas as de-

liberações provém mais, que das conferencias humanas, das consultas divinas; tendo pelo maior delicto da magestade dar occasião á queixa, de sorte administrou justiça, que a ninguem fez injuria; para ella não houve excepção de pessoas, nem intervenção de valias, sendo asylo da innocencia nunca foi refugio da culpa, e havendo-se com rectidão e piedade, com a rectidão fazia veneravel a justiça, com a piedade louvavel a clemencia. Foi tão observante da virtude da temperança, que parece que a amava mais que a vida; não querendo em uma grande dor beber senão agua, duas vezes se lhe converteu em vinho, de que necessitava para o remedio; o primeiro milagre que o Senhor obrou uma vez por intervenção da Rainha da Gloria, obrou duas vezes a favor d'esta Rainha Sancta.

Como qnem reparte as horas com Deos lhe não falta tempo para as justas occupações, porque o Senhor tudo o que se lhe dá, retribue, frequentando a Sancta Rainha os exercicios sanctos, tambem assistia ás reaes funcções; sabendo que seria mais que imperfeição estando ainda com o emprego mais devoto, faltar ás obrigações do seu estado, dava audiencia ás partes que imploravam a sua justiça ou sua graça, e nestes actos se havia com tão suave benevolencia, que achando os pretendentes da magestade de uma rainha, a benignidade de uma mãe, ainda quando não sahiam despachados, se despediam agradecidos, porque a sancta Rainha com o real agrado conciliava o amor do povo, despindo de terror o sceptro.

Como eram tão heroicas as suas virtudes, influia os seus affectos nos corações de todos; e como os grandes beneficios nos animos generosos, fazem communs os sentimentos, eram communs ao reino os seus contentamentos ou pezares; havia tres annos que era casada, e ainda que deixara a el-rei seu pae, nem o tempo, nem a distancia a esqueceram nem dos affectos, nem das obrigações que lhe devia como filha. Assim sempre o conservou na memoria, e pondo Deos naquelle tempo, depois de grandes victorias, o commum fim a seus gloriosos dias, sentiu a sua morte

com aquella catholica pena de que se não póde eximir a natureza humana; vendo-a o reino sentida, não só a acompanhou no lucto, mas no pezar; e ella no seu espirito lograva o alivio, e se aproveitava do desengano; e como lamentar a morte, sem lembrar da alma, é natural mágoa, e não piedade religiosa, sem faltar nem á religião, nem á natureza, se a sua saudade honrou os funeraes com lagrimas, a sua piedade soccorreu a alma com suffragios; porque não basta que Joab faça vir a Absalão de Gesur para Jerusalem, se não vê a face de David; é necessario que veja a face de David em Jerusalem, depois de saír de Gesur, fazendo-lhe todos os bons officios Joab.

Vendo o magnifico rei que a Sancta Rainha distribuia todo o seu dote em esmolas, determinou accrescentar-lhe as rendas, ou por ter parte nas obras de sua caridade, ou por fazer acções dignas da sua grandeza, e sem que precedesse alguma diligencia da Sancta Rainha, mais que o sublime merecimento de sua real pessoa, indo de Lisboa para Coimbra, estando no castello de Alfefirão, lhe deu as colheitas das villas de Cintra e Porto de Moz, e chegando áquella cidade lhe accrescentou á doação os senhorios da mesma villa de Cintra, Obidos e Abrantes, com os padroados das egrejas, e alcaidarias móres, e ainda que el-rei lhe fazia as doações com mão tão liberal, sendo ellas grandes, para as agradecer a estimação, eram pequenas para o que despendia a caridade.

De Alfefirão foram os reis á villa de Alcobaça, onde em um real convento se vê uma religiosa cidade, em que a grandeza dos edificios é só excedida da grande religião dos cidadãos, e elles lhes fizeram aquellas demonstrações de amor que são proprias da sua profissão, visitando el-rei e a Sancta Rainha a sepultura de el-rei seu pae e sogro, a honraram com as devidas venerações, e lhe mandaram fazer piedosos suffragios, e as breves horas que a Sancta Rainha esteve naquelle religioso convento, recebeu grande consolação de ver a sua claustral observancia e egual edificação das practicas espirituaes que teve com alguns re-

ligiosos de maior edade e superior virtude, reputando por grande gloria do reino ter, entre muitos, aquelle convento onde não era necessario persuadir a religião, e era muito para edificar a clausura, em razão do que lhe ficou uma e outra magestade com tanto affecto, que determinaram ter nelle o ultimo descanso; e a primeira vez que fizeram testamento, esta foi a sua disposição; depois cada qual alterou a ultima vontade, fazendo a devoção diversa escolha, e aos que na vida uniu no thalamo a mesma sorte cubriu no tumulo differente pedra.

Naquelle tempo não estava o throno immovel em uma só parte, em muitas se via a magestade, porque el-rei assistia com a côrte aonde se necessitava da sua presença, de que os vassallos recebiam grande interesse, porque não só buscavam em el-rei o recurso, elle os soccorria com o amparo, em razão do que não eram tantos, nem tão atrozes os delictos, porque não só o real ecco, a voz real cohibia os delinquentes com o temor e com o respeito. Em todas estas jornadas continuava a Sancta Rainha os seus sanctos exercicios, acompanhava a el-rei com manifesta conveniencia de todos seus vassallos, e ainda dos reinos extranhos, porque, como Deos lhe tinha dado entre outras celestiaes prerogativas a de apaziguar os bellicos furores, introduzia a suave harmonia da paz, entre o horrivel estrondo da guerra.

Andava neste tempo em Portugal desavindo com el-rei D. Sancho de Castella D. Alvaro Nunes de Lara, tanto por haver tirado a cidade de Albarrasim a seu pae, quanto pelo haver privado da sua valia, que o favor ou desfavor são os que ordinariamente fazem contentes ou descontentes os vassallos; e tanto que Isboseth reprehende a liberdade de Abner, logo Abner se passa ás partes de David; como D. Alvaro era homem de alto sangue, e de altivo espirito, vendo-se na desgraça de el-rei, entendeu que só a guerra podia ser meio de reconciliação, e começou a fazer entradas em Castella pela provincia da Beira, não sem indicios de que o infante D. Affonso lhe dava soccorros pela

do Alemtejo; passando depois estas suspeitas a evidencias foi el-rei D. Diniz á cidade da Guarda, e tirou ao infante o governo, dando-lhe o de Vizeu e Lamego, e desejando não só abater o seu orgulho, mas mostrar a el-rei D. Sancho que não concorria, antes estorvava o rompimento, se resolveu a ir cercar o infante na villa de Arronches. Como concorrer para a guerra, havendo feito a paz, era dolo da magestade, por observar a paz fez ao infante a guerra, ensinando aos principes que hão de ser tão amantes de sua fama, que antes hão de dar uma batalha, para desvanecerem uma calumnia que por ganharem uma provincia; que, attribuindo-se-lhe acções de menos gloria, hão de fazer acções com que se purifiquem da impostura. Quando Abner morreu dolosamente ás mãos de Joab por mostrar que não concorrera na traição de Joab, chorou David publicamente sobre o tumulo de Abner.

Posto o cerco á villa de Arronches, veiu a elle el-rei D. Sancho de Castella, e o infante fez uma tão galharda resistencia, que um e outro exercito gastou na expugnação largo tempo; porem, continuando a porfia do combate, desenganado o infante de que era impossivel a defesa, desmentindo as espias, se retirou para Badajoz, aonde tinham concorrido sua mãe e a rainha D. Brites, sua irmã a infanta D. Branca, as rainhas de Portugal e Castella, a fim de procurarem a concordia. E finalmente, pela mediação de todas, depondo as armas tornaram o infante e D. Alvaro á graça de uma e outra magestade, e como a Sancta Rainha não só era real medianeira para que se conseguisse a publica quietação, mas estrella benigna que influia a doce paz, ella se conseguiu não só pela mediação de tanta magestade, mas pela influencia de tão sancta virtude.

Ainda que a Sancta Rainha era merecedora de todas as felicidades, dispondo-o assim a divina providencia por seus occultos decretos, passaram alguns annos sem que tivessem filhos; e ella soffria esta pena com tanta conformidade, que, sendo o mais vehemente desejo das casadas o serem mães,

ella louvava a Deos porque o não era, e se pedia ao Senhor a successão como Anna, não a pedia como Rachel. Neste tempo alguns palacianos, que por serem medianeiros do destrahimento de el-rei queriam ter parte no seu favor, lhe gelaram no coração os castos incendios com que amara a Sancta Rainha, abrazando-o nos impuros ardores de D. Aldonça Rodriguez, D. Gracia de Sousa de quem teve filhos; e sendo que o ardente ciume é o affecto mais predominante do feminino sexo, tão senhora estava do seu coração a Sancta Rainha, que sendo amante como esposa, não era ciosa como mulher.

Em grande desconsolação estava o reino, vendo que el-rei, esquecido das leis do matrimonio, não tinha filhos senão nascidos do amor adultero; porem, inclinando Deos os ouvidos aos rogos da Sancta Rainha, que desejava que o Senhor a dignasse d'aquella benção, na era de mil duzentos e noventa, segundo a melhor opinião, nasceu a infanta D. Constança. Causou o seu nascimento grande alegria no reino, porque dava maior esperança da successão de el-rei, e com esta real prenda se augmentou em todos o desejo de que tivesse successor varão. E, favorecendo Deos o thalamo real, em oito de fevereiro do anno seguinte nasceu na cidade de Coimbra o infante D. Affonso, que depois foi successor da coroa. Festejaram-se estes reaes nascimentos com alegres demonstrações, e quando todos se occupavam nos applausos festivos, a Sancta Rainha dava a Deos agradecidos louvores, não tanto por ter filhos que lhe succedessem, como porque o Senhor tivesse mais almas que o servissem, sabendo que o mundo é desterro, o céo patria. Quando a bondade divina lhe dava a descendencia na terra, ella lhe pedia a herança do céo.

D'este infante ha uma memoria, digna de grande respeito, na capella dos reis, sita no convento de S. Domingos da cidade de Lisboa, onde el-rei seu pae celebrava todos os annos a festa de S. Diniz, antes de edificar o real convento de Odivellas. Costumava-se naquelles tempos copiarem-se os rostos das imagens sanctas pelos de algumas

pessoas formosas, e sendo o infante D. Affonso menino e a Sancta Rainha de pouca edade, fazendo-se para se collocar naquella capella a imagem de Nossa Senhora com o menino Jesus nos braços, o rosto do menino foi tirado pelo do infante, o da Senhora pelo da Rainha; e não teria a da Gloria por indignidade, tendo a Sancta tanta virtude, equivocarem-lhe com ella a formusura.

Não faltaram os nossos reis a tudo o que era conveniente para a boa criação do infante; e como nas geminas fontes do candido sangue, que a provida natureza pôz nos maternaes peitos para alimentarem os proprios filhos, se bebem com os vitaes alentos as naturaes inclinações, lhe deram por ama a Sancha Pirez, mulher nobre, virtuosa e sã, porque naquelle tempo não se escolhiam as amas só pela disposição, mas pela virtude e pela nobreza. E como esta eleição era mais propria da Sancta Rainha, não podia ella omittir nem uma nem outra qualidade, em que a havia de substituir no officio de mãe. Deu-se-lhe por aio a D. Martim Gil de Sousa, conde de Barcellos, por mestre a D. Martinho de Oliveira, que depois foi arcebispo de Braga, pessoas de illustres qualidades e insignes virtudes, que para estas occupações não bastam as virtudes sem as qualidades. Quando aquelle esplendido mancebo disse a Tobias o Velho que havia de encaminhar a Tobias o Moço, perguntando-lhe elle de que Tribu era, não lhe disse que era um anjo do céo, disse-lhe que era filho de Ananias o Grande. Para lhe persuadir que lhe havia de encaminhar, não desencaminhar o amado filho, exprimiu-lhe que tinha um grande pae.

Como el-rei applicou para a educação do infante estes dois grandes homens, dizia depois no tempo das discordias que lhe dera para seu serviço os dois mais honrados vassallos que tinha o reino, justificando nesta forma a propria queixa e a alheia ingratidão, porque os principes, dependendo, ainda mais que da natureza, da criação, não podem ter maiores obrigações aos reis, que darem-lhe para sua doutrina pessoas que os ensinem no temor de Deos, por-

que, tendo nelle o principio da sabedoria, podem conseguir na vida a gloria da fama, na morte a vida da gloria.

Tanto que a infanta teve edade capaz de doutrina, lhe deu a Sancta Rainha por aia a D. Betaça, que de Aragão trouxe por sua dama, e naquelle tempo estava casada com D. Martim Annez, um dos mais illustres fidalgos d'este reino; e como esta senhora, com o real sangue dos imperadores da Grecia, tinha as virtudes correspondentes á sua real ascendencia, criou a infanta em toda a virtude; porem nunca a Sancta Rainha se desobrigou da sua educação por se não fazer indigna do nome de mãe, porque paes e mestres são univocos nomes. Por isso Moyses, de Jabel, que era mestre dos pastores, disse que era pai dos que viviam nas cabanas.

Como a natureza humana, sendo prona para o mal desde sua adolescencia, mais appetece o que mais se lhe prohibe, sendo facil de perverter e difficultosa em se cohibir, sem embargo de que Deos prosperava o sceptro de el-rei com felicidades, o thalamo com filhos; não bastavam estes beneficios para que deixasse seus distrahimentos, antes esquecido do real decoro offendia ao thalamo conjugal. Não ignorava a Sancta Rainha estas offensas, porque no paço até as magestades se delatam ás magestades, mas quando lhe referiam seus aggravos, não lhes dava ouvidos, reprehendendo com desattenção a noticia, ou mudando em alguma devoção a practica; e para que se visse que não sentia o ciume nem faltava á caridade, tendo el-rei de diversas mulheres todas illustres a Affonso Sanches, um, e outro D. Pedro, e Fernão Sanches, a uma, e outra D. Maria, o justo amor que tinha aos seus filhos, a não divertiam de o ter aos alheios, e fazendo mercês ás amas que os criavam, aos aios que os serviam, os tractava quasi como aos proprios, e os mandava vir á sua presença, como se não fossem testemunhas de sua injuria. Como não sentia que el-rei pozesse a sua formosura em desprezo, porque ella era quem mais punha em desprezo a sua formosura, só a magoava, que devendo a vida de el-rei ser exemplo fosse

escandalo, porque havia de perverter com o escandalo, não edificando com o exemplo. Como os vicios ou as virtudes dos principes se transfundem nos subditos, desejava que houvesse virtudes com que edificar, não vicios com que perverter; porque, se Sardanapalo é vicioso, são os ninivitas viciosos, se Sardanapalo é penitente, são penitentes os ninivitas.

Como o coração de el-rei andava neste tempo cego do amor illicito, sendo que a Sancta Rainha era uma mulher forte, teve d'ella desconfiança, porque nem a magestade está segura de calumnia no paço, onde é ouvida a inveja. Servia nelle um pagem, de quem a Sancta Rainha, em razão de sua vida virtuosa, fazia confiança particular, servindo-se do seu modesto silencio para as obras de sua occulta caridade; e sentindo outro que ella fizesse o favor á virtude, que pretendia a emulação, insinuou a el-rei que aquelle agrado nascia da infidelidade e não do merecimento, e sendo que a sancta honestidade da Rainha Sancta era irrefragavel prova de sua inviolavel fé, devendo el-rei castigar a ousadia, creu a impostura, porque a má disposição de seu animo facilitou a credulidade do aggravo, e determinou tirar ao innocente a vida, a quem a malicia tinha imputado a injuria. Para que a vingança se tomasse com cautela, chamando em segredo um homem que tinha a seu cargo um forno de cal, a que naquelle tempo lançara o fogo, lhe disse que quando na hora certa de um dia determinado mandasse um pagem da rainha a saber se fizera o que lhe ordenara, o lançasse dentro no ardente forno, porque assim convinha a seu real serviço. Chegado o prescripto dia, á hora signalada, mandou el-rei o innocente pagem com o recado fingido ao logar do incendio, em que determinava que se queimasse a innocencia, e Deos dispunha que ardesse a culpa. Obedeceu elle com diligencia prompta, e como tinha por inalteravel devoção entrar nas egrejas quando ouvia fazer signaes ao levantar da hostia consagrada, ouvindo-os no convento de S. Francisco da Ponte, que estava no caminho, entrou nelle e ouviu uma

e outra missa, e assistindo no exercicio de sua devoção. poz Deos embargos á sentença de sua morte; dispondo o Senhor que se consumisse no fogo quem lhe procurava o incendio, porque quem venera a saudavel hostia logra immunidades na vida, e não só não padece o damno que se lhe prepara, mas faz que elle recaia em quem lh'o solicita. Bastou sonhar Gedeão com o pão, que era figura da Eucharistia, para debellar os exercitos de Madian; antes de sonhar com o sacramento, teve por duvidosa a batalha, tanto que ouviu o mysterio, deu por conseguida a victoria.

Estando el-rei cuidadoso do successo, e desejando saber se o fogo tinha desvanecido em fumo o seu presumido aggravo, chamou outro pagem, que atrevidamente tinha infamado na magestade mais decorosa a mais innocente castidade, e lhe disse que fosse saber se se tinha dado á execução a sua ordem. Chegou elle ao logar que se destinara para o supplicio do outro que estava na egreja ouvindo missa, e entendendo o executor da morte que áquelle mandava el-rei tirar a vida, lançando-o precipitadamente entre as flammas, se reduziu justissimamente em cinzas, porque a divina justiça faz que pereça o culpado no laço que se arma para o innocente. No patibulo que Aman levantou para Mardocheo, não morreu Mardocheo e padeceu Aman.

Acabadas as missas se foi o devoto innocente para o forno, onde o delinquente estava consumido; e dando o recado de el-rei lhe trouxe em resposta que a sua ordem se dera á execução. Vendo elle vivo a quem desejava morto, e tendo por morto ao que desejava vivo, ficou entre os sentimentos e as admirações, ignorando as causas por que se trocaram os effeitos; e tomando informação do successo conheceu que a divina providencia, livrando o innocente, castigara o culpado, e que os vingadores, e então mysteriosos incendios, foram flammas que abrazaram os delictos da calumnia, e luzes em que resplandeceram os elogios da innocencia.

Como el-rei, depois d'este aviso do céo, teve á Sancta Rainha o amor que se devia á sua admiravel formosura, e a veneração que pedia a sua heroica virtude, começou ella a ter com a sua real pessoa grande auctoridade, da qual usava com tão reverente modestia, que só se aproveitava da confiança para fazer acções de benevolencia. Quando via que algum vassallo cahia na indignação de el-rei por alguma calumniosa informação, inteirando-o da verdade, fazendo que perdesse a ira, procurava que o restituisse á sua graça. Porém, como o patrocinar a culpa é favorecer a maldade, porque o perdão do delicto é um novo incentivo do crime, jámais perverteu com a intercessão a justiça, sempre persuadiu com a virtude a rectidão; e como el-rei era inclinado a castigar os delictos e observar os foros, seguindo os sanctos dictames da Sancta Rainha, fez que os grandes não vexassem os pequenos, que os pequenos respeitassem os grandes, para que, contendo-se cada um em sua alta ou humilde esphera, se ouvisse no reino com a harmonica suavidade da paz a concorde harmonia da republica.

Se os vassallos tinham entre si algumas discordias, em razão dos bandos que naquelles tempos costumava haver entre algumas familias, interpondo a sua real auctoridade e a mediação de pessoas de espirito, procurava que se concordassem os animos, não só porque das dissenções dos vassallos sempre resultam damnos aos reis, mas mais que tudo, porque com os intestinos odios sempre se commettem gravissimos delictos; e se para o ajustamento das pessoas era necessario concorrer com o dispendio de suas rendas, tinha por grande interesse o comprar a paz, recebendo egual alegria de se trocar em amor o odio. Porque as almas sanctas procuram que o que o odio quer que seja vingança se troque em benevolencia, e ainda a respeito de si mesmas, se se lembram das offensas, é para remittirem as injurias. Disse José aos irmãos que elles o venderam para o Egypto, não para que d'elle tivessem receio, mas para lhes tirar o pavor; não para lhes dar o castigo, mas para lhes perdoar o aggravo.

Para que el-rei tivesse maiores evidencias das insignes virtudes da Sancta Rainha, dispoz Deos que por meio de sua devoção livrasse elle a vida de um mortal perigo. Florescia neste tempo em toda a christandade a maravilhosa fama dos espantosos milagres que o Senhor obrava pela intercessão de S. Luiz, bispo de Tolosa. Foi este sancto prelado filho primogenito de Carlos II, rei de uma e outra Sicilia, e da rainha D. Maria, filha de el-rei de Hungria; e ainda que, pela prerogativa da primogenitura, era herdeiro de uma e outra coroa, querendo antes ser menino na terra que no mundo rei, trocou a magestosa insignia da real purpura pelo aspero burel da penitencia seraphica, e obrigado da pontificia sanctidade, acceitou a mitra da diocese de Tolosa. Era a Sancta Rainha, por sua avó a rainha D. Violante, parenta do sancto, e sua irmã d'elle casada com el-rei D. Jayme, irmão da mesma sancta, e obrigada ella mais que do parentesco, da devoção, referia repetidas vezes os successivos milagres com que Deos acreditava as heroicas virtudes do sancto bispo, aos quaes el-rei, porque o varonil sexo é menos piedoso que o feminino, não dava credito, até que, tendo a fé por milagre, lhe ficou com devoção por agradecimento.

Como a caça é uma laboriosa semelhança da guerra, e el-rei inclinado ao robusto exercicio da caça, estando na cidade de Beja sahiu ao monte, achando-se distante dos que o acompanhavam na montaria, lhe sahiu ao encontro, no sitio de Belmonte, juncto ao rio Guadiana, um urso, que por sua grandeza e ferocidade era terror dos homens e das feras, e já conhecido naquelles bosques pelos repetidos estragos. Empenhado o valor de el-rei com o furor do bruto, o seguiu a cavallo para honrar com a sua lança a sua morte. Vendo-se elle acossado se poz com feroz instincto detrás de uma quebrada penha, e passando el-rei, arremettendo a elle com toda a furia, o lançou impensadamente na terra, para lhe tirar ferozmente a vida. Ficou el-rei prostrado, mas não rendido; e conhecendo o perigo, sem que se lhe alterasse o valor, procurava, como se fosse

David, despedaçar com as mãos aquella fera, e lembrando-lhe, entre a perigosa contenda, os milagres que a sancta rainha referia do sancto bispo de Tolosa, implorou, com toda a devoção, o seu soccorro; e apenas o tinha implorado quando lhe appareceu o sancto, vestido no humilde habito de sua religião, com a mitra pontifical na cabeça, e lhe disse que com o punhal que trazia na cinta podia alcançar a victoria. Com este aviso cobrou el-rei, senão o animo que não tinha perdido, o accordo que tinha perturbado; e desembainhando, com animosa destreza, o punhal luzente, o cravou com valorosa felicidade no hombro direito do animal disforme, e se levantou victorioso, livrando-se a si do perigo, aquelles contornos do damno.

Alcançado o triumpho, montou el-rei a cavallo a buscar os monteiros, de que se havia perdido, e encontrando um lavrador melancolico lhe perguntou d'onde era. E elle lhe respondeu que de um logar vizinho, onde se estava fazendo a el-rei de jantar com grande desagrado de Deos e do mundo. Ouvindo el-rei a resposta, inquiriu a causa, e o lavrador lhe disse, que o cosinheiro lhe tomara por força o que el-rei havia de jantar naquelle dia, negando-lhe a paga com a escusa de dizer que era para o Deos da terra, e que elle, sentido da perda, se via quasi em desesperação. Ouvindo el-rei que com o nome real se fazia uma extorsão tão escandalosa, sentindo que se vexasse a pobreza, devendo-se remediar a miseria, consolou o lavrador afflicto e o levou ao logar destinado, onde, informando-se da verdade, lhe mandou satisfazer o damno com interesse, castigar com a morte a culpa, para que a todos constasse que a auctoridade real, sendo objecto da veneração, não deve ser pretexto da insolencia; e ensinando aos principes que a nenhuns ministros hão de dissimular as culpas, antes hão de inquirir as culpas de todos os seus ministros, porque se as não inquirirem estão em perigo de lh'as imputarem, e nenhum principe, pela propria graça, ha de patrocinar a culpa alheia. Por justificar a sua prudencia pediu o Senhor ao villico, que lhe désse conta.

Neste sitio levantou a devoção d'aquella comarca uma ermida da invocação do sancto bispo de Tolosa, a que concorrem os devotos romeiros com agradecidos votos, e no mesmo logar nasceu uma fonte, cujas agoas, sendo mais que medicinaes, milagrosas saram muitos enfermos de doenças incuraveis; e desde então até agora, sendo perennes os crystaes, são muito mais perennes os milagres.

Á devoção da Sancta Rainha deveu el-rei o escapar com vida naquella occasião. Porque ella fallava sempre no glorioso sancto, se lembrou elle de o implorar naquelle grande risco; e se não mandou, em testemunho do milagre, pendurar no sagrado templo ainda horrivel pelle, mandou no convento de S. Francisco, da cidade de Beja, edificar uma decente capella em memoria de sua gratificação, e para perpetuar em marmores o seu agradecimento, fez esculpir em um dos em que se assenta o tumulo que occulta o seu cadaver, na sumptuosa egreja do real convento de S. Diniz, de Odivellas, um urso, debaixo do qual está um homem mettendo-lhe um punhal pelos peitos; deixando esta agradecida memoria, não por elogio da façanha, mas em reconhecimento da maravilha, que os principes em quem a religião é insigne agradecem as maravilhas e não se jactam das façanhas. O pendurar David no tabernaculo a espada com que matou o gigante não foi querer para si a gloria do vencimento, mas mostrar que foi de Deos o triumpho.

Neste tempo falleceu el-rei D. Sancho de Castella, e como não ha morte, ainda particular, que não altere alguma fortuna, do defuncto cadaver que sepultava a terra resuscitaram vivas alterações em toda a Hespanha: deixava el-rei, da rainha D. Maria, sua prima terceira, filha do infante D. Affonso, senhor de Molina, tres filhos e duas filhas, D. Fernando, D. Pedro, D. Philippe, D. Izabel e D. Brites, e em razão do parentesco, em que naquelle tempo se dispensava com grande difficuldade, mandou o Summo Pontifice, Martinho IV, separar aquelle matrimonio. Tinha el-rei D. Fernando, quando morreo el-rei D. Sancho seu pae, nove annos e quatro mezes de edade, e

como as tutorias são causas de grandes controversias, e quiçá que por essa razão se lamente o reino, cujo rei é menino; sendo a rainha sua mãe sua tutora, padeceu grandes trabalhos para lhe segurar o sceptro, porque como não tinha mão para empunhar a espada, nem cabeça para sustentar a corôa, era necessario quem lhe socegasse a perturbada monarchia. Achava-se nesta occasião em Castella o infante D. Henrique, irmão de el-rei D. Affonso o sabio, com o senhorio de Biscaia, o infante D. João, irmão de el-rei defuncto, com grandes pertenções no reino; D. Diogo de Haro vivia em Aragão, offendido porque el-rei lhe matara seu irmão D. Lopo; D. João Nunes, senhor de Lara, ainda que tinha sido valído de el-rei D. Sancho, como o favor se sepultou com o cadaver, seguia as partes do infante D. João; D. João Affonso de Albuquerque, sem embargo de que a rainha viuva o mandara soltar da prisão em que estava, em Gallisa, seguia a sua conveniencia, e o mesmo faziam todos os grandes do reino, resolvendo-se pelos dictames de seus interesses, porque, se a virtude tem por prejudicial tudo o que não é decente, a politica tudo admitte por decente, com tanto que não seja prejudicial, e não repara o capitão dos madianitas que sua filha Cosbi o deshonre, com a esperança de que o povo de Israel se debelle, mas neste mesmo successo se vê que quem perde a honra perde a conveniencia, porque Cosbi perdeu a honra, e o povo alcançou a victoria.

Sabida a nova da morte de el-rei, causou a sua noticia em todos estes principes e senhores grande variedade de pensamentos, procurando cada qual melhorar de fortuna na menor edade do pupillo; e ainda que elle tinha sido jurado nas côrtes de Valhadolid e em Toledo, e em particular lhe dessem obediencia, como a herdeiro da corôa, o infante D. João e D. João Nunes de Lara, não obstante o religioso vinculo, se davam por desobrigados do publico juramento, com o pretexto de que el-rei não tinha a prerogativa de legitimado, e com a justificação de que havia

legitimos successores do reino, sem as legaes inhabilidades do nascimento.

Ainda que o serem muitos os pretensores, fazia que todos fossem menos poderosos, porque a multidão das parcialidades enfraquecia singularmente o partido de todas, receiava a mãe afflita que o poder tirasse a coroa da cabeça ao rei adolescente, e que o sceptro fosse despojo da ambição ou satisfação da fortuna; porém, como o receio lhe não desmaiou a constancia, nem lhe perturbou a prudencia, procurou ligar-se, para a defensa do reino, com os reis de Portugal e Aragão, porque o primeiro tinha ajustado o casamento de sua filha D. Constança com el-rei pupillo; o segundo tinha a infanta D. Izabel, irmã do mesmo rei, em reputação de esposa; porém como nas cousas humanas não ha infallivel firmeza, ou porque a conveniencia instantaneamente as muda, ou porque a Providencia superiormente as altera, dissolvendo o papa Bonifacio o casamento de el-rei D. Jayme e da infanta D. Izabel, e casando elle com a infanta D. Branca, filha de Carlos o coxo, rei de Napoles, não só não soccorreu elle o de Castella, mas inquietou o reino de Murcia, e el-rei D. Diniz seguiu as partes do infante D. João, alterando a morte de el-rei o tractado de casamento, e foi facil de dissolver o nó, que só estava em promessa. Porque ainda os que são mais apertados, interpondo-se os interesses, ou os desatam as destrezas da industria, ou os cortam os fios da espada; e sem embargo do parentesco. Não repara o rei do Egypto em usurpar os thesouros ao rei de Judá.

Prevendo el-rei D. Diniz as inquietações de Castella com as pretenções de tanta parcialidade, se partiu da cidade de Lisboa para a da Guarda, porque ficava em sitio mais accommodado para a occorrencia de qualquer successo, e como a Sancta Rainha era tão afeiçoada á cidade de Coimbra, ou pela alegria do sitio com que levantava o coração a Deos, louvando a bondade divina, pelo que obrara a favor da natureza humana, ou porque havia de ser o feliz

theatro onde o poder celeste havia de obrar tantas maravilhas no cadaver sancto, se deteve naquella cidade até ao fim da primavera; e como ella era a aurora da virtude, sol da edificação, em quanto esteve naquelle sitio fez com os orvalhos de sua doutrina, com os raios de seu exemplo, brotar e florescer nos jardins fechados das devotas almas muitas flores espirituaes, que sazonando as melhores primaveras, exhalando suavidades nos espiritos, se dirigiam á vista de Deos como incensos.

De Coimbra passou ás cidades de Vizeu e Lamego, concorrendo a vel-a toda aquella comarca, não tanto por admirar a magestade como por venerar a virtude, porque neste tempo mais se venerava a virtude, do que se admirava a magestade: sendo que as jornadas de alguns reis não são passagens, mas devastações dos logares circumvizinhos, porque com os reaes pretextos se fazem aos povos gravissimos damnos. Como esta Rainha era Sancta, nos logares por onde se fazia o caminho, tudo se edificava, nada se destruia, e se tinham por felizes os povos por onde passava ou se detinha, porque nada se deixava sem satisfação, tudo se satisfazia com grandeza. Os ricos não padeciam extorsões, aos pobres se deixavam esmolas, e em virtude de tão sancta magestade caminhava a sua côrte sem deixar lastimosas queixas entre gloriosas acclamações.

De Vizeu fez jornada a Trancoso, onde esteve dia de S. João, e vendo aquella ditosa villa segunda vez, já sua mãe, a sancta rainha, que no dia d'aquelle sancto vira a primeira vez esposa, renovou os applausos da primeira felicidade com as festas que fez na segunda, e ainda que estas não foram com tanta prevenção, não foram com menor alegria, porque o affecto mais consiste na sinceridade que na pompa. Estimou a Sancta Rainha aquellas acções de benevolencia, porque nasciam do amor, não da lisonja, e mostrou a seus vassallos que, se era senhora da villa, era tutora da pobreza; e que, se a soberania recebia em tributos as rendas, a caridade distribuia as rendas em esmolas.

Chegada a côrte á cidade da Guarda, entendendo o infante D. João, ainda que se lhe entregara Alcantara e Coria, pela resistencia que lhe fizeram Badajoz e Sevilha, que para a sua pretenção era invalida a sua parcialidade, veiu pedir a el-rei D. Diniz soccorro, e propostas as suas razões no conselho, como a fortuna mostrava no tempo presente diverso semblante, pareceu seguir o partido d'aquelle a quem ella fazia melhor rosto, e se resolveu, que tendo o infante occupada Biscaia, estando perturbada toda a Hespanha, não era prudencia empenhar o reino no soccorro de el-rei, que tinha tão contingente o sceptro. Estas e outras razões, que foram approvadas no conselho, foram mui controvertidas no mundo, e ainda que se não acha expressa noticia do parecer que teve a Rainha Sancta, conjecturando-se da sua virtude a sua opinião, não foi a favor d'aquelle a quem a fortuna fazia melhor rosto, mas pela parte a que assistia a justiça; e como gastava o tempo em oração, pedia a Deos a concordia, e se então se não conseguiu, foi porque o Senhor, ainda que sempre ama, muitas vezes não defere ás deprecações dos justos, porque quer castigar os delictos dos peccadores, porém castiga menos os peccadores quando intercedem os justos. Porque Judá teve alguns reis sanctos, sendo menores os peccados de Samaria, castigou mais o reino de Samaria, que o reino de Judá.

Feito este ajustamento na cidade da Guarda, mandou el-rei apregoar a guerra contra Castella, e ajunctar o exercito para sahir em campanha; porém primeiro que fizesse alguma hostilidade, como era inalteravel uso d'aquelle tempo, mandou por seus embaixadores desafiar el-rei e o reino, que estava juncto em côrtes na cidade de Valhadolid; causou aquella novidade não esperada grande perturbação naquelle universal congresso; e contemporisando nesta tempestade com a fortuna, ouvindo os embaixadores com benevolencia, se determinou que o infante D. Henrique, que nas mesmas côrtes fôra eleito tutor e guarda dos reinos do rei pupillo, fosse a Portugal avistar-se com el-rei D.

Diniz em ordem a se fazer a paz ou deferir a guerra. Chegou o infante á cidade da Guarda, aonde foi bem recebido de el-rei, seu sobrinho, porque as armas, se algumas vezes cortam pelo sangue, nunca é razão que cortem pelo decoro; e como el-rei apregoou a guerra áquelles reinos, entendendo que tiraria melhores partidos escrevendo a paz sobre os escudos, offerecendo-lhe o infante D. Henrique, em nome de el-rei D. Fernando, que dentro de tempo limitado lhe entregariam Serpa, Moura, Arronches e Aracena, com seus termos, e se fariam as demarcações dos reinos, vendo que sem desembainhar a espada recuperava tantas villas da coroa, teve a recuperação pela melhor conquista, porque sem sangue se alcançava a victoria.

Tanto que o infante D. Henrique se ajustou com el-rei D. Diniz, foi facil ajustar-se com o infante D. João, que nas armas portuguezas tinha as suas maiores esperanças; e como se viu destituido do seu soccorro, desistiu de sua pretenção, e com a promessa de se lhe restituirem os estados, prometteu obediencia ao sobrinho, e lhe fez juramento de fidelidade. Da cidade da Guarda se foi el-rei com a sancta rainha para Ciudad Rodrigo, e como viu que com as armas ainda embainhadas conseguira tão avantajadas promessas, não indo desarmado, mostrou que ainda não estava pacifico. Estavam já naquella cidade el-rei D. Fernando, sua mãe, a rainha D. Maria, os infantes D. Henrique e D. João, e nella se fez a desistencia das villas da contenda, confessando-se que pertenciam á portugueza coroa, e se ractificaram, por escripturas publicas, os tractados que se tinham feito na cidade da Guarda, e com esta concordia auctorisada nas reaes presenças se desfez a liga, e como a Sancta Rainha ainda na vida era advogada da paz, teve a sua intercessão grande parte neste ajustamento, obrando as suas devotas orações mais que as politicas diligencias, porque para conseguir, o melhor meio é orar. Sabendo David que contra a sua pessoa machinava Saul, não chamou os generaes, chamou os sacerdotes, não fez que se prevenisse o exercito, mandou que se appli-

casse o ephod, e escusando dar a batalha, não necessitou de conseguir a victoria.

Não durou muito tempo a paz, porque o infante D. João vestia as armas com a mesma facilidade com que as despia; e com qualquer occasião, sendo sempre valoroso, era egualmente inconstante, vendo-se no mesmo tempo em odio e obsequio da mesma magestade concitar sedições e obrar proezas. E como el-rei D. Diniz seguia, na sua inconstancia, a propria conveniencia, com o pretexto de que se não tinha satisfeito ao tractado da Guarda, vendo que el-rei de Aragão tinha posto cerco a Maiorga, parecendo-lhe que sem a violencia das armas se lhe não daria satisfação ás promessas, entrou por Ciudad Rodrigo, em Castella, e estando na villa de Saldanha teve aviso que o exercito aragonez, depois de uma porfiada expugnação, levantara o cerco de Maiorga, obrigado de uma contagiosa enfermidade, de que, com muita gente principal, fallecera seu cunhado o infante D. Pedro; sentiu a Sancta Rainha a morte do irmão, e fez d'aquella perda catholico lucro, para seu maior desengano; como elles se dão difficultosamente aos reis, porque elles desagradavelmente os ouvem, ella por si mesma os tomava, não era necessario que outrem lh'os désse; e pois elles se dão difficilmente ás magestades, devem buscar-se occasiões, para que ellas catholicamente os tomem. Depois que Samuel ungiu como rei a Saul, dispoz Deos que fôsse Saul aonde estava o sepulchro de Rachel; para que os olhos do sceptro vissem o fatal desengano, deu com os proprios olhos no lamentavel sepulchro.

Ainda que el-rei de Aragão levantou o cerco, mais que obrigado do luto do irmão, da resistencia da villa, e da mortandade do mal, porque o valor castelhano defendeu valorosamente a praça, e o mal contagioso offendeu mortalmente o exercito, el-rei D. Diniz, nem com a retirada de el-rei nem com a morte do cunhado, desistiu da empreza, e marchou com o exercito para Salamanca, aonde se lhe ajunctou D. Affonso de la Cerda, que se tinha jurado rei de Castella, assentaram ir cercar a el-rei D. Fer-

nando, que estava em Valladolid, porque com a prisão de sua pessoa se poria fim áquella guerra; e partindo ambos com este designio, passando juncto a Tordesilhas o Douro, chegando á villa de Simancas, mandaram propor á rainha D. Maria alguns partidos de conveniencia, porém ella, animada com a defensa da villa de Maiorga, com a retirada do exercito de Aragão, entendendo que ao filho não só o defendiam as armas mas as doenças, pois no exercito passado mais inimigos lhe matára o contagio do que o ferro, não deferiu a proposta, e se resolveu a experimentar a fortuna e defender a praça. Vendo el-rei D. Diniz esta animosa resolução, e que D. João Nunes de Lara, que era um dos mais animosos parciaes que tinha D. Affonso de la Cerda, e o infante D. João, tanto não era de parecer que se cercasse el-rei, que declarou que, se se lhe pozesse cerco se havia de ir do exercito, temendo que os outros ricos homens de Castella seguissem a mesma opinião, prevendo com militar prudencia que quando voltasse de Valladolid lhe podiam cortar o perigoso passo do Douro, tendo por melhor uma retirada segura que uma expugnação duvidosa, tornou a passar o rio, recolhendo-se a Portugal pela terra de Medina del Campo. D. Affonso de la Cerda voltou ao reino de Aragão, que era o seu asylo, o infante D. João á cidade de Leão, que tinha occupado, ambos com menores interesses do que tinham sido as esperanças, porque, ainda que se apoderaram de alguns logares e recolheram grandes despojos, nem D. Affonso poz o pé no throno, nem o infante poz a mão no sceptro. El-rei D. Diniz foi o que tirou a maior utilidade d'esta liga, porque quando voltou de Castella se apoderou com feliz permanencia da comarca de Riba Coa, e dilatando as suas armas as dicções do reino, ainda hoje logram seus successores este triumpho. Como aquellas terras eram do lusitano dominio encorporou-as Deos na portugueza coroa; porque o Senhor não quer que sejam de Israel as terras que tem dado a Esaú, quer que sejam dos descendentes de Lot as terras que deu a Lot para seus descendentes.

Animado el-rei com estes successos felizes, dispunha em seu real animo maiores progressos, com o pretexto de que el-rei de Castella não tinha satisfeito as promessas da Guarda, e ainda que as parcialidades em que se dividia a Hespanha lhe davam grandes esperanças de dilatar Portugal, porque o reino que se divide em facções em desolações se arruina, e nas ruinas castelhanas podia com maior segurança arvorar as portuguezas quinas. Aquellas divisões estranhas deram causa ás pretenções domesticas, porque o infante D. Affonso, irmão de el-rei D. Diniz, principe de insigne valor e de orgulhoso coração, entendeu que no tempo em que em Castella estava tudo perturbado era a sazão de estabelecer em Portugal o seu partido, e vendo que a occasião ordinariamente assegura a fortuna, por assegurar a fortuna não quiz perder a occasião.

Tinha o infante de D. Violante, filha do infante D. Manoel, um filho e quatro filhas, os quaes eram illegitimos, porque os paes, sendo muitas vezes parentes nos gráus prohibidos, se casaram, sem as dispensações pontificaes, e como as doações dos castellos e villas, que lhe fez seu pae, el-rei D. Affonso terceiro, tinham por clausulas que as não herdariam bastardos, e a Sé Apostolica lhe não quiz conceder nunca a dispensação pretendida sempre, vendo o infante que seus filhos, por sua morte, ficavam ao desemparo, tornando as doações á coroa, para evitar este damno pretendia que el-rei lhe concedesse a legitimação, para succederem na herança, dando não leves indicios de que se acostaria á parte de Castella, se se lhe não fizesse aquella graça. Divulgou-se na corte esta pretenção do infante, e como o povo discorre sem inteiras noticias, se dividia em diversas sentenças. O mesmo succedeo no conselho de el-rei, entendendo uns que elle devia amparar os sobrinhos, outros, que não podia dissipar os estados: nesta variedade de pareceres, julgando o infante que com o rogo empenhava a Sancta Rainha para o favor, lhe pediu que alcançasse de el-rei a legitimação; porém ella, ainda que era dotada de um animo generoso e de uma insigne charidade,

se desobrigou da intercessão com grande modestia, e igual prudencia, dizendo ao infante que, ainda que amava a seus filhos como tia, não podia consentir que se alheassem os bens da coroa, porque era obrigada, ainda que fosse á custa do seu sentimento, a depor o seu affecto particular, quando elle se encontrava com o publico bem. Quando Bersabè pediu a Salomão que casasse a Abisai com Adonias, não condescendeu o filho com o rogo da mãe, porque era em prejuizo do reino.

Vendo a Sancta Rainha que el-rei se inclinava a legitimar os filhos do infante, julgando que os proprios ficavam prejudicados, fez na real presenca, estado na cidade de Coimbra, um juridico protesto, de que se fez publica escriptura, na qual se declarava, que o infante lhe pedira intercedesse pela legitimação, e que ella recusara fazer aquella diligencia, porque pela experiencia tinha visto o damno que recebia o reino alheando-se aquelles castellos da coroa. O infante não tinha nelles algum direito, e a vontade de el-rei D. Affonso fora que na herança da doação não entrasse successão que não fosse legitima, e que alterar a sua vontade era em prejuizo da coroa, em cujo nome, e de seus proprios filhos protestava que em nenhuma fórma consentia na legitimação, de que havia de ser consequencia a herança. A este protesto respondeu el-rei que o seu animo era legitimar os filhos do infante, porque, se se lhe não fizesse esta graça, sem duvida se acostaria a el-rei de Castella, e metteria em alheio senhorio os logares que tinha no reino, e por evitar este damno lhe queria conceder aquelle favor, e para o futuro não faltaria remedio. E instou com a Sancta Rainha que quizesse concorrer com o seu beneplacito, porém ella fundada nas razões que tinha expendido, não querendo concorrer em acto algum equivocado, por entender que assim era justiça, persistiu na renitencia; porém el-rei, por não perturbar o reino com o temor da guerra, concedeu a legitimação, e contemporisou com o infante, porque os reis fazem por politica o que deixariam de fazer por outra causa. Porque David não estava esta-

belecido no sceptro, não deu o merecido castigo a Joab pelo injusto homicidio de Abner.

Os nossos escriptores magnificam nesta deliberação a heroica prudencia da Sancta Rainha; e ella é sem duvida um grande elogio de sua magestade e virtude; pois, tractando do bem da coroa, fallou ao infante com clareza, acção dignamente real, e verdadeiramente catholica, porque, ainda que a politica chama á equivocação industria, á fraude destreza, nem a magestade se equivocà, nem a virtude engana. E, ainda que a Sancta Rainha parecesse a si mesma contraria, pois quando os filhos illegitimos de el-rei eram tão seus favorecidos, parece que queria que os do infante ficassem desherdados, o intento não era impedir a herança, mas não defraudar a coroa, que os justos, inda que tractam dos interesses alheios não se obrigam a omittir os proprios. Tobias, que dava tantas esmolas, não deixava de cobrar suas dividas; antes cobrava suas dividas, para poder dar mais esmolas, e se repetiu o emprestimo, não foi por utilisar o lucro, mas por não defraudar o herdeiro.

Ainda que a Sancta Rainha se oppoz á graça que pretendia o infante, não se oppoz ao seu accomodamento, antes desejava que seus filhos não padecessem o desamparo, comtanto que o reino ficasse sem perigo, e nesta fórma mostrou a candida sinceridade que deve observar uma magestade catholica; que a virtude não impede a politica, e não é boa a politica que se não rege pela virtude. A sanctidade não implica com a prudencia, antes não ha prudencia sem sanctidade, e bem pode ser prudente Abigail, quem é Abigail christã.

Com este favor, que na contradicção da Sancta Rainha teve maiores circumstancias de grande, se acordou o infante com el-rei, e vendo-se elle livre d'esta perturbação começou com todo o calor a expedição da guerra; porém, como a omnipotencia divina não põe tempo em mudar a disposição humana, quando as armas portuguezas estavam quasi desembainhadas contra as castelhanas, as mãos que as empunharam guerreiras, se vieram a dar pacificas,

porque o Senhor dos exercitos deu meio para mais feliz concordia, quando se dispunha a mais bellicosa invasão, e como entre umas e outras armas andava na Sancta Rainha um pacifico Anjo na terra, as bandeiras que em signal de sangue se desenrolaram vermelhas, em signal de candidez se arvoraram brancas.

Estava neste tempo no serviço de el-rei D. Diniz D. João Affonso de Albuquerque, que por sua qualidade, e grandeza era um dos mais illustres e maiores Senhores que havia em Portugal e Castella; e como a Rainha D. Maria e elle desejassem o commum socego de um e outro reino, entendendo que era mais suave meio para a concordia o vincular do que derramar o sangue, procuraram que os militares estrondosos se trocassem em nupciaes contentamentos; e para este effeito teve D. João vistas com D. João Fernandes de Lima, pessoa de egual qualidade e não menor grandeza, o qual foi a Valladolid, onde estava a Rainha D. Maria, e como ella era prima segunda de D. João Affonso, D. João Affonso comparente de D. João Fernandes, promptamente se ajustou que se fizesse indissoluvel o vinculo, a cujo nó se tinha dado fausto principio, se o não cortara um e outro marcial golpe; e se contractaram os casamentos do principe D. Affonso de Portugal com a infanta D. Brites de Castella, e o de el-rei D. Fernando de Castella com a infanta D. Constança de Portugal, festejaram-se estas bodas compromettidas, com alegres demonstrações de ambas as coroas, porque as armas cançam aos que não enriquecem, e como são poucos os a que enriquecem, são muitos os a que cançam, e a quasi todos destroem, pois ainda os que logram das commodidades da paz, padecem as grandes incommodidades da guerra. Não havendo soberbo edificio nem humilde cabana a quem dê privilegio nem a soberba nem a humildade, ainda assi os bellicosos genios desejam as occasiões militares. David, que apascentava as ovelhas, se offereceu voluntario ás armas; porque matava os leões no monte quiz entrar em campo com o Gigante.

Sendo grande o contentamento d'esta concordia, a Sancta Rainha foi quem mais se alegrou com a paz, porque via dous reinos catholicos livres dos bellicos estragos, em que se comettem contra Deos tão graves delictos. E como a guerra é um dos grandes castigos do céo, julgou que o céo estava benigno para o reino, pois o livrara de um tam grande castigo; e para que aquella paz tivesse persistencia, pedia ao Senhor que fosse dadiva da sua mão; porque, se a concordia dos reis não é dom de Deos, mais que sociedade da paz, é deposito da guerra, e quando a guerra está depositada, é necessario que esteja armada a paz. Pacifico estava Salomão, mas no mesmo tempo que estava pacifico, não deixou de se mostrar guerreiro; tractou das fortificações, preveniu as armas, porque lhe não invadissem as cidades vendo-o sem armas e sem fortificações; assi quem o quizer imitar no governo, ha de fazer no reino, como prudente, o que elle fez em Bethoron, como sabio.

Depois que se fez este ajustamento, se partiu el-rei para Santarem a dispor as cousas do Algarve, Alem-Tejo e Extremadura, e em quanto esteve naquella villa, ficou a Sancta Rainha em Coimbra, sendo a sua virtuosa vida exemplo, e edificação daquella cidade. O tempo que lhe restava das reaes occupações gastava em romarias devotas; para que a devoção fosse penitente, visitava a pé as egrejas sagradas; para que fosse liberal, fazia aos sanctos magnificas offertas.

Ajustadas as cousas do reino, voltou el-rei a Coimbra, e com a Sancta Rainha partiu para os confins de Leão, aonde havia de vir el-rei D. Fernando de Castella, e levou a mais luzida e numerosa côrte que se tinha visto até áquella edade. Como as suas acções todas eram magnificas, e os vassallos vivem ao exemplo dos reis, todos imitaram a sua grandeza, não reparando no dispendio, por não faltarem ao decóro; e trocando as armas horriveis em vistosas galas, procuraram que os que até então os viram formidaveis na campanha, os vissem admiraveis na côrte. As estradas por onde passavam os reis mais pareciam festivos concursos, que caminhos desertos; os logares aonde assis-

tiam mais populosas cidades, que limitadas villas, porque era tanta a gente que concorria á fama d'aquella jornada, que parece que se despovoava o reino para se habitar o caminho. E ainda que a novidade deu occasião a tão grande concurso, a maior parte d'elle se atropellava para ver a Sancta Rainha, porque, como a sua insigne virtude lhe tinha dado sancta denominação, queriam ver uma creatura na vida, por quem Deos obrava tantas maravilhas na terra.

Chegaram os reis a Trancoso; e ainda que havia tanto que ver na côrte, aquella villa, de quem a Sancta Rainha era Senhora, só queria lograr a sua admiravel presença. E sendo que a sua benignidade não necessitava de ver os vassallos, para lhe pôr os olhos, porque a sua beneficencia escusava a vista, e lhe bastava a memoria, lembrando-se para remediar d'aquelles que não tinham logar para a ver; elles se davam por satisfeitos só com saberem que eram bem vistos, porque não deixavam de ser lembrados, e elevando-se a vista á devoção, pondo-lhe a Sancta Rainha os olhos, tinham para si que tão divinas luzes não podiam deixar de influir virtuosas inclinações.

De Trancoso passou a côrte de Portugal a Miranda, estando já em Alcanhises a de Castella, aonde dentro de breves dias com egual contentamento se ajunctaram ambas. Os nossos reis tiveram grande alegria de verem a el-rei e a infanta de Castella, porém foi muito maior a da Rainha D. Maria, vendo o infante e a infanta de Portugal, por meio dos quaes se ajustava a paz entre um e outro reino, e mutuamente tractaram os esposados como filhos. Só nelles se não viu nem o contentamento nem o embaraço, porque os poucos annos os livraram dos affectos e das perturbações das primeiras vistas. E finalmente na presença de uma e outra côrte se fizeram as capitulações da paz, porque os animos estavam dispostos para se alhanarem as duvidas, e a Sancta Rainha tudo facilitava com orações; como as suas não eram tepidas mas fervorosas, não desagradavam a suavidade dos aromas, ouviam-se até as vozes das pedras.

Nestas pazes interessaram muito ambos os reinos, porém mais Portugal que Castella, porque Castella conseguiu o socego, Portugal dilatou o dominio, resolvendo-se el-rei D. Fernando em largar as villas de Olivença, Campo maior e S. Felices, e tudo o que tinha perdido o anno antecedente em Riba Coa; porque, como cirurgião destro, tractando o corpo politico como o vivente, não duvidou cortar pelas extremidades da coroa, por conservar aos alentos da monarchia.

Ajustadas as pazes se fizeram os desposorios, e porque aquelles principes tinham multiplicados parentescos, se fez logo supplica á sé apostolica, para que se concedesse a dispensação, para que os poucos annos dos contrahentes davam largos termos. Celebrados os desposorios se despediram as côrtes. E como não ha gosto humano para prova de que todo é caduco, em que se não confunda com o pezar o contentamento, a alegria acabou em ausencia, porque os reis de Portugal se apartaram de uma filha, a rainha de Castella ficou sem outra; e ainda que cada uma podia alliviar a ausencia de cada qual, os affectos da natureza não deixam alliviar os sentimentos da saudade. Com a infanta D. Constança ficou sua aia D. Betaça; á infanta D. Brites se não deu casa, por ser naquelle tempo muito menina. A Rainha Sancta tomou á sua conta a sua educação, e como de mãe substituia o logar, não faltou a algum encargo do logar que substituia. Contou-se Nathan entre os filhos de Isai, porque elle o criou como filho; e como se transfundem nas filhas os costumes das mães, criou a Sancta Rainha a adolescente infanta entre a magestade com tanta virtude, que realçou com a virtude a magestade, de que resultou accrescentar-lhe Deos os galardões, porque o Senhor se paga tanto da boa educação dos filhos, que a remunera com larga beneficencia aos paes. Fez a Abrahão tão numerosos favores, porque criou os filhos nos divinos preceitos.

Pouco tempo se tinha passado depois de os reis chegarem de Castella, quando veiu para Portugal D. Pedro de Ara-

gão, meio irmão da Sancta Rainha, filho de el-rei D. Pedro e de D. Ignez Çapata, Dama illustre d'aquelle reinó, a quem el-rei dera a cidade de Albarasim para ella e seus successores; e como as forças da conveniencia rompem os vinculos da natureza, porque são mais poderosas as razões de estado, que as do parentesco; sendo D. João Nunes de Lara pretensor d'aquella cidade, lhe mandou pedir que lhe fizesse d'ella entrega, e el-rei por lhe ganhar a vontade, persuadiu a D. Ignez que a largasse na sua mão, e lhe daria egual recompensa; e não podendo ella resistir ao rogo, que o poder fazia preceito, largou a cidade. Porém não conseguiu a satisfação, e vendo-se o filho despojado na mãe, se veiu valer da grândeza do cunhado e da piedade da irmã, e de ambos experimentou a piedade e a grandeza, porque nem el-rei faltava aos lanços de magnifico, nem a Rainha ás virtudes de Sancta.

Durava a liga, que el-rei D. Jaime de Aragão, o infante D. João de Castella, D. João Nunes de Lara com os mal contentes tinham feito contra el-rei D. Fernando, e determinaram continuar contra elle a guerra. E vendo sua mãe, a rainha D. Maria o damno que ameaçava o reino, mandou em nome do filho e dos povos que estavam junctos em côrtes, pedir a el-rei D. Diniz soccorro para a defesa. Recebeu el-rei os embaixadores com todo o agrado, e os despediu com a promessa de que para o S. João estaria em Castella com o maior poder que se podesse ajunctar em Portugal. Com esta nova entrou a rainha D. Maria em grandes esperanças pelos já experimentados progressos das armas portuguezas; porém não foram correspondentes os effeitos, porque ainda que el-rei não faltou ás promessas, as suas armas que por valerosas eram invenciveis, por politicas estiveram ociosas.

Chegou el-rei á cidade da Guarda no tempo prescripto com grande parte do exercito; porém, como para se ajunctarem as tropas eram necessarios mais dias, deteve-se algum tempo, primeiro que sahisse á campanha, e a Sancta Rainha ficou em a villa do Sabugal, para d'aquella fronteira

dar expedição a tudo o que fosse conveniente para a guerra; e nesta occurrencia não faltou o seu insigne talento em cousa alguma que dependesse do valor, da prudencia, da industria e da actividade, mostrando ao mundo que quem sabia orar como Judith, tambem podia militar como Debora.

Estavam já a rainha D. Maria, el-rei D. Fernando e a infanta D. Constança em Ciudad Rodrigo, e como a distancia era tão pouca, lhe mandou pedir a Sancta Rainha, que se vissem em alguma parte, e havendo em ambas o mesmo desejo e alvoroço, se avistaram em Fonteguinaldo, logar da dição castelhana, tendo uma e outra Rainha o gosto de cada qual ver as filhas e os genros, em quem cresciam com as edades as esperanças, em razão de suas boas indoles e dos sanctos e reaes dictames, em que os criava uma Rainha dotada de muitas virtudes, e outra que não havia virtude de que não fosse dotada. Concorreu áquelle logar muita gente de uma e outra coroa, para verem as duas Rainhas mais celebres, que naquella edade havia em toda a Europa, e não podendo menos a vista do que a fama, se a de Castella foi admirada, foi venerada a de Portugal. Dous dias duraram estas vistas, e no fim d'elles se despediram as Rainhas, e como elles foram faustos para um e outro reino, para que o tempo os não perdesse da memoria, ambos se contaram com pedra branca, e cada qual d'ellas ficou por padrão da boa fortuna.

Juncto o exercito, entrou el-rei D. Diniz em Castella, e tanto que o infante D. João soube que elle estava na campanha, temendo que os progressos das armas portuguezas lhe desvaneceriam os intentos com as victorias, mandou por Rodrigo Alvares Osorio representar-lhe as causas que tinha para se não oppôr, antes favorecer as suas pretenções, e chegando este cavalleiro á real presença, foi fama que em nome do infante fallou na seguinte fórma:

Que presente era a sua alteza, que o infante D. João estava pacifico possuidor do reino de Galliza, e apoderado de alguns povos do de Leão, e que um e outro reino dispozera el-rei D. Affonso o Sabio, seu pae, que andassem

divididos do de Castella, que o infante D. João era filho legitimo do mesmo rei, e el-rei D. Fernando, neto não legitimado, que se este era primo e genro de sua alteza, o infante era tio de ambos, e que o parentesco que obrigava a defender a um, obrigava a não destruir o outro, principalmente quando d'este favor se seguiria ter um rei visinho obrigado, outro menos poderoso, e que enfraquecer os confinantes era a conveniencia que sempre procuraram os maiores politicos, que quando o infante D. João rei de Gallisa, podia seu filho casar com a filha do infante D. Affonso irmão de sua alteza, e sendo ella Rainha, accommodar as outras irmãs em alguns estados d'aquelle reino, com o que de Portugal ficava desobrigado de um grande encargo, e livre de não menor receio; que vendo o infante que elle punha a coroa na cabeça de uma sua filha, e que esta podia ser amparo das outras, não suscitaria as guerras, para que tantas vezes tinha vestido as armas com grandes interesses, pois não alcançando as victorias, sempre tirava conveniencias, que sua alteza não podia temer, que se lhe notasse entrar em Castella em favor de el-rei D. Fernando, e em vez de lhe accrescentar os estados, dividir-lhe os reinos, antes seria acção gloriosa para sua fama, obrar um acto de tanta justiça, como era estabelecer o infante D. João em um reino, tendo elle direito para pretender outros, qne quando sua alteza não quizesse fazer rei de Galliza, podia ganhar para si aquella corôa, assim pela renuncia que o infante lhe faria de seu direito, como pelo que sua alteza tinha ás de Leão, e Castella pela Rainha D. Thereza filha mais velha de el-rei D. Affonso Sexto, que aquelle triumpho seria mui facil ao seu exercito, mui util ao seu estado, e era contra a politica empregar as suas armas no alheio soccorro, quando com ellas podia dilatar o proprio Imperio, e que accrescentando sua alteza aquella conquista á propria coroa, a podia deixar ao infante em sua vida, e acceitando-a elle da sua mão, viviria obrigado á sua grandeza, como quem lhe era devedor de sua fortuna.

Estas razões de Rodrigo Alvares Osorio foram primeiro occultamente discutidas, depois manifestamente propostas, e uns as julgaram por justas, outros por apparentes, e entendendo el-rei que era melhor o bom nome, que o maior estado, não quiz infamar as suas armas, com procurar para si as victorias, porque o despojo do genro seria mais que gloria, affronta do triumpho; em razão do que se resolveu a defender-lhe a coroa, e favorecer o tio na pretenção, porque dividindo-se o reino de Galliza do de Castella, ficava esta menos poderosa, Portugal quasi dominante; julgando por maior conveniencia ter os reinos visinhos divididos, que uma filha rainha de maiores estados.

Nesta occasião, se obrou muito a prudencia da rainha D. Maria, muito mais importou a piedade da Rainha Sancta, com o que as cousas do estado presente se reduziram á melhor fórma que podiam tomar naquella occorrencia, que quando se não pode conseguir o melhor, o menor mal fica na graduação de grande bem, e basta evitar o damno, quando se não pode adquirir o lucro: como el-rei D. Diniz estava com animo de favorecer o infante D. João, e o não podia fazer sem intervenção do infante D. Henrique, teve com elle na cidade de Touro diversas practicas sobre esta negociação, e não se occultando ellas á Rainha D. Maria instava com el-rei, que pois viera em soccorro do filho, empregasse a seu favor o exercito; porém, como el-rei estava determinado em não fazer damno ao infante, se offereceu para ir cercar o Castello da Mota, entendendo que a Rainha não acceitaria a offerta, por ser de pouca importancia a conquista; porém ella, julgando que se el-rei desembainhasse as armas, podia empenhar-se nas empresas, acceitou o offerecimento, e foi com el-rei no exercito; e como elle poz o cerco ao castello, mais por contemporisar que por vencer, não apertava os combates e continuava os tractados, até que ultimamente disse á Rainha que no estado presente lhe parecia grande conveniencia largar ao infante D. João o reino de Galliza, porque assim se estabeleceria el-rei D. Fernando nos de Leão e

Castella. Como a Rainha não era d'este parecer, remetteu aos povos a resolução, dizendo que sem o seu voto se não podia alienar um reino; e secretamente com a industria do infante D. Henrique persuadiu aos procuradores que não consentissem na separação, porque era em perda e com injuria da coroa, e qualquer d'estas razões bastava para a repulsa, porque os que amam mais a fama que a vida, antes querem perder a vida que a fama. Por não fazer execraveis os veneraveis annos, de que se tinha feito digno por suas insignes virtudes padeceu Eleasaro, por observancia dos patrios ritos, uma honesta morte, entre cruelissimas dores; antes quiz morrer de crueldade que infamar a velhice, padecer o martyrio que viver com descredito.

Feita esta negociação se ajunctaram os procuradores dos povos em uma tenda, onde el-rei lhes fez a practica, persuadindo-os que era conveniencia de el-rei largar o reino de Galliza ao infante; porém elles, tendo por mais glorioso o morrer na defesa que consentir na alienação, recusaram com resoluta liberdade a real proposta; e como el-rei estava declarado a favor do infante, sentido da resolução dos povos, levantou o cerco, com o pretexto de que não havia de procurar o damno a quem promettera o patrocinio; e mostrando as suas armas, que sendo formidáveis, não queriam ser vencedoras, se despediu da rainha de Castella, e se veiu para o Sabugal, aonde ficára a Rainha Sancta. Teve ella grande pezar de que el-rei voltasse desgostado, porque o desgosto podia ser motivo de novo rompimento; e como o seu desejo era o socego publico, pedia a Deos que nos seus dias désse a paz ao reino, porque se lhe não fizesse tanto desserviço; assim o seu intento era evitar o damno, não lograr o ocio, que quem tracta de lograr o ocio, não de evitar o damno, dispõe o estrago, introduzindo o luxo. Porque Ezechias fez ostentação dos thesouros, se perderam os thesouros de que fez ostentação: a jactancia fez com que fosse em Babylonia despojo, o que em Jerusalem foi excesso.

Depois que el-rei veiu de Castella, se confederou com D. Fernando Rodrigues de Castro, illustre e poderoso senhor do reino de Galliza, para fazerem guerra a el-rei D. Fernando; porém não foi com grande empenho, porque assim como não quiz offender o tio, não quiz offender o genro, e por contemporisar com ambas as partes, ameaçando os golpes, suspendia as feridas. Como não era viva esta guerra, tinha mais logar de tractar das cousas da paz; e porque a Sancta Rainha no presente anno e no passado fizera nas jornadas grandes despesas, lhe deu não em satisfação do dispendio, mas em penhor do agrado, a quinta da Fandega da fé no termo de Torres Vedras; e ainda que neste tempo pareça pouca dadiva para a fazer uma magestade tão magnifica a outra tão benemerita, a vaidade presente que faz parecer pouquidade o que então era grandeza não poude fazer que então não fosse grandeza o que agora se reputa pouquidade. Dignos dons levou Eliezer a Rebeca de mandado de Abrahão, e não montavam mais que dez siclos os dons que Abrahão mandou a Rebeca por Eliezer.

Neste mesmo tempo nomeou el-rei a Sancta Rainha para tutora de seus filhos bastardos, Affonso Sanches, Pedro Affonso, D. Pedro e Fernão Sanches, para que, se ella o vencesse em annos, administrasse seus bens ou lhes desse tutores, e lhes podesse tirar as heranças, se elles lhe fizessem alguns desserviços ou ao infante D. Affonso seu filho herdeiro, e ella acceitou a tutoria com grandes demonstrações de benevolencia. Como não tinha que despir a mulher antiga, e sempre fora uma alma sancta, em vez de aborrecer com novercal odio os enteados, os estimou com maternal amor como filhos; se sentia o aggravo como christã, desprezava-o como mulher, porque, perdendo as paixões femenís, apurava as virtudes catholicas. Quando Anna improperava a Tobias, não sentia Tobias que Anna o improperasse, sentia que Deos se offendesse.

Como o bem se consegue pela visinhança do bem, que se o mal tem contagio que se pega, a virtude tem luz que

se communica; e se os perversos fazem perversos, os sanctos tambem fazem sanctos. Rezando a Sancta Rainha desde a edade adolescente o Officio Divino, com este sancto exemplo, estando el-rei em Lisboa, ordenou que na capella de S. Miguel dos Paços do Castello, nos da Alcaçova de Santarem, e na egreja de S. Niculo da Villa da Beira, ainda estando ausentes as magestades se dissessem missas quotidianas, e se rezassem as horas canonicas, instituindo que até nas quintas de recreação se fizessem suffragios pelos reis defunctos; os tempos ou os descuidos (que a culpa dos descuidos sempre se impõem ao decurso dos tempos) extinguiram em muitas partes estas virtuosas obras, porque os vivos facilmente perdem a memoria dos mortos, sendo que os mortos nunca haviam de sahir da memoria dos vivos, agradecendo-se ás almas o que se não pode agradecer ás pessoas. As felicidades que se logram nesta vida fazem esquecer das penas que se padecem na outra. Em quanto os filhos de Jacob tiveram que comer em Chanaan, não se lembraram da má vida que Simeão passava no Egypto.

Digna é a memoria de el-rei D. Diniz de insignes elogios, por ser o primeiro que nos paços reaes instituiu capellas permanentes, em que se dessem a Deos continuos louvores, e se o instrumento não obra sem o braço, sendo de el-rei este lance, da Sancta Rainha foi o impulso, com o que, se elle foi executor de tão religiosa obra, ella foi cooperadora de instituição tão sancta. E supposto que os reis se applicavam nesta fórma ao serviço de Deos, não deixou o Senhor de provar neste tempo a sua virtude, dando-lhe occasiões em que exercitar a paciencia, e nem pelos provar deixava de os favorecer, porque é certo que quer favorecer aos mesmos que quer provar. O fogo do crisol tão longe está de reduzir a cinza o ouro, que os incendios com que o abraza, são quilates em que o apura, e quanto são maiores os ardores, tanto são maiores os luzimentos. Abrahão que foi repetidamente provado foi successivamente favorecido.

Conhecendo o infante D. Affonso que el-rei D. Fernando

ficara descontente, porque o exercito portuguez com que el-rei D. Diniz entrara em Castella em seu soccorro se recolhera a Portugal, sem algum triumpho, e que o infante D. João não ficara herdado no reino de Galliza, de que esperava uma grande conveniencia, se resolveu terceira vez a tomar as armas, quando não para conseguir os triumphos, para accrescentar os melhoramentos. E dos castellos de que tinha o dominio, começou a fazer hostilidades no reino, e el-rei o foi cercar na villa de Portalegre, que era a praça principal onde lhe fazia a guerra, e entendendo que esta seria mais perigosa, não só dispoz o que era necessario para o cerco, mas tambem o que era conveniente para o espirito; havendo de pelejar, dispoz-se para morrer, que como era tão religioso, não tinha por descredito do valor a preparação para a morte; sendo certo que a preparação para a morte é o maior credito do valor; ó não ser christão, não é ser valente, ser christão não é ser covarde, antes os impios são sempre os timidos, porque fogem sem que os persigam; os timoratos são os valorosos, porque têm os braços de Deos que os ajudam: como pode esperar sahir de uma batalha victorioso dos homens, quem entra em uma batalha inimigo de Deos? Perderam os Israelitas uma victoria, porque Achan commetteu contra Deos uma offensa; os que derrubaram os muros de Jericó sem machinas, deram em Hai aos inimigos as costas.

Sendo o testamento a acção quasi de todos feita, de poucos acertada, o que el-rei fez nesta occasião foi um insigne testemunho de sua religiosa prudencia; como dispunha livre das ancias e das agonias, todas as disposições foram prudentes e piedosas. Vendo que a Sancta Rainha era dotada de tantas virtudes, e lograva de Deos tantos favores, ordenou que, se o Senhor pozesse termo á sua vida, ella ficasse por tutora de el-rei seu filho, e em quanto elle não tivesse edade, governasse o reino: feito o testamento partiu para a provincia do Alemtejo, e em quinze de maio poz cerco á villa de Portalegre, o qual durou até dezeseis do mez de outubro, na porfia da expunação e na constan-

cia da defesa; pelejando contra si mesma a nação mais valerosa, sem duvida se obrariam grandes proezas indecorosas aos sitiados, gloriosas aos sitiadores, porque as armas que injustamente se esgrimem, indecentemente se mancham; as que justamente pelejam, gloriosamente resplandecem. Apertando el-rei o cerco se entregou a praça a partido, dando-se ao infante pelas villas de Portalegre e Marvão as de Ourem e Cintra, cujos rendimentos eram dobrados. Tres vezes o poz el-rei de cerco, a primeira na villa de Vide, a segunda na de Arronches, a terceira na de Portalegre, e não houve alguma em que elle não experimentasse o favor da Sancta Rainha. Na primeira occasião, estando ainda em Aragão, influiu nos irmãos a concordia, na segunda, estando em Badajoz, ajustou entre ambos a paz; na terceira, sendo de el-rei o triumpho, fez com que não fosse seu o despojo; como estimava mais a paz, do que a victoria, não quiz que da victoria se tirasse mais utilidade do que a paz.

Multiplicando a Sancta Rainha os merecimentos, repetia el-rei as gratificações, e concluida esta concordia, lhe deu o senhorio da villa de Leiria, a qual ella ennobreceu, não só com ser senhora d'aquelles vassallos, (que quanto maior é a dignidade de quem impera, tanto maior é a honra de quem obedece) mas pela magnificencia com que augmentou o castello, e como ella e el-rei seu marido tinham grande gosto de habitarem naquella villa, que hoje é episcopal cidade, ennobrecendo-a com sua presença, mandaram fazer nella a torre que chamam da homenagem, os paços que estavam juncto aos que hoje são episcopaes em que se incluia a egreja de S. Simão, outros no sitio por baixo da Regueira de Pontes, outros na Povoa de Monreal. Nestes logares viveu a Sancta Rainha alguns annos; a Monreal fez el-rei villa, e deu grandes isenções aos moradores, em ordem a abrirem o Reguengo, e como a Sancta Rainha era tão agradavel e tão humilde, muitas vezes com um bordão na mão sahia com as suas damas do paço, e ia aonde os homens andavam trabalhando nas vallas do campo que se

abriam naquelle tempo, e dando-lhes dinheiro os animava ao trabalho, dizendo-lhes que trabalhassem para si e para seus successores; aos pobres fazia muitas esmolas, aos moradores tractava como a visinhos, e em quanto duraram as obras fez naquelles logares assistencias. Abrindo-se um poço no campo, que se chamou da Sancta Rainha, se fez nativa a agua tão admiravel, que corre mais no verão que no inverno, e algumas mulheres a quem falta o formento supprem o defeito d'elle com a lançarem na massa; outras se valem de seus cristaes para remedio de suas enfermidades, com tão miraculoso successo, que, tendo a fonte effeitos da piscina probatica, affirmam os enfermos que bebem nella a saude, porque um anjo lhes fez nativa a agua.

É tradição muito antiga que os mesmos reis deram á egreja de S. Simão as reliquias que hoje fazem um sanctuario a sé cathedral d'aquella cidade, tão admiraveis que entre ellas se acha o sacratissimo leite da Virgem Maria Nossa Senhora, parte de seus vestidos, de seus cabellos e toucados, parte da vestidura de Christo Senhor Nosso, da Sagrada Cruz em que foi crucificado, do lençol em que foi involto, terra e pedra da sepultura em que foi mettido, da columna em que foi atado, da esponja por que lhe deram o vinagre e fel amargoso, do pão da ceia que teve com seus sagrados discipulos, um espinho da corôa com que foi coroado, parte de um osso do Martyr S. Vicente, dos que miraculosamente foram transferidos de Marrocos para Sancta Cruz de Coimbra, do habito e cordão de Sancto Antonio de Lisboa, cabellos de S. Francisco de Assis, um pedaço da queixada com um dente de S. Braz, algumas reliquias dos Sanctos Innocentes, de S. Gerardo, S. Bartholomeu, S. Mauricio, S. Hilario, S. Desiderio, S. Veranio bispo, dos apostolos S. Pedro e S. André, parte da Cruz d'este, da mitra d'aquelle, uma reliquia de Sancta Maria Magdalena, um osso de Sancta Catharina, um pedaço da costa de Sancta Agueda, um dente de Sancta Apolonia, um retalho do véo de Sancta Clara, vestidos de Sancta Constancia, de Sancta Anna Prophetisa, um involtorio de

panno de linho cosido do volume de um dedo, e por fóra escriptas em pergaminho as palavras: *De ligno quod tenuit Dominus in quarentena, et benedixit;* um pelouro de cêra da grandeza de uma laranja, sem titulo ou signal algum de abertura, sellado por cima com cêra vermelha, o qual se affirma que a Rainha D. Leonor mulher de El-Rei D. Duarte mandou abrir para o ver, e o fez outra vez cerrar, sellando com o sello de suas armas. Todas estas reliquias estão em relicarios com vidraças decentes, e se acham outras ambulas e bocetas sem titulos, que se julga serem dos mesmos thesouros; e como a egreja de S. Simão se arrazou no tempo do bispo D. Frei Antonio de Sancta Maria, todos se guardam e veneram na sé cathedral d'aquella cidade e nos paços de Monreal, mandou o bispo D. Affonso Mexia fazer uma ermida da invocação da Rainha Sancta, na qual se erigiu uma confraria, e dizem as memorias que no seu dia se faz com grande solemnidade a sua festa, e razão é que as festas se celebrem com todas as solemnidades, mas é necessario distinguir as que agradam a Deos, ou as de que Deos se aborrece; as que são para o culto divino, vêem-se com agrado, as que são para o divertimento profano, castigam-se com aborrecimento. Castigou Deos a Achan, porque metteu no tabernaculo, que significa o templo, a Anathema de Jericó, que significa o mundo; não quer o Senhor a Jericó no tabernaculo, não quer que o mundo entre das portas a dentro do templo.

Assim como a Sancta Rainha ajustou el-rei com o infante seu irmão, procurou que as armas portuguezas não inquietassem as praças castelhanas, e que el-rei mandasse embaixadores a el-rei D. Fernando, de que resultou verem-se estas magestades na cidade de Palencia, onde se ratificaram as pazes, e como as inquietações antecedentes alteraram os casamentos propostos, naquellas vistas se confirmaram os antigos tractados, encarregando-se el-rei D. Fernando de fazer os dispendios das dispensações, de que a Sancta Rainha recebeu grande consolação, porque, como tinha pela maior perda o lucro do mundo, com o menor

detrimento da alma, antes desejava perder todos os interesses da coroa, que gravar com alguns encargos a consciencia, que onde a religião precede á politica não se repara no damno com tanto que se remova o escrupulo; até a morte se despresa, porque a culpa se não commetta. Por Nabot não faltar á observancia da lei, não reparou em ser morto pelo odio de Acab.

Como o Senhor prosperava os sanctos desejos d'esta Rainha Sancta, dispoz a Providencia Divina que na curia romana se facilitasse uma e outra dispensação. Succedeu confederar-se o Summo Pontifice Bonifacio oitavo com el-rei D. Jayme de Aragão, irmão da Sancta Rainha, e fazer que a infanta D. Violante, irmã da mesma, casasse com Roberto duque de Calabria, em ordem a fazer opposição a D. Fradique, rei de Sicilia. Para este effeito foram el-rei e a infanta com sua mãe, a rainha D. Constança, a Roma, onde receberam do summo pontifice memoraveis favores. Vendo os nossos reis a occasião opportuna para conseguirem a pretendida graça, escreveram áquelles principes que interpozessem com o summo pontifice os seus rogos. Como o interesse era commum, fizeram elles toda a diligencia e ultimamente por evitar as discordias que se podiam suscitar entre os reinos, dispensou sua sanctidade nos multiplicados parentescos, e d'esta pontificia graça recebeu a Sancta Rainha espiritual alegria, porque, como vivia com Deos, só se alegrava em o Senhor, e espiritualisando os bens temporaes, se os não eximia de caducos, os utilisava para eternos, porque sem os bens do espirito não se podem lograr os do seculo; não tem subsistencia os do seculo, se não tem fundamento nos do espirito. Disse o Senhor que a quem procurasse o reino do céo se lhe ajunctariam as commodidades da terra, porque não pode lograr as commodidades da terra quem não procura primeiro o reino do céo.

Como na vida humana são mais os pezares que os contentamentos, e não ha dia que seja inteiramente alegre, havendo muitos inteiramente tristes, porque a providencia que procura, para nosso bem, o nosso desengano, faz que

os sentimentos do lucto occupem os fins do gosto, á alegria que a Sancta Rainha recebeu da dispensação dos filhos se seguiu a morte da mãe e da irmã, fallecendo a rainha D. Constança e a duqueza de Calabria. De uma e outra perda teve a Sancta Rainha a magoa de que não pode escusar-se a natureza; mas, se padecia como irmã e como filha, soffria como mulher forte e valorosa, e entre as lagrimas de saudosa tinha as conformidades de christã, que lamentar as perdas humanas não é dessentir as disposições divinas. José, que chorou muitos dias a morte de Jacob, não deixou de se conformar sempre com a vontade de Deos.

Sendo este anno luctuoso para a Sancta Rainha com uma e outra morte, o Senhor, que assim como prova os justos com os infortunios, os premeia com os favores, seguindo-se ás miserias que Job sentiu as felicidades que Deos lhe concedeu, quiz que se alliviasse tanto lucto com o recebimento da infanta D. Constança, cujo casamento esteve alterado com a guerra, e de presente o estava tambem com a paz, porque a rainha D. Maria de Castella procurava por todos os meios da industria que se moderassem os contractos de Alcanisses, em que Portugal estendia o dominio, e Castella diminuia o imperio, porque tinha por indecoro da magestade do filho, e por menoscabo da gloria do reino casar com uma infanta, que não só não levava dote, mas diminuia o estado. Tendo el-rei D. Diniz esta noticia, mandou por embaixadores a Castella ao conde de Barcellos D. João Affonso, que já tinha dado principio aos tractados do casamento, para que elles tivessem effeito. Como el-rei era tão grande politico, applicou á conclusão d'aquelle negocio quem lhe tinha dado principio, porque ordinariamente cada um se empenha, a que o que aconselha se consiga, cada qual procura que se não consiga o que não aconselha, Joab não contou a Tribu de Benjamim, porque David contou o povo contra o seu arbitrio; Achitophel offereceu-se a Absalão para seguir a

David com o exercito, porque lhe tinha dado aquelle conselho.

Chegado o conde D. João a Castella, obrou tanto a sua auctoridade, que o infante D. João, e D. João Nunez de Lara (que de emulos de el-rei tinham passado a serem seus validos) o persuadiram a que sem algum reparo, effectuasse o casamento; porque na liga, que contra elle fazia Aragão, e nas guerras civis de Castella, só podia achar soccorro em Portugal. Persuadido el-rei d'esta conveniencia (não tendo com elle auctoridade a mãe, porque os validos por engrandecerem o poder, o tinham tirado da sua subordinação), celebrou o matrimonio com a infanta com grande gosto de el-rei D. Diniz, porque com o augmento de Portugal fazia uma filha rainha de Castella, e a Sancta Rainha, que sempre attendia mais ás cousas do céo que ás conveniencias do mundo, dando graças a Deos de ver concluido o casamento, pedia ao Senhor enchesse os filhos de bençãos para que lhe fizessem grandes serviços; que os successores não se hão de desejar só para as reaes heranças, mas para que façam proezas catholicas; não só para que imperem os homens, mas para que sirvam a Deos, e se elles se empregam no serviço de Deos, Deos lhe dá o imperio dos homens. Anna não pediu a Deos filho para ser seu herdeiro, mas para que o servisse no templo, e porque elle serviu o Senhor no templo, ordenou o Senhor que elle governasse o povo.

Estava neste tempo a côrte em Santarem, e como o exemplo da Sancta Rainha, juncto com a propria magnificencia, persuadiam el-rei a fazer obras pias, e liberaes, representando-lhe os do governo d'aquella insigne villa que o hospital de S. Lazaro estava em parte prejudicial aos moradores pelo contagio dos enfermos, e pedindo-lhe que o mandasse mudar para um olival, onde o povo ficasse livre da infecção, foi el-rei a elle, e ordenando que se chamasse o dono, para se ajustar o preço, e não vindo por estar ausente, dispôz que se fizesse a avaliação, e deu o

dinheiro para a compra; como aquella acção era de piedade, e não de appetite, não tomou como Acab, a vinha de Nabot, comprou, como David, o campo ao Jebuseu.

Nesta acção se applaude a christandade, a justiça, a economica de el-rei, remediando os enfermos, pagando o campo ao dono, evitando ao povo o damno: assim como ha homens que em um commettem muitos crimes, ha outros que em uma acção exercitam muitas virtudes, porque não é menos largo o campo da gloria que o da ignominia; sendo milicia a nossa vida, é culpa de nossa inclinação militarmos para a nossa infamia, podendo militar para a nossa fama. Grande foi a que conseguiu el-rei nesta acção; porém, como ella foi persuadida do exemplo da Sancta Rainha, ao seu exemplo se deve grande parte d'esta gloria. Se o conselho do delicto é delicto, a persuasão da virtude é virtude; assim nas acções heroicas não só merecem elogios aquelles que as executam, tambem merecem os que as persuadem. Se Salomão conseguiu grande gloria por edificar o templo, tambem David conseguiu grande fama, porque persuadiu a sua edificação.

Perdendo a rainha D. Maria a real auctoridade que a sua prudencia tinha no governo de el-rei D. Fernando, sentindo o infante D. Henrique que el-rei fizesse arbitros da corôa, os que lha quizeram tirar da cabeça, descontentes D. João Manuel, que era um dos maiores senhores que então havia em Hespanha, e D. Diogo Lopes de Haro, senhor de Biscaia, com outros senhores seus parciaes de que fossem dispenseiros dos favores de el-rei os que haviam sido inimigos do reino, renovaram a antiga pretenção de D. Affonso de Lacerda, jurando de o fazerem rei de Castella, e com esta promessa offerecendo ao de Aragão para que seguisse a sua parcialidade, a demissão do reino de Murcia, foi D. Affonso solicitar soccorro a França, em razão do que veiu o infante D. João a Portugal da parte de el-rei D. Fernando e ajustou que a portugueza e castelhana magestade, se vissem na cidade de Badajoz, para que os communs interesses de ambas as corôas se ajus-

tassem nas reaes presenças com mais decorosas seguranças. Chegado o tempo prescripto para estas vistas, foi el-rei com a Sancta Rainha á cidade destinada, onde se junctaram na mesma occasião a rainha D. Brites, a infanta D. Branca, mãe e irmã de el-rei, o infante D. Affonso, seu filho herdeiro, e sua futura esposa a infanta D. Brites; e sendo celebre e festivo aquelle congresso, por ser de tantas pessoas reaes, no sangue tão conjunctas, todos julgaram que haviam de ser faustas aquellas vistas em graça d'uma Rainha Sancta, que, tendo a conversação no céo, procurava que Deos désse a paz á terra.

Ajunctaram-se ambos os reis em conferencia, e com elles o infante D. Affonso herdeiro, e os ricos homens de uma e outra corôa, e considerando-se o perigo da de Castella com a repetida pretenção do D. Affonso, com a nova liga do infante D. Henrique, se offereceu el-rei D. Diniz a ser com todo o seu poder, e a sua propria pessoa em defesa da corôa castelhana, e porque el-rei D. Fernando, com as contínuas guerras, tinha exhaustos os reaes thesouros, lhe deu, com uma copa de esmeralda, um milhão de maravedis, que tudo importava em sessenta e seis mil cruzados, que naquella edade, em que o dinheiro era pouco, era dadiva grande: os auctores castelhanos attribuem esta generosa acção de el-rei á persuasão da Sancta Rainha; mas sendo elle de animo tão liberal, vendo o genro com os cabedaes exhaustos, não necessitava de rogos para lhe assistir com os thesouros, quando para seu soccorro se punha a vestir as armas. Sem duvida que a Rainha Sancta interveiu em tão generoso lance, e os castelhanos o attribuem só ao seu animo; porém, quando imputaram a el-rei a difficuldade do conceder, dando á Rainha Sancta a gloria de persuadir, de nenhuma maneira lhe diminuem a elle a fama, porque os bens e os males dos consortes são entre elles communicaveis. Dizendo Deos só a Adão que não comesse da arvore do bem e do mal, disse Eva á serpente que Deos lhes mandara que não comessem da arvore do mal e do bem.

Concluido este tractado, se despediram os reis, rainhas, e infantes com maiores obrigações de amor, que se augmentaram nos logros da communicação; e ella fez mais sentida a saudade, porque os gostos da vida sempre acabam com os pezares da perda, e como se não perde sem pena o que com alegria se logra, estes principes, que com alegria se viram, com pena se apartaram, e dos humanos sentimentos fazia a rainha maiores desenganos para desprezar os bens caducos e procurar os eternos; como a ausencia se compara á morte, tomava os desenganos da morte, quando sentia os apartamentos da auzencia; e nestes mortaes desenganos lhe fazia Deos conhecidos favores. O mandar o Senhor a um corvo que levasse a Elias o pão foi duplicar-lhe o favor; porque no mesmo tempo que com o pão lhe alimentava a vida lhe lembrasse o corvo a sepultura.

Neste tempo tinha el-rei de Aragão mandado embaixadores a Portugal, com os quaes se ajustaram tregoas por tempo de um anno, incluindo-se nellas D. Affonso de Lacerda, e quando voltaram com a nova d'este ajustamento, acabava el-rei D. Jaime de acceitar as propostas que o infante D. Henrique e os mais colligados lhe fizeram a favor do mesmo D. Affonso em odio de el-rei D. Fernando. Com esta noticia ficou o de Aragão confuso, porque, tendo el-rei de Portugal feito com elle tregoa, e promettido ao de Castella soccorrel-o em pessoa, mal podia fazer guerra a um sem quebrar tregoa a outro, e quando lha fizesse, achando em opposição das Aragonezas o valor das portuguezas armas, mais podia temer os despojos do que esperar os triumphos, e vendo entre estas razões, que mais eram de temores que de esperanças, que estava obrigado a dar alguma satisfação a el-rei D. Diniz (o qual lhe tinha escripto que procurasse divertir seus intentos a D. Affonso, porque elle e o infante D. João desejavam que entre todos se fizesse alguma composição, de que resultasse a paz universal), se resolveu com os de seu conselho em acceitar arbitros que decidissem tanta civil e militar controversia, e

com esta resolução despediu os embaixadores de Portugal, que andavam na côrte. Como os parciaes de D. Affonso viram que el-rei D. Jaime se resolvia ao ajustamento da paz, e que o infante D. Henrique, que era o principal motor da liga, que se fazia contra el-rei D. Fernando, pagara o commum tributo á morte, se foram reduzindo á obediencia do mesmo rei, tractando cada qual, pois não podia executar o odio, conseguir o agrado, porque os que tractam das suas conveniencias, seguem as fortunas, e não as pessoas, ou seguem as pessoas para disfructarem as suas fortunas. Quando Absalão perseguia a David, seguia Semei a Absalão; tanto que David venceu a Absalão, logo Semei se reconciliou com David.

Foi esta resolução que trouxeram os Embaixadores, mui festejada dos nossos principes, porque viam tão bem fundados os principios da paz, em que estavam tão empenhados; porém não foi perfeito este gosto, porque quando a esperança brotava em verdores, a morte da rainha D. Brites, mãe de el-rei D. Diniz, a enlutou com lagrimas, e ainda que ella falleceu já livre de infortunios e cheia de annos, esta consideração, quando modere parte, não tira de todo a pena. Verdade é que as mortes intempestivas são mais lastimosas; porém entre os que se amam ainda as que não são antecipadas são lamentaveis, porque quando o entendimento se conforma com a necessidade da morte, nunca o amor deixa de sentir a saudade da ausencia. Sentiram os nossos reis este fallecimento como filhos, porque ambos amavam a rainha defuncta como a mãe, e a Rainha Sancta, que era uma com el-rei seu marido, senão tinha o mesmo sangue nas veias, a este respeito tinha os mesmos affectos no coração. Por morte da rainha mãe deu el-rei á Sancta Rainha a alcaidaria mór e os padroados de Torres Novas, e quando os merecimentos o obrigaram ás gratificações, entendia que eram escassas as maiores gratificações para tão superiores merecimentos.

Continuavam-se as practicas dos ajustamentos de el-rei D. Jaime de Aragão, D. Affonso de la Cerda, e de el-rei

D. Fernando de Castella, por meio de seu tio o infante D. João, e todos os tres contendores escreveram a el-rei D. Diniz, pedindo-lhe que, com o mesmo infante e D. Ximeno de Luna, bispo de Çaragoça, fosse arbitro sobre as controversias que entre Castella e Aragão havia sobre a repartição do reino de Murcia, e com al-rei D. Jaime determinasse as pretenções que D. Affonso tinha aos reinos de Leão e Castella, e que para esse effeito se avistassem todos na cidade de Teraçona, e ainda que o infante D. João por assegurar os proprios interesses, trabalhou muito nestes tractados, a Sancta Rainha foi a que lhe procurou a conclusão por superiores respeitos. Quando o infante negociava como politico, ella mediava como catholica, que as mesmas obras, ou se profanam ou se christianisam nas intenções, sendo grande erro do intendimento humano fazer-se em respeito do mundo o que se pode fazer pelo amor de Deos. Vendo a Sancta Rainha o damno que se podia seguir á christandade se se não extinguisse a guerra, e que, pelejando entre si os catholicos, podia crescer o poder dos Mouros; porque as Agarenas Luas não fizessem progressos contra as catholicas bandeiras, pedia a quem nos deu por armas gloriosas as suas divinas chagas que se não tingissem as catholicas lanças senão no sangue dos peitos infieis, e usando d'estes superiores meios, não perdoava ás diligencias humanas, com o que a sua real auctoridade trabalhou tanto neste grande negocio, que por sua piedade officiosa se conseguiu a paz universal de uma e outra corôa.

Como el-rei D. Diniz desejava os meios da concordia, acceitou a mediação, e sem reparar nos dispendios da jornada, dispoz com toda a brevidade a partida, e porque tinha o coração mais generoso, que animou algum peito humano, e havia de ser visto em um e outro estranho reino, levou o acompanhamento da maior magestade, que até aquella era se tinha visto em Hespanha, pois, alem dos officiaes da casa real o acompanharam mil fidalgos de solar conhecido; como naquelle tempo era menos a pom-

pa, era mais numerosa a nobreza, hoje é menos numerosa a nobreza, porque é muito maior a pompa; como se não tem por esclarecido o sangue onde não resplandeceu o ouro, o não resplandecer o ouro faz com que se escureça o sangue: como pelo excesso do luxo são miseravelmente pobres os que foram prosperamente ricos, e os que são prosperamente ricos caminham para serem miseravelmente pobres, aos que são pobres, se a virtude os illustra, a pobreza os envilece; aos que são ricos, consome-os a profusão, quando os illustra a virtude. Se se observaram as leis sumptuarias, podiam-se não só conservar, mas multiplicar as familias, as grandes despezas fazem com que se não conservem em seus descendentes, quem nasceu em si por suas virtudes, era razão que se conservasse em seus descendentes, porque os renomes que se adquirem pelas façanhas não são menos estimaveis que os que se adquirem pelas origens. Aquelle valoroso capitão de Israel, não estimou menos o nome de Jeroboal que o de Gedeão, antes parece que mais que o de Gedeão estimou o de Jeroboal, porque aquelle era de seus ascendentes, este de suas obras.

Tanto que el-rei D. Diniz chegou á cidade da Guarda, poz-se uma e outra côrte a caminho; e para que fosse maior a commodidade, caminhava uma, e outra separada, e ainda que a de el-rei era mais numerosa, a da Sancta Rainha era melhor assistida, porque, se a magestade d'aquelle levava os olhos, a sanctidade d'esta os corações. Entrando el-rei em Castella, lhe mandou el-rei D. Fernando entregar as chaves dos castellos e villas, por onde havia de fazer jornada, offerecendo-lhe a hospedagem e o provimento para toda a côrte; porem el-rei, em cujo real coração era connatural a grandeza, em cujo prudente genio era como innata a politica, por evitar as controversias, por observar as independencias, agradecendo o animo, não acceitou o offerecimento, e fóra dos logares se ia aposentando em tendas, deixando com a sua grandeza enriquecidos os contornos por onde passava, porque a sua liberalidade, exce-

dendo os preços de todos os generos, mais do que comprar mantimentos, parece que mandava repartir os thesouros.

Logo que el-rei D. Diniz entrou em Castella, o veiu el-rei D. Fernando esperar a Medina del Campo, onde o acompanhou até Coria. Continuando uma e outra magestade portugueza as jornadas na mesma forma, chegaram a Torrellas, logar deleitoso das raias de Aragão, e então o mais aprazivel d'aquella corôa, pois nelle se viram tantos principes vinculados em sangue com publicas demonstrações de contentamento: se el-rei D. Jaime teve grande alegria de ver a Sancta Rainha, sua irmã, involvendo-se com os affectos de amor as venerações da virtude, não foi menos a que ella recebeu de o ver a elle, porque os exercicios da virtude não impedem os affectos do amor. Se houve sanctos que seguiram a Christo, pondo os pés sobre os parentes, esta mulher forte, nos braços dos parentes, não deixou de seguir a Christo.

Já neste tempo estava em Aragão el-rei D. Fernando, e sua mãe a rainha D. Maria, e no logar de Campilho se viram os reis de Portugal, Aragão e Castella, onde passaram com as casas reaes a Teraçona, e junctos os tres juizes arbitros em Agreda, para decidirem as contendas de uma e outra corôa, julgaram, na decisão do reino de Murcia, que el-rei de Aragão ficasse com Carthagena, Guardamar, Elche, Vilhena e Alicante; que o de Castella, com os logares que já possuia, houvesse Murcia, Molinaseca, Montagudo e Alhama. No mesmo dia se deferiu á pretenção de D. Affonso de la Cerda, arbitrando-lhe em villas e herdades, divididas pelos reinos de Leão, Castella e Andaluzia, um estado que valesse quatrocentos mil maravedis, com condição que deixasse o titulo de rei e trouxesse as armas pertencentes a filho de infante. Este fim tiveram as discordias do reino de Castella, principiadas no tempo de el-rei D. Affonso, o sabio, e continuadas até ao de el-rei D. Fernando, seu neto; sendo a prudencia de el-rei D. Diniz e a piedade da Rainha Sancta as virtudes a quem aquelle reino deveu o evitar-se-lhe então o perigo e lograr algum

tempo o socego. Alguns auctores estrangeiros accusaram estes ajunctamentos, porém a calumnia falsa poderá intentar, não detrahir, o louvor verdadeiro, e não podia deixar de ser justa uma sentença que proferiu um rei tão zeloso da justiça e procurou uma rainha tão amante da equidade. E quando nos reis não houvera estas tão conhecidas virtudes, não constando dos contrarios vicios, sempre a presumpção estava pelas magestades; porém o odio com que se vê a soberania, faz que contra ella sempre esteja armada a calumnia, não só entre os extranhos, mas entre os vassallos, sendo que os vassallos, pelo decoro que se deve aos principes, ainda quando elles dêem o motivo, se devem attribuir a si o defeito. Não podendo David andar com as armas de Saúl, não attribuiu a impossibilidade ao peso, imputou o embaraço ao desuso; não disse que o peso o gravava, disse que o seu embaraço o impedia; bastou serem as armas de Saúl, para não fallar nem uma só palavra nas armas.

Concluido este grande negocio em Agreda, se partiram todos os reis para Teraçona, aonde concorreu o reino de Aragão a ver, mais que aquelle até então não visto congresso de magestades, a admirar na Sancta Rainha um vivo espelho de virtudes, e conhecendo que a sua sanctidade era ainda maior que a sua fama, os que a viram menina repetiam, como profecia verificada, o haver dicto el-rei D. Jaime, seu avô, que ella seria a maior gloria d'aquella coroa. E ella se houve com tão magestosa benevolencia, com tão magnifica liberalidade, que lhe desejavam copiar retratos, levantar estatuas, sendo estes dignos desejos, originados de suas insignes virtudes, antecipados annuncios de que se haviam de venerar as suas sanctas imagens, porque os successos portentosos ordinariamente se annunciam primeiro que aconteçam. O cercar Saúl por modo de corôa a David, foi prodigio de que David havia de succeder na corôa a Saúl.

Oito dias estiveram todos os reis em Teraçona, nos quaes a grandeza e contentamento de el-rei de Aragão lhe fize-

ram todas as demonstrações de applauso e benevolencia, e no fim d'elles se partiram os de Portugal e de Castella para Valladolid, e d'aquella cidade, entre affectos e saudades, vieram os nossos para o reino, deixando nos estranhos tanta fama, que ainda hoje dura nelles a sua gloria, principalmente a da Sancta Rainha, de quem diziam que era pouco o mundo para a sua magestade, porque ella mostrava que era pouco para a sua beneficencia: e como a sua real pessoa era attracção, ainda da mais rustica vontade, os povos a seguiam, de maneira que para lograrem a sua presença, parece que queriam desamparar a propria patria. Com a mesma ancia que nos reinos estranhos a seguiam os vassallos alheios, a esperavam em Portugal os proprios, e logrando a sua vista os que a não poderam acompanhar na jornada, nas demonstrações com que festejaram a sua vinda, significaram as saudades que sentiram na sua ausencia.

Chegados os reis á cidade de Coimbra, lograram por algum tempo o socego da paz, e assim como el-rei se applicava ás reaes occupações, frequentava a Sancta Rainha as occupações virtuosas. Se nos infortunios gastava o tempo em orar e em agradecer, nas felicidades o gastava em agradecer e orar; na guerra agradecia as infelicidades e pedia as misericordias, na paz pedia que se continuassem as misericordias, agradecendo as felicidades, porque quem se altera em uma ou outra fortuna ignora que a Deos se hão de agradecer não só os favores, mas tambem os castigos, porque os castigos tambem são favores. Por isso David dizia que lhe não faltaram chagas, buscando a Deos nas angustias.

Como el-rei D. Diniz foi sempre mui amante da justiça e mui zeloso de que se não alienassem os bens da corôa, entendendo-se que a successão da villa de Athouguia, que el-rei D. Affonso Henriques dera a D. Roberto e a D. Guilhem de Lacorne, illustres estrangeiros que com elle se acharam no cerco e conquista de Lisboa, não pertencia a D. Joanna Dias, mulher que fôra de Fernão Fernandes

Cogominho, alcaide-mór da cidade de Coimbra e da villa de Chaves, grande valido de el-rei D. Affonso III, sem embargo de esta senhora ser bem vista da Rainha Sancta, como ella não queria que por seu respeito se defraudasse a justiça, lhe fez a corôa demanda. Esteve a seu favor a sentença, porque D. Joanna, que estava de posse da dicta villa, não descendia dos povoadores por linha direita, que era uma das clausulas da doação; e decidida a causa, depois da morte da possuidora, deu el-rei o senhorio da villa á Rainha Sancta, que ella acceitou, não por ter mais logares de que tirar rendimentos, mas por ter mais vassallos que beneficiar como filhos; porque o seu animo, nunca ambicioso, piedoso sempre, não desejava augmentar o imperio, procurava magnificar o amparo; porque augmentar o imperio pode ser fortuna, magnificar o amparo é beneficencia; e os reis são mais gloriosos pelas mercês que fazem, que pelos imperios que adquirem. Maior gloria alcançou David nas mercês que fez aos de Jabes Galaad, que deram sepultura a Saúl, que por ser ungido em Hebron, para reinar na casa de Judá.

Estando o reino de Portugal em pacifico socego, tornou o de Castella a experimentar o militar estrago; porque el-rei D. Fernando, com errada politica, desejando desunir entre si os grandes do reino, para que lhe não fizessem guerra, achou a inquietação no meio por onde buscava a segurança, sendo D. João Nunes de Lara o primeiro que cahiu na sua indignação, resistindo á magestade, em razão do que o poz de cerco no castello de Tordeumos, com não pequeno damno de uma e outra parte. Vendo-se el-rei D. Fernando falto de dinheiro, e receiando gravar os povos com novas imposições, porque estavam pobres com as antigas, e entendendo que seria mal quisto (porque a pobreza que não discursa sobre o bem commum, e só sente o damno particular, todo o tributo, ainda que seja justificado, tem por iniquo) por evitar as populares queixas, recorreu á liberalidade de el-rei D. Diniz, que naquella era, em similhantes occorrencias, foi o mais certo erario da cas-

telhava coroa. E porque fosse mais officiosa a diligencia, mandou a Portugal sua mulher a rainha D. Constança e a infanta D. Leonor, sua filha, para significarem aos nossos reis que sem o soccorrerem com dinheiro não podia, naquella occasião, pôr fim ao cerco d'aquella praça. Tiveram elles grande contentamento de verem a filha e a neta, principalmente a Sancta Rainha, que via em Deos os parentes, e os que se vêem em Deos não impedem seguir a Christo: o deixal-os não é fugir, quando se pode seguir a Deos com elles; é fugir, quando com elles se não pode seguir a Deos. O ser Isaac amado filho de Abrahão, não impediu a Abrahão seguir o Senhor, levando ao sacrificio seu amado filho Isaac.

Nem as chronicas de Portugal nem as de Castella declaram a forma em que el-rei deferiu a este requerimento; porém, como o verosimil é uma imagem do verdadeiro, podemos affirmar que el-rei lhe mandou, com liberal mão, o pretendido soccorro, porque, se estimava as occasiões de exercitar a magnificencia, não podia, em favor de tanta intercessão, deixar de concorrer para o soccorro com a maior grandeza: e assim o persuadem as conjecturas, pois quando o castello de Tordeumos estava de cerco se faziam em Portugal preparações para a guerra, e logrando el-rei as tranquillidades da paz, não podiam ser senão a favor de Castella, e se quasi no mesmo tempo se concorreu com tão piedosa liberalidade para a conquista de Algesira, mal se pode crer que um rei tão magnifico e uma rainha tão sancta despedissem a filha e a neta sem a concessão do soccorro, porque a todos seria indecencia a repulsa.

Já neste tempo tinham os infantes D. Affonso e D. Brites competente edade para contrahirem o matrimonio, e desejando os nossos reis que fosse indissoluvel vinculo o que era alteravel compromettimento, dispozeram, para que se perpetuasse a successão da coroa, que os infantes se recebessem por palavras de presente. Celebrou-se este religioso e festivo acto na cidade de Lisboa com universal alegria e admiravel magnificencia, porque, como o reino

desejava aquellas bodas, concorreu com liberaes offertas para as nupciaes despesas. Como a Sancta Rainha creara desde tenra edade a infanta D. Brites como se fosse filha sua, recebendo-se ella com o infante D. Affonso, seu filho, teve egual contentamento de os ver no decente thalamo, porque os filhos da criação quasi se egualam aos da natureza. Pelo que Thermute amou a Moysés, a quem criou como a filho, parece que se tivera um filho não o amaria mais do que a Moysés.

D'este matrimonio nasceram quatro filhos e tres filhas; porém, como eram fructos da terra, alguns não lograram a vida; que nas arvores das gerações succede o mesmo que nas vegetativas, em que muitas flores não chegam a ser fructos. E assim succedeu aos infantes D. Affonso, D. Diniz, D. João e D. Izabel, que perderam as vidas ainda antes das primaveras. O infante D. Pedro succedeu no reino, as infantas D. Leonor e D. Maria, uma foi rainha de Aragão, outra de Castella; e ainda tiveram melhor sorte os que passaram do berço para o sepulchro, do que os que passaram do throno para o monumento, porque o throno não escusa da culpa, o berço assegura a innocencia. Melhor fortuna teve o filho de Bersabé, que morreu menino, do que o filho de Bersabé que envelheceu no sceptro.

Como os interesses de estado desatam em os principes os vinculos do parentesco, e não basta terem o mesmo sangue nas veias para deixarem de o verter com as armas, quando se esperam algumas conveniencias, sem embargo de el-rei de Castella estar casado com a rainha D. Constança, de que já tinha successão, e haver recebido tantos soccorros de Portugal, intentou alterar o tractado de Alcanisses, em que os logares de Riba de Coa, Serpa, Moura, Campo Maior e Ougella, por justa recompensa se tinham encorporado na portugueza coroa. E como por esta causa estivessem em rompimento os reis de Portugal e de Castella, desejando o de Aragão reduzil-os a concordia, mandou a este reino D. João, irmão bastardo da Sancta Rainha, a ajustar entre aquelles principes a paz; e como elles de-

sejassem evitar a guerra se comprometteram no arbitrio de el-rei D. Jayme. Porém não chegou a effeito o compromisso, porque as leis da morte foram as por que se proferiu a sentença, e estas leis devem trazer sempre na memoria as magestades, para não transgredirem as proprias leis. Para persuadir os principes á razão, lhe trazia Job a morte á memoria: o dizer que se desejava sepultar com os reis não era appetecer que a sua sepultura fosse magnifica, era significar que para os reis tambem havia sepultura.

Depois que el-rei D. Fernando viu fiado este litigio do arbitrio de el-rei D. Jayme, como era inclinado ás armas, não quiz que ellas estivessem ociosas, e dispondo fazer guerra aos mouros de Granada, mandou por seu irmão, o infante D. Pedro, cercar, no reino de Jaém, a villa de Alcaudete, cujo cerco, com valorosa expugnação e obstinada defesa, durou dois mezes. Antes de el-rei chegar ao exercito, onde esteve pouco tempo, porque por causa de uma grave enfermidade se voltou para a cidade de Jaém e nella (dois dias depois de se render a praça na edade florescente) falleceu de morte subita, com o que, enluctando-se as bandeiras victoriosas, não deixaram as lagrimas, que se choraram sobre o cadaver, fazer os applausos com que se havia de festejar o triumpho. Lamentavel foi a victoria que David alcançou de Absalão, porque a morte de Absalão fez que chorasse, na victoria, David.

Observou-se que no dia que el-rei falleceu se cumprira o trigesimo, depois que elle mandara tirar a vida, com pouca justificação, a Pedro e João Affonso de Carvajal, ambos irmãos e principaes fidalgos do reino de Castella, que, fiados na sua innocencia, o emprazaram para naquelle dia estar com elles a juizo diante do divino tribunal. O termo certo do emprazamento fez com que o acaso se tivesse por mysterio. É sem duvida que são illicitos aquelles actos, porque os divinos poderes não concorrem com iniquas deprecações; porém similhantes successos, que varias vezes se têm visto no mundo, devem os reis tomar por

superiores avisos do céo, para fazerem justiça na terra, entendendo que, se a magestade passa a tyrannia, que pela tyrannia aniquila Deos a magestade. E que quando Saúl usa injustamente da real coroa, se atravessa fatalmente com a propria espada.

Com este intempestivo fallecimento cessaram as contendas que se tinham devolvido ao arbitrio de el-rei D. Jayme sobre as alterações que el-rei defuncto pretendia nos tractados de Alcanisses. E perturbando-se o reino de Castella com as tutorias de el-rei D. Affonso XI, que ao tempo da morte de el-rei, seu pae, ficou de um anno e vinte e seis dias, os do governo tractaram mais de conservar o proprio que de adquirir o alheio; e ainda que os nossos reis tiraram esta conveniencia d'esta morte, porque com o cadaver se enterrou o litigio, não deixaram de ter grande mágoa de verem, na flor da edade, morto o genro, viuva a filha, sendo maior o sentimento da Rainha Sancta por ser mais superior a causa. Sabendo que era menos lamentavel o fim da vida, que vinha em occasião opportuna, sentia esta morte, não só como morte, mas como subita, e o ser ella intempestiva fez com que de todos fosse mais lamentada. Vendo-se a rainha D. Constança com pouco mais de vinte annos de edade, e um filho herdeiro, que ainda não chegava a ter dois, passava a vida não só entre sentimentos, mas entre sustos; e como os reis seus paes amavam nella não so o sangue, mas a virtude, a foram consolar a Ciudad Rodrigo. Porém, ainda que os prudentes conselhos do prudente rei e os sanctos dictames da Rainha Sancta obraram muito para seu allivio e para sua conformidade, apenas a consolaram magoada quando a lamentaram defuncta, porque, podendo mais os pezares que os allivios, crescendo mais os desgostos com os trabalhos, as paixões do animo alteraram os humores do corpo, e em breve tempo a deixaram os alentos do espirito.

Acompanhou a Sancta Rainha nesta jornada Urraca Vasques, de quem ella, por sua conhecida virtude, fazia particular confiança. Padecia esta senhora um notavel mal,

não só antigo, mas caduco, e quando lhe dava a reduzia a uma perigosa inedia, e lhe tirava totalmente a fala, fazendo tão notaveis forças, que para se não fazer em pedaços, e se evitarem algumas descomposturas, era necessario atarem-lhe os pés e as mãos, estando arrematada o tempo que estava furiosa, e por mais remedios que lhe applicaram os medicos, todos eram inofficiosos. Depois de sahir d'um d'estes accidentes, a foi consolar a Sancta Rainha, e conhecendo a afflicta enferma que só Deos a podia curar de tão rebelde enfermidade, pediu á piedosa enfermeira rogasse ao divino medico a livrasse de tão grande mal ou lhe tirasse a vida, por não padecer, sobre tanta dor, tanta vergonha. Lastimada a Sancta Rainha de ver esta companheira de seus sanctos exercicios afflicta de tão horriveis accidentes, fez por ella oração, e pondo-lhe a mão sobre a cabeça, fazendo-lhe o signal da cruz sobre o corpo, se como Elias a não resuscitou no cenaculo, fez com que sã se alevantasse do leito.

Como os sentimentos não costumam vir desacompanhados (de que resultou serem bem recebidos quando vêm sós os males), ao lucto de el-rei D. Fernando se seguiu o da morte do infante D. Affonso, irmão de el-rei D. Diniz, e supposto que elle tinha sido occasião de grandes inquietações no reino, como no tempo de seu fallecimento estava na graça de el-rei, em que sempre se conservou depois da ultima guerra, e nos reaes corações, que devem ser perenes fontes da indulgencia, não passam as queixas alem da sepultura, porque o cadaver é mais para commiseração que para a vingança, assim el-rei como a Sancta Rainha sentiram a morte de quem tinham recebido aggravos, como se houvessem recebido beneficios, mostrando ao mundo que depois que as cinzas estão nas urnas é a melhor occasião de se fazerem maiores honras áquelles de que se receberam maiores offensas. Havendo Saúl perseguido na vida a David, não deixou David de lamentar a morte de Saúl; em logar de fazer queixas de suas injurias, fez elogios ás suas façanhas; não disse que o quizera matar com os fu-

riosos tiros de sua lança, disse que não foram vãos os valorosos golpes de sua espada.

Enterrou-se este infante na egreja do convento de S. Domingos, da cidade de Lisboa (obra magnifica de el-rei seu pae), debaixo do cruzeiro, á entrada da porta do côro, em uma caixa de marmore branco, cercada de arvoredos de montaria. E passados os tempos, por se dar melhor serventia ao cruzeiro, não se perdoando nem a um tão real cadaver, nem a uma tão respeitavel memoria, se tirou d'aquelle logar o monumento, e dividindo-se o corpo, que, conservando a sua agigantada grandeza, involto em um panno de seda amarella, atado com uma corda de linho pela cintura, tudo tão novo como se fôra amortalhado naquelle instante, estava ainda inteiro na sepultura, o metteram em um tumulo pequeno de pedra, que está no alto da parede para a parte da sachristia, collocando-o em sitio mais eminente em quanto á altura, mais abatido para a lembrança, porque, não estando á vista, faltando da memoria, como a sepultura não amoesta, falta-lhe a energia do monumento; e as reaes pessoas é necessario que tenham monumentos, não basta que tenham sepulturas, para que lembrem para os suffragios pios e amoestem os reaes animos que em pouco tumulo de pedra se encerra a maior soberania da magestade. Moysés e Aarão morreram nos montes, para que os montes, que se não podem esconder, fossem monumentos em que todos se podessem desenganar.

Por morte do infante se tornaram a suscitar as contendas de sua successão. Deixara elle quatro filhas, que todas foram casadas, D. Izabel, com D. João o torto, neto de el-rei D. Affonso sabio; D. Maria com D. Tello, filho de D. Affonso de Molina, e segunda vez com D. Fernando de Haro, descendente dos senhores de Biscaia; D. Brites com D. Pedro Fernandes de Castro da Guerra; D. Constança com D. Nuno Gonçalves de Lara, e não houveram successão. Morto o pae, se oppoz sua filha D. Izabel (que por esta razão se julga ser mais velha) á herança, allegando a doação que el-rei D. Affonso III fizera ao infante dos

castellos de Portalegre, Marvão e Arronches, e que, dando-lhe el-rei D. Diniz, em logar d'estes, os de Cintra, Ourém e Armamar, conservavam a condição dos primeiros, e lhe competiam como bens de morgado, pois el-rei as legitimara para a herança. Por parte da coroa se dizia que el-rei D. Affonso III não podia alheiar os bens d'ella, como em Pariz promettera com juramento, quando para regente do reino o foram buscar a Bolonha, em razão da incapacidade de seu irmão D. Sancho; que as mesmas doações tinham por clausulas que o infante d'aquelles castellos faria a paz e a guerra ao arbitrio da portugueza magestade, e que contra a vontade de el-rei D. Diniz tomara as armas contra el-rei D. Sancho, de Castella; que do instrumento da legitimidade constava que ella se não estendia para o beneficio da herança, e que, por ser em prejuizo da coroa, protestara a Sancta Rainha que a legitimação era nulla, e lhe não dava consentimento, e que o mesmo protesto fizera o infante D. Affonso, herdeiro, e depois o revalidara em edade competente. Discutidas todas estas razões em juizo contradictorio, proferiram a sentença D. Estevão, bispo de Lisboa, D. Estevão, bispo de Coimbra, D. Giraldo, bispo do Porto, João Martins, chantre d'Evora, Francisco Domingues, prior da Alcaçova de Santarem, e mestre João das Leis, julgando que as filhas do infante não estavam capazes da herança, e que as villas da contenda se tornassem a encorporar na coroa. E não é de crer que juizes de tanta dignidade pervertessem os termos da justiça por fazerem a el-rei lisonja, e menos que um rei tão justo quizesse que, por se lhe fazer lisonja, se pervertessem os termos da justiça, quando o mais irrefragavel testemunho da real bondade é serem, segundo as disposições de direito, boas ou más as causas dos principes. Que lisonjearem as leis as magestades é fazerem as magestades violencia ás leis; subordinarem-se as magestades ás leis é a mais justificada acção das magestades. Porque Deos queria que Josué fosse um principe justificado, sendo a lei que promulgou Moysés para o povo e para elle, lhe

disse Deos para elle a promulgara Moysés; para lhe intimar a observancia, lhe exprimiu que para elle se fizera a lei.

Como el-rei era de animo tão generoso, por mostrar ao mundo que a justiça e não a desaffeição fôra quem proferira aquella sentença, sete dias depois de ella se fazer publica, deu a sua sobrinha D. Izabel, que estava no reino, e fôra a que se oppozera á herança, para a sua propria pessoa e para a sua legitima descendencia, as villas de Penella, Miranda do Corvo, Villa Nova, Vidigueira, Malcabrão, Villalva, Villa Ruiva, Samcovado, Bonalvergue, e a quinta de Agoa de Peixes, doações bem maiores que as primeiras. Não só consentiu a Sancta Rainha nesta doação, mas interveiu para que el-rei a fizesse com tanta grandeza, porque os antigos protestos foram em ordem ao bem do reino. A presente liberalidade era conforme á sua condição. Quem dava aos pobres todas as suas rendas, não podia querer que as pessoas reaes ficassem desherdadas, porque se nas de humilde sangue é quasi intoleravel, senão ignominiosa, a miseria, nas de sangue real é, por ignominiosa, mais intoleravel a pobreza. Quando disseram a David que Saúl havia de dar sua filha Merob a quem matasse o gigante Golias, primeiro lhe declararam que o haviam de enriquecer com fazenda do que lhe exprimiram que lhe haviam de dar a real esposa; porque dar-lhe uma real esposa, sem o enriquecerem de competente fazenda, era fazerem-lhe a maior honra para que padecesse maior ignominia.

VIDA

DE

SANCTA IZABEL

SEXTA RAINHA DE PORTUGAL

LIVRO SEGUNDO

Com a morte de el-rei D. Fernando, em razão das tutorias de el-rei D. Affonso, seu filho, se alteraram as cousas do reino de Castella; com os favores que el-rei D. Diniz fazia a seu filho bastardo, Affonso Sanches, as de Portugal, porque o infante D. Affonso sentia altamente que o irmão tivesse tanta parte na benevolencia do pae. E considerando el-rei que era conveniente ao reino favorecér a filha viuva, e não decente ao seu decoro pôr na sua desgraça um filho tão benemerito, determinou prevenir as armas em ordem ás cousas estranhas e domesticas, de que já havia não contentiveis noticias; mas entre as preparações da guerra se não esquecia das obras de virtude. Como a Sancta Rainha lhe lembrava que nos perigos se havia de recorrer ao patrocinio dos sanctos, porque por suas inter-

cessões livrava Deos de grandes perigos aos homens, e elle assim o tinha experimentado, por favor do sancto bispo de Tolosa, ordenou, estando nos paços de Friellas, que na capella que nelles havia, da invocação de sancta Catherina, se lhe dissesse missa e se rezassem as horas canonicas todos os dias. E se affirma que esta devoção trouxe de Aragão a Sancta Rainha, onde os fidalgos da illustre familia de Coronel tem por tradição bem recebida que descendem de el-rei Costa, pae d'aquella miraculosa doutora e gloriosa martyr, que no verde capulho de sua florescente edade foi a mais pudica, banhada no proprio sangue, a mais rubicunda rosa de Alexandria. Dos nossos reis se derivou a devoção d'esta insigne sancta aos mais principes e povos d'este reino, principalmente aos portos maritimos, onde este sol da sabedoria é para os navegantes que buscam a terra a mais ditosa estrella do mar.

Prevenindo-se el-rei D. Diniz para soccorrer sua filha a rainha D. Constança, nas inquietações que ameaçavam Castella, repetindo-se as desgraças, enfermou ella de uma mortal doença, originada da trabalhosa vida que padeceu depois da morte de el-rei, e sendo de edade de vinte e tres annos, depois de ordenar, como tão catholica, as cousas pertencentes á sua salvação, acabou quasi ao desamparo, e com tanta pobreza, que seus bens e joias não bastaram para pagarem suas obrigações e dividas. Deixou por testamenteiros el-rei seu pae, a Sancta Rainha sua mãe, assim pelo que fiava de seu amor, como porque para aquelle piedoso cuidado não tinham os proprios filhos edade sufficiente; e como el-rei era tão liberal, a Sancta Rainha tão piedosa, satisfizeram os encargos com religiosos primores, mostrando que o amor que é vivo passa ainda alem da sepultura, que é defuncto o que na sepultura se encerra. Mais vivo amor mostrou José a Jacob, levando os seus ossos do Egypto a Canaam, do que mandando-o buscar de Canaam para o Egypto: porque, herdando-o em Ramessés, mostrou que se lembrava d'elle na vida; sepultando-o em Mambre, mostrou que se não esquecia d'elle na morte.

Como el-rei D. Fernando e a rainha D. Constança viveram tão poucos annos casados, não tiveram mais filhos que el-rei D. Affonso, que succedeu no reino de Castella, e a infanta D. Leonor, que casou com el-rei D. Affonso IV de Aragão. Sentiram os nossos reis muito a morte da rainha, porque estes golpes ferem até as magestades, e não tem a regalia indultos que a isentem da natureza; e foi maior a magoa da Rainha Sancta, porque a perda de uma filha é maior pena de uma mãe. Porém, assim como a sua dor era mais lastimosamente crescida, era mais religiosamente tolerada. Como tinha as feridas por da mão de Deos, agradecia-as como toques da sua mão, e quando padecia os pezares, alliviava-se com recontar os favores, julgando que nos favores tinha muito com que compensar os pezares. Escreve-se que nesta occasião fôra seu allivio deixar a rainha defuncta successão viva, e não é inverosimil esta asserção, porque ficarem successores aos mortos é parte da consolação dos vivos, pois nelles, substituindo-se as pessoas, se continuam as memorias, e de algum modo não acaba quem deixa geração que lhe succeda. E esta Sancta Rainha dizia muitas vezes que uma das grandes mercês que Deos lhe fizera fôra os reis e as rainhas que vira, não havendo algum na christandade com quem ella não tivesse parentesco. Em Portugal referia el-rei D. Diniz seu marido; em Aragão el-rei D. Jayme seu avô, el-rei D. Pedro seu pae, el-rei D. Jayme seu irmão, el-rei D. Affonso e D. Pedro seus sobrinhos; em Castella el-rei D. Sancho seu primo, el-rei D. Fernando seu genro, el-rei D. Affonso seu neto; em Malhorca el-rei D. Jayme seu tio; em Sicilia el-rei D. Fadrique seu irmão; sua mãe a rainha D. Constança, sua sogra a rainha D. Brites, sua tia D. Violante, rainha de Castella; a rainha D. Maria, mulher de seu primo el-rei D. Sancho, a rainha D. Branca, mulher de seu irmão el-rei D. Jayme, a rainha D. Constança, mulher de seu tio el-rei de Malhorca, a rainha D. Constança sua filha, mulher de el-rei D. Fernando de Castella, a rainha D. Maria sua neta, mulher de el-rei D. Affonso, do mesmo reino, a

rainha D. Brites, mulher de el-rei D. Affonso seu filho, a rainha D. Leonor sua neta, mulher de el-rei D. Affonso IV de Aragão. Estes reis e rainhas seus parentes contava que viram seus olhos, não por jactancia de sua pessoa, mas para que se désse a Deos maior gloria, porque a sua sancta humildade bem entendia que era culpavel vaidade, jactar da real ascendencia, que era dadiva da mão divina, e como conhecia o favor, agradecia a mercê, fazendo a magestade empenho para a virtude, porque quem se não desempenha com a virtude da magestade, quem não satisfaz com o procedimento á origem deslustra a origem com o procedimento. Cotejando-se com seus maiores, mostra que são maiores os seus defeitos. O dizer-se que Nabal, que era um homem pessimo, foi descendente de Caleb, que era um varão optimo, foi exprimir-se que quem degenerava de um varão optimo era um homem pessimo.

Esta consolação de recontar os parentes que vira tinha a Sancta Rainha na saudade da defuncta filha que fallecera, e não se saber onde ella tem a sepultura é o mais certo epitaphio da sua pobreza, pois lhe faltaram até as pedras duras para se conservarem as suas funeráes memorias; porém, se lhe faltou o sepulchral monumento na terra, não lhe faltou um admiravel testemunho de que a sua alma está na gloria, não sendo certo que o faltar a honra da sepultura nem sempre é castigo da passada vida. Muitos corpos estão em soberbos mausuleos, cujas almas estão nos nos eternos incendios, muitas almas logram dos resplandores eternos, de cujos corpos se ignoram até os humildes sepulchros. Abel foi justo, e ignora-se o sepulchro de Abel. Roboão foi injusto, e sepultou-se na cidade de David.

Caminhando pouco tempo depois da morte da defuncta rainha os nossos reis de Santarem para Lisboa, apartando-se a Rainha Sancta no caminho de Pontevel, que vem para a estrada da Azambuja, seguiu-a um ermitão gritando que désse ouvidos a suas vozes, e vendo que lhe não deixavam falar á Sancta Rainha, como pretendia fazer, continuou, dizendo a gritos que a rainha D. Constança lhe

apparecerá muitas vezes em sonhos, em uma ermida em que elle fazia vida solitaria, e lhe encommendara que dissesse á Rainha sua Mãe, que ella estava no fogo do Purgatorio, e que para a sua alma se ver livre das ardentes flammas, lhe mandasse dizer por um sacerdote casto um annal de missas; ouvindo aquellas vozes, começaram os que vinham juncto da Sancta Rainha a fazer zombaria do ermitão, dizendo-lhe que, se a defuncta houvesse de apparecer a alguma pessoa viva, seria a uma ou outra magestade, e não a uma tão desconhecida pessoa; como se as cousas sobrenaturaes pertencessem a particulares graduações; o certo é que nem o paço, nem o campo, graduam, nem impossibilitam para os favores do céo, e que os favores do céo assi os podem lograr os que andam no campo, como os que vivem no paço. Se Isaias foi propheta sendo criado na aula, tambem Eliseu foi propheta, sendo tirado da lavoura.

Como o ermitão vinha tão perto da Sancta Rainha, não deixou ella de ouvir aquella notavel declaração, e perguntou aos que a acompanhavam se o conheciam? Porém não se achou quem d'elle tivesse conhecimento, nem quem soubesse que naquelles contornos houvesse alguma ermida. Tanto que a Sancta Rainha chegou á villa da Azambuja procurou o ermitão para lhe falar em segredo, e fazendo-se toda a diligencia, não se achou d'elle alguma noticia. Dando conta a el-rei d'aquelle successo, ambos o tiveram por mysterioso, e determinaram que pela defuncta rainha se mandassem fazer aquelles suffragios, porque em tão sanctas obras não podia haver diabolicas astucias. E chamando a Sancta Rainha a Fernão Mendes, clerigo de sua casa, de quem havia constante opinião que imitava na terra a pureza que tem os anjos na gloria, lhe encommendou que desde aquelle dia até se perfazer um anno dissesse missa pela alma da rainha defuncta. Fel-o elle assim com a devoção que requer tão sacrosancto sacrificio, e estando a Sancta Rainha em Coimbra, na noite do dia em que se acabaram de dizer as missas lhe appareceu em sonhos a defuncta filha, vestida de vestiduras alvas, e lhe disse que

acabadas as purificativas penas, ia lograr as felicidades eternas. Com esta visão accordou a Sancta Rainha, e deu conta a el-rei, e estando o outro dia pela manhã para ouvir missa, lhe veiu o casto sacerdote dizer que se tinha acabado o anno, e conferindo o apparecimento, o tempo e o aviso, se confirmou que foram vozes do céo os gritos do ermitão, e dando a Deos muitas graças de lhe fazer tão grandes favores, mandou dizer pelas religiões muitas missas. Que mandando-se dizer as missas, se agradecem ao Senhor os favores; tanto que David tractou do agradecimento, logo disse que receberia o calix.

Continuaram as queixas do infante, e ainda que a Sancta Rainha, vendo inquieto o reino, vivia com um tão grande cuidado, que este só bastava para occupar um coração humano, não lhe impediu esta tão grande perturbação assistir com todo o favor a seu irmão D. Fadrique rei de Sicilia, a quem Roberto, rei de Napoles, acabado o tempo da tregoa, começava a fazer a guerra de novo, com grandes esperanças de que as sicilianas dições fossem despojos das napolitanas armas. E vendo a Sancta Rainha não só o perigo do irmão, mas os damnos que se seguiam á christandade das guerras que entre si tinham os principes catholicos, se obrigada do fraternal amor, muito mais da caridade ardente, escreveu a um e outro reino, exhortando-os ao bem da paz, com palavras de muita edificação, e por seus embaixadores mandou pedir com catholicas instancias ao Summo Pontifice que interpozesse a sua paternal auctoridade, para que entre aquelles principes christãos cessassem as marciaes hostilidades, e como elle tinha o animo inclinado ao socego universal do rebanho catholico, solicitou por meio de seus legados concordar aquelles principes. E se então não conseguiu que se fizessem as pazes, alcançou que se prorogassem as tregoas, de que a Sancta Rainha recebeu uma espiritual consolação, não só por vêr conseguido em parte o seu desejo, mas porque esperava que suspender-se a guerra podia ser meio de se conseguir a paz. E para que a paz se conseguisse, procurava que Deos

se não offendesse, porque o fazerem-lhe offensas faz com que se percam as batalhas ou se accendam as guerras. O emendarem-se as culpas faz com que, quando se não possam evitar as guerras, se ganhem as batalhas. Porque Judas Macabeu tirou os impios da cidade de Judá, dando a Seron a morte, tomando a Apollonio a espada, debellou o insigne valor de Semaria.

Tendo a Rainha Sancta grandissimas desconsolações com o receio das discordias domesticas, não faltava o Senhor em lhe dar outras consolações mui intimas, porque a suavidade da divina vara, com a mesma mão que castiga consola, e para que o seu sentimento tivesse neste temor allivio, se celebrou nesta occasião o casamento de sua sobrinha a infanta D. Constança com Henrique rei de Chipre, e como a Sancta Rainha amava em Deos os parentes, nos vinculos do parentesco tirava motivos para o espirito, e dava graças ao Senhor por conservar com amor casto o genero humano. A este contentamento succedeu outro de mais superior esphera na canonisação de S. Luiz bispo de Tolosa, a quem o Summo Pontifice, João vigesimo segundo, mandou escrever no catalogo dos sanctos, e como a Sancta Rainha, sobre ser sua devota, lhe era mui obrigada, pois a uma maravilha sua devia el-rei seu marido a vida, alem da gloria que resultava a toda a christandade d'esta infallivel declaração da egreja, teve particulares jubilos de ver este glorioso sancto nos altares, onde a sua devoção lhe podia fazer orações, o seu agradecimento offertas.

Nesta forma iam correndo os annos, alternando-se os successos, ora tristes, ora alegres, porém nem os alegres nem os tristes alteravam os devotos exercicios da Rainha Sancta. Como trazia o coração enlevado em Deos, ficava eminente ás tempestades, como monte, que no cume logra os raios do sol, quando nos valles estão caindo os raios do céo. E porque com o tempo crescia a sua devoção, neste tomou por conta da sua piedade a restauração do convento de Sancta Clara de Coimbra; e pois elle foi obra de sua piedosa grandeza, pois o seu perigo foi motivo ao magni-

fico zelo de el-rei D. João IV de saudosa memoria, pois na sua ruina estabeleceu tanta edificação o serenissimo principe D. Pedro de desejada vida, será justo que deduzamos a sua fundação desde seus primeiros alicerces, onde ainda as pedras do tempo consumidas são padrões á memoria levantados.

Viveram na cidade de Coimbra (onde até o tempo de el-rei D. Affonso III assistiu a côrte portugueza) D. Vicente Dias e D. Bona Pires, a quem os vinculos do matrimonio uniram em honesto thalamo, ambos de nobilissimo sangue e opulentissima fortuna. Elle era sobre-juiz, officio de grande reputação naquella edade, a que andava annexo o conselho de el-rei; ella digna consorte de esposo tão benemerito. Tiveram d'este matrimonio duas filhas, nas quaes resplandeceram illustres virtudes, ambas damas do paço da rainha D. Brites, mulher de el-rei D. Affonso III. Foi a primeira a quem chamaram D. Joanna Dias, senhora da villa de Atouguia, casada com Fernão Fernandes Cogominho, senhor da villa de Chaves, alcaide-mór da cidade de Coimbra, de quem ainda ha descendencia no reino. A segunda se chamou D. Maior Dias, e porque os seus fossem do melhor sol, desprezando ter por esposo um astro na nobreza, não quiz outro senão o divino sol da justiça, que de tão longe se costuma neste reino deixar-se, pela religião o paço, porque esta mudança só é do trajo, e do sitio. Na virtude e no decoro não ha alguma diversidade, porque os paços reaes são religiosos conventos; e oxalá, que todos os conventos, para serem mais religiosos, aprenderam dos paços reaes.

Havia neste tempo naquella cidade um mosteiro em que as mais illustres senhoras do reino professavam a regra dos conegos regulares da congregação de sancto Agostinho, sujeito ao real convento de Sancta Cruz, que durou até o tempo de el-rei D. João III. E intentando D. Maior fazer nelle profissão, lhe impediam executar estes religiosos intentos, com pretextos politicos, em razão do que se resolveu (pois lhe impediram fazer voto) vestir o habito, e

ficar recolhida no convento. Como era pessoa de tão illustre sangue, e tão aparentada no reino, fez-se este acto com grande solemnidade, e na presença de toda a corte protestou que, se vestia o habito d'aquella religião, não obrigava a ella, nem ao convento, seus bens, ou sua pessoa, antes os reservava para dispor d'elles na vida, ou na morte, como lhe parecesse mais conveniente, e d'este protesto lhe passaram certidões algumas pessoas. Acabada aquella solemnidade, ficou D. Maior no convento, e ainda que não entrara para ser religiosa, não deixou de ser acção mui edificativa ver-se que uma senhora de tão illustre sangue, com tantos bens de fortuna, tantos da natureza, pretendida de toda a nobreza da corte, deixando as grandezas da terra, tomava naquelle convento os pannos, que chamavam da segurança, não porque a houvesse naquelle estado, mas porque nelle se tinha por menor o perigo. O certo é que em toda a parte ha tormenta, em toda salvação; o que importa é satisfazer cada um ás obrigações de seu instituto, porque em todos ha merecimento. David não distribuiu os despojos só pelos que deram a batalha aos que accenderam a cidade de Siceleg, tambem os distribuiu com justa egualdade pelos que ficaram na torrente Bessor, porque assim os que entraram no conflicto, como os que ficaram no posto, todos concorreram para o triumpho.

Viveu esta senhora naquelle convento muitos annos com grandes exemplos de virtude, e algum tempo concorreu nelle com a senhora D. Constança Sanches, filha natural de el-rei D. Sancho I e de D. Maria Paes Ribeira, senhora de illustre nobreza, a quem não fez nem pouco bem nem pouco mal a sua admiravel formosura. E com a communicação d'esta senhora crescia D. Maior em virtude, porque a sua sanctidade era viva doutrina d'aquella communidade religiosa. Quando teve a ultima doença, em que Deos foi servido leval-a para a sua gloriá, lhe assistiu D. Maior com todo o cuidado, e sentindo o seu fallecimento, que os medicos tinham prognosticado, lhe disse a doente (por lhe dar allivio em tanta pena) que S. Francisco de Assis, e

Sancto Antonio de Lisboa lhe appareceram, e a certificaram de que Deos pela sua misericordia divina a queria dignar da sua vista eterna; em razão do que a sua morte não se havia de sentir com lagrimas, antes festejar com jubilos o seu transito, e lhe encommendou que fosse mui devota de um e outro sancto. Falleceu aquella senhora, não se perdendo com o som a memoria, pois dura a fama da sua sanctidade. E se D. Maior não poude deixar de lamentar a sua morte, não deixou de lhe obedecer na recommendação, tomando a S. Francisco e Sancta Clara por seus advogados; e como ella imitava as suas virtudes, não lhes negaram elles os seus patrocinios, porque os sanctos patrocinam na gloria aquelles que os imitam na vida. Sendo Abrahão peregrino em Canaan, hospedou os anjos, que teve por peregrinos, no valle de Mambre. Tanto que os teve, como elle, por peregrinos, logo tractou de que fossem seus convidados, e não se contentou com os esperar á porta do tabernaculo, saiu-lhes ao encontro, para lhes offerecer o hospicio.

Alguns annos depois de D. Maior estar recolhida no convento de S. João das Donas, ou porque assim o pedia a cautela, ou em razão do intento que trazia, tornou a protestar na presença de D. Aimerico, bispo que então era de Coimbra (varão de grande doutrina, que havia sido mestre de el-rei D. Diniz), que nunca tivera animo de ser freira nem conversa naquella religião, e com aquelle presupposto entrara naquelle convento. E como estava com liberdade para dispor de sua pessoa e fazenda, determinou ser religiosa de Sancta Clara, e fundar um mosteiro em honra de Sancta Izabel, filha de el-rei de Hungria. Communicou D. Maior tudo a Domingas Pires, que tambem estava no convento das Donas; e louvando-lhe ella o intento, se lhe offereceu para a acompanhar no designio, e ambas fizeram presente á Sancta Rainha a sua religiosa determinação, pedindo-lhe a sua real assistencia; e como todo o cuidado d'esta mulher forte era fazer obras do serviço de Deos, a sua devoção estimou o rogo, a sua grandeza

prometteu o amparo, não porque as petições fossem lisonjas para a sua magestade, como testemunhas do real poder, mas porque, concorrendo o poder real em serviço da magestade divina, resultasse ao Senhor maior gloria, fazendo-se uma edificação tão sancta. E d'esta sancta edificação, de que ao depois resultou a Deos tanta gloria, resultou á Sancta Rainha insigne fama, porque os que concorrem para se edificarem os logares religiosos, sempre alcançam de Deos liberaes beneficios. Porque os Tyrios concorreram para a fabrica do templo, foram escriptos na egreja de Deos; bastou cortarem os cedros no Libano, para lograrem os favores de Jerusalem.

Alentadas de sua devoção, confiadas nesta promessa, deixaram D. Maior Dias e Domingas Pires o convento de S. João, para fundarem o de Saneta Clara, para o que houveram licença de D. João Martins de Soalhães, que naquelle tempo era vigario geral do bispado de Coimbra, que ao diante foi bispo de Lisboa, e arcebispo de Braga primaz das Hespanhas, varão bem conhecido nas historias por seu illustre sangue e grande auctoridade. E no mesmo dia, em que se concedeu a licença para a fundação, deu D. Maior o sitio para o convento, em uma quinta, que tinha alem da ponte, defronte da cidade, em parte não mui distante do Mondego, mas até áquelle tempo inaccessivel á sua inundação, e assim como lhe deu o sitio, lhe deu por dote o padroado de quatro egrejas, e, fóra outras fazendas, setenta, e um casaes. E estando disposto tudo para se lançar a primeira pedra no edificio, foi o mesmo D. João Martins ao logar destinado, e com grande solemnidade a lançou sobre um annel de ouro, em que estava esculpido o signal da cruz. Concorreu a este religioso acto toda a cidade com tão grandes demonstrações de alegria, que os extremos da devoção foram presagios de que naquella solemnidade não se festejava só o novo edificio, mas se encerrava maior mysterio. E assim foi, porque o edificio durou em estragos, desamparou-se em ruinas, o mysterio vê-se com admirações, admira-se em incorruptibilidades.

Como D. Maior tinha um tão fervoroso desejo de fazer aquelle convento, trabalhava-se nelle com todo o calor, e em breve tempo se fez a egreja, o claustro, uma grande parte do dormitorio, e algumas officinas. E tanto que a obra teve forma de mosteiro, fez entrega d'elle por uma escriptura publica á ordem de Sancta Clara; e o guardião do convento de S. Francisco da Ponte, chamado fr. Abril, e fr. Domingos de Bonelo, visitador neste reino das freiras da mesma ordem, o acceitaram na sua obediencia. Feita a entrega, acudiu o convento de Sancta Cruz a embargar a obra, dizendo o prior D. Bartholomeu Domingues, varão de religiosissima memoria, que D. Maior era freira, e assim não podia mudar de estado, nem dispor de sua fazenda, de que tinha só o uso, e não a propriedade, por os priores de Sancta Cruz, de cuja religião era professa, lhe terem permittido a administração em sua vida. Defendeu-se a virtuosa senhora com os protestos que fizera quando vestira os pannos da segurança, e depois ratificara diante de bispo de Coimbra; e dizendo um varão de tão proba vida que D. Maior era religiosa, dizendo uma senhora de virtude tão abalisada que não era professa, se originaram aquellas litigiosas controversias, que nascem das ambições das heranças. Porém não foram estes os motivos entre sugeitos de tantas virtudes; e dizendo um que tinha liberdade para dar, outro que a não tinha, porque dera até a liberdade, força é que attribuamos estas dissenções juridicas, não ás vontades das pessoas, mas ás clausulas das escripturas, porque as suas intelligencias são causa de grandes litigios, oxalá que o não sejam de grandes peccados; e é muito para temer que o sejam de graves peccados, sendo o de controvertidos litigios, porque as guerras de Minerva não são menos horriveis que as de Marte, e mais que as de Marte são para temer as de Minerva. Poz o apostolo as demandas depois das guerras, dando a entender que eram menores os males das guerras que os das demandas.

Continuou-se a causa, e não foi a favor de D. Maior a decisão; porém, mandando vir um e outro rescripto, teve

nella melhoramento, julgando-se que os religiosos de Sancta Cruz lhe não podiam impedir a fundação do mosteiro. Estas variedaces de pareceres avivaram mais a demanda entre os litigantes; e como el-rei D. Diniz fazia grande estimação de ambas as partes, como a Sancta Rainha tinha promettido a D. Maior fazer-lhe todos os favores sem prejuizo da justiça, e desejava evitar controversias, para que não fossem occasiões de culpas, fazendo-se as demandas batalhas, porque o controverter é um genero de pelejar, em que as pennas dão golpes mais sensiveis do que as espadas, de que tem resultado vingarem muitas vezes as espadas o sangue que mancharam as penas. Ordenaram uma e outra magestade ao bispo D. Aimerico que procurasse reduzir aquella demanda tão controvertida a uma decente composição, porém não obrou cousa alguma a mediação do diligente prelado, nem a auctoridade dos zelosos reis; e indo-se da parte da religião de Sancta Cruz pleitear á romana curia, foram tantas as dilações da causa, que primeiro acabou D. Maior os dias da vida.

Tanto que o convento teve capacidade para ser habitado, vieram algumas donas do de S João, que desejavam ser religiosas de Sancta Clara, e outras de alguns mosteiros da mesma ordem, e tomaram nelle posse em nome da religião, governando-as com poderes de vigaria D. Sancha Lourenço, freira no mesmo mosteiro, a qual não viveu muito tempo, e por sua morte elegeu D. Maior a Domingas Pires para a ajudar no governo temporal, ficando ás religiosas o espiritual regimento, e nestes termos querendo Deos pôr fim a seus grandes trabalhos, e dar premio a suas virtuosas obras, enfermou de uma mortal doença, e conhecendo que se chegava o termo de sua vida, fazendo testamento, deixou mais algumas fazendas ao mosteiro, mandou-se sepultar na egreja, e que nella lhe dissessem uma missa quotidiana; encommendou o governo da casa á vigaria Domingas Pires, pediu a protecção a el-rei D. Diniz e á Rainha Sancta, ao bispo de Lisboa D. João Martins de Soalhães, e ao do Porto D. Geraldo Martins, para que de-

fendessem as religiosas; e depois de receber os sacramentos da egreja como verdadeira catholica, esquecida de todos os humanos cuidados da vida, morreu com piedosos signaes de que ia vestir as vestiduras alvas na gloria. Que os que acabam em uma sancta morte, bem pode entender a piedade que vão para a bemaventurança: por isso Sophar dizia a Job que, se permanecesse na justiça, seria deprecada a sua face.

Sentiram as religiosas a morte da sua fundadora, porque não só perdiam o seu amparo, mas tambem o seu exemplo; e sepultando-a, conforme á sua disposição, na nova egreja, lhe foi, sem pedra grave, a terra leve: depois, servindo a mesma egreja de capitulo, se collocaram seus ossos no alto da parede, onde se lê escripto em uma pedra: que fundou aquelle mosteiro, que jaz naquelle tumulo; e se pede para a sua alma descanço: tosco papel, ainda para tão breve epitaphio! breve epitaphio, para tão grande virtude! E pois a qualidade dos monumentos deve manifestar a qualidade dos defunctos, pouco era o ouro dos maiores quilates para lamina de seus elogios insignes.

Pelo fallecimento de D. Maior tractou o prior de Sancta Cruz do litigio com maior efficia, e insistindo que ella fora religiosa, requeria que se lhe entregasse o cadaver, que se lhe restituisse a fazenda, e que Domingas Pires tornasse para o mosteiro. E vendo o bispo de Lisboa D. João Martins de Soalhães (a quem a fundadora pedira em seu testamento o amparo do mosteiro) que se accendiam as controversias, e que a Sancta Rainha desejava que por meio de algum decoroso partido se apagasse aquelle litigioso incendio, procurou que a agua da piedade extinguisse o fogo d'aquella demanda, porém não poude conseguir o fim de seu desejo, porque o prior de Sancta Cruz, persuadido de que tinha justiça, esperava a seu favor a sentença, não pelos interesses da causa, mas pelos creditos da religião.

Considerando os prelados da ordem de S. Francisco que a causa, que os conegos regulares de Sancto Agostinho tinham levado á curia romana, se dilatava, ou não

corria, elegeram abbadessa no convento, trouxeram de outros religiosas, receberam algumas noviças; e vendo o bispo D. João Martins que sem sua auctoridade se fizera aquella innovação, contra uma inhibitoria, que tinha vindo da romona curia, pela qual se mandava que no convento se não innovasse cousa alguma, julgou que em razão do attentado era mais digno da extincção que do patrocinio, e ordenou que as religiosas tornassem para os seus mosteiros, obrigando-as, para esse effeito com censuras. E porque foram desobedientes, implorando o auxilio do braço secular, lhes cingiu, por mão da justiça, em um apertado cerco o cordão mais aspero. Acudiram os prelados da religião seraphica a procurar o amparo do convento na corte, porém foi inofficiosa toda a diligencia, porque, ainda que a Sancta Rainha os desejou favorecer, não o poude então conseguir, assi porque ella limitava o poder de sua soberania, como tambem porque, sendo aquelle negocio de outra jurisdicção, travava de seu acommodamento, e não intromettia nelle a magestade. David não quiz levar a Arca do testamento para a sua cidade, levou-a a casa de Obededon, porque era Levita.

Desconfiados os prelados e as religiosas do novo convento de que não achavam amparo para poderem permanecer naquelle sitio, convieram no concerto a que repugnavam. Como estavam em um tão apertado cerco, renderam aquella religiosa praça, com as condições que lhe poz o exercito victorioso. Veiu de Lisboa para as capitulações o Bispo D. João Martins, e em sua presença, na do prior de Sancta Cruz, na do guardião de S. Francisco, na da vigaria Domingas Pires, e de alguns conegos regulares e religiosos da ordem dos menores, se fez em publica fórma a escriptura, assentando-se que se conservasse o hospital, que se extinguisse o convento, que o corpo da fundadora ficasse na igreja, que na de Sancta Cruz se lhe dissesse a missa quotidiana, que se deshabitasse o convento, que as religiosas de Sancta Clara fossem para os que lhe assignassem seus prelados, que as donas de Sancta Cruz se tornassem

a recolher no de S. João, que a este se applicasse toda a fazenda da fundadora, que d'ella se sustentassem as donas que estiveram no mosteiro extincto, que retivesse a vigaria a parte que se lhe tinha concedido, que o devoluto edificio se désse aos religiosos de S. Francisco para mudarem de sitio, porque o que tinham juncto da ponte já estava arriscado com as inundações do Mondego. E com effeito foram as religiosas (que se não podiam despregar daquellas piedosas paredes) arrancadas daquelles religiosos lares, entre rios de lagrimas, sendo a primeira inundação que teve o convento, nascida das nuvens negras, que lhes cobriu os corações saudosos, os quaes se desatavam em lacrimosos diluvios. Porém, como a Providencia Divina tinha determinado que aquella casa fosse uma real fortaleza da militante egreja, ainda que naquella occasião foram lançadas do posto aquellas mulheres fortes, dispoz os meios para que na restauração fosse maior o triumpho do que na perda havia sido o despojo; porque nos trabalhos, e nos allivios, com que Deos prova e premeia os seus servos, que são seus mimosos, sempre são maiores os allivios que os trabalhos, e até os bens perdidos tornam a ser bens lograds. Muito mais deu Deos a Job, quando premiou a sua paciencia, do que lhe tirou, quando provou a sua constancia, antes lhe deu tudo o que lhe tirou, provando-lhe a constancia, quando lhe premiou a paciencia; o dizer a Escriptura que Deos lhe accrescentou outro tanto a tudo o que perdeu, deixa entender que não perdeu o tudo a que outro tanto se lhe acrescentou.

Desejava o prior de Sancta Cruz guardar o concerto, porém o procurador e outros religiosos, entendendo que era menos gloriosa a victoria, em que não ganhavam os vencedores, inteiros os despojos da batalha, não quizeram estar pelas capitulações. Vendo Domingas Pires que se lhe não satisfazia a promessa, se desobrigou da palavra com intento de antes perder a vida que desistir da sua determinação. Lastimado o bispo de Lisboa de que ella padecesse tanta molestia, e parecendo-lhe no fragil sexo

mysteriosa tão varonil constancia, mudou de arbitrio, e se até então favorecera a causa dos conegos regulares, vendo que elles faltavam á promessa, se poz de parte da vigaria, e revogou o não observado concerto: Porém, como el-rei favorecia o convento de Sancta Cruz, por ser padroeiro daquella sagrada congregação, não bastou o poder do bispo para se pôr fim áquella controversia, porque o real empenho, dentro dos limites do reino, fazia infallivel o vencimento a favor da congregação, que os reis sempre vencem onde imperam, em razão do que hão de considerar muito como imperam, para se gloriarem do que vencem, pois assi como ha victorias que auctorisam, ha conquistas que se não louvam. Se se louva vencer David o aggravo, quando perdoou a Saúl, tambem se não louva o deixar-se vencer do amor, quando conquistou Bersabé.

Neste estado estava o convento de Sancta Clara, novo, e devoluto, imperfeito, porém já deshabitado, e vendo a Sancta Rainha que elle se fazia um lupanar escandaloso, commettendo-se torpes peccados, onde se haviam feito a Deos grandes serviços, porque, se continuassem os serviços, e se não commettessem os peccados, se resolveu a restaural-o, melhorando com real magnificencia o que D. Maior começara com particular grandeza, não se indignando de pôr as ultimas pedras aonde outrem lançara as primeiras. Mas pois esta Sancta Rainha foi a que poz o ultimo remate a tão sumptuosa obra, ella lhes poz duas vezes a coroa. E se as ondas do Mondego se conjuraram contra a magestade d'este real edificio, foi para que se visse que nem a magestade das pedras se livra das conjurações dos elementos, e que roendo-a os dentes do tempo, se lhes atrevem até as lingoas da agoa; se atrevem ás insensiveis magestades, razão é que se castiguem as do fogo, que devoram as magestades vivas; uma ardente bocca que calumnia o sol da soberania, deve cair no inferno da indignação. Porque Lucifer detrahiu o sol da justiça, dizendo que poria seu solio sobre as estrellas, cahiu no profundo lago das flammas.

Tomada esta sancta resolução, deu conta d'ella ao bispo de Lisboa D. João Martins, que naquelle tempo estava já confirmado arcebispo de Braga, e louvando elle o piedozo zelo daquella religiosa empreza, lhe aconselhou que para uma obra tão digna se fazer com auctorisada estabilidade, pedisse licença á Sé Apostolica. Como a Sancta Rainha sugeitava sempre a sua magestade ao conselho, de que esperava a conveniente direcção, usou d'este prudente arbitrio, e succedendo fazer um testamento no tempo que se dilatava o breve, não tendo ainda o convento por cadaver, ou entendendo que havia de resuscitar o cadaver do convento, lhe deixava um piedoso legado. Porém foi Deos servido que elle então não tivesse effeito, porque a vida da Sancta Rainha alterou aquella testamentaria disposição, e ella viu em seus dias vivo o convento com os alentos de sua insigne piedade, enriquecido pelos dispendios de sua real beneficencia. E nestas obras de sua piedade benefica mostrava quão digna era da real magestade; porque o em que mais se mostra a regalia é nas acções de beneficencia, em razão do que se equivocaram os nomes da soberania, e da liberdade; sendo tam formosos os paços da filha do principe como os da filha do liberal.

Governava naquelle tempo a Egreja Catholica o Summo Pontifice Clemente V, e defirindo elle á piedosa Supplica da Rainha Sancta, lhe mandou dar a pretendida licença. Tendo o arcebispo D. João Martins d'ella noticia, escreveu varias vezes á Sancta Rainha com elogios da fundadora e abonações da vigaria, e lhe mandou entregar assi o mosteiro, como a fazenda. Porém, como eram bens de raiz, era mui difficultoso arrancal-os da posse da congregação, e nem a ajuda do braço secular poude vencer a resistencia que se fazia com pretexto da justiça. Sentia a Sancta Rainha o ser preciso usar-se d'este meio contra uma religião digna de toda a benevolencia, e porque tivessem fim aquelles desgostos, mandou dizer aos religiosos que pois a resolução da Sé Apostolica se dilatava, e ella, para restaurar o convento tinha licença, ou se louvassem em arbitros, e fosse

um o seu mesmo prior, ou cada um dos mosteiros ficasse com a fazenda que tinha em seu poder. Acceitou a congregação o segundo partido, e dando a Sancta Rainha, que então estava em Santarem, procuração para esse effeito, a Vicente Rodrigues, conego de Coimbra, e frei Affonso Viegas, guardião de S. Francisco da Ponte, se fez a escriptura do concerto, ficando o convento de Sancta Clara com muito pouco do que a fundadora lhe dera, porém ainda assi ficou com o melhor dote, pois grangeou o que lhe fez a Sancta Rainha, cuja riqueza é incomparavel, pois na vida o enriqueceu com liberal mão, na morte com seu incorruptivel corpo.

Este felice fim teve este trabalhoso litigio, e a virtuosa vigaria agradecia a Deos aquelles grandes trabalhos, a que se seguiram tão gloriosos fructos, e é certo que a sua canstancia é digna de memoria, pois Deos a tomou por meio da conservação daquella casa, de cuja primeira fundação foi coadjutora; ainda que o convento, quando a Sancta Rainha o tomou por conta da sua grandeza, estava capaz de se recolherem as religiosas, pois no tempo que nella havia sido vigaria Domingas Pires, houve nelle perfeita communidade, com subditas, e preladas. Como a Sancta Rainha, não para credito de sua real magnificencia, mas para maior gloria da divina magestade, desejava que fosse capaz de communidade mais numerosa, determinou fazer edificios novos, melhorar os antigos, de que ella mesma com artificio, não sem espanto, fazia as traças na idea, os debuxos na planta, os quaes sahiam tão conformes com as regras da civil architectura, que os mestres mais peritos, admirando as perfeições da arte, seguiam os desenhos da obra, não sem observações da maravilha.

Determinou que para o mosteiro se entrasse por um pateo grande, cuja porta ficasse para a parte da ponte, que hoje vulgarmente se chama a da cadea, que de um lado se fizessem algumas officinas, do outro a egreja e parte do coro, e para a parte do rio o muro; que antes da portaria do convento, para a parte dos olivaes, se fizesse um pequeno pa-

teo, e nelle a porta, que hoje se chama da rosa, o dentro d'elle a portaria da clausura, correndo o corpo do dormitorio por uma parte com uma cerca até o cano dos amores, e pela outra algumas officinas defronte do rio; que a egreja, cuja porta ficava dentro do pateo grande, fosse de justa proporção fabricada de abobadas, distribuida em tres naves de cantaria, que servissem para a estabilidade, e para a formosura; que na capella mór houvesse mais dois altares collateraes, menores na grandeza, eguaes na perfeição; que o coro fosse magestoso, superior ao pavimento da egreja em proporcionada altura, com grade conveniente ao recato; que o claustro fosse fabricado com toda a sumptuosidade, tecidos os lados em arcos, uns grandes, outros pequenos, abertos uns, fechados outros, com redes abertas na mesma pedra, com artificiosa galantaria; que no claustro se fabricassem capellas para os sanctos da devoção das religiosas, e por cima ficassem varandas, a que se podesse sahir dentro da clausura do dormitorio superior, e no meio do mesmo claustro, que ficava descuberto, se fizesse um tanque, com uma fonte de differentes figuras, a maior das quaes fesse uma nimpha com uma serpe enroscada em um braço, por cuja bocca sahisse, como tambem pelas das mais figuras, parte da agoa da fonte dos amores (que naquelle tempo ainda não era das lagrimas; quiçá que viesse a ser das lagrimas, porque havia sido dos amores); que na quadra que corria para a parte do Mondego se fabricasse o refeitorio de grandeza proporcionada para a communidade, e defronte d'elle se levantasse uma formosa casa sôbre columnas e arcos, e nella se fizesse outra fonte de elegante fórma para as religiosas lavarem as mãos. Todas as mais officinas eram magestosas e perfeitas, só o dormitorio, sendo grande, não era grandioso, não por falta da magnificencia, mas em razão da observancia, porque as religiosas não tinham cellas, e só tinham leitos, mas esses leitos tambem eram cellas que tomavam a denominação dos céos, pois encerravam espiritos na pureza angelicos, na profissão seraphicos.

No dia, em que se houve de dar principio á nova egreja, foi a Sancta Rainha ao logar destinado, acompanhada da mais illustre nobreza do reino, e feito o que naquelle acto dispõe o ceremonial romano, com alguns bispos que a ajudaram em tam piedosa funcção, lançou no alicerce a primeira pedra com geral edificação daquelle catholico concurso. Continuaram-se as obras com grande calor, porque a devoção da Sancta Rainha lhe fazia continua assistencia quando estava naquella cidade, e quando não estava nella, encommendou este cuidado a alguns religiosos da seraphica ordem, porque para esse effeito houve licença do Summo Pontifice, e como o Senhor acreditava com prodigios todas as suas edificações, e tinha tomadas as rosas por meios para fazer flores de milagrosas transformações, succedeu que, levando no regaço o dinheiro para pagar aos officiaes da sua mão, encontrasse com el-rei na porta, que estava anterior á portaria da clausura; perguntando-lhe o que levava, ella, não por encobrir o dispendio, que por inescusavel, era irreprehensivel, mas porque el-rei não visse que a magestade se humilhava a foros de servidão, e que ella fazia por humildade o que outrem podia fazer por officio, lhe disse que levava rosas, e querende el-rei vel-as, viu em flores tudo o que a Sancta Rainha levava em moedas. Nesta occasião se trocou o luzente ouro em florescente nacar, em outra, o florescente nacar em luzente ouro, e por mais que a sancta modestia quiz encubrir esta prodigiosa transformação, não poude conseguir o seu desejo, porque Deos quiz que se devulgasse o prodigio, que então se publicou com espanto, e ainda dura por maravilha; e sempre esta porta será especiosa nesta inspecção, porque, se a rosa não floresce na purpura, floresce o renome da rosa.

Como a Sancta Rainha applicava ás obras os seus cuidados e os seus cabedaes, e Deos os ajudava com prodigios, em breve tempo esteve o convento capaz de ser habitado, e pelo desejo que tinha de ver nelle as religiosas, tractou com o ministro da provincia de S. Thiago que determinasse que viessem as fundadoras, e como naquelle

tempo florescesse em sanctidade o convento de Sancta Clara de Çamora, em razão do que era o seu nome ouvido com grande edificação em toda a Hespanha, desejava a Sancta Rainha que as que floresciam em celestiaes virtudes viessem a ser odoriferas plantas d'aquelle jardim fechado, que communicassem ás novas flores a suavidade da fragrancia do bom cheiro de Christo, flor dos campos e lirio dos valles; e o ministro que desejava condescender com o gosto da Rainha Sancta, por fundamentaria virtude da religião, onde se conservam os affectos que se aprenderam nos noviciados, dispoz que viessem nove religiosas do convento de Çamora, cada qual de tão heroica virtude, que, sendo todas as heroinas da edificação, podiam ser as nove da fama da sanctidade; e como estas foram as fundadoras, florescendo a religião em maravilhas de sanctidade, as foram imitando as mais religiosas, porque para os progressos das virtudes, importam muito os dictames dos mestres. Lot e Josué fizeram uma vida tão sancta, porque Abrahão e Moysés os criaram em tão sancta doutrina: porque Lot seguiu os passos de Abrahão, escapou do incendio em Segor: porque Josué seguiu a Moysés, fez com que parasse o sol.

Tanto que as cousas estiveram dispostas, mandou a Sancta Rainha a alguns fidalgos seus vassallos a Çamora, para virem com as religiosas, servindo á sua decencia e dispondo a sua commodidade. Quando as fundadoras se apartaram das outras foram similhantes, e dissimilhantes os affectos; as que vinham traziam saudades e alvoroços; as que ficavam sentiam invejas e saudades; umas alvoroçavam-se para verem a Sancta Rainha, outras invejavam o poderem lograr a sua vista. Despedidas entre estes affectos e com não poucas lagrimas, se pozeram a caminho, e em uma jornada de tantas legoas, sem que o trabalho alterasse o espirito, caminharam côm tanta regularidade nos exercicios da virtude, que fóra do convento observaram a religião. Onde se vê que bem se pode observar a religião em caso que seja necessario sahir do convento, e que não ha de ser o mesmo sahir que divagar; quando se não pode observar

a clausura, bem se pode observar a obediencia; e para se mostrar que ella se podia observar nos caminhos, mandou Christo aos apostolos que não saudassem aos passageiros, não porque os desejasse inurbanos, mas pelos não querer divertidos. Pela culpa de se divertir na estrada, não deu Giesi a um morto a vida.

Recebendo a Sancta Rainha feliz nova do dia, em que as religiosas haviam de chegar áquelle ditoso convento, as foi esperar uma legoa fóra da cidade, acompanhada de seu filho o infante D. Affonso, de sua nora a infanta D. Brites, e de toda a nobreza da côrte. Quando as viu ainda distantes, assim como Anna conheceu de longe com grande contentamento o filho, recebeu no coração aquellas, de quem no affecto era mãe; tanto que as encontrou no caminho, que assim para as que vinham, como para as que iam era do céo, tiveram os encontros por sortes, e mutuamente se edificaram as religiosas vendo a Sancta Rainha, a Sancta Rainha vendo as religiosas, e ella as foi acompanhando com a côrte até se recolherem ao mosteiro. Depois no primeiro dia que comeram em refeitorio, porque naquelle acto se exercitasse a soberania em serviço da humildade, a magestade em obsequio da religião, as veiu, com sua nora a infanta D. Brites, servir á mesa, ensinando que as magestades se não podem indignar de servirem as servas de Deos, porque servem a Deos nas suas servas, e como este servir é reinar, então imperam com mais feliz dominio, quando servem com mais reverente obsequio.

Em quanto a Rainha Sancta se occupava nestas religiosas obras, se applicava el-rei a outras, que não eram a Deos menos gratas, pois se ella no extincto mosteiro de Sancta Clara lhe fundava um novo convento, elle na extincta ordem da cavallaria do templo de Jerusalem instituia a ordem de Jesu Christo Nosso Salvador; como neste tempo, perdido o verdor dos annos, se desenganava na neve dos cabellos, e os successos do mundo e exemplos da consorte lhe servissem de escarmento e direcção, procurava

gastar os annos fazendo a Deos serviços, para que, fazendo-lhe serviços, podesse lucrar os annos, e sendo que desde os primeiros se deve meditar sempre na morte, devem meditar mais na morte aquelles que estão nos ultimos. Quando Barcelai, que era velho, recusou ir com David para o paço, não disse que queria ir viver para a sua cidade, disse que para a sua cidade queria ir morrer; vendo-se na velhice, não tractou da vida tractou da morte; escusando-se da vivenda da côrte, tractou da preparação para a sepultura.

Como el-rei estava com estes desenganos, tractava de fazer a Deos maiores serviços. Tinha no sitio de Odivellas, que dista duas legoas de Lisboa, uma quinta muito deleitosa, na qual não podia deixar de haver muitas maravilhas, pois nella ha ainda hoje um valle de flores; a visinhança da côrte, a recreação do sitio lhe davam logar e motivo para frequentar a sua assistencia; e como o coração dos reis está na mão de Deos, tocou Deos o coração de el-rei, para que fizesse naquella quinta uma obra pela sua grandeza digna da real magnificencia, pela sua piedade, como mostrada pela mão divina, fazendo no logar de seus caducos passatempos um convento, onde se dessem a Deos divinos louvores. Tanto que el-rei teve esta inspiração, mandou logo preparar os materiaes para a obra, e propoz este sancto designio a algumas pessoas de quem fazia particular confiança. Porém, como nunca falta nas côrtes quem com pretextos politicos embarace os intentos piedosos, os que deviam louvar a magnificencia a contradisseram como profusão, dissentindo com impiedade no que poderam approvar sem lisonja; quiçá que, se o dispendio fosse em particular utilidade, se julgasse limitada satisfação o prodigo disperdicio, porque tal é a ambição humana, que tem por avareza as profusões que os reis fazem em premio dos reaes serviços, e por prodigalidade os dispendios que se fazem em agradecimento das divinas mercês. Não faltou quem tivesse por perdição o que se gastava com Christo, sendo

que só o que se gasta com Christo, está isento da perdição; o mesmo Senhor disse aos discipulos que se guardara o unguento com que a Magdalena o ungira.

Ainda que a soberania podera não reparar na contradicção, pois nos reis, se é prudencia pedirem o conselho, não é obrigação seguirem o arbitrio, porque jurar no voto alheio é despojar do poder proprio, sem embargo de que aquella obra por ser sancta, havia de conciliar a el-rei a approvação vulgar, como prudente politico, não quiz usar do real poder, nem obrar só pelo popular applauso, e buscou meio para conseguir o beneplacito universal.

Era nésta sazão abbade de Alcobaça D. Frei Domingos Martins, e como este varão com sua sancta vida, alcançou o renome de sancto, era muito acceito a el-rei; porém muito mais á Sancta Rainha, para quem as virtudes eram só as inculcas das pessoas, e indo elle neste mesmo tempo para o capitulo geral de Cister, lhe communicou el-rei com grande segredo o seu sancto designio, e lhe ordenou que supplicasse da sua parte aos religiosos capitulares, com cuja approvação esperava contrastar as razões dos contradictores, que lhe approvassem a edificação do convento. Propoz o abbade no capitulo a sua commissão com grande elegancia, e elle acceitou a proposta com grande edificação, e admirando a devota submissão da real supplica, obedeceram aos rogos como se fossem preceitos, porque os reis não só imperam quando mandam, tambem imperam quando rogam. Pedindo David os pães de preposição ao sacerdote, não disse o Senhor aos phariseus que os pedira, disse que os tomara, porque, se os reis pedem o de que necessitam sem alguma injuria o tomam; o pedil-o com necessidade é fazel-o proprio com justificação.

Acabada a funcção do capitulo, voltou o abbade ao reino com a resposta, que el-rei recebeu com grande alegria, não por satisfazer a sua vontade, mas para executar a sua devoção, e ou convencendo ou desprezando as contradicções (que quando as obras são acertadas, são elogios as calumnias), foi ao sitio signalado com o bispo de Lisboa D. João

Martins de Soalhães, e com Pedro Remigio, chantre da mesma sé, que assistiu por parte do cabido, e em presença da principal nobreza da corte, lançou com toda a solemnidade a primeira pedra naquelle edificio, que incluindo hoje o seu real munumento, é o padrão mais magnifico de sua memoravel liberalidade.

Em quanto o edificio não esteve capaz de ser habitado se accommodaram as religiosas no paço da quinta, que para esse effeito se poz em forma de convento, e desde logo o começou el-rei a dotar com larga mão, e ainda que no principio lhe deu rendas com que se podessem sustentar oitenta religiosas, sempre no discurso de sua vida lhe foi fazendo mercês, e algumas particulares para o serviço da egreja, e maior commodidade da enfermaria; e imitando a Sancta Rainha a liberal doação de el-rei, como tinha grande lastima das enfermas e dos peregrinos, deixou em seu primeiro testamento que no mesmo logar se fizesse uma albergaria, em que elles se recolhessem, e mil libras para o dispendio da enfermaria, em que ellas se curassem, accrescentando não pequenos legados para a albergaria dos pobres; e ainda que ella não teve effeito naquelle sitio, a mudança alterou o logar, não a piedade, porque a sua magnificencia era inalteravel, a sua caridade constante.

Sendo estas as obras dos nossos reis, eram bem differentes as fabricas do infante seu filho, e como estava cego de sua colera fez publica a sua desobediencia, e determinou buscar a protecção da rainha de Castella sua sogra, para com o seu favor e industria se introduzir no governo da coroa. Tiveram os nossos reis noticia d'este designio, e el-rei com suaves préceitos, a Sancta Rainha com lacrimosos rogos, lhe mandaram e pediram que não fizesse aquella jornada; porém, desattendendo a sua braveza a uma e outra magestade, se foi com a infanta D. Brites sua mulher para Fonteguinaldo, logar do reino de Castella, onde estava a rainha sua sogra, e conferindo ambos o que se havia de fazer naquella pretenção, escreveu a rainha de Castella a el-rei D. Diniz uma carta, em que lhe pedia

que entregasse o governo do reino ao infante; e ainda que esta proposta era indecente á magestade, a grande prudencia de el-rei respondeu á rainha com repulsa e com modestia; e como o infante não viu bom logro áquella instancia, não tornou á real presença, e começaram seus vassallos a fazer no reino notaveis damnos, porque, como se perde o medo aos delictos, tem-se por merecimento os insultos, e jacta-se da malicia quem é poderoso na iniquidade.

Foi mais estranhada naquelle tempo esta pretenção do infante, porque el-rei estava com toda a capacidade para a administração da coroa, e nesta mesma occasião em que elle a pretendia seu primo o infante D. Jayme, primogenito de Aragão a recusava, vendo-se naquelle reino depôr um pae a coroa para que a puzesse um filho, e elle não querer a magestade, pela ter por servidão; e neste procurar um filho tirar a coroa ao pae, porque tinha por servidão tudo que não era a magestade. Tão diversas são as condições humanas! Os que uns têm por trabalho, têm outros por socego: Moysés não quiz acceitar o dominio, Absalão tractava de conseguir o imperio.

Como o infante, com o sentimento da repulsa, se alienou totalmente da real presença, era maior a desconsolação da Sancta Rainha, porque aquella falta do obsequio já era principio de rompimento, e temia que o Senhor désse ao infante os castigos que a Sagrada Escriptura commina áquelles que faltam á paternal obediencia; neste receio pedia a Deos com lagrimas e orações que aquellas culpas não impedissem as suas mizericordias, e se cumprissem as promessas, que para seus descendentes tinha promettido a el-rei D. Affonso Henriques bem ouviu o Senhor estes rogos, porque não nega os ouvidos aos justos, e se então não cessaram aquellas discordias, foi porque o Senhor por augmentar o merecimento da paciencia, differe o logro da consolação. Primeiro que désse ao povo a liberdade, viu e ouviu a afflicção e o clamor do povo, poz-lhe os olhos, e depois lhe deu os ouvidos.

Vendo o infante que se desvaneciam as suas diligencias, poz as suas esperanças nas armas. Tomou por tracto Leiria, apoderou-se do castello de Santarem, intentou interprender Thomar e Torres Novas, e como o maior cuidado da Sancta Rainha era a guerra civil, que já abrazava o reino, entendendo que ella nascia dos peccados publicos, alem de fazer (para applacar a ira divina) particulares orações e penitencias, se resolveu tambem a fazel-as publicas, porque, ainda que o Senhor manda orar nos cubiculos para que se escusem as distracções, obriga-se muito dos duplicados rogos, em que se fazem manifestos os arrependimentos. Perdoou á cidade de Ninive, porque com a cinza e com o cilicio mostrou a penitencia, e lhe pediu a misericordia; e para referirmos como a innocente Rainha, pelas culpas alheias, fez penitencias publicas, deduziremos esta acção de outros principios, que por serem admiraveis aos fieis devotos, não serão desagradaveis aos leitores pios, ainda que nos nossos escriptos sejam menos gratos.

Vivia na nobre villa de Santarem, na freguezia de S. Estevão, na rua que vulgarmente chamam das Esteiras no tempo de el-rei D. Affonso III, na era de mil duzentos sessenta e dois, sendo prelado da egreja de Lisboa o bispo D. Mattheus, uma mulher de humilde nascimento e pobre fortuna, a quem o marido, por causa de uma illicita amizade dava má vida, vendo-se nesta afflicção que era maior pelo ciume que pelo mau tracto (que as mulheres quasi não sentem o máo tracto, com tanto que se lhe não dê o ciume, porque este presuppõe desprezo, aquelle pode ser condição), procurou por todos os meios tirar o marido d'aquelles distrahimentos; e como aquella pena a trazia cega, não reparou em se valer de todas as diligencias, de que ordinaria, inutil, sacrilega e supersticiosamente usam as que querem ser amadas, e que outras sejam aborrecidas; e, ou por acaso, ou por inculca, deu conta a uma judia de que seu marido andava alienado do seu amor, em razão de uma conversação torpe, e que desejava achar remedio para que do estranho o reduzisse ao proprio leito. Tendo

a judia occasião de executar o detestavel odio que aquella nação de cerviz dura tem ao Sanctissimo Sacramento da Eucharistia, lhe disse que se lhe désse uma particula consagrada, ella se faria uma confeição tão poderosa, que depois que seu marido a bebesse, trocando-se os affectos, ella seria vista com agrado, a adultera com aborrecimento. E como os efficazes desejos são credulos em suas pretenções, e para que se consigam, não reparam nos meios que se reprovam, conveiu a cega com o ciume no que lhe pedia a que estava cega no judaismo, e para este effeito, fingindo-se indisposta, se foi á parochia, e depois de a ouvirem de confissão, repetindo os sacrilegios, recebeu a sagrada particula, e guardando-a na bocca, em vez de a consumir com toda a reverencia, a tomou com sacrilega mão, e a metteu em uma toalha, e se foi para casa da judia. Porem não querendo o Senhor Sacramentado ser entregue ao judaico povo, se não da terra, da toalha, começou a clamar com voz de sangue que lhe determinavam fazer aquella affronta; como elle era em muita copia, foi visto de algumas pessoas que a encontraram na rua, e pelas perguntas que lhe fizeram deu ella fé do que succedia, e olhando para a toalha, viu a sagrada particula feita uma sanguinea fonte. Sobresaltada d'aquella novidade, receiosa de que se manifestasse a sua culpa, se voltou para casa, e recolhendo-se na em que tinha a cama, fez de uma arca de madeira, que servia de roupa branca, a arca do testamento, em que, debaixo dos candidos accidentes metteu o pão dos anjos. Passou o dia entre a admiração do successo e o susto de que se publicasse o delicto, chegada a noite se recolheu com o marido, e depois de recolhidos, accordando elle á luz do melhor sol, chamou a mulher, e viu a casa banhada no resplendor que sahia da arca; considerando a mulher o prodigio do sangue, alumiada com o prodigio da luz, se confessou por auctora do sacrilegio, e deu ao marido conta do acontecimento, e elle ao prior da parochia, o qual depois de ver aquella maravilha, mandou repicar os sinos da egreja, e com uma devota procissão foi áquella casa que

estava não só banhada de resplendores, mas aromatisada em suavidades, e abrindo a arca, desenvolvendo a toalha, achou banhada em sangue a sagrada particula; vendo todo aquelle concurso o admiravel successo, adorou o Sanctissimo Sacramento, admirou o estupendo milagre. Voltando a procissão pelas principaes ruas da villa se recolheu, não sem grande contradicção dos poderosos, na mesma parochia, e se metteu o Sanctissimo Sacramento em uma custodia da mais bella cera, que as argumentosas abelhas colheram das mais felizes flores. E indo alguns annos depois o prior da egreja tiral-o do Sacrario para o levar na procissão dia de *Corpus Christi*, o achou dentro de uma pequena ambula de vidro, na forma que até então estivera na de cera, com algumas nodoas, como de sangue pisado, outras como de sangue fresco, e o resto com a mesma brancura dos accidentes, e no fundo da ambula, algumas pingas da mesma côr que as nodoas da sagrada hostia; admirou o segundo prodigio, obrado pelas mãos dos anjos, porque sem o poder do céo, era impossivel entrar a sagrada particula na estreita ambula, e desde então se começou o Senhor a mostrar aos fieis dentro d'ella em varias fórmas, ás vezes nos braços de sua Mãe Sanctissima, outras nos braços de sua cruz sagrada, e em outros passos de sua paixão dolorosa. E muitas vezes tem succedido, que vendo alguns peccadores o Senhor com aspecto irado, sahiram de sua presença com o coração arrependido, e viveram em penitencia, e nas maiores necessidades publicas se fazem penitentes procissões, em que se leva o sancto milagre, e tem mostrado a experiencia que, fazendo-se-lhe nesta fórma as deprecações, segundo o pedem as novidades, para que chovam e luzam os bens aos lavradores, succedem os beneficos raios do sol aos calamitosos chuveiros do céo, ou abundantes chuveiros do céo aos perniciosos raios do sol.

Vendo a Sancta Rainha que as guerras civis, em que o reino ardia, eram as maiores calamidades, em que nunca se achara, recorreu ao sancto milagre; e vindo da villa de Alemquer á de Santarem, ordenou uma procissão de pe-

nitencia, em que se levou a sagrada particula, e deposta a magestade, com a cinza na cabeça, com uma corda ao pescoço, os pés descalços, acompanhou a procissão com grande edificação e humildade. Como sabia que o Senhor se applaca com a penitencia que se faz na cinza e no cilicio, fazia a penitencia com o cilicio e com a cinza. E se o Senhor dilatou então as suas misericordias, foi para fazer mais estimaveis as suas dadivas; ainda que lhe fazia tão particulares favores, quiz que então padecesse grandes afflicções, porque os justos tambem vão pelos caminhos asperos para os do céo se lhe fazerem expeditos. S. Paulo, porque as revelações o não desvanecessem, tinha estimulos que o esbofeteassem.

Como as cousas do reino estavam tão alteradas, passaram nas civis tormentas as ondas muito alem das praias, e não só chegaram aos montes da soberania, mas aos Olympos da magestade; e vendo a Sancta Rainha o marido e o filho empunhando as armas, já nos amagos estava sentindo as feridas, e sendo grandes estes golpes, o Senhor, que se agrada de ver a paciencia dos justos, lhe accrescentou nova causa para os pezares, não por mortificar a sua elevação, mas por exercitar a sua constancia. E ella sabendo que o Senhor, quando mostra a sua ira, recorda a sua misericordia, vendo no céo os seus arcos, esperava que se não disparassem os tiros.

Considerando algumas pessoas, ou pouco advertidas ou mal intencionadas, que o infante não podia intentar empresas tão árduas, sem maiores cabedaes que os de suas rendas, nem mais noticias que as de suas negociações, se persuadiram que a Sancta Rainha lhe dava soccorro e avisos, como se houvesse de accender a guerra entre os domesticos quem a procurava apagar nos estranhos. Não lhe bastou ter como Judith heroicas virtudes, para não dizerem contra ella calumniosas palavras, antes foi calumniada como Judith, sendo como Judith formosa; e como a malicia ordinariamente affirma o que se lhe antoja, disseram a el-rei que a Sancta Rainha era cooperadora d'aquella

inquietação, com tanta efficacia, que, tendo elle de sua virtude multiplicados testemunhos, nas successivas acções de sua vida, principalmente naquelle particular, pois não houve no reino discordia que se não extinguisse por sua intercessão, deu credito ás informações suspeitosas, persuadindo-o o haver-se o infante apoderado da villa de Leiria, que a Rainha Sancta lhe dera para esse effeito ajuda, porque, como era do seu senhorio, diziam que sem a sua cooperação se lhe não havia de fazer d'ella entrega; onde se vê que quando os innocentes hão de ser afflictos, até os acasos se têm por culpas. E quando Anna move os beiços como devota, não falta quem diga que os move como temulenta; porém se os innocentes são calumniados, os detractores são os punidos: porque Maria calumniou temerariamente a Etiopisa, esta conservou gloriosamente a fama, aquella cobriu-se ignominiosamente de lepra.

Vendo el-rei aquelle successo, se resolveu, obrigado d'esta falsa informação, a mandar a Sancta Rainha para a villa de Alemquer, e a lhe tirar todas as rendas de que lhe tinha feito doações. Acceitou ella o injusto degredo com paciencia sancta, e se foi para elle com inalteravel conformidade. Como no seculo vivia fóra do mundo, fóra do mundo não reparava no logar em que estava no seculo; e em todo aquelle tempo se lhe não ouviu nem a menor queixa de el-rei, antes muitas razões para a sua desculpa, porque os justos, por conservarem a sua innocencia, não fazem dos offensores queixa, antes o tractam como se d'elles não receberam injuria. Fazendo Saul muito más obras a David, não disse David uma má palavra contra Saul, sem embargo de este o querer matar com a lança não deixou aquelle de o alliviar com a harpa.

Tanto que a Sancta Rainha chegou áquella villa, convocou algumas mulheres, de cujo espirito e devoção tinha noticia certa, e com ellas frequentava os divinos louvores, os exercicios sanctos, fazendo rigorosos jejuns, não tanto para que constasse de seus inculpaveis procedimentos, mas para que se applacassem aquelles perniciosos tumultos. Sa-

bendo os seus vassallos que el-rei a tinha reclusa e lhe tirara as villas de que era senhora, certos de sua innocencia, indignados d'aquella impostura, lhe foram offerecer as vidas, e as fazendas, para que se lhe restituisse a liberdade e o senhorio; porém ella, que nas considerações de que o rei do céo não tivera onde reclinar a cabeça, e que fora atado em uma columna, estimava a pobreza e a prisão, tendo o remedio por mais prejudicial que o damno, não sentia o damno, nem lhe procurava remedio, e agradecendo-lhes o animo, lhes não acceitou o offerecimento, antes os exhortou a que com toda a efficacia procurassem socegar aquella discordia, dizendo-lhes que assim convinha ao serviço de Deos o bem do reino, e que, se ella tivera por licito tomarem elles as armas para a recuperação da sua liberdade e estado, o não faria por algum acontecimento, e menos naquella occasião, porque se entenderia que ella concorria para a presente guerra; e assim era obrigada à impedir tudo o que a podia infamar, e que esperava que o Senhor, que sempre se punha da parte da innocencia, e assim como falsamente a criminavam, como a Susanna, acudiria piedosamente pela sua honra.

Estando a Rainha Sancta neste estado, foram taes os damnos que se padeceram no reino, que elle mesmo foi campanha para os estragos, theatro para as tragedias, e naquelle tempo se encontravam pelas estradas mais cadaveres do que homens, porque estando o direito nas armas, não se tinha temor das justiças, clamando as lastimosas vozes dos innocentes e as furibundas dos criminosos pelos divinos castigos, porque egualmente chegam umas e outras ao céo, para a commiseração e para a ira, e se não foram as vozes da Sancta Rainha, que estando no seu desterro, tinha o coração na patria, e estava pedindo sempre a Deos a concordia, sem duvida, que abrazando-se o reino nos incendios do odio, se submergiria nos diluvios de sangue.

Depois que o infante tomou e perdeu Leiria, vendo que lhe resistiam outras praças, com o protexto de ir em ro-

maria ao glorioso martyr S. Vicente, cujas sagradas reliquias honram a Sancta Sé Metropolitana da inclita cidade de Lisboa, se partiu para ella, com intento de a pôr á sua devoção. Estava el-rei neste tempo em Santarem, e depois de mandar dizer ao filho que apartasse de si os homens facinorosos, que a titulo de obsequios lhe faziam tantos serviços, e elle não querer dar ouvidos a tão saudaveis conselhos, se foi com gente armada em seu seguimento, e se alojou no logar do Lumiar, onde esteve algum tempo, esperando que o filho mudasse de arbitrio; porém, dando el-rei tempo á sua reducção, elle renunciou a indulgencia, e se foi para Cintra com resolução de se pôr em defesa. Vendo el-rei que não temia o seu poder, nem respeitava a sua pessoa (sendo que o desejava obrigar com o respeito, e não se expor á contingencia de um conflicto), desenrolada a real bandeira, se partiu para aquella villa, onde o filho estava posto em armas, e assim esteve no campo algum tempo, vendo se se lhe dava batalha; porém el-rei, que o queria reduzir, e não desejava pelejar, sem reparar que o accusassem de temor, impediu o rompimento, mostrando com a paciencia que o seu intento era a reducção, não a victoria; porque os reis que são paes evitam os conflictos em que são lamentaveis os triumphos, e só esgrimem as armas, quando de outra sorte se não podem conseguir as victorias. Deu David a batalha a Absalão, porque Absalão se fez irreconciliavel para David.

Não se querendo dar a batalha, cada qual mudou de posto, vindo el-rei para Bemfica, o infante para o Lumiar, onde se mudou para o sitio que chamam das Albogas, e ficou quasi á vista de el-rei, com o que elle se resolveu a concluir com a força o que não podia com a paciencia, e lhe mandou dizer que o esperasse, porque queria que fosse testemunha dos severos castigos que dava aos homens facinorosos, de quem tomava tam perniciosos conselhos, e que visse que, se em Cintra não pelejava, fóra, não porque o tomor evitara a batalha, mas porque a prudencia recusara a victoria. Não se reduziu o filho com este re-

cado, mas, receando o recontro por ser desegual o partido, largou o posto, e el-rei não quiz ir em seu alcance, tendo por triumpho do seu soffrimento não querer com o sangue o triumpho, e sem duvida esta foi a sua maior victoria, pois nella triumphou da sua propria ira, e desprezando o vencimento, conseguiu o mais glorioso triumpho. Maior gloria resultou a Zarão largando a primogenitura por mão a Phares, do que se lhe levara a primogenitura por mão; mostrando que tinha braço para triumphar, teve por melhor triumpho o ceder.

Nesta retirada se recolheu o infante a Coimbra, onde nasceu o infante D. Pedro, que depois foi successor do reino, cuja justiça se denominou crueldade, porque em todo o tempo se teve por crueldade a justiça. É certo que elle excedeu os termos das leis, porém as suas execuções reduziram o reino a tão pacifico estado, que não atropellava a força á justiça, nem triumphava da miseria a insolencia, com o que mais se lhe deve o renome de zeloso, que de cruel. Não deixaram as grandes inquietações do reino festejar aquella felicidade com os publicos applausos, que merecia o nascimento do successor; porém sem embargo de el-rei estar offendido com a desobediencia do filho, ficou consolado com o nascimento do neto, porque, se os principes gentios viam com tristes olhos os successores, os principes catholicos vêem com alegres olhos os herdeiros. E na Sancta Rainha foi maior o contentamento, porque, receando que por castigo de o filho fazer ao pae guerras e não continuasse nelle a successão da corôa, via que Deos lhe dava a successão, e o evitar-se a pena, lograr-se a felicidade, proveiu de sua piedosa intercessão. Como tinha achado graça na presença divina, conseguiu para o filho a desejada indulgencia, porque os justos não pedem só para si, tambem impetram para os seus. Mandando Deos a Noé que fizesse a arca para a sua pessoa, na mesma arca se salvou toda a sua familia.

Em quanto o reino ardia nestas discordias, cujos incendios chegavam a todos os estados, não faltou naquelles ca-

lamitosos tempos quem com sancto zelo augmentasse o fervor dos fieis devotos em gloria da Rainha dos anjos. Tinha a pontificia mitra da sé cathedral da cidade de Coimbra o bispo D. Raymundo, varão de grandes letras e insignes virtudes, e sem embargo das intestinas guerras, applicado a apascentar as catholicas ovelhas, não concorreu nas civis discordias, e ou por superior instincto, ou porque a Mãe de Deos fosse medianeira com seu precioso filho em ordem a cessarem as presentes calamidades, promulgou uma constituição, pela qual mandava que naquella diosese se celebrasse a oito de dezembro a immaculada Conceição da sempre Virgem Maria Nossa Senhora. D'esta cathedral se derivou esta solemnidade a todas as mais do reino, principalmente á de Lisboa, aonde o conego João Eschola, illustre por sua qualidade, memoravel por sua devoção, deixou um legado para se fazer aquella celebridade, e como o conego fosse filho de Francisco Eschola, porteiro mór da Sancta Rainha, havendo-se criado em sua casa, naquelles piedosos lares aprendeu a devoção da Senhora, de cuja Immaculada Conceição, foi a Sancta Rainha mui devota, e na egreja do convento da Sanctissima Trindade, que então se fazia em Lisboa, e para que concorreu com larguissimas esmolas, sendo ministro d'aquella casa seu confessor o religiosissimo varão fr. Estevão de Santarem, mandou fazer uma capella da invocação de Nossa Senhora da Conceição, que depois passou a diversas pessoas. E razão é, pois lhe faltam as inscripções, que durem nos annaes as suas memorias, pois é fabrica, que edificou uma Sancta Rainha á original innocencia de uma Rainha da Gloria, que se figurou no altar, em que não houve pedras cortadas, e todas as pedras foram inteiras. Como levantar-se o cutelo bastava para que o altar se manchasse, para que se não manchasse o altar não se levantou o cutelo, e um cutelo deposto, pode defender o altar sagrado.

D'aquelle tempo em diante se continuou em Portugal a festa da Immaculada Conceição da Senhora, e vendo os nossos reis que a Sancta Rainha lhe fabricara capellas, as

foram tecendo com devotas flores, e ultimamente el-rei D. João IV de feliz fortuna e saudosa memoria, pois tirou da castelhana testa a portugueza coroa, conservando com prudencia o que restaurou com maravilha, em signal de sua gratificação, e para firmeza de seu estabelecimento, jurou e fez jurar a todos seus vassallos a Conceição Immaculada da Virgem Maria Nossa Senhora, e a tomou por protectora de todos os reinos e senhorios da coroa portugueza, declarando que seus successores e vassallos seriam obrigados a expor a vida pela defesa d'aquella excellencia, obrigando-se a pagar cada anno por feudo de sua devoção cincoenta cruzados em ouro, no magnifico templo, que erigiu em villa Viçosa, côrte dos reaes duques de Bragança, á Conceição de Nossa Senhora, que hoje é religioso pantheon das catholicas cinzas d'aquelles excellentissimos principes, e quando este rei, a todas as luzes insigne, não fizera outra acção digna de memoria, sendo que todas as suas serão, em quanto durar o mundo, as mais gloriosas occupações da fama, esta bastava para lhe dar com titulo de magnifico o renome de religioso.

No mesmo tempo em que o bispo de Coimbra, alheio das civis discordias, se occupava em tão sanctas obras, continuando os facinorosos os delictos, passaram dos insultos aos sacrilegios, porque, quando a ferocidade do coração se desenfrea, é lisonja da crueldade o maior escandalo da culpa. Era naquelle tempo bispo de Evora D. Giraldo, que o havia sido do Porto, o qual para a sua egreja, para a sua pessoa, e para a sua familia tinha recebido não pequenos favores de el-rei, e andando naquella estação na sua diocese dispondo o animo dos moradores, para que não fossem parciaes das discordias, tendo d'estas diligencias avisos os facinorosos, que nas perturbações da republica acham as razões de sua conveniencia, estando o desprevenido prelado em Estremoz em sua casa, entraram nella, e com as sacrilegas espadas lhe tiraram sem culpa alguma a innocente vida. Sentiu el-rei a sacrilega morte do bispo, a Sancta Rainha a morte e o sacrilegio, porque, sabendo que

o Senhor dá as chagas pela medida das culpas, temia que a tão grandes peccados succedessem eguaes castigos, e receava que se perdesse lastimosamente a coroa, por se violar sacrilegamente uma mitra; temos por sem duvida que este sacrilegio se commeteu, não só sem noticia, mas com pezar do infante, porque um principe catholico não é crivel que quizesse que se matasse um principe sagrado. Se Saul mandou matar os prophetas, foi porque estava já entregue a suas loucuras; tirou-lhes um gentio a vida, porque nenhum israelita lhe quiz dar a morte, tendo por menor mal incorrer na indignação dos reis que concorrer na injuria dos prophetas.

Não bastando a prudencia de el-rei para moderar a braveza do filho, estando a Sancta Rainha na desgraça de ambos, pois um tinha d'ella desconfianças, outro não ouvia as suas exhortações, chegou o reino (que se tinha visto no mais alto cume das felicidades) ao mais deploravel abatimento de miserias; e el-rei, por evitar as tragicas ruinas, mandou dar conta a el-rei D. Jayme de Aragão, seu cunhado, das violentas fabricas que levantavam as condições humanas; e vendo el-rei de Aragão que a rainha de Castella favorecia a discordia, preveniu tudo o que lhe pareceu conveniente, para que ella não désse soccorro ao genro, e enviou a Portugal seu meio irmão D. Sancho, fiando que a sua prudencia aconselhasse o cunhado, consolasse a irmã, e reduzisse o sobrinho; porém por mais que elle com sua grande auctoridade procurou que se conseguisse a concordia, não serviu a sua diligencia mais que de ser testemunha da prudente tolerancia de el-rei, da sancta paciencia da Rainha, da colerica braveza do infante, e do lamentavel estado do reino.

Entendendo o infante que era descredito de seu valor estar nos arrabaldes de Coimbra sem se apoderar da cidade, se resolveu a intentar aquella interpresa; e para a pôr em execução mandou convocar seus alliados, fingindo que os ajunctava para outros intentos; e imaginando os moradores da cidade (sem embargo de elle ter comsigo tanta

gente) que não intentaria a conquista, não accrescentaram a cautela, e tendo o infante noticia da sua confiança, sem o atemorisar o geral e repetido terremoto, que a nove do mez de dezembro d'aquelle anno atemorisou todos os viventes, julgando que os sepultavam vivos, no ultimo do mesmo entrou a cidade com tão pouca resistencia, que não deixou de haver bem fundada suspeita de que a não rendera a força, e que mais que a desacautelada confiança, a entregara a occulta intelligencia.

Animado com esta interpresa, recolheu a infante D. Brites na cidade, e deixando-a com militar presidio, partiu no outro dia para Montemor o Velho, e tanto que chegou ao castello, que pelo sitio se podia defender largo tempo, por estar sem presumpção, se lhe entregou sem resistencia. Tractando de se approveitar da fortuna, se apoderou com a mesma facilidade dos castellos da Feira, Gaia e Porto, com o que se deu por senhor das provincias da Beira e entre Douro e Minho, e com a gente que ajunctou naquella cidade foi pôr cerco a Guimarães, aonde estava Mem Rodrigues de Vasconcellos, meirinho mór da mesma provincia, fidalgo em quem o valor e a lealdade eram correspondentes ao esplendor de seu illustre sangue. Procurou o infante persuadil-o á entrega da villa, e não podendo conquistal-o nem as promessas dos favores, nem as ameaças dos castigos, porque os animos generosos não se rendem, nem com os interesses, nem com os receios, resolveu o infante combater a villa e o castello, e continuando-se o combate com toda a furia, Mem Rodrigues se defendeu com tão valerosa constancia, que os sitiados na defesa, os sitiadores na expugnação, mostravam que contendiam portuguezes contra portuguezes, e que se não alterava o valor de nação tão heroica, nem com o receio da indignação, nem com a sem razão da conquista; antes a sem razão da conquista e o receio da indignação eram maiores empenhos para a empresa. Para Architofel esforçar a parcialidade de Absalão, disse a Absalão que fizesse uma grande injuria a David.

Causaram estes prosperos progressos das armas varios effeitos de esperanças e de temores. E vendo a Sancta Rainha que naquellas domesticas discordias seriam infelizes as felicidades de qualquer que fossem as victorias, se resolveu (sem embargo de estar por ordem de el-rei em Alemquer) ir-se avistar com o infante em Guimarães, para lhe persuadir a paz, e com menor acompanhamento do que pedia a magestade partiu para aquella villa, sem reparar nos discommodos de tão dilatado caminho, nem em que el-rei julgasse por desobediencia a jornada. Em poucos dias chegou ao arraial do infante; porém, por mais que o exhortou como mãe, como rainha lhe mandou que desistisse d'aquella empresa, porque maiores utilidades para sua pessoa, maiores elogios para sua fama, havia de tirar da obediencia que da guerra, ainda em caso que conseguisse a victoria. Elle o não quiz fazer. E sabendo el-rei que o infante interprendera Coimbra, fez praça de armas a Santarem, onde ajunctou toda a gente do reino, e com ella se veiu alojar nos arrabaldes d'aquella cidade. Vendo o infante que Guimarães se não rendia, que Coimbra se arriscava, levantou o cerco da villa, e se resolveu a vir descercar a cidade, trazendo em sua companhia a Sancta Rainha sua mãe, e chegando em jornadas breves a ver os reaes estandartes, se foi alojar uma legoa distante do portuguez exercito. Tres dias se deteve naquelle posto, e em todos elles esteve a Rainha Sancta com grande receio de que se chegasse ao ultimo perigo, porque, não convindo ao decoro de el-rei levantar o cerco, querendo o valor do infante introduzir o soccorro, fazia inevitavel o conflicto; e magoada de ver as successivas mortes que succediam nos repetidos recontros que tinham entre si os dois exercitos, continuou com o filho os rogos, as exortações, e as diligencias, para o reduzir a alguma composição, com que se evitasse o por-se o reino no ultimo perigo de uma batalha. Trazia o infante em sua companhia a seu meio irmão D. Pedro, conde de Barcellos, o qual era mordomo mór da infante, e tinha por suas grandes partes com o irmão

mui auctorisada valia, e valendo-se a Sancta Rainha de D. Maria Ximenes Coronel, que a havia servido de dama, e de presente era casada com o conde, para que lhe fallasse, que reduzisse o infante a concordia, ella o fez como tão interessada na paz, e elle obrigado da Sancta Rainha, a quem venerava, da infante a quem servia, por não desagradar á esposa, por tornar á graça de el-rei, empenhou toda a sua auctoridade com o infante, e todos a uma voz o persuadiram a que se tractasse de algum meio para a concordia, ao que elle se reduziu com grande resistencia de sua colera, porque a braveza de seu coração não era facil sujeitar-se ao arbitrio da paz, e esperava maiores conveniencias das armas que das capitulações. Porém só quando se não poderem ajustar as capitulações se ha de vir á decisão das armas, porque, melhor que com a força, se milita com o conselho: se com a penna pode ser menos util qualquer escriptura, com a espada é funesta toda a victoria. E tudo o que é poupar o domestico sangue é fazer mais glorioso o triumpho.

Tanto que a Sancta Rainha teve ajustado com o infante que viria em algum accommodamento, se foi (como Abigail prudente á presença de David irado) levando a el-rei, como por desculpa de se haver sahido de Alemquer, sem sua licença, todo o trabalho que havia passado por conseguir a concordia; e el-rei que estava inteirado de sua innocencia e obrigado de sua virtude, por deferir a sua intercessão e não expor o reino a uma batalha, consentiu que se fizessem tregoas. Assentadas ellas, convieram os mediadores que el-rei mudasse de alojamento, e se fosse para o logar de S. Martinho, que está da outra parte do rio, que o infante viesse para Coimbra, onde estava a infanta sua mulher, porque, cessando as hostilidades entre os sitiados e sitiadores, e os recontros entre os dois exercitos, seriam mais faceis as conferencias, que com as mortes podiam ter algumas alterações. Não desagradou a el-rei este meio, e se foi para o logar destinado, e o infante se recolheu na cidade com a Sancta Rainha, que fazia assistencia onde

se necessitava mais da persuasão. Porém, gastando-se quatro dias sem que o infante se reduzisse ao accordo, que a elle era util, a el-rei decente, exasperado el-rei da dilação, abalou com o exercito contra a cidade, e ouvindo o infante o militar estrondo das trombetas, certificado da ordenada marcha das esquadras, não sem alteração, mas com valor se preveniu para a defesa. E como os de el-rei determinavam entrar na cidade pela ponte, foi dentro d'ella o sanguinolento conflicto, pretendendo uns ganhar, outros defender a porta. Pouco campo era uma, não larga, ponte para um tão grande recontro, porém este foi tão bem ferido, que, se pelos arcos d'ella corria a agua, dentro dos bordos inundava o sangue, e abraçando-se os combatentes uns com os outros, lançando-se da ponte na agua, os que não morreram feridos morreram afogados, e sendo eguaes as façanhas de uma e outra parte, os parciaes do infante tiveram melhor dia. E querendo os de el-rei cortar-lhes a fortuna, reservaram para outra occasião a empresa, e se recolheram no convento de S. Francisco, que estava defronte da cidade, juncto á ponte, de cujos grandes edificios, são já mal divisados os vestigios, porque, se as ondas do Mondego arruinaram as suas fabricas, as areas sepultaram tambem as suas ruinas.

Ainda que os da parte do infante ficaram, naquelle dia, melhor do combate, o bom successo do primeiro não lhe tirou o receio do segundo; e a Sancta Rainha e a infanta, que da eminencia dos paços, se não viram os estragos, ouviram os estrondos do conflicto, instaram com o infante, depois de o haverem feito a Deos, que conviesse em algum decente accordo, de que se seguisse o publico socego; e como os prelados, mestres das ordens, e ricos homens do reino, desejassem a concordia, todos trabalharam para aquelle ajustamento, e reduziram o infante a mediação, e estando elle no convento de Sancta Cruz, e el-rei no de S. Francisco, entendendo os que tractavam da paz que, achando-se tão visinhos com as armas nas mãos, por força haviam de estar os animos discordes, porque umas armas

irritavam as outras, assentaram que el-rei se fosse para Leiria, o infante para Pombal, porque a primeira villa distava doze legoas de Coimbra, a segunda, sete; e nas distancias dos logares se podiam conseguir as uniões dos animos, porque nem el-rei se empenharia na conquista de uma cidade que faltara á sua obediencia, nem o infante na defesa da que seguia a sua voz. Acceitaram um e outro este arbitrio, e com effeito sem levarem comsigo gente de guerra, só com os officiaes da casa, e os deputados para a paz, foi cada um para o logar destinado, e a Sancta Rainha acompanhou o infante seu filho, para o persuadir ao accordo, porque os que vivem em innocencia seguem os que commettem a culpa, não para favorecerem a culpa, mas para persuadir a innocencia. Lançou Noé da arca, quando começou a cessar o diluvio, uma innocente ave após uma ave funesta, não para que a pomba imitasse o corvo, mas para que o corvo aprendesse da pomba.

Conferido este grande negocio, de que se esperava a paz universal do reino, se ajustou que el-rei largasse ao infante o senhorio da cidade de Coimbra, a villa de Montemor, com os castellos da Feira, Gaia e Porto, e lhe accrescentasse a renda, para que fosse maior o esplendor da sua casa, e que o infante lhe fizesse homenagem de ter aquelles castellos da sua mão, e fazer d'elles a guerra, ou a paz pelo real arbitrio, que despedisse os malfeitores que andavam em sua companhia, e os deixasse á jurisdicção da justiça, e de tudo fez o infante publico juramento na egreja de S. Martinho da villa de Pombal, e pediu á Sancta Rainha que para maior segurança d'aquelle concerto fizessem tambem d'elle homenagem, o que ella não recusou, porque desejava obrar, pela conclusão da paz, tudo o que não fosse encargo de consciencia. Feito o ajustamento nesta forma, se partiu a Sancta Rainha com o infante para Leiria, onde el-rei os esperava com aquelle alvoroço, que pedia ver o filho obediente, e uma Rainha, que com sua virtuosa diligencia tinha feito cessar tão perniciosa guerra. El-rei recebeu o infante como se nunca lhe houvera feito

aggravos, o infante se prostrou diante de el-rei como quem d'elle recebia favores, que lembrar nas pazes das offensas, mais que dar as mãos, é querer empunhar outra vez as armas. Os prelados e senhores, que naquella occasião se acharam presentes, beijaram as mãos aos reis e ao infante em reconhecido agradecimento de tão feliz concordia, de que a todos resultava uma ditosa tranquillidade, e punham sobre as estrellas os louvores da Sancta Rainha, a cujas frequentes orações e efficazes instancias, mais que ás diligencias humanas attribuiam cessarem as bellicas contendas, porque as orações dos justos obram mais do que os meios mais proporcionados. Ainda que Josué, pelejando, deu a batalha, Moysés, orando, conseguiu a victoria.

Detiveram-se os reis alguns dias na villa de Leiria e passaram á de Alemquer, e como Deos falla aos seus servos em sonhos, uma noite, em que o somno não fugia dos olhos da Sancta Rainha, sendo que muitas vezes o faziam fugir as vigilias, sonhou que seria obra mui agradavel ao Senhor fazer naquella villa uma egreja dedicada ao Espirito Sancto, na qual se celebrasse o sacrosancto sacrificio da missa; e ainda que o tempo a que accordou do somno não era de todo dia claro, como era costumada a louvar a Deos, como estrella matutina, se vestiu e foi ouvir missa. Tanto que a ouviu se foi ao rocio da villa, a quem o rio umas vezes inunda outras pratea, e, mandando chamar os juizes d'aquelle povo, lhes ordenou que lhe mandassem quatro pedreiros e seis trabalhadores, porque queria que se abrissem uns alicerces naquelle sitio. Tanto que os juizes foram fazer a diligencia, se poz a Sancta Rainha em oração no mesmo logar, porque, como aquellas acções eram inspiradas por Deos, não reparava em que fossem vistas no mundo. Vindo os officiaes e trabalhadores, se levantou e foi para onde determinava abrir os alicerces, e chegando ao sitio destinado os achou abertos e desenhados. Vendo a Sancta Rainha tão impensado successo, não sem consideração de que era superior prodigio, perguntou aos juizes se os tinham mandado abrir naquella forma ou d'elles tinham alguma noti-

cia. E os juizes lhe responderam que nem elles nem outra pessoa alguma havia dado principio áquella obra, antes passando por aquelle sitio no principio da noite antecedente, não tinha aquella parte differença alguma do outro campo. Ouvindo a Sancta Rainha este desengano, reconheceu o favor, e, pondo-se outra vez em oração, deu, com muitas lagrimas de ternura, graças a Deos da maravilha. Como era Sancta, dava a Deos os louvores, e não se attribuia a si a gloria; como dava a Deos as graças, Deos lhe repetia as mercês, porque os que attribuem a seus merecimentos os favores, fazem que os favores se troquem em castigos. O preparar-se Saúl vangloriosamente um triumpho foi tambem causa de perder tão lastimosamente o sceptro.

Ainda que parecia que não necessitava de maior firmeza a fabrica a que Deos tinha feito a milagrosa planta, como os alicerces da egreja estavam só delineados á flor da terra, mandou a Sancta Rainha que, na forma da delineação, se fizessem de maior altura, e depois de assistir na obra por algum espaço do dia, despedindo-se dos officiaes, lhes disse que trabalhassem com cuidado, porque lhes havia de pagar o jornal com vantagens. Chegando ao paço deu conta a el-rei do successo, de que elle recebeu grande gosto; e por testemunhar a maravilha foi, sem dilação, ver a obra, e conhecendo que da gloria que a Sancta Rainha achava com a sua graça lhe resultava a elle e ao reino grande parte, deu graças a Deos de o haver unido no thalamo com uma Rainha, em abono de cujas heroicas virtudes tinha obrado tão insignes prodigios, de que á magestade e á monarchia resultavam tão gloriosos applausos. Porque as mulheres fortes não só são gloria de seus maridos, tambem o são de seus povos. Judith, cujo virtuoso valor degolou a infernal soberba de Holophernes, não só foi gloria de Manassés, tambem foi gloria, foi alegria, foi honorificencia de todo o povo de Israel.

Tanto que a Sancta Rainha acabou de jantar, como aquella obra era sancta, veiu assistir a ella a tarde toda, e

passando por aquelle sitio, ao declinar do dia, uma moça com um molho de rosas nas mãos, disse a Sancta Rainha a uma dama sua que lh'as pedisse da sua parte. Obedeceu a dama ao preceito, a moça ao rogo, e passando as rosas da segunda mão ás da Sancta Rainha, ficaram ellas da melhor sorte e com o melhor preço. E como costumava louvar o auctor da natureza em todas as cousas creadas, considerando que produzindo a terra, nascendo a silva, brotando o ramo, pullulando a esmeralda, florescia a purpura, rescendia o nacar, levantando as mãos ao céo lhe deu muitas graças de que pozesse entre tão penetrantes espinhos tão odoriferas fragrancias.

Chegado o tempo de a Sancta Rainha se voltar para o paço deu a cada um dos officiaes e trabalhadores sua rosa, dizendo-lhes que com ella lhes pagava o dia; e rindo-se elles, cuidando que era graça, as acceitaram com grande cortezia, admirando tanta urbanidade em magestade tão venerada; e, para continuar o trabalho, guardou cada um a sua em logar distincto. Posto o sol, depois de se ausentar a Sancta Rainha, tomando cada qual os vestidos para se recolherem a suas casas, e querendo levar as flores, para testemunhas de que a Sancta Rainha lhe fizera aquellas mercês, quando as buscaram acharam dobras, e duvidando que fossem verdadeiras tão lucrosas transformações, para se tirarem das duvidas determinaram ir buscar a Sancta Rainha, a qual acharam ainda na rua, e lhe disseram que Sua Alteza lhes mandara pôr dobras em logar de rosas, que elles não tinham merecido tão liberal paga e estavam certos da satisfação. Ouvindo a Sancta Rainha o successo d'aquella mudança, conheceu que era prodigio do céo, porque com outros similhantes tinha a divina grandeza honrado a sua humildade, e pondo os olhos na terra, o coração no céo, deu muitas graças ao Senhor por querer que aquellas obras se fizessem a preço de maravilhas, e nestas se viu que emendou a virtude o que preverteu o peccado. Pois, se o peccado fez que as rosas tivessem espinhos, a virtude fez que se trocassem em ouro as rosas.

Quando os officiaes deram conta á Sancta Rainha do successo que os tinha em duvida, lhe não deu ella alguma resposta, e chamando um d'elles á parte lhe perguntou outra vez pelo acontecimento, e elle lhe tornou a referir a verdade. E tanto que se certificou do milagre, os chamou a todos e lhes impoz o segredo, dizendo-lhes que se aproveitassem do dinheiro. Porém, como quando lhe succediam similhantes maravilhas se banhava em devotissimas lagrimas, o que não disseram as vozes indicaram os olhos. Com o que, os que estavam em sua companhia logo entenderam que havia succedido algum prodigio, e assim o disseram a el-rei, quando chegaram ao paço. Tanto que elle teve esta noticia a foi buscar á sua camara e lhe perguntou pelo successo. Porém ella, que era verdadeira imitadora do Seraphim chagado, querendo só para si o seu segredo, se Elle occultou a impressão das chagas, ella encobriu a conversão das rosas.

Como a Sancta Rainha lhe não negou nem affirmou expressamente o successo, mandou el-rei em segredo chamar os officiaes que trabalhavam na obra, e lhes perguntou o que tinham passado quando, recolhendo-se a Rainha para o paço, lhe vieram fallar ao caminho. E ainda que elles desejaram observar o preceito que ella lhes tinha posto, poude mais com elles a magestade onde estava o poder, que a magestade em que só estava o respeito; e entendendo que tinham desculpa para a Rainha Sancta na obediencia que deviam a el-rei, lhe referiram o milagroso successo, que elle ouviu com alegre admiração. Depois de saber a verdade foi buscar a Sancta Rainha, e entre a veneração e a queixa lhe disse que, se ella não tinha dinheiro para a obra, lhe podia dar essa noticia, para a mandar fazer de sua real fazenda. E não podendo ella negar aquelle prodigioso acontecimento, agradeceu a el-rei a real offerta com tanta modestia, que bem se via que não tinha alguma jactancia de Deos fazer por ella tão grande maravilha. Como vivia em humildade, fugindo da fama, se accrescentava a gloria; que a gloria se augmenta quanto mais a grandeza

se humilha. Porque Ruth, que se podia gloriar do throno de Eglon, se lançou aos pés de Booz, foi mais illustre por mulher de Booz, que por descendente de Eglon.

Divulgou-se na villa logo o milagre, e ainda que este não era o primeiro, pois naquelle mesmo logar, para que a Sancta Rainha o bebesse como remedio, se havia convertido a agoa em vinho, em Coimbra se trocou em rosas o dinheiro. O espanto foi como se fôra inaudito o successo; e entendendo el-rei que devia fazer algumas demonstrações em acção de graças, vencendo o poder da magestade o que não cabia na brevidade do tempo, mandou preparar o sitio com magestosa decencia, e ao outro dia, com a a Rainha e toda a côrte, foi ouvir a elle missa e prégação, e no mesmo acto mostraram os officiaes as dobras, que o dia antes haviam sido flores, passando o pudor da rosa a ter o luzimento do ouro. Sendo este mais precioso que o de Ophir, porque o de Ophir nasce nos mineraes da terra, o das rosas tirou-se dos thesouros do céo.

Admirado d'este prodigio quiz el-rei, não só pela liberalidade de seu animo, mas tambem por sacrificio de sua devoção, concorrer para o lucroso dispendio de tão miraculosa obra. Porém a Sancta Rainha, que para similhantes gastos não necessitava de abrir os thesouros, e bastava colher as flores, querendo que toda a despesa fosse sua, não consentiu que a real liberalidade dispendesse cousa alguma naquella fabrica. E vendo el-rei que ella era ambiciosa do dispendio, desejando ser participante do lucro, deu á egreja de renda muito mais do que havia de gastar na obra. E d'esta sua doação ainda hoje se conserva a posse, porque o que a Deos se dá sempre o Senhor o conserva. Por isso disse que o unguento com que o ungira à Magdalena se guardava para o dia da sepultura.

Em quanto corriam as obras da egreja corriam tambem os milagres no rio, porque indo a Sancta Rainha orar nas suas margens, lavar os pannos para os hospitaes, em virtude do contacto de suas mãos, curavam as agoas muitos enfermos de doenças incuraveis. Os cegos viram, os coxos

andaram, sararam os leprosos, tendo aquelle feliz rio effeitos de Jordão sagrado; e como aonde a Sancta Rainha mettia a mão punha Deos a virtude, todos criam que cobravam saude em virtude da sua mão. Se Anna, filha de Sebeon, achou as agoas salutiferas, esta Sancta Rainha fez salutiferas as agoas.

Como no edificio trabalhavam não só os homens mas os prodigios, obrou-se tudo com grande brevidade, e acabada a egreja se erigiu o altar mór, onde se collocou um retabulo do Espirito Sancto, a quem as escripturas d'aquelle tempo chamam gentil pela excellencia, sendo catholico pelo mysterio, e uma e outra magestade (porque nesta despesa consentiu a Rainha Sancta que el-rei tivesse parte) proveram a egreja de vestimentas, ornamentos e calices com tanta grandeza, que, ainda que não tinham as reaes insignias, mostravam que eram reaes as doações.

Tanto que o ornato da egreja esteve posto em sua perfeição se disse nella, com assistencia dos reis e da côrte, uma missa, officiada com toda a solemnidade. Acabado o sacrosancto sacrificio, chamando os reis a nobreza mais qualificada, e parte da boa gente da villa e seus contornos, que tinha assistido naquelle religioso acto, lhes encommendaram a casa, o que elles tiveram por grande honra, não só porque se fazia d'elles tanta confiança, mas porque uma e outra maravilha tinham certificado quanto era agradavel a Deos aquella egreja. E agradecidos ás reaes recommendações, porque os reis, quando põem encargos com os rogos, fazem mercês com os encargos, lhes responderam que elles promettiam que por serviço de Deos e de suas altezas tractariam da conservação d'aquella casa com tanta vigilancia que ella fosse em augmento em quanto durasse o mundo. Estimaram os reis esta piedosa promessa da nobreza e do povo, em que o povo egualou a generosidade da nobreza; pois quando os reis não procuravam mais que o cuidado, egualmente tomaram todos por sua conta até o dispendio; e este se chegou depois a fazer com tanta grandeza, que foi necessario moderar-se a superfluidade.

Porque as offertas do povo bastavam para se fazer o tabernaculo, mandou Moisés que, para se fazer o tabernaculo, não fizesse mais offertas o povo.

Acabada aquella solemnidade com grande edificação d'aquelle concurso, não se fallava nestes reinos, nem nos estranhos, senão no milagre das rosas, ou nas rosas do milagre; este era o dinheiro que mais corria, esta a maravilha que florescia mais. Ajunctaram-se as pessoas a quem os reis tinham encommendado a egreja com a maior parte dos moradores da villa, que, se hoje é muito ennobrecida, então era muito mais populosa, e erigiram uma confraria em louvor do Espirito Sancto, a que fizeram liberaes doações, conforme aos proprios cabedaes, e de tudo ordenaram um compromisso, que levaram aos reis, e elles o receberam com grande alegria. E vendo o devoto fervor com que seus vassallos se dispunham para a devoção do Espirito Sancto, lhes mandaram dar, para as despesas da festa, grandes ajudas de custo; e para que fosse a solemnidade maior, se ordenou neste tempo a Representação do Imperio e a procissão da Candeia; e como a Sancta Rainha teve a maior parte nesta introducção, não pode ella deixar de ter parte nesta historia.

Dia da Resurreição de Christo Senhor Nosso vai acompanhado de toda a nobreza e povo da villa, á egreja de S. Francisco d'ella, o homem que ha de fazer a figura de imperador com dois que fazem a de reis e tres pagens, que lhe levam diante outras tantas coroas, uma das quaes deixou a Rainha Sancta para aquelle acto. Tanto que chegam ao altar se offerecem nelle as coroas a Deos, e um religioso, vestido nas vestes sacerdotaes, as põe na cabeça do imperador e dos reis, e nesta forma vão, com magestoso sequito, acompanhar a alegre procissão, que naquella manhã florida se faz a Christo Senhor Nosso resuscitado, naquelle religioso convento. Na mesma tarde sahe da miraculosa egreja do Espirito Sancto o imperador, diante do qual procedem festins e trombetas, e dois pagens, um com a coroa da magestade, outro com o estoque da justiça; e vai

ao mesmo convento, onde torna a ser coroado, e depois de se distribuirem ramalhetes pelas pessoas nobres do acompanhamento, dançavam elles com algumas donzellas, que, a titulo de damas; acompanham ao imperador, ás quaes se dava parte do dote para seu casamento. Acabada esta funcção torna o imperador, com a mesma magestade, á egreja do Espirito Sancto; e, offerecendo a coroa no altar, a torna a receber das mãos de um sacerdote, e se assenta em um throno, debaixo de um docel, onde os nobres o festejam com tanta reverencia como se não fosse fingida a magestade, e nesta forma continúa o Imperio todos os domingos seguintes até ao dia do Espirito Sancto, em cuja vespera sahe o imperador do mesmo convento com toda a pompa e com elle um homem que leva duas madeixas de cera benta na mão, uma ponta das quaes fica ardendo no altar-mór da mesma egreja, e o mais, sahindo a procissão d'ella, passando pela porta do Carvalho, se vai estendendo pelas ruas até chegar ao altar da egreja de Nossa Senhora de Triana, onde se enrola e se colloca nella para arder por todo o discurso do anno. Acabado o acto vai a procissão com todas as cruzes das egrejas e dos conventos á sancta casa do Espirito Sancto, e nella benzem os sacerdotes o pão e a carne, que ao outro dia se ha de comer em um vodo, o que tudo se ordenou por instrucção da Sancta Rainha. E considerando o Imperio e a Candeia se é licito ajuizar as alheias acções, principalmente estas que são mysteriosas, não podemos deixar de entender que aquella candeia põe a Sancta Rainha todos os annos ao Espirito Sancto, para que Deos, havendo um só pastor e um só rebanho, estabeleça, em cumprimento de sua promessa, na coroa portugueza, o imperio universal do mundo.

Edificada a egreja com estas maravilhas, estabelecida a festa com estas solemnidades, se foram continuando os milagres com grande frequencia, as festas com toda a grandeza. Abrazando-se aquella villa no mortal incendio da peste, estendendo-se pelas ruas a candeia, que tinha servido na procissão, bastou a cera, e não se necessitou do

fogo, para que se purificasse o ar e cessasse o contagio. O pão e a carne do vodo cresceram muitas vezes. Rompeu-se com o fogo uma caldeira, e não cahiu cousa alguma no fogo. Em outras occasiões, sendo grande a fervura, detendo-se em si mesma a escuma, não cahiu parte d'ella no lume. Duvidando um cosinheiro de el-rei D. Duarte d'estas maravilhas, se desenganou por seus olhos. Estando concertadas as caldeiras, varridas as fornalhas, o lar, não só não quente por falta do incendio, mas humido por occasião do tempo, sahiram linguas de fogo a dizer os milagres do Espirito Sancto e acreditar as virtudes da Sancta Rainha. Nas festas se faziam tão excessivos gastos, que, por decretos reaes, se mandou que se trocassem em devotos dispendios; e ainda nos nossos tempos concorria toda a nobreza da côrte de Lisboa a condecorar esta solemnidade com aquelles jogos do valor e da destreza, em que no ocio da paz se exercitam os ensaios da guerra. Hoje, se não é tão grande o concurso, não é menor a devoção, porque aquella nobilissima villa pode satisfazer á devoção, não pode convocar o concurso.

De Alemquer partiu el-rei para Lisboa, e como sobre os annos da edade havia padecido os desgostos da discordia e os trabalhos da guerra, lhe sobreveiu uma gravissima enfermidade. Sem embargo de haver feito um testamento, porque os tempos tinham mudado as disposições, fez outro, em que alterou a forma, porém não a piedade, pois mandou que se pagassem as dividas de seu pae e as suas, que se dessem á execução as ordens pontificias, que se restituissem os direitos ás egrejas, que se resgatassem grande numero de captivos, que se vestissem uma grande multidão de pobres, que se mandasse um cavalleiro a Roma correr as estações, que fosse outro á Terra Sancta visitar os logares sagrados, que se dissessem missas pelas almas dos reis seus predecessores, que se reparassem algumas pontes arruinadas. Não houve sé, egreja, convento, hospital ou albergaria, a que não deixasse larguissimos legados, e, fazendo todos estes dispendios, ainda assim dei-

xava não pequenos thesouros, porque naquelles tempos, ainda que ferreos, tambem dourados, não faltava fazenda para as pias disposições, porque a util parcimonia fazia que, satisfazendo-se as reaes despesas, se enriquecessem os reaes erarios.

Assim como el-rei enfermou, enfermou a Sancta Rainha com elle, porque a união dos corações faziam communs a ambos os males; porém ainda que adoeceu com o doente não deixou de lhe servir de enfermeira; antes, quanto mais adoecia com a caridade, tanto mais tractava da sua saude, passando dos foros de rainha aos ministerios de creada, porque, como mulher forte, não tinha por indecencias de senhora as occupações de mulher, que eram actos de benevolencia e exercicios de piedade. Pagou-se el-rei muito d'estas acções, e sentia os desgostos que lhe tinha dado na vida. E assim como no testamento que fez, quando foi para o sitio de Arronches, a deixava por sua testamenteira, neste tambem a encarregou d'esta piedosa occupação com palavras de summa confiança; porém não tendo o Senhor posto ainda termo aos dias de el-rei, convalescido elle d'aquella doença, convalesceu com elle a Sancta Rainha, que na sua doença estava tão doente que, na sua morte, se reputava morta. E a esse respeito trazia já comsigo o habito para o vestir por mortalha.

Ficando el-rei, ainda que convalescido d'aquella doença, avisado de que Deos lhe batia á porta, tractou das cousas de sua consciencia, como quem entendia que da sua edade não estava distante a morte. Se algum tempo o enganaram os verdes annos, agora o desenganavam os encanecidos avisos, desejando dar a Deos os restos de seus dias. E como em seu testamento tinha mandado que se restituissem os direitos ás egrejas, quiz, persuadido da Sancta Rainha, que se satisfizesse na vida o que mandava fazer depois da morte; porque parece involuntaria a satisfação que é posthuma, a que se deixa para a ultima hora está perto de se levar á sepultura; a verdadeira restituição ha de se fazer, não quando para o logro falta o tempo, mas no mesmo

tempo do melhor logro. Zacheu não deixou á pobreza legados, fez-lhe doações; por isso não disse que se dessem ametade de todos os seus bens aos pobres, disse que dava aos pobres ametade de todos os seus bens.

Vindo a Hespanha D. Henrique filho de D. Henrique e neto de Roberto duque de Borgonha, o qual era filho de Roberto rei de França, e neto de Hugo Capeto, em quem se dá principio á terceira successão dos reis d'aquella coroa, e sendo um principe, assim como dos de mais alta linhagem, do valor mais heroico, que havia em Europa, e havendo ajudado el-rei D. Affonso VI, chamado o imperador nas guerras contra os mouros, em que foi companheiro de suas fadigas, e de suas victorias; obrigado el-rei de suas grandes virtudes, e entendendo que, assim como o seu valor e prudencia o serviram na conquista, o ajudariam na defesa, o casou com sua filha, a infanta D. Theresa, á qual deu em dote, com titulo de condado, as cidades de Coimbra, Lamego, Vizeu, Braga, Porto, Guimarães, as terras de entre Douro e Minho, Beira e Traz-os-Montes, e todas as mais da Galliza, até o castello de Lobeira, que se tinham tirado do poder agareno. Vinte e um annos teve D. Henrique este condado, e em todos elles se occupou em pelejar contra os inimigos da fé, em augmentar as terras de seu senhorio, em edificar muitos templos a Deos, e em restaurar algumas sés cathedraes, e cheio de religiosas e insignes proezas, poz Deos termo a seus insignes e religiosos dias. Por morte do conde D. Henrique, ficou sua mulher a condessa D. Theresa na posse do condado, como proprietaria que d'ella era, por el-rei seu pae lh'o haver dado em dote, e o governou os dezoito annos, que sobreviveu ao conde seu marido, tendo debaixo de sua administração seu filho D. Affonso Henriques, que foi o primeiro rei de Portugal, acclamado depois dos milagres, e dos triumphos sobre os escudos, e dentro dos corações dos portuguezes, no sempre memoravel Campo de Ourique, onde Christo crucificado deu as victorias a nossas armas, e para armas as suas chagas, para que conseguissemos

gloriosas victorias. Tinha neste tempo a mitra da egreja cathedral do bispado do Porto, que o dicto conde erigira em sua vida, o bispo D. Hugo, varão zeloso, douto, prudente e veneravel, e como naquelle tempo os principes retribuiam a Deos o que o mesmo Senhor lhes dava (de que resultou dizer-se que Deos pelejava por elles, porque elles pelejavam por Deos), obrigada de uma sancta inspiração a condessa D. Theresa, como proprietaria das terras de Portugal, para maior gloria de Deos, maior louvor da Virgem Maria, por satisfação de seus peccados, em remissão dos de seus paes, fez doação á dicta sé do senhorio da cidade, com todas as jurisdicções, rendas e direitos d'ella, a qual doação confirmou el-rei D. Affonso Henriques ao bispo D. João Peculiar, el-rei D. Sancho I ao bispo D. Martinho Rodrigues, el-rei D. Affonso II ao mesmo bispo, porem ainda que este rei no principio imitou a piedade de seus antecessores, no fim começou a inquietar a jurisdicção dos bispos, e depois, succedendo-lhe el-rei D. Sancho II, que por sua incapacidade foi privado do reino, se continuaram os trabalhos que padeceram os prelados na defesa das jurisdicções ecclesiasticas. Duraram elles ainda no tempo de el-rei D. Diniz, e vendo o bispo D. Fernando Ramires (o qual lhe era mal affecto) que elle lhe tirava o que os reis passados deram e confirmaram aos bispos seus antecessores, se queixou ao Summo Pontifice João XXII d'estes aggravos, e á sua petição passou elle um breve, pelo qual admoestava a el-rei que restituisse a antiga jurisdicção á egreja. Não deferiu elle logo a esta exhortação apostolica, ou porque não quiz condescender com a vontade do bispo, de quem tinha recebido alguns desserviços, ou por se acommodar com o intento dos moradores, que se procuravam isentar da jurisdicção dos prelados; porém, sendo o bispo D. Fernando Ramires transferido ao bispado de Jáem, e succedendo-lhe no do Porto o bispo D. João Gomes, persuadido el-rei dos conselhos da Sancta Rainha, mandou por uma escriptura publica desembargar a jurisdicção da cidade, para que a lograsse a egreja na fórma

da doação, até aquelle temqo, ainda que controvertida, observada; o que referimos, porque não é razão que se roube á fama da Sancta Rainha uma piedosa acção tão digna de memoria, e porque não podemos tirar a esta nossa egreja a gloriosa felicidade de ser patrocinada a sua jurisdicção pôr uma intercessão tão justa, que grande elogio é dos defendidos a sancta protecção dos defensores. Favoreceu Salomão a Sadoc, porque Sadoc era digno do favor de Salomão.

Reduzidas a estado pacifico as discordias que haviam perturbado o reino, convalescido el-rei da doença que teve em Lisboa, depois de desembargar a cidade do Porto, e fazer outras mercês a algumas cathedraes, continuando em obrar acções em que fizesse a Deos serviços, mandou fazer por mar hostilidades aos mouros, e sem embargo de a rainha D. Maria haver fomentado contra elle as discordias, vendo-a afflicta, depois das lamentaveis ainda que gloriosas mortes dos infantes seus filhos, que na veiga de Granada perderam as vidas em defesa da fé, nos barbaros fios dos agarenos alfanges, e que em razão das tutorias de el-rei seu neto, estavam alteradas as cousas de Castella, lhe mandou offerecer não só os seus vassallos, mas a sua pessoa, para defensão d'aquelle reino; porém não chegou ella a lograr este soccorro, porque a morte poz fim a sua vida, com geral sentimento de toda a Hespanha, que na sua heroica constancia admirou extremos, que excediam as forças da feminil fraqueza na sua real prudencia, dictames que competiam com excessos da experiencia mais varonil. Os nossos reis lhe fizeram em Lisboa, com religiosa pompa, as funeraes exequias, sendo grande a magoa da Sancta Rainha, porque, como tinha tractado a rainha defuncta, e casado os filhos por troca, a communicação e o parentesco, assim como fizeram maiores os vinculos do amor, fizeram mais apertadas as angustias do sentimento; e ainda que não houvera estas razões, sempre a sua piedade sentira aquella morte, de que resultava uma tão grande perda áquelle reino, porque as almas piedosas não só sentem naturalmente

os damnos proprios, excessivamente sentem os alheios: Vendo-se muito afflicta Noeme, e vendo a Ruth mui afflicta, mais sentia a afflicção de Ruth do que a sua propria afflicção.

Com a morte da rainha D. Maria, e a menoridade de el-rei D. Affonso seu neto, se avivaram as controversias entre os seus tutores, querendo cada qual d'elles ser absoluto arbitro de seus estados, e seu tio o infante D. Philippe, que estava admittido no reino de Andaluzia, porque os moradores de Badajoz se não conformaram com o que em vida da rainha D. Maria se assentou nas côrtes de Valladolid, os veiu pôr de cerco, e recorrendo elles a el-rei D. Diniz, e ao infante D. Affonso, para que os soccorressem em favor do neto e do sobrinho, o infante D, Affonso lhe mandou pedir por um cavalleiro de sua casa, quizesse levantar o cerco á cidade; porém elle, que era de grande coração, respondeu mui confiado no seu valor, e o infante, que não tinha menor valor, nem menos orgulhoso coração, com esta resposta convocou os seus vassallos, a que se agregaram os de el-rei, e dentro de breve tempo entrou em Elvas com animo de dar batalha e descercar a cidade, e vendo os sitiadores que era desegual o partido, levantaram o cerco, e se foram para Sevilha, conhecendo os sitiadores que, se as armas do infante embainhadas eram formidaveis, desembainhadas não podiam deixar de ser invenciveis.

Deteve-se o infante em Elvas alguns dias, onde os moradores de Badajoz lhe vieram dar as graças do soccorro, e ajustadas algumas discordias, que havia entre uma e outra cidade sobre os termos de cada uma, se veiu para Santarem, onde el-rei assistia, mais que para lhe dar conta da jornada, para lhe pedir que lhe accrescentasse a renda, e por este meio ou conseguir o seu melhoramento, ou alterar o que tinha promettido, e como el-rei lhe não deferiu esta proposta, se partiu para Coimbra, porém logo voltou para Lisboa (para onde el-rei se foi indisposto) com o pretexto de lhe assistir na doença; porém, cobrando el-

rei saude, começou o infante a mover novas practicas sobre as passadas contendas, em razão do que se convocaram côrtes, das quaes elle sahiu descontente, deixando el-rei desgostoso, sendo o seu maior pezar o ver que, desprezando-se a sua benevolencia, se provocava a sua ira; porque se os tyrannos desejam que se commettam as culpas para imporem as penas, os reis, para não imporem as penas, desejam que se não commettam as culpas. Para que Caim não désse causa para ser punido, lhe disse Deos que não tinha razão de andar irado.

Persuadiram algumas pessoas ao infante que era contra a sua honra o não lhe accrescentar el-rei a fazenda, e que devia pôr fim áquella controversia, assenhoreando-se de Lisboa; e como o seu animo estava inclinado para o intento, acceitou com facilidade o arbitrio, e se poz em marcha para aquella cidade, entendendo que, apoderando-se da cabeça do reino, não teriam as mais partes espiritos para a resistencia. E tendo el-rei noticia d'esta sua determinação, lhe mandou dizer que não fizésse aquella jornada; porém elle tendo a advertencia por injuria, não desistiu da empreza, de que esperava tanta utilidade. Sabendo a Sancta Rainha que elle vinha com intento de tomar segunda vez as armas, e que por culpa sua se quebravam os juramentos, receiava que em castigo d'estes peccados se impedissem os favores que o Senhor no Campo de Ourique promettera ao nosso primeiro rei para seus descendentes, e como de suas penas buscava os remedios no pae das consolações, recolhendo-se na tribuna da capella real de S. Miguel dos Paços do Castello, onde está a milagrosa imagem de Christo Senhor Nosso crucificado, que ha indicios ser a que el-rei D. Affonso teve no seu oratorio depois do apparecimento do Campo de Ourique, lhe pediu que aquellas culpas não impedissem as suas mizericordias, antes que as suas misericordias perdoassem aquellas culpas. E como o Senhor, que perdoou ao povo por amor de Moysés, perdoa aos peccadores pelos rogos dos justos, lastimando-se das lagrimas, e defirindo ás deprecações da Sancta Rainha, a

assegurou que se comporiam aquellas discordias, e se cumpririam as suas promessas, e não só se conservaria o reino mas se dilataria o seu imperio; porque a grandeza de Deos pedindo os benemeritos, não só despacha as petições, mas accrescenta as mercês. E quando Zacharias pede, não só lhe concede o Senhor o nascimento do filho da Virgem, mas o nascimento do filho da esteril.

Estando a Sancta Rainha em oração diante da miraculosa imagem, se lhe representou um menino posto em uma roda, a quem procurava matar um leão, e que o menino era o successor do reino, a quem a fera queria tirar do mundo. Afflicta a Sancta Rainha com aquella horrivel visão, porém confiada na divina bondade, instou com o Senhor pelo cumprimento da antiga promessa, e condescendendo elle com a piedosa instancia, lhe disse em voz intellegivel: Izabel, por ti livrarei este teu descendente, e nelle se cumprirá a minha misericordia. Ouvindo a Sancta Rainha estas benignas palavras, continuou em agradecimentos as lagrimas que até então derramara em afflicções, e entendendo que Deos com as suas piedades queria que se cumprissem as suas promessas, procurava que se cumprissem as suas promessas, merecendo as suas piedades, porque não basta que Deos prometta, para que a felicidade se logre; como ha promessas condicionadas, se as condições se não enchem, não obrigam ás satisfações. Porque os filhos de Israel faltaram á observancia do culto de Deos, não lograram a herança desde Dan até o Eufrates.

Proseguindo o infante o seu intento, chegou ao Lumiar com o seu exercito, e sabendo el-rei que elle estava naquelle sitio, sahiu da cidade com intento de lhe dar batalha; porém antes de chegar á sua vista lhe mandou dizer por Alvaro Martins de Azevedo que se quizesse ir para Coimbra, sem que elle o obrigasse a voltar por força. A resposta que o infante deu a este cavalleiro, foi fazer-lhe queixas de el-rei, e chegou a tanto a sua braveza, que o escapar aquelle fidalgo com vida foi porque os que estavam presentes, com o pretexto da immunidade, o livraram da

morte. Despedido elle, veio o infante, tendidas as bandeiras, e com o exercito em esquadras, alojar-se no campo de Alvalade, onde estava el-rei na mesma fórma, vendo-se em um campo de Portugal o que se viu no bosque Ephraim, pois se neste estavam os leões contra os leões, naquelle as serpentes contra as serpentes; se em um se viu Absalão contra David, tambem no outro se via o filho contra o pae, porém foi differente o successo, porque em Ephraim perdeu Absalão a vida, rompendo um e outro principe a batalha: em Portugal, não se dando a batalha, conservou um e outro principe a vida.

Avistados de uma e outra parte os exercitos, se começaram de uma e outra parte as escaramuças, e antes que de todo se movessem as esquadras, houve alguns mortos e feridos, assim da parte de el-rei, como da do infante, com o que cada qual se preparava a concorrer com a pessoa e com o exercito, para a defeza e para a vingança. Tendo a Sancta Rainha certeza de que os exercitos estavam tão visinhos, e que pelas escaramuças se começavam os estragos, estando o marido, o filho e o reino quasi no ultimo perigo, confiada na divina palavra que a Imagem de Christo Senhor Nosso crucificado lhe dera, de que se socegaria aquella discordia, levada de superior força, sem reparar no evidente risco, sahiu dos paços do castello de Lisboa, e mandando pôr a sella em uma mula (porque naquelles tempos em que as magestades eram tão parcas, era menor o fausto, sem que fosse menor o respeito), e sem que a levassem de redea, se foi com toda a pressa para o campo, em que a ambição e o decoro preparavam a Portugal a mais lamentavel tragedia. Quando a Sancta Rainha chegou aos exercitos soavam já as bellicas trombetas, accendendo em marciaes furores os animos dos combatentes para se investirem os esquadrões; e vendo que, se ella se não interpunha, sem duvida a batalha se rompia, tendo lastima, não pavor, dos mortos e feridos que via no campo prostrados, voando já as lanças, os dardos e as flechas de um exercito e outro; como se d'ella pendessem mil escudos,

passou por entre os militares exercitos, e se foi ao do infante com tão admiravel socego, com tão imperturbavel gravidade, que quando o céo a não defendera dos golpes das armas, as mesmas armas, obrigadas da maravilha, suspenderiam os golpes, para não offenderem. Se a Esther, para a inquirirem, a detiveram os exploradores dos Assirios, para respeitarem a Sancta Rainha se detiveram as armas dos exercitos.

Reconhecida a Sancta Rainha do exercito do infante, se trocaram as marciaes hostilidades em militares cortezias, porque, como ella pacificava os bellicos furores, o mesmo furor bellico, com militar estylo, lhe guardou o devido respeito, e ella sem fazer alguma detensa se foi á parte do exercito onde estava o infante, e da mesma sorte que ia com a auctoridade de rainha, com a confiança de mãe lhe disse: *que aquella formidavel acção seria estranhado escandalo de todo o mundo, pois, não para defesa de sua pessoa, mas só pelo conselho da ambição, desembainhava a espada contra um rei e contra um pae, cuja magestade devia respeitar como vassallo, de cuja obediencia não devia sahir como filho, que ainda que não houvera estas razões para a veneração e para a obediencia, bastava para não intentar aquelles lastimosos estragos haver recebido da benevolencia de el-rei tão magnificos accrescentamentos, e que estando el-rei naquella edade, razão era que lhe procurasse accrescentar a vida, evitando-lhe as molestias, e não dar-lhe a morte com suas proprias armas. Que as cousas que lhe persuadiam do pouco amor que el-rei lhe tinha, se podiam dissuadir com as acções que com elle sempre usara, e que o contrario eram enganos da phantasia, ou suggestões de alguma falsidade, e que devia dar mais fé a uma mãe tão amorosa, ter melhor opinião de um pae tão prudente, porque as suas asserções pelas suas pessoas, e pelos seus affectos eram infalliveis, falsas as de outros conselheiros, que se podiam governar por antojos da imaginação, ou por inducções da conveniencia; que el-rei o tractara sempre como filho, e que ella era tão empenhada que elle fosse o successor da coroa, que, se el-rei*

tivera outro desejo, o hauvera de dissuadir da determinação, pois quem se oppozera com publicos protestos á herança dos filhos do infante D. Affonso, porque era contra as utilidades do reino, não consentiria que a corоa se tirasse da cabeça de seu proprio filho, para que com ella se coroasse um estranho. E que sendo certo que depois dos dias de el-rei, havia de ser sua a coroa, não a quizesse perder, ou ganhar em uma batalha, que sempre seria sem gloria, porque, se perdesse a vida, que havia de dizer o opitaphio? Se a perdesse el-rei, que se havia de levar no triumpho? E que mais verosimil era que com o seu cadaver se fizesse lastimoso aquelle conflicto, porque não viviam longa edade sobre a terra aquelles que a seus paes faltavam com a devida obediencia, e que pois elle era o que commettia aquella culpa, a elle se devia dar aquella pena, e que quando assim não succedesse, e vencesse elle a el-rei, ou el-rei o vencesse a elle, ou fosse egual, ou duvidoso o vencimento, como elle havia de ser o successor da coroa, seu era todo o damno do reino, e que não podia haver razão para elle procurar o sceptro com tanto estrago, menos com tanto indecoro; que se lastimasse de ver que naquella batalha haviam de matar os paes aos filhos, os filhos aos paes, os irmãos uns aos outros, e não podia Deos, que era justo, deixar de lhe dar castigo, pois era o que lhe dava a causa; que se lembrasse que ella era sua mãe, que á sua instancia na egreja de S. Martinho de Pombal fizera juramento de se observar o concerto, e que era perder o respeito a Deos, romper aquelle sagrado vinculo da religião, e que pois então obrigar á homenagem, agora não havia de faltar á observancia, antes abatendo as bandeiras, e depondo as armas conhecer que contra seu pae, contra seu rei, offendendo-se a religião e a magestade, se não impunhavam as armas, nem se levantavam as bandeiras.

Com estas efficazes palavras, assim como David quebrou os animos de seus soldados, para que não perseguissem a Saúl, quebrou a Sancta Rainha a dureza do filho, para

que se ajustasse com a benevolencia do pae; e depois de ter reduzido aquelle, passou ao real exercito, e com toda a modestia deu conta a el-rei do que obrara, arriscando entre as armas a vida, só por evitar os damnos que se haviam de seguir daquella batalha. E ainda que el-rei estava escandalisado, vencendo o amor ao escandalo, a prudencia á ira, obrigado da affeição do filho, da mediação da esposa, e sobre tudo, por livrar, mais que a sua vida, de um evidente perigo, o reino de um tam lastimoso estrago, prometteu que deixando o infante com os rendimentos da obediencia as armas, lhe daria com todas as demonstrações de benevolencia os braços, porque os paes por maiores que sejam os delictos dos filhos, nunca faltam aos paternaes affectos, e sempre buscam desculpas para os tratarem com indulgencias. Querendo Absalão tirar o reino a David, mandava David dar a vida a Absalão, para que lh'o guardassem, entre as armas, vivo, suggeria as desculpas de que era moço.

Disposta nesta fórma a concordia, veiu o infante beijar a mão a el-rei, sem mais companhia que a de seis cavalleiros, e lhe prometteu de novo a obediencia. Recebeu-o el-rei com grande agrado, mostrando que tomava as armas por força. No mesmo dia se foi o infante para Santarem e el-rei para Lisboa, aonde esteve algum tempo, e entendendo que com a reducção do infante, passaria com maior socego, determinou ir viver a Santarem, em sua companhia e dos outros filhos, porque não se persuadiu que depois de tantas promessas tornasse a suscitar as discordias; porém, como elle era de animo inquieto, e soffria tão mal o socego da paz, como se fora o trabalho da guerra, tanto que se viu fóra da presença da Rainha Sancta, se tornou a deixar levar de sua condição. Partiu el-rei de Lisboa, alheio de toda a inquietação, desejoso de lograr a presença dos filhos os annos que lhe restassem de vida; e estando já no termo de Santarem, teve aviso que os da villa persuadidos do infante, lhe determinavam impedir a entrada, mas sem embargo d'esta noticia, entendendo que era contra a real reputação o parar ou retroceder do caminho, o

proseguiu com maior empenho; e porque o infante estava nos paços reaes, se foi alojar em umas casas particulares. Com a sua chegada houve grande inquietação em toda a villa, vendo dentro d'ella com armas el-rei, a quem queriam fechar as portas, e assi os de uma como de outra parte estavam armados, para que, por pouco acautelados, não fossem offendidos, e como estavam tam visinhos uns dos outros, não podiam deixar de vir ás mãos, havendo naquelles dias, por leves causas, repetidas pendencias, com mortes e feridas de ambas as facções, até que em uma occasião, travando-se os do infante com os de el-rei, vieram el-rei e o infante a acudir aos seus alliados, vendo-se na rua de S. Nicoláo d'aquella villa o pae e o filho com as espadas na mão, o pae em defesa da magestade, o filho a favor da sedição. Porém, pondo-se a Providencia Divina da melhor parte, os sediciosos se retiravam feridos, deixando alguns mortos, outros presos, e não matou o cutelo da justiça os que não morreram á ponta da espada, porque, como el-rei era de generoso coração, tinha por melhor victoria o perdoar do que o vencer. Mais glorioso triumpho se levantou David não matando a Saúl, do que matando a Goliat.

Considerando os vassallos de el-rei e do infante que aquellas maquinas ameaçavam maiores ruinas, as quaes podiam cahir logo sobre suas pessoas, depois sobre as suas casas, procuraram que de ambas as partes se pedissem tregoas, e fazendo-se a el-rei esta proposta, elle a ouviu com displicencia, dizendo que já não era tempo de perdão, mas de castigo, porque a falta de castigo fazia abusar do perdão, com o que os que tractavam da paz se foram valer de Affonso Sanches e do conde D. Pedro, que com el-rei seu pae tinham grande auctoridade, e instando ambos com el-rei que ajustasse as tregoas, não podendo elle resistir ás persuasões ou aos affectos, conveiu em que se procurassem os ajustamentos. Ainda que tinha dicto que não era tempo de perdão mas de castigo, porque a indulgencia era incentivo da culpa, não teve por indignidade o condescender com o rogo para exercitar a clemencia, antes por

credito da magestade depôr a propria ira em obsequio da da justa intereessão. Por condescender com o rogo de Abigail, que se lhe fez grata, desistiu David do intento de tirar a vida a Nabal, que lhe fora desagradecido.

Repartiram-se os compromissarios em varias partes, e depois de feitas algumas conferencias, resolveram que para que se conseguisse a paz se accrescentasse a renda ao infante, que elle não offendesse os vassallos de el-rei, nem el-rei castigasse os seus, antes, depostos os odios, ficassem entre si amigos, com muitas clausulas de perigo, de condemnação, e de infamia para quem contraviesse ao ajustamento. O infante disse que se reduziria á obediencia, accrescentando-lhe as rendas, e perdoando-se a seus vassallos, porém que não veria em nenhum accommodamento, se não lançasse de seu serviço a seu meio irmão Affonso Sanches e a Mem Rodrigues de Vasconcellos; o primeiro, porque se persuadia que el-rei queria para elle a coroa, o segundo, porque em Guimarães lhe defendeu a praça; querendo no mesmo tempo que se procurava que se reconciliassem os animos, que se desafogassem as suas paixões, porque as condições obstinadas difficultosamente depõem as iras envelhecidas. No mesmo tempo que David se reconciliava com Saúl, intentava Saúl tirar a vida a David.

Tinha el-rei no principio ouvido com desagrado a proposta das tregoas; agora propondo-lhe estas condições, as teve, não só por injustas, mas por detestaveis; e estando um e outro partido na desesperação da concordia, se foram Affonso Sanches, e Mem Rodrigues á presença de el-rei, e com animos verdadeiramente portuguezes, antepondo, com heroica generosidade, mais facil ao louvor que á imitação, a publica conveniencia á sua particular utilidade, lhe disseram que para estabelecimento da coroa conviesse em tudo o que não fosse descredito da sua fama. Esta mesma offerta obrigava a el-rei a dar repulsa á quella condição, porque lhe parecia que offendia o seu decoro e o seu agradecimento. Ouvindo porém os que lhe persuadiam que aquelle offerecimento do filho e do vassallo,

ainda que sempre generoso, tambem lhe era util, e não fariam mais que antecipar na vida de el-rei com segurança o que havia de ser depois da sua morte não sem grande ruina, pois tomando o infante a coroa, sempre lhes havia de tirar os officios, quando lhes não tirasse os alentos, mudou de arbitrio, para o que o facilitou o ser Affonso Sanches em Castella senhor de grandes estados, poder viver, senão com tanta grandeza, com grande estimação, porque por falta da opulencia, lhe não haviam de faltar com os obsequios devidos á sua real pessoa, e finalmente, para que se lograsse o socego publico, Affonso Sanches perdeu o reino, Mem Rodrigues o officio, sendo cada qual victima da patria, desafogo da vingança, porque cada um sacrificou a sua commodidade ao estrago da desaffeição e á quietação da monarchia.

Nesta fórma se acabam as guerras civis, e não foram infaustos os fins, em satisfação da divina palavra, que a imagem de Christo Senhor Nosso crucificado deu á Sancta Rainha. O que se confirma com as antigas memorias, que se conservam como tradições verdadeiras, de que Sancto Isidoro, arcebispo de Sevilha, fallando como em profecia nas cousas de Hespanha, dissera que na parte ulterior d'ella reinaria um rei por uma mulher, cujo nome começaria pela letra I e acabaria pela letra L, e quando esta revelação seja apochripha, sempre este reino pode ter a piedosa certeza de que em virtude daquella divina promessa dure a par do mundo a sua monarchia, porque, fazendo Deos d'esta Izabel segunda Judith, poz na sua mão (ainda inteira) a conservação d'esta coroa, sempre gloriosa.

Ajustadas as pazes, se partiu el-rei para Lisboa, o infante para Coimbra; e como o infante, depois da ultima concordia, tractava de dar a el-rei penhores de sua obediencia, mandou a seu filho o infante D. Pedro, que então não chegava a ter quatro annos de edade, a tomar-lhe a benção. Não tinha el-rei ainda visto o neto, porque havia nascido no tempo da guerra, e assim recebeu grande contentamento com a sua visita, e em gratificação d'este gosto escreveu

uma carta ao infante cheia de benevolencias, e doutrinas, certeficando-o de seu amor, e exhortando-o ao reconhecimento, e em companhia da Sancta Rainha e de toda a corte, com universal applauso, foi em acção de graças em romaria ao martyr S. Vicente, esperou-os o bispo D. Gonçalo, e cabido, e o clero á porta da egreja, e de sua mão, na Missa que disse de pontifical, receberam os reis a communhão sagrada, e feitas as offertas, que a real grandeza levava para o glorioso martyr, se recolheram para o paço, entre acclamações e vivas, edificando-se o piedoso povo das religiosas acções de uma e outra magestade, e estas são mais dignas dos applausos do que as victorias, porque as victorias são dadivas da Providencia, as obras religiosas são acções de virtude. Maiores elogios mereceu Josias arruinando os idolos, do que David vencendo os philisteos, porque a victoria foi credito do valor, a ruina testemunho da religião.

De Lisboa voltaram os nossos reis a Santarem, e crescendo a Sancta Rainha em virtudes, continuou Deos em a acreditar com maravilhas, não só eguaes ás grandes, mas similhantes ás maiores. Como queria mostrar o amor que lhe tinha, fez por ella os prodigios que obrou pelo povo a quem amava. Se a favor d'este dividiu o Mar Vermelho, a favor d'ella dividiu o Tejo cristallino, e para tecermos maravilhas com maravilhas, havemos de dizer este portentoso successo desde seu admiravel principio.

Sendo Castinaldo conde da villa de Thomar (que naquelles tempos se chamava Nabancia), e districto, que com titulo de condado, no governo dos Godos se dividia a antiga Lusitania, teve de sua mulher Cacea um filho chamado Britaldo, se em respeito de seus paes visto com grandes venerações, por sua boa indole auspicado com grandes esperanças. Havia neste tempo, na mesma villa, uma donzella virtuosa, por nome Iréne, cujos paes se chamavam Ermigio e Eugenia, illustres por nascimento e ricos de fortuna. Vivia esta em um convento, que estava a cargo de suas tias paternas, Casta e Julia em companhia de outras

donzellas de egual qualidade, para quem era espelho de virtude; e vendo seu tio materno Celio, abbade de um convento da mesma villa, a sancta inclinação da adolescente sobrinha, a encommendou (para que a guiasse ao estado da perfeição) a um monge seu, chamado Remigio, que naquella edade florescia, segundo a commum opinião, em sabedoria e sanctidade, e com o seu exemplo e doutrina chegou ella a tão perfeito estado, que era dictado da edificação, sendo admiração da formosura, porque a formosura não impede a edificação. O ter Judith mui elegante aspecto não lhe tirou que o temor de Deos fizesse o seu nome famoso.

Não professavam naquelle tempo clausura as religiosas, e menos as pessoas que nos conventos estavam recolhidas; e iam a outros templos a ouvir os Officios Divinos; porém Iréne, que não só era recolhida, mas desejava ser enclaustrada, só uma vez no anno usava d'esta permissão; e indo em um dia do apostolo S Pedro, não por curiosidade mas por devoção, visitar a egreja que estava nos paços do conde Castinaldo, vendo-a Britaldo seu filho, ficou-se abrazado na sua formosura, gelado na sua modestia, e desejando manifestar o fogo que o abrazava, recatando-se com a honestidade que em Iréne via, sendo os males complicados nestes antiparistases da formosura e da modestia, do fogo e da neve, do amor e do silencio, adoeceu de uma tão esquisita doença, que os medicos lhe não achavam cura, e se persuadiram seus paes, que perdendo-se em flor tanta esperança, perdiam com o unico baculo de sua velhice o florescente ramo de sua successão, e sentiam mais esta temida perda do que a da vida propria, porque os paes, ainda que sanctos, parece que amam os filhos mais do que a si mesmos. Dizendo o anjo a Tobias, o cego, que cedo lhe havia de restituir aos olhos a luz, tendo o filho pela luz de seus olhos, não fazia caso da propria vista, só tractava de que o filho fizesse em paz o caminho, não reparava na sua cegueira a respeito de o filho lhe tornar para casa.

Revelando Deos a Iréne a causa da perigosa doença de Britaldo, confiada na divina graça, levada de superior espirito, desejosa da saude do proximo, saindo por caridade da clausura, lhe foi fazer uma visita, com a decencia e companhia que pediam a sua profissão e modestia; não foi necessario perguntar-lhe o de que havia enfermado, porque de Deos o tinha sabido, e mais que o pesame da doença, lhe deu o desengano de sua pretenção. Como elle estava tão enfermo, deu-se por desenganado, e só pediu a Iréne por partido que, pois desprezava o seu amor, não acceitasse differente thalamo. Como ella não queria mais esposo que a Christo, condescendeu com o seu rogo, e lhe prometteu que no seu coração não entraria humano incendio; com esta promessa recuperou Britaldo a saude, e alegrando-se todos com a sua melhoria como se fosse resurreição, e se os paes não resuscitaram na vida do filho, tornou a reverdecer nelles a esperança de que na sua successão podiam perpetuar a sua posteridade. E os paes não só devem tractar na vida dos filhos, da sua successão, mas da vida de sua propria fama, fazendo que vivam em virtude, porque os que deixam filhos virtuosos sempre estão vivos, ainda que estejam sepultados. Por isso, estando Rachel em Bethlem sepultada, tinha por filho a Benjamim, como se fosse viva; vivia no filho por gloria, porque o filho vivia em Deos por sanctidade.

Recolheu-se Iréne ao convento, ficando Britaldo satisfeito, já que não podia conseguir o logro, de não padecer o ciume, e divulgado este maravilhoso successo, se começou a venerar o nome de Iréne por sancto, e a consultar a sua virtude como oraculo. Passados dous annos, em cujas horas crescia a Sancta Virgem em heroicas virtudes, como o leão que ruge anda sempre buscando a quem devore, tentou o mestre de seu espirito que intentasse profanar a sua castidade; e como a confiança do magisterio lhe désse occasião para lhe significar o seu incendio, com facilidade lhe disse que se abrazava na sua formosura. Admirada e sentida ficou a donzella casta de que a for-

mosura fosse incentivo da torpeza, e que quizesse profanar a castidade quem tinha sido seu director para a virtude, e mettida, qual esposa de Christo, entre os lirios da pureza se defendeu dos repetidos combates que lhe dava o cego monge, pretendendo conquistar a incontrastavel fortaleza de sua insigne honestidade, lhe disse, reprehendendo com valor heroico o impudico atrevimento, que pois a sua vista lhe prejudicava a alma, não tornasse mais á sua presença; receitou-lhe a distancia da ausencia, para que sarasse dos damnos da vista. Não deixara Sedecias de pôr os olhos no céo, se deixara de pôr os olhos em Susanna.

Corrido Remigio de seu delicto, e indignado do desprezo de Iréne, para que uma culpa succedesse a outra, determinou tomar d'ella vingança; e como o demonio sempre inculca meios para a execução dos delictos, lhe suggeriu que se lhe désse uma bebida, que fosse testemunha falsa de sua procurada infamia, persuadindo o vulto que ella não era honesta. Poz elle o seu designio em execução com tal effeito, que, sendo Iréne virgem, dava indicios de casada, certificando que elles eram indubitaveis testemunhos de sua deshonestidade, e como a natureza humana é credula do mal, do bem incrédula, sendo Iréne innocente como Susanna, como a Susanna a começaram a reputar por culpada.

Chegou esta noticia a Britaldo, e como o ciume é mais cego que o amor, podendo-se conter amante, não se pode moderar cioso; e crendo que Iréne, engeitando o thalamo conjugal, se rendera ao impudico incendio, se resolveu a tomar d'ella vingança, porque lhe faltara á promessa; e para este effeito escolheu um soldado, em quem era venal a crueldade, dizendo-lhe que todo o tempo que tardava dar a Iréne a morte, lhe tirava a elle de vida. Como o poder ordinariamente é mais obedecido que a razão, procurou o soldado fazer sacrificio da vida de Iréne ao cruel preceito de Britaldo, e sabendo que ella costumava sahir de noite ás ribeiras do Nabão, que corria dentro dos limites do convento, a foi buscar a deshoras naquelle sitio, e achando-a em oração sem que o edificasse o exercicio,

sem que o lastimasse o sexo, mettendo-lhe a sanguinolenta espada pela cristallina garganta, sacrificou á mais injusta vingança a victima mais innocente, e para encubrir o delicto, despojando dos vestidos o corpo, o lançou no rio, cujas aguas desejaram ser mais puras para venerarem tanta pureza. Sepultando o soldado tudo o que podia ser indicio de sua crueldade, foi na mesma noite dar conta a Britaldo da sua obediencia; e vendo as tias de Iréne ao outro dia que ella faltava do convento, estando ella na verdadeira patria, julgaram que com o temor da infamia propria, fora remir o pejo a estranha terra, e divulgando-se na villa a fugida por infallivel, se deu a sua deshonestidade por certa. Porém Deos, que por seus occultos juizos, estabelece gloria aonde se presume a affronta, não consentindo que durasse muito tempo a falsa reputação em que estava Iréne, revelou a seu tio, o abbade Celio, todo o successo, e o logar aonde estava o cadaver sancto. Manifestou elle tudo ao povo, até então inquieto, e succedendo ao desasocego a admiração, deu graças a Deos da maravilha, acclamou o martyrio da virgem, accusou a traição de Remigio, a vingança de Britaldo, a crueldade do verdugo; e entre o espanto e o sentimento, foi com uma solemne procissão, defronte da insigne villa de Santarem, aonde as correntes do Nabão e do Zezere levaram o inestimavel thesouro ao aurifero Tejo, e reverente o rio teve as douradas areias, as cristallinas aguas por indignas, ainda que resplandecentes e puras de serem um anno sepulchro de cadaver tão sancto.

Chegada a procissão áquellas maravilhosas ribeiras, se dividiram as cristallinas aguas, e fazendo de uma e outra parte um estavel muro da inconstante prata, pisou a devota procissão as areias, que em virtude de tantas maravilhas foram então mais preciosas que as douradas, e chegou até aonde estava o sancto corpo, em um tumulo tão admiravel, que a mesma admiração confessou que não era obra humana, mas angelica. Venerou aquelle piedoso concurso a Virgem Martyr, e para que houvesse muitos pro-

digios neste successo, não correndo entre aquelles campos as aguas do Tejo, e correndo dos olhos dos circumstantes os da ternura, multiplicando-se os rios, cada qual d'elles se prendeu em sua propria corrente, para que a inundação da agua não impedisse o logro da maravilha.

Intentou o corpo da procissão por conselho do abbade Celio tirar do sepulchro o sancto corpo, para que elle honrasse a sua patria na morte assim como a honrara na vida, e vissem os que se enganaram com a falsa presumpção do delicto que o martyrio a tirara da terra e a virtude a collocara no céo; porém por mais que usaram de toda a força, não poderam mover o corpo d'aquelle sitio, e entendendo da immobilidade, que o Senhor queria por seus inescrutaveis juizos que aquelle sol tivesse a sepultura no Tejo, e bastava ao Nabão q̃ haver logrado o berço, lhe levaram parte do ouro dos cabellos e dos mais intimos vestidos, e com piedosa decencia collocaram uma e outra reliquia no mosteiro de que Celio era abbade, e hoje com invocação de Sancta Iria é das religiosas de S. Francisco, aonde, fazendo estupendos milagres, se veneram estes sanctos despojos. E não só resultam das reliquias os milagres, tambem preservam das culpas: o sepultar-se Moysés em Moab, foi para fazer guerra contra Phogor, porque os sepulchros dos sanctos são propugnaculos contra os Idolos.

Voltando-se a procissão devota, admirada da grande maravilha, as aguas que estavam detidas começaram a correr apressadas, e tornando a unir as cristallinas correntes, pagaram ao mar os liquidos tributos, ficando as areias do rio mais enriquecidas com aquelle thesouro sagrado do que se fossem do mais fino ouro. E não só se enriqueceu o rio com a posse d'aquelle sancto corpo, tambem se ennobreceu a villa, defronte de que está o angelico sepulchro, pois como quem se honra com melhor appellido, deixando o antigo nome de Escabelicastro, tomou o de Sancta Iria; e ainda que o discurso do tempo, corrompendo o vocabulo, fez nelle alguma differença, alterando o de Sancta Iria em Santarem, nenhuma edade poderá mudar a incorruptivel

gloria que resulta áquella insigne villa de ter a sua gloriosa denominação origem tão sancta.

Quasi sete seculos tinham passado depois d'este successo milagroso, quando a favor da Rainha Sancta obrou Deos outro similhante milagre. Desejava esta mulher forte pela virtude ver aquella que o tinha sido pelo martyrio; e andando com el-rei grande parte da côrte nas margens do Tejo, naquelle sitio onde está o profundo pego onde se occulta aquelle insigne sanctuario, não por dar passo á magestade, mas por fazer mais que ponte de prata, estrada de ouro á virtude, abriu o rio as liquidas entranhas, e deixando enxutas as douradas areias, deu passo franco á Sancta Rainha, para ir venerar no angelico sepulchro o sancto corpo da Virgem Martyr. Vendo a Sancta Rainha o caminho aberto, e que o rio da parte superior parava, da inferior não corria, fez com devotos passos a mais peregrina romaria que se tinha feito em muitos seculos. Affirma-se que el-rei lhe quizera fazer companhia, e que, unindo-se o cristal na mesma parte onde se tinha dividido a corrente, lhe dissera na lingua da agua o cristallino Tejo que o logro d'aquella maravilha era só concedido por premio da virtude e não em respeito da magestade. Onde se vê que é mais poderosa que a magestade a virtude, e que mais conseguem os que logram a amizade de Deos que os que têm o imperio dos homens. O mesmo mar, que se abriu para fazer estrada a Moysés, se fechou para ser sepultura de Pharaó.

Venerou a Sancta Rainha, á vista de el-rei e da côrte, a Virgem no sepulchro e o sepulchro da Virgem, admirada de ver que depois de tantos seculos estivesse tão florescente o corpo, como se não houvessem passado por elle tantos annos, e dando graças a Deos de se haver obrado a seu favor um tão desusado portento, esteve em oração, até que, mettendo-se o sol no oceano, sahiu com ella o mais formoso sol do Tejo, e voltando pelo mesmo zodiaco, reverente o rio, lhe veiu cobrindo de cristal as peregrinas estampas, até que chegou ás floridas ribeiras onde foi re-

cebida com admiração, vendo-se que o Senhor, magnificando, como a Judith, o seu sancto nome, fazia que o louvor da sua virtude andasse na bocca dos homens para maior gloria do poder divino.

Divulgou-se no reino este prodigio, de que a Sancta Rainha dava a Deos toda a gloria, e a ella lhe deve o mundo o saber onde está, não dividido em reliquias, mas incorrupto com inteirezas o sancto corpo d'esta gloriosa Virgem e insigne Martyr Portugueza; e naquelle venturoso sitio mandou, não por jactancia, mas por memoria, levantar um padrão. Se Josué poz doze pedras em Gangalis, em memoria de que se lhe dividira o Jordão, esta Sancta Rainha poz uma para memoria de que se lhe abrira o Tejo; e se aquellas se arruinaram com a edade, esta permanece por maravilha, respeitando-se a sua eminencia, pois por mais que cresçam, e que corram as impetuosas aguas, nem o abalam as mais furiosas torrentes, nem o cobrem as mais altas inundações.

Entre as pessoas da côrte, que assistiram a esta notavel maravilha, foi uma D. Berengueira Aires, viuva de D. Rodrigo Garcia de Paiva, filha de D. Aires Nunes de Gosende e de D. Sancha Pires de Vide, pessoas bem conhecidas nas antigas memorias por suas qualidades illustres. Fora esta Senhora mui estimada de el-rei D. Affonso III e da rainha D. Brites, e não o era menos de el-rei D. Diniz e da Sancta Rainha, que com ella tinha particular communicação, porque depois de viuva, desenganada das temporaes felicidades, passava os annos solitarios, occupada em sanctos exercicios. E como a similhança das virtudes é vinculo suave das vontades, quando a côrte estava em Santarem, onde esta senhora vivia, se aproveitava a Sancta Rainha de sua espiritual conversação, e a trazia em sua casa. Vendo esta illustre e virtuosa matrona este admiravel prodigio, se confirmou no seu desengano, e se resolveu a fazer a Deos sacrificio de sua fazenda; tinha sua mãe (que era senhora do logar de Almoster, porque aquelle e os circumvisinhos estavam distantes da parochia) alcançado licença

do bispo de Lisboa D. Mattheus para que a ermida de Nossa Senhora, situada naquelle districto, fosse parochial egreja, e continuando a virtuosa senhora as piedosas obras da virtuosa mãe, ainda que tinha uma filha de pouca edade e grande formosura, a quem dar estado, a persuadiu a que fugisse do mundo, e dando tudo a Deos fizessem um convento de religiosas da ordem de Cister, onde, deixando as felicidades caducas, tractassem da salvação de suas almas. Como a filha se tinha criado entre os exemplos do desengano, e não entre os desvanecimentos da vaidade, conhecendo que passa como sombra a vida breve, foi para ella resolução mui facil deixar a enganosa esperança da vida, que, quanto é mais verde, tanto é mais caduca; e impetraram licença do Summo Pontifice Nicoláu IV para a edificação do convento. Concedida ella, mandaram chamar o abbade de Alcobaça, D. Frei Domingos Martins, a quem a piedosa antiguidade deu sancta denominação, o qual benzeu o sitio para o convento, e lançou a primeira pedra para o edificio; e como se trabalhou nelle com todo o calor, dentro de breve tempo, entraram nelle as religiosas. Como a fundadora era por seus merecimentos bem vista de elrei, por suas virtudes muito amada da Sancta Rainha, uma e outra magestade concorreram para o dispendio da fabrica, principalmente a Rainha Sancta. E cortando a morte o fio da vida a D. Berengueira, depois de cheios os seus annos, e a sua filha nos mais floridos, antes de se pôr em perfeição o convento, tomando-o a Sancta Rainha (a rogos de ambas) em sua protecção, accrescentando-lhe com sua grandeza á fabrica, o melhorou com a sua caridade de fazenda, e como a dava com toda a alegria, Deos a recebia com todo o amor, e a retribuia com saudavel usura, porque o Senhor accrescenta a prosperidade aos que o honram com a sua riqueza.

Continuando as obras de sua caridade, e tendo grande pena de que as mães engeitassem os filhos que conceberam, por occultarem o delicto com que se profanaram, e que, accrescentando delicto a delicto, os lançassem em parte

onde, se os não achavam a caso, morriam sem receberem agua do baptismo, por evitar as offensas de Deos e a perdição das almas, fez, junctamente com o bispo da Guarda D. Vasco, na villa de Santarem á porta de Leiria, um recolhimento para meninos e meninas com todas as cousas de que necessitavam para seu sustento, educação, vida e estado, e outro em Torres Novas, todo por suas proprias despesas, para mulheres recolhidas, que em Coimbra haviam sido peccadoras. Pôl-as distantes donde haviam commettido o peccado para que não tornassem a ver o logar do delicto, porque não deixa de ser delicto o tornar a ver o logar do peccado. O olhar a mulher de Lot para o incendio fez com que em parte fosse comprehendida no castigo; se se não reduziu a cinza, ao menos ficou feita uma estatua; porque tornou para traz só na vista, não chegou á cidade pequena, e foi padrão de sua propria culpa.

Não só exercitava a Sancta Rainha a sua magnificencia nestas religiosas fabricas, com a mesma liberalidade se havia nas obras publicas; e sendo cousa mui desusada á condição humana darem uns fim ao que outros deram principio, porque a ambição da gloria não quer que se divida a fama da magnificencia, esta Sancta Rainha, como tinha o coração livre de toda a vaidade, poz a ultima pedra em muitos edificios em que os outros tinham lançado poucas mais que a primeira, e acabando-se muitas obras com as suas despesas fugindo aos publicos applausos, não punha nellas os reaes brazões. Como tractava do serviço de Deos, não da celebridade do seu nome, não queria que as suas armas se pozessem nas suas obras, porque as que se fazem para que os nomes se celebrem, são torres de Babel, que, antes de chegarem ás sobreeminentes ameias, se vêem nas precipitadas ruinas.

Andando el-rei muito falto de saude se resolveu, ou por medicamento ou por antojo, a mudar de sitio, e ir-se para Santarem. Como a edade era muita, a indisposição manifesta, acompanhou-o toda a côrte, ou obrigada do amor, ou presaga do successo. Com o abalo do caminho

se exacerbou a el-rei o achaque, e chegando a Villa Nova se lhe descobriu tão ardente febre, que foi necessario suspender a jornada para que se mitigasse o incendio. Vendo a Sancta Rainha a el-rei naquelle estado, mandou chamar a toda a pressa o infante, que estava em Leiria, prevenindo-se para lhe vir tomar a benção com o infante, e sabendo elle que el-rei estava em perigo, com pouca companhia se partiu som dilação alguma, dizendo muitas vezes que sentia que a morte lhe não désse tempo de mostrar a um tão amoroso pae que elle era o mais obediente filho, e que arrependido estava dos grandes erros que commettera em lhe fazer os aggravos que lhe não merecia. Tanto que chegou a Villa Nova lhe foi logo beijar a mão com toda a reverencia, e el-rei o recebeu com egual ternura, lançando-lhe muitas vezes a benção com grande gosto e magoa dos circumstantes, porque o verem o infante obediente e el-rei moribundo lhes causava diversos affectos no mesmo tempo. Vendo o infante a pouca commodidade que naquelle logar havia para curar el-rei, ordenou que em uma cadeira a hombros de homens fosse levado a Santarem, e com effeito com grande trabalho e não menor molestia chegou áquella villa, aonde o foi ver a infanta sua nora; e como a criara em sua casa, e a amava como a propria filha, teve grande consolação com a sua presença, e ella mostrou na mesma occasião, em magoadas lagrimas, que era digna das reaes benevolencias. E vendo-se el-rei com poucas esperanças de vida fez com piedoso exemplo todas as preparações para a morte, conferindo as cousas de sua alma com pessoas de abalisada virtude, conhecida prudencia e segura doutrina. Mandou dar aos que haviam corrido com suas rendas quitações para seus descargos, e como tinha feito testamento no anno antecedente, sem mudar a substancia, alterou em alguma parte a forma, e por conselho do bispo D. Gonçalo Pereira, mandou passar um decreto, pelo qual determinava que as justiças do reino fizessem guardar as concordatas, que, com auctoridade apostolica, se tinham

feito com os ecclesiasticos, e havendo-se em todo o discurso da enfermidade como se estivesse na mais rigorosa estação da vida, esperava a morte, fiado na misericordia divina com catholico valor e resignada constancia; que os que amam a Deos, mais tem d'ella esperança, do que temores, porque os temores se perdem com as esperanças. Quem tem a Christo por vida, tem a morte por lucro, quem deseja ver a face divina, tem por dilatado o desterro na terra.

Como el-rei era tão amado, havia no reino um geral sentimento de seu perigo, e porque todos lhe desejavam a saude, todos faziam grandes deprecações pela sua vida, não havendo imagens de devoção a que se não fizessem romarias, não só pelas pessoas que d'elle tinham dependencia, mas ainda por aquellas, a quem a humilde fortuna quasi fazia independentes da magestade. Em todo o tempo que a enfermidade durou assistiu a Sancta Rainha quasi sempre na sua presença com caridade tão officiosa, que ella lhe dava os medicamentos, e elle os tomava mais por lhe fazer a vontade, que porque esperasse a saude. Foi a doença muito prolongada, e sendo continuos os trabalhos, successivos os desvelos, parece que a Sancta Rainha não sentia nem os desvelos, nem padecia os trabalhos, porque o amor e a caridade lhe davam forças e lhe accrescentavam os alentos. Quando havia de tomar algum descanço se recolhia no seu oratorio a buscar os remedios divinos, porque via que não aproveitam os humanos; porem pedia a saude com tão resignada humildade, que quando o amor desejava a vida, a resignação se conformava com a morte, porque os rogos sem resignações não só são indiscretos, mas irreligiosos. E como a Providencia Divina tem medidos os dias a todos os mortaes, e a morte não respeita as magestades, antes com egual planta piza os reaes palacios e as cabanas pobres, dando Deos vida a muitos enfermos pelas orações d'esta Sancta Rainha, não poderam as suas deprecações fazer com que durasse mais annos a vida de

el-rei, e vendo ella que a elle se avisinhava a morte, consolava-se com o ver tão resignado na vontade divina, tendo a sua catholica conformidade por signal piedoso de sua salvação, de que tambem lhe dava esperanças o ser a morte lenta, não accelerada, porque a accelerada repete para improvisa, a lenta dá tempo para ser premeditada, e a dos principes justos não se acelera, avisinha-se. Por isso, quando Moisés estava para morrer, não disse que os dias da morte corriam, mas que os dias da morte chegavam.

No discurso da doença tomou el-rei por muitas vezes o Sanctissimo Sacramento, e como naquelles dias cahissem as festas do Nascimento e Circumcisão de Christo Senhor Nosso, por serem tão solemnes mandou que quando o Senhor viesse da egreja o acompanhasse a côrte com todo o apparato, e no segundo dia do anno, vendo que lhe ia faltando o alento, na presença da Sancta Rainha, mandou chamar seu filho o infante D. Affonso, seu neto o infante D. Pedro, sua nora a infanta D. Brites, seus filhos o conde D. Pedro e D. João Affonso, com os prelados e mais senhores, que naquella occasião estavam na côrte, e lhes fallou na seguinte forma:

Em todo o discurso de minha larga vida tenho recebido de Deos tão grandes mercês, que vendo os poucos e limitados serviços que lhe tenho feito, sei que a sua beneficencia accusa a minha ingratidão, mas espero que a multidão de suas misericordias apague a grandeza de minhas iniquidades. Não tenho que queixar-me de que foram meus dias poucos, e máos, pois tenho vivido tantos e tão felizes, que computadas as felicidades com as culpas, bem posso dizer, a respeito das culpas, que não tive infelicidades, pois se os castigos houvessem de succeder aos peccados, sendo successivos os peccados, hoviam de ser successivos os castigos; e quando eu não tivera outra felicidade mais que o haver governado tão leaes vassallos, esta bastava para me fazer o mais feliz rei do mundo, porque não podem os reis ter mais ditosa fortuna que terem vassallos de tão gloriosa fama, e se por alguma

razão humana houvesse de sentir o pôr-se fim á minha vida, fôra por me faltar tempo para vos mostrar em gratificações o conhecimento que tenho de vossas virtudes. Porém não posso deixar de me conformar que o Senhor me tire a seu arbitrio o que me deu sem que eu tivesse algum merecimento, e nesta hora, que reputo por ultima, com a verdade extrema vos affirmo que vos tenho tanto amor, que, sendo rei, se me não pode imputar que não fui pae, porque nos affectos sempre fui mais pae do que rei; e se houve occasiões em que precedeu a magestade ao amor, foi porque ha casos em que o amor é dominado da magestade, e faz o decoro o mesmo que repugna fazer o coração. Se vos não fiz aquellas mercês que se deviam aos vossos merecimentos, não foi porque não desejasse premiar vossos serviços, mas por o reino haver feito tantos dispendios, e sobretudo porque as inquietações que houve nos meus ultimos dias (as quaes succederam para o castigo de minhas culpas) perturbaram a todos de sorte que a mim me confundiram o agradecimento, a vós vos tiraram o premio, e bem conheço que vos estou nesta restituição, porem deixal-a-hei como em disposição testamentaria, para que se veja que assim como este foi o meu successivo desejo, é a minha ultima vontade. Estas obrigações deixo, filho, encommendadas á vossa grandeza, lembrando-vos que, pois sois herdeiro d'esta coroa, satisfaçaes aos serviços dos que tanto trabalharam pelo sua conservação. E ainda foi em obsequio vosso o que foi em serviço meu, porque, como sois pae, e brevemente sereis rei, o que se fez em meu serviço haveil-o de ter por exemplo o que se fez em obsequio vosso, haveil-o de ter por escandalo. Tambem vos lembro o grande amor que deveis a este fidelissimo povo, e que ficaes rei d'uma tão heroica nação, que pode ser inveja de todas as do mundo; e ainda que vós tendes esta certeza, faço-vos esta lembrança para exhortar a vossa estimação, e para testar do meu conhecimento. Pois o Senhor vos fez tanta mercê, que professaes a sua sancta fé catholica, e vos elevou ao imperio

da nação portugueza, peço-vos que governeis o sceptro com amor e brandura, não com rigor e aspereza, prezando-vos mais que de rei absoluto, de pae benigno, porque, se o poder se não temperar com a suavidade, sereis temido e desamado; se a benignidade temperar o poder, sereis amado e temido; e o primeiro fazem-no os tyrannos, o segundo procuram-no os reis. Para governares com pouco trabalho e sem nenhum escrupulo, aconselhae-vos com homens christãos, sabios, prudentes e desinteressados, porque onde não ha ambição, onde ha prudencia, onde se ignora sabedoria, onde se relaxa a conseiencia, não pode haver conselho, tudo será ambição, loucura, ignorancia e encargo. Não deis ouvidos á lisonja, que é peçonha, que suavisando o coração faz delirar o juizo, e a mais reis têm arruinado as adulações que as batalhas, porque nas batalhas pode resistir quem se quer conquistar, com as lisonjas quem se quer conquistar é o primeiro que se deixa vencer. E em os lisongeiros se apoderando das magestades, quando os reis fiquem com alguma voz, apenas é de ecco. Não torçaes por algum respeito a justiça, advertindo que pela que fizeres na terra haveis de ser julgado no céo; e pois reinaes por Deos, procurae em o que vos for possivel imitar a Deos, por quem reinaes; não consintaes que esteja no tribunal quem podera estar no patibulo, nem no patibulo quem devera estar no tribunal, porque é grande escandalo da republica ver o benemerito sem preemio, o delinquente sem castigo, e muito mais com castigo o benemerito, com premio o delinquente. As vossas palavras sejam como juramentos, fazendo tambem o decoro da magestade que obriga a fazer o vinculo da religião; se o juramento em qualquer pessoa é tomar a Deos por testemunha da verdade, o principe, com a sua palavra, toma tambem a sua magestade por testemunha da sua observancia. Assim melhor é não fazer as promessas que faltar ás satisfações; porque, se quando se fazem empenham, quando se não satisfazem infamam. Não tenho que vos lembrar

a nobreza, pois cada vassallo que vos deixo é um vivo memorial para vossa lembrança e para a vossa estimação; muitos d'elles têm o real sangue que corre pelas vossas mesmas veias, os mais são de tão claro sangue, como mostram suas generosas ascendencias, e cada qual por suas virtudes se podia fazer esclarecido, sendo pelas de seus progenitores illustre. É certo que se não pode conservar o reino sem os obsequios dos vassallos, nem os vassallos sem as mercês dos reis, assim para que seja mutua a conservação, succedam as mercês aos serviços, porque os premios augmentem os merecimentos, e ainda que os benemeritos são credores do reino, mais grangeia o reino tendo credores por serviços do que por profusões; fallar-vos em todas as obrigações reaes não só é impossivel á comprehensão, mas á minha debilidade, e porque entendo que vos não falta d'ellas noticia, encommendo-vos a observancia e a execução, porque será muito maior a culpa, sendo os erros, não fallibilidades das disposições, mas delictos da perversidade. As cousas do reino ficam de presente em tal estado, que, se as não alterar a Providencia Divina, lograrão feliz subsistencia. Se se observarem as leis que promulguei para o governo, não prevalecerá o mal contra o bem, e dará a justiça o que a cada um lhe deu a providencia. E para que ellas se observem, vós sois o primeiro que as haveis de guardar, e então será a observancia mais suave, porque a intimará o real exemplo, e nascerá do amor da virtude, não do temor da pena. E vós, meus leaes vassallos, ainda que conheço que a vossa fidelidade não necessita da minha recommendação, porque vejaes que nem depois da morte me quero privar do vosso obsequio, vos peço que, pois uma só acção pode ter diversos motivos, alem da obediencia que haveis de guardar a el-rei em razão da sua magestade, lh'a guardeis tambem em respeito da minha affeição, porque terei as vossas sugeições por creditos das minhas cinzas. E pois Deos poz na sua mão o sceptro para governar, tambem poz no seu

coração a beneficencia para vos favorecer; assim espero que o regimen seja da parte da magestade tão ajustado, a obediencia da parte da vassallagem tão leal, que a obediencia e o imperio sejam suave admiração de toda a outra monarchia. E porque me vão faltando com os instantes os alentos, por finaes c'ausulas de meus rogos ultimos vos encommendo a todos, principalmente a meus filhos, a Rainha que está presente, cujo amor para comvosco é conhecido, para comigo tão experimentado; e porque em em algum tempo lhe fiz alguns aggravos, que então soffreu a sua constancia, e agora lamenta a minha penitencia, pois eu não tenho tempo para agradecer os obsequios que me fez em toda a vida, os desvelos com que me assistiu nesta doença, foi do vosso amor, que a vossa estimação por meu respeito tome por sua conta o desempenho, e o conhecimento de tanta divida e da sua virtude espero que, sendo por ella o meu nome gloriosamente sabido, o reino superiormente honrado, resulte a este reino a mais heroica fama, ao meu nome a mais insigne memoria.

Disse el-rei estas razões, que antecedentemente tinha meditadas, com tão superior alento, com tão magestosa gravidade, com affabilidade tão plausivel, que todos entraram em novas esperanças da convalescença, e entre lagrimas e admirações lhe beijaram a mão, como em agradecimento de que a todo o reino deixava naquellas ultimas razões honorificos legados de sua benevolencia. Porém, sendo accidental aquella melhoria, foram succedendo os desfallecimentos uns a outros, e dentro de poucos dias chegou a ultima hora, e depois de receber com affectuosa devoção todos os sacramentos da egreja, conservando seu inteiro juizo entre as ultimas respirações, sem que o perturbassem as mortaes agonias, fallando com o infante e com a Sancta Rainha, lhe disse: amado filho, eu morro, e a pena que levo são os desgostos que dei á Rainha, vossa mãe sendo moço; peço-vos pelos que me déste, e eu vos perdôo, que em satisfação de todos lhe façaes muitos ser-

viços, e assim hajaes a minha e a sua benção; e lançando-lha já com a mão cançada, despedindo-se da Sancta Rainha com grande ternura, fazendo com voz interrompida devota oração a uma imagem de Christo Senhor Nosso crucificado, que a Sancta Rainha tinha na mão, a sete de janeiro de mil trezentos vinte e nove perdeu os ultimos alentos da vida com piedosos finaes de que ia gozar os gloriosos premios da bemaventurança.

VIDA, MORTE E MILAGRES

DE

SANCTA IZABEL

SEXTA RAINHA DE PORTUGAL

LIVRO TERCEIRO

Tanto que el-rei expirou, deixando a Sancta Rainha o cadaver com decencia, se recolheu a seu aposento com grande constancia, e chamando algumas senhoras com quem tinha mais particular communicação, cortou ainda em ouro os cabellos que a edade podia fazer de prata, e despindo-se das reaes vestiduras, vestiu o habito de Sancta Clara, cingiu-se com uma aspera corda, e pôz um véo branco na cabeça. Choravam as senhoras que lhe assistiam não só o rei defuncto, mas a defuncta viva. Se o verem-na naquelle trajo lhes causava edificação, tambem lhes accrescentava a pena; porém ella, opprimindo no coração as lagrimas de sua dor, não lhe embargando as magoas da ausencia as acções da piedade, tanto que vestiu aquelle lucto, tornou para a casa onde estava o cadaver, e nella assistiu em ora-

ção quasi todo o tempo que a prevenção deteve levarem-no á sepultura. Não ignoravam as pessoas que a viram naquella forma que ella havia de fazer aquella mudança, mas como é differente o que se vê do que o que se imagina, vendo uma rainha involta em um habito de burel pobre cingida com um cordão de aspero esparto, toucada com um véo de grosseiro panno, admiraram em um corpo que se reputava defuncto o exemplo da virtude vivo. Se a sogra de Ruth, depois que viuvou de Abimelech, não quiz que lhe chamassem Noeme, que explicava a sua formosura, e dizia que lhe chamassem Mara, que significava a sua tristeza, a Sancta Rainha, amortalhando a magestade para viver em mortificação, mostrava que vestindo a mortalha queria que a reputassem como se estivesse na sepultura.

Depois que entrou na casa onde estava o real cadaver lhe deu o abbade de Alcobaça um dos testamentos de el-rei, e abrindo-se assim este como os mais, se viu que se mandava enterrar no monumento que para sua sepultura tinha prevenido no real convento de S. Diniz de Odivellas. E como para se dispor o funeral acompanhamento com a decencia devida á magestade, e para se levar o corpo de um logar a outro, era necessario tempo consideravel, e a corrupção do cadaver não podia esperar pelos vagares da pompa, embalsamado o metteram em um ataúde, e o pozeram em uma sala do paço, a qual estava disposta em fórma de capella com aquelle ornato que convinha a um logar em que se haviam de celebrar funcções de religião, magestade e tristeza. E em quanto ellas se celebraram esteve sempre o cadaver entre luzes religiosas e lagrimas magoadas, e foi muito não apagarem as lagrimas as luzes, porque as luzes não passavam de flammas, as lagrimas chegavam a inundações.

Tanto que a capella esteve de todo ornada, disse missa de pontifical o bispo de Lisboa D. Gonçalo Pereira, e ultimamente Francisco Domingues, chanceller-mór, por ser prior da real collegiada de Alcaçova de Santarem, em cuja parochia estava o paço, e no mesmo tempo se fizeram e

disseram, em todos os conventos da villa e do reino onde poude chegar a noticia, muitos officios e missas pela alma de el-rei, sendo a Sancta Rainha a que dispunha todos estes sacrificios e suffragios, concorrendo pela mesma tenção com frequentes orações e liberaes esmolas. Como sempre na vida pedia a Deos a salvação de el-rei, instava mais por ella depois da morte, procurando allivial-o, com os piedosos suffragios da egreja, dos ardentes incendios do purgatorio, porque os que se não lembram das almas parece que duvidam das penas, e os parentes são mais obrigados a fazerem suffragios pelos parentes, os amigos pelos amigos. Por isso Job clamava que ao menos se lastimassem d'elle os amigos quando estava padecendo os trabalhos.

Como a Sancta Rainha nesta occasião vestiu o habito de Sancta Clara, porque se não cuidasse que aquella tão notavel mudança era acto de religião e não demonstração do lucto, ao outro dia, depois da morte de el-rei, mandou fazer uma escriptura publica, na qual declarou que ella trazia comsigo, havia tempo, o véo, a corda e o habito da ordem de Sancta Clara, para que, viuva, lhe servisse de tristeza, defuncta de mortalha; e que ainda que em algum tempo desejara, depois da morte de el-rei, ser religiosa para viver mais sepultada, os negocios de seu estado, os annos de sua edade, as faltas de saude lhe impediam satisfazer as regulares obrigações da religião, e lhe não queria ser embaraço quando lhe desejava ser augmento, e assim se resolvia a ficar naquelle habito no seculo, empregando-se no divino serviço sem fazer algum voto religioso, e reservava a real fazenda para dispor d'ella em sua vida, como lhe inspirasse a divina graça. Que a riqueza, por ser riqueza, não difficulta a sanctidade, o máo uso é o que a difficulta. Sem embargo de Judith ser mui rica, era Judith mui sancta.

Como o convento de Almoster era tão obrigado á Sancta Rainha pelo haver tomado na sua protecção, e el-rei haver feito, por seus rogos, grandes favores á sua fundadora, entenderam as religiosos (que naquelle tempo ainda

não professavam clausura) que era obrigação de sua piedade, demonstração de seu agradecimento, virem consolar a Sancta Rainha na sua magua, assistirem-lhe no seu lucto. E com effeito a fundadora e a abbadessa, com outras religiosas anciãs, vieram assistir e concorrer nos funeraes. Não deixou a Sancta Rainha de se pagar de tão pias demonstrações, e como as religiosas a ajudavam a orar pela alma de el-rei, tinha nas orações os maiores allivios, e não deixava de os achar nas assistencias, porque é desafogo das penas ter quem ajude a lamentar as magoas. Por isso Scilam alliviou as suas magoas, convocando quem ajudasse a lamentar as suas penas.

Feitas em Santarem as exequias, junctos por ordem de el-rei D. Affonso todos os prelados, senhores, clerigos e religiosos que estavam naquella villa, os de Abrantes, Leiria e Torres Noves, a quem a Sancta Rainha mandou chamar para condecorarem o funeral, mettido o ataúde em uma liteira, coberta com um panno de brocado rico, com as reaes armas no meio, depois de estarem todas as cousas dispostas para se levar o cadaver, e em ordem processional os que o haviam de acompanhar até á sepultura, sahiram el-rei D. Affonso e sua mãe a Sancta Rainha do paço, com toda a côrte vestida de burel, que era o lucto d'aquelle tempo. E tanto que se pozeram detrás do ataúde, entre innumeraveis tochas, dobrando os sinos das egrejas, se começou a mover o funesto acompanhamento; porém proseguiu o caminho com tardo passo, porque era tão numeroso o concurso, que a multidão da gente servia de embaraço e impedia o progresso. E ainda que eram estrondosas as vozes dos sinos, bem se ouviam os suspiros das saudades, os soluços do pranto; e os que viam a el-rei morto, amortalhada a Sancta Rainha, mais sentiam a mortalha do que a morte, porque, sendo grande o amor que tinham a el-rei pelas suas reaes partes, era maior o que tinham á Sancta Rainha por suas heroicas virtudes, e como era superior a causa sentiam menos a morte, que não sentia o

amortalhado morto, sentiam mais magoa que padecia a amortalhada viva; que nos grandes luctos mais se sente o sentimento dos vivos que a saudade dos mortos. Quando morreu o filho da viuva de Naim, a turba da cidade não acompanhava o filho morto, acompanhava a mãe sentida.

Sahindo o acompanhamento da villa com esta difficuldade, achou nas estradas o mesmo embaraço, porque, deixando até os pobres lavradores os rusticos trabalhos, concorriam dos logares, das aldeias dos montes e dos campos, não só a ver a pompa mas a despedir-se da magestade, porque o amor dos principes que sabem ser paes dos pobres, não só se encerra nas côrtes e nos paços, tambem vive nas aldeias e nas cabanas, onde, senão tão urbano, não é menos affectuoso, porque, como é menos politico, é mais sincero. Proseguiu o funeral o caminho, detendo-se em algumas partes onde havia commodo, porque os que iam no acompanhamento tomassem algum descanso; e parando em Villa Nova (onde se fez a primeira jornada) foi posto o cadaver na egreja, que para esse effeito estava prevenida, e nella cantaram os responsos os clerigos de Obidos, Athouguia e Alemquer, a quem a Sancta Rainha tinha mandado chamar para aquella funcção. E ainda que a sua grande magoa e o antecedente trabalho a poderam obrigar a tomar algum socego, a sua piedade, com grande exemplo, assistiu a todos aquelles actos com egual edificação e na mesma fórma, estando por todas as villas, por onde se fazia o transito, o clero regular e secular dos contornos. Chegou o cadaver ao real convento de S. Diniz de Odivellas, onde, sendo-lhe a terra leve, havia de ter o ultimo descanso.

Quando o acompanhamento chegou áquelle sitio, estava já nelle o bispo de Lisboa D. Gonçalo Pereira, com o cabido, o clero e religiões, e o senado da camara com a nobreza e povo da cidade, e visto o ataúde se renovaram as lagrimas, porque, como el-rei fôra sempre tão amado dos moradores, ainda que já tinham chorado a sua morte, á vista do cadaver não poderam reprimir o pranto. E porque a multidão do concurso tinha confundida a ordem do acom-

panhamento, se tornou a compor de novo para entrar na egreja, que estava coberta de lucto. Entrando nella pozeram o ataúde em uma magnifica eça, e a abbadessa, com oitenta religiosas que já tinha o convento, cantaram o primeiro responso; e lembrando-se que el-rei fôra o que o fundara com tantas despesas, que o enriquecera com tantas doações, eram tão copiosas as lagrimas, que, interrompidas as vozes com os gemidos, mais se ouviam os gemidos do que as vozes. Acabada aquella funcção, officiou o bispo com o cabido a missa, que se disse de corpo presente, e feitas todas as ceremonias competentes ás reaes exequias, mettendo-se o ataúde no magnifico sepulchro, se escondeu no coração das pedras um rei que ficou dentro do coração dos homens, cujas reaes virtudes foram tão insignes, que affirmam as historias estranhas, as quaes são inscripções sem lisonjas, que foi a todas as luzes, grande, sabio, prudente, valoroso, justo, liberal, magnifico e religioso. E ainda que o monumento o sepulte na fama vive, porque os reis que heroicamente imperam gloriosamente reinam, ainda que humanamente feneçam. Morrendo Josias de pouca edade, reinou largo tempo, porque, como reinou sanctamente na vida, ficou reinando eternamenté na fama.

Sepultado o cadaver, se partiu el-rei D. Affonso para Lisboa e a Sancta Rainha ficou em Odivellas, nas casas reaes, que ainda se conservavam no convento, assim por ficar com as religiosas, em que achava espiritual allivio, como por dar á execução algumas disposições do testamento; e todo o tempo que esteve no mosteiro se exercitou em obras de virtude, que applicava pela alma de el-rei defuncto. E ainda que com a morte dos reis têm as rainhas viuvas como defunctas as magestades, porque o sol no occaso não tem idolatras, e só tem adorações no oriente, e a Sancta Rainha era sol que se tinha escondido entre as sombras de seu proprio lucto, sepultada dentro dos mares de seu proprio pranto, não se viu nesta occasião o desamparo, antes parece que se lhe augmentou o sequito, porque, vendo nos mares do pranto, nas sombras do lucto, o mais formoso

sol da sanctidade, todos queriam ser heliotropios dos raios de seu exemplo, não por lisonja das grandezas da magestade, que estavam como defunctas, mas por attracção das virtudes, que admiravam vivas; com o que lograram as boas fortunas, porque os que seguem a virtude só por amor da virtude asseguram a dicta, os que seguem a magestade só em respeito da magestade não escapam da pena. Eliseu, que seguiu a virtude, deu-lhe Elias o espirito dobrado; Semei, que seguiu só a magestade, deu-lhe Salomão o merecido castigo.

Como el-rei deixara um legado ao Summo Pontifice e cardeaes, para que fizesse dar á execução seu testamento, e na curia romana estivessem muitos negocios em aberto, que com a morte de el-rei podiam ter alguma alteração, mandou el-rei D. Affonso tractar de seu ajustamento e dar conta ao Summo Pontifice do fallecimento e disposição de el-rei seu pae. E como neste tempo ainda estava na cadeira de S. Pedro o Summo Pontifice João XXII, que pela noticia que tinha do grande nome de el-rei defuncto, nas cartas que escrevera ao reino a seu favor tinha feito insignes elogios a suas reàes virtudes, conhecendo que era razão que a sé apostolica fizesse ás portuguezas magestades todos os obsequios paternaes, pois eram tão benemeritas dos favores pontificios, escreveu ao novo rei, dando-lhe o pezame da morte do pae, á Sancta Rainha o do marido, dizendo-lhe que recebera alguma consolação naquella pena sabendo o feliz transito de el-rei defuncto, e a gratidão affectuosa com que el-rei D. Affonso seu filho se houvera na sua doença, em ordem ás cousas de sua alma, no que dava piedosos signaes de que queria tractar da sua salvação, para o que lhe escrevia, dando-lhe os saudaveis documentos que para esse fim lhe pareceram necessarios; e que pois ella entendia quão enganosas eram as cousas humanas, pois as suas figuras passavam como sombras, e que as eminencias das dignidades não livravam a pessoa alguma das leis da morte, e sabia que el-rei, acceso no zelo da fé catholica, fallecera arrependido das culpas de sua vida, de-

pois de receber os sacramentos da egreja, em razão do que se podia crer, com fé piedosa, que alcançando no céo o eterno descanço, que o Senhor dá áquelles que logram a sua amizade, antes passara da morte á vida que da vida á morte, lhe pedia que, enxutas as lagrimas, mitigadas as dores, recebesse as espirituaes consolações, para que, com a sua discrição e prudencia, consolasse toda a casa real e aconselhasse a el-rei seu filho o que lhe convinha para andar na lei do Senhor e não sahir do caminho da bemaventurança, e que em todas as cousas pertencentes á sua real pessoa, experimentaria sempre com o paternal affecto a benevolencia de seu animo.

Com esta carta e com as reliquias que o Summo Pontifice mandou á Sancta Rainha nesta occasião, ficou ella consolada, porém não divertida; que consolações que divertem são para temer, desconsolações que avisam para desejar. Assim consolada no espirito, não se esquecia do rei defuncto, antes todas as boas obras que fazia applicava para suffragios da sua alma, e depois de dispor as cousas, para que só ficara em Odivellas, determinou, pela mesma intenção, ir em romaria a S. Thiago de Galliza; e como desejava achar-se na sua casa no dia em que a egreja celebra o seu glorioso obito com religiosa festa, dispoz a jornada em forma que podesse conseguir o intento; porém, como determinava ir sem real pompa, não necessitou de muito antecipada preparação. As pessoas que escolheu para lhe fazerem companhia foram mais que de grandeza e de fausto, de religião e de espirito, poucas no numero, porém de grande edificação. Mas, se bem desejava esconder a pessoa, o cheiro da virtude dizia o que pretendia occultar o segredo da humildade, e as esmolas que fazia bastavam para acclamarem quem era. Uns pobres chamavam outros, e a concursos diziam entre acclamações quem andava por aquelles caminhos; e pois ella foi por elles a maior parte do tempo a pé, fazendo miudas estrellas as miudas areias, trocando-se a terra em céo. Se no céo se via o caminho de S. Thiago, tambem se via na terra a via latea.

Como em todo o reino se tinham divulgado as maravilhas, e o que o Senhor se mostrava admiravel nesta Sancta Rainha, recorriam a ella os que, esperando o remedio por milagre, criam que estava na sua mão a saude, e que, como Christo, só com querer os podia curar. Havia naquella occasião no logar de Arrifana de Sancta Maria, do bispado do Porto, sito na estrada que vai de Coimbra para aquella cidade, uma moça que havia nascido cega, e sabendo a mãe que a Sancta Rainha havia de passar por aquella estrada, a foi esperar ao caminho, e lhe pediu com toda a instancia que pozesse a mão nos olhos da filha, para que da sua mão recebesse a vista. Recusou a Sancta Rainha com toda a humildade, dizendo que pedisse a Deos o remedio; porém, porfiando a mulher com grande fé, obrigada a Sancta Rainha do afflicto rogo, confiada no poder divino, sem nenhuma jactancia do proprio, lhe tocou levemente os olhos; e se, com o contacto, não viram logo a luz do dia, dentro de breves dias ficaram livres da nativa cegueira, e se não foi o milagre successivo ao contacto foi porque a Sancta Rainha quiz que se entendesse que o milagre não sahira da sua mão, porque os justos, ainda que sejam instrumentos, pelos quaes Deos faz os seus favores, não querem mostrar que dos favores elles foram os instrumentos. Depois de José ter interpretado o sonho do copeiro de Pharaó, dizendo-lhe Pharaó que lhe interpretasse o sonho, lhe disse elle que sem ouvir a sua interpretação lhe podia Deos responder com prosperidade.

Como a Sancta Rainha fez esta romaria por devoção, não por divertimento, como são muitas, que servem mais para o allivio que para o voto, de que resultou dizer o propheta aos israelitas que aborrecia as suas solemnidades, quiz que não só fosse devota, mas penitente. E tanto que chegou a ver de longe as altas torres da feliz cidade de Compostella, onde está o sancto corpo do sagrado apostolo de Christo, se apeou com toda a humildade, e foi a pé uma legoa, até entrar no magnifico templo, onde logo foi fazer oração e dar graças a Deos de haver chegado áquelle admi-

ravel sanctuario, e nelle assistiu alguns dias, dando satisfação ao voto, sem que se manifestasse a sua grandeza, mas todos notavam a edificação de sua pessoa, e ultimamente, dia da festa do sagrado apostolo, offereceu no seu altar, posta de joelhos em forma de peregrina, uma coroa de ouro guarnecida de pedras de grande preço, os mais ricos vestidos que vestira em seus floridos annos, um docel de chamalote carmesim bordado de ouro, guarnecido de perolas finas e preciosas pedras, um riquissimo pontifical para o serviço da egreja, alguns vasos de prata, que antes tinham servido á real grandeza, e consideraveis sommas de dinheiro para a fabrica do templo e sustento dos pobres. E se o cumulo d'estas dadivas não chegou ao céo por estar superiormente distante, chegou ao céo por ser sanctamente offerecido, porque nem todas as offertas que se fazem a Deos chegam a Deos. As que se fazem sem vangloria chegam, as que se fazem com vangloria não chegam; as primeiras sobem e exaltam-se no empyreo, as segundas cahem e precipitam-se no inferno. O dizer Oseas aos israelitas que as suas victimas declinavam para o profundo foi declarar-lhes que, por mal offerecidas, não subiam ao céo.

Sendo esta offerta a maior que até áquella edade se tinha feito naquelle tempo, não chegando a magnificencia de algum principe a tão liberal doação, a grandeza do offerecimento manifestou a magestade da pessoa; e o arcebispo, que em nome do sancto apostolo recebeu a offerta, não por agradecimento, que esse ficava reservado a maior poder, mas por obsequio que se devia a tão real peregrina, lhe deu uma muleta encastoada em prata, e no remate uma pedra vermelha, uma bolsa de setim aleonado, a qual, de uma parte, tinha bordada a figura do sancto apostolo, da outra uma concha, que são as insignias dos que fazem aquella romaria; e a Sancta Rainha estimou estas pelas de maior credito, porque tinha por maior decoro as da devoção que as da soberania. Maior gloria alcançou David dançando diante da Arca, do que entrando em Jerusalem com a coroa.

Satisfeita a romaria, deixou cheia de edificação a cidade, e d'ella se espalhou a sua fama por toda a Europa, porque, como de toda concorrem os devotos peregrinos a venerar as reliquias sanctas, quando os que se acharam presentes voltaram para suas patrias, contavam não só que veneraram o sepulchro do sagrado apostolo, que viram a grandeza do sumptuoso templo, mas tambem que admiraram a magnifica offerta e a real peregrina. E como ella dirigia todas as suas acções ao bem da alma de el-rei defuncto, feita a romaria voltou para Odivellas para assistir ás honras que se haviam de fazer no fim do anno, e, vindo pelo mesmo logar de Arrifana, a vieram esperar ao caminho a mãe e a filha, para lhe agradecerem o milagre; porém como a Sancta Rainha lhe havia dicto que pedissem a Deos o remedio, lhes disse que lhe agradecessem o favor, e para lhe comprar o segredo mandou dar a cada uma seu vestido. Porém não se poude encobrir a maravilha, porque os que viam com vista a que nascera sem ella, admirando agradecidamente a virtude, acclamaram altamente o milagre.

Depois que chegou a Odivellas, sem descançar do trabalho do caminho, continuou com os exercicios de sua devoção, e chegado o dia do anniversario assistiu a elle com el-rei D. Affonso seu filho e com os prelados e ricos homens do reino, e naquelle religioso e funesto acto, que officiaram o clero regular e secular da cidade, as orações serviram a el-rei de suffragios, porém as lagrimas da Sancta Rainha foram as que lhe fizeram maiores honras, porque não podia o cadaver ter maior decoro que banhar uma Rainha Sancta com o pranto o seu sepulchro. Acabada aquella funcção, se recolheu a Coimbra, porque, como depois de viuva queria viver como sepultada, resolveu-se a estar onde estava a sua sepultura; e depois de estar naquella cidade mandou que todos os vestidos, que foram de sua pessoa, todos os pannos de seda, que ornavam a sua casa, todas as alfaias, peças de ouro e prata, que serviram ao decoro da magestade, se reduzissem a vestimentas,

frontaes, ornamentos, calices, cruzes e imagens para egrejas pobres, mostrando que, se se servira com a real grandeza, fora por causa de el-rei defuncto, e que agora, que cessara aquelle respeito, não queria cousa alguma da humana magestade e offerecia tudo á magestade divina, e tudo o que offerecia lucrava, porque as dadivas que sempre se logram são as que a Deos se consagram. As armas que Joaida deu aos soldados de Joás, para lhe defenderem o sceptro, foram as que seu ascendente David tinha consagrado no templo.

Supposto que o convento se tinha trabalhado com grande actividade, sendo a obra de tanta magnificencia, ainda não estava em sua perfeição; e vendo-se a Sancta Rainha naquella cidade mais desccupada, a fez continuar com maior calor. E como o seu piedoso, e magnifico animo se não lemitava a uma só edificação, ainda que essa fosse grandiosa, mandou edificar uns paços para assistir os annos que lhe restassem de vida, e um hospital em que exercitar as obras de caridade; e como estas fabricas eram suas, foram tambem suas as plantas, em que depois floresceram as virtudes, para ter de um lado as religiosas, de outro os pobres. Mandou fazer um e outro edificio em fórma que os paços tivessem uma porta para o mosteiro, outra para o hospital, para que com facilidade podesse exercitar os actos da religião e da caridade, e era tal a sua caridade e religião, que mais vivia no hospital e no convento do que no paço, ou estando no paço tambem estava no convento e no hospital, porque sempre na sua casa estavam religiosas, sempre nella se curavam as enfermas, e não só lhes applicava os remedios, tambem lhes dava os desenganos, e primeiro lhes dava os desenganos do que lhes applicasse os remedios, porque o desenganar tambem é epithema para não morrer. Quando Isaias visitou a Ezechias, estava mortalmente enfermo; não lhe disse que havia de cobrar saude, mas que havia de morrer da enfermidade; e porque elle se houve como quem havia de morrer da enfermidade, foi Deos servido que recuperasse a saude.

Feito o hospital, pediu ao Summo Pontifice João XXII o quizesse confirmar com auctoridade apostolica, e depois de obter a confirmação, o dedicou a Sancta Izabel, filha de el-rei de Hungria, com quem pelo sangue e pelo espirito tinha grande devoção, e fez com que os bispos de Coimbra e Viseu, D. Raymundo e D. Alvaro, sagrassem com toda a solemnidade a egreja; e ainda que os cabedaes de sua fazenda estavam exhaustos com os dispendios de sua caridade, como Deos lhe retribuia ainda o que lhe dava, e o que lhe dava ella lh'o retribuia, não lhe faltou com que fazer tão sanctas obras, e o hospital foi disposto, não como se estivera pobre, mas como se estivera muito rica, porque constava de dous quartos destinctos, e em cada um logares para quinze mulheres e outros tantos homens, com todos os provimentos necessarios para os curarem em suas enfermidades e suas convalescenças; que curar os doentes e despedil-os mal convalescidos é cural-os das doenças e expol-os ás recahidas, e será mais sancta a obra curar menos e curar melhor. E como a Sancta Rainha não só tratava das vidas mas das almas, instituiu no mesmo hospital capellão, que com auctoridade apostolica fosse parocho dos enfermos, para lhes celebrar os officios divinos e administrar os Sanctos Sacramentos, servindo-lhe a egreja na vida de parochia, e sepultura na morte. E porque os familiares de sua casa tambem eram pobres de espirito, tinham privilegio, para a titulo de pobreza escolherem no mesmo hospital sepultura. E como esta era toda de terra, a tinham por mais competente para a humildade; que as sepulturas hão de ser proporcionadas com os defunctos, hão de mostrar na morte o que elles foram na vida. Foi um carvalho epitaphio da ama de Rachel, porque ella foi constante em uma e outra fortuna.

Posto em sua perfeição um e outro edificio, os vinculou a Sancta Rainha ao mosteiro de Sancta Clara, dando-lhe o dominio do paço e o governo do hospital, e fazendo-se de uma e outra doação escriptura authentica, e estando presente a abbadessa, a foi offerecer no altar. Correndo o tempo quizeram alguns ministros encorporar os bens do

hospital na coroa, porém a piedade de el-rei D. Affonso V, entendendo que os reinos se conservavam pelos bens que com os pobres se dispendiam, estranhando o intento, impediu a resolução. Continuaram as abbadessas a administração com grande caridade, e com a mesma servidão os religiosos de S. Francisco no hospital, e os reis d'estes reinos, principalmente el-rei D. João I, D. Affonso V, D. Manoel e D. João III, deram a estes logares, e aos moradores do burgo, grandes privilegios e isenções, assim por honrarem a memoria da Sancta Rainha, como por favorecerem obra tão sancta.

Como a Sancta fez aquelles paçoss para com maior promptidão lograr da companhia das religiosas, e procurava atalhar que lhes não fizessem molestias, ordenou que nelles se não aposentassem senão as magestades e os infantes successores do reino, ou alguma senhora do seu real sangue, a qual ella nomeasse por sua morte. No tempo de el-rei D. Affonso IV o quizeram devassar diferentes pessoas, e el-rei os mandou despejar pelas suas justiças, e ultimamente devassando o infante D. Pedro com a assistencia de D. Ignez de Castro, que ainda era de sangue real, e filha de um seu primo com irmão, não tivera licença da Sancta Rainha. E, se bem em sua vida teve presumida a magestade, depois da morte, duvidosa, por mais que el-rei coroasse o cadaver e a sepultura, devassando-os a pessoa, os manchou o sangue, e todos attribuem a sua infausta morte a haver profanado com tão duvidoso thalamo o logar que a Sancta Rainha exceptuara (em obsequio do mosteiro) de toda a habitação menos decente. Hoje de um e outro edificio ha pouco mais memorias que as ruinas. O hospital, depois que o arruinaram as inundações, o sepultaram as areas, a egreja está exposta ás enchentes do rio, e o altar mór por se salvar das terrentes subiu doze degráus. Dos paços se vêem ainda algumas paredes, e é tradição que nellas se lê em manchas de sangue de D. Ignez, escripta em seu original, a crueldade de Alvaro Gonçalves, Pedro Coelho, e Diogo Lopes Pacheco, que sem embargo de os

piedosos rogos, de as lastimosas lagrimas de D. Ignez haverem mitigado com a vista dos formosissimos netos a real ira, lhe fizeram revogar o perdão, e como falcões carniceiros fazendo das horrendas espadas cruelissimas garras, tendo-a por indigna de ser real, despedaçaram o collo da mais formosa garça que viram não só as ribeiras do Mondego, mas todos os hemipherios do mundo.

Quando estes paços cahiram, deu a Sancta Rainha, que os edificara, precedentes avisos do futuro caso, para que os que os habitavam não perecessem na ruina, e ficando nelles um moço, ou por mui confiado, ou por mal advertido, as mesmas traves que se desarmaram do tecto se conservaram em o corpo para lhe evitarem a morte, alcançando de Deos a Sancta Rainha, que assim como as edificações da sua pessoa faziam tantos proveitos nas almas, não fizessem damno aos corpos as ruinas de seus edificios. Assim acabaram estes que pareciam eternos; e as suas ruinas deviam servir para nossos desenganos, pois se perecem os que apostam durações com a eternidade, como hão de durar os que pela mortalidade tem caducas as durações. Se a terra considerara que era caduca, deixara de ser soberba; se a cinza considerara o que era, não seria desvanecida; se basta ter parte dos pés de barro, para poder cahir uma estatua, que é toda de metal, como não ha de cair uma estatua, que não tem cousa alguma de metal, e é inteiramente de barro?

Vendo-se a Sancta Rainha livre para dispor de sua pessoa, em ordem e salvação de sua alma, desejou fazer naquella edade o que se lhe não deixou fazer na primeira, intentando ser religiosa no mosteiro de Sancta Clara. Porém, dando parte d'este intento a seu confessor, o padre frei Salvado, bispo que depois foi de Lamego, e a outros varões de grande espirito, a quem communicava a sua consciencia, entendendo elles que seria mais util para a pobreza ser Rainha do que religiosa, a aconselharam que se não desviasse daquelle caminho, porque com a ripueza de magestade podia ir pela estrada real da bemaventurança, e como a

Sancta Rainha era humilde serva, e obedecia não disputava, que quem disputa quer-se jactar-se e não quer obedecer, seguiu o conselho como preceito, e ficou-se naquelle estado. E se foi admiravel a vida que fez antes e depois de casada, tambem foi admiravel a que fez depois de viuva. Foi viuva sancta, porque em casada o era ; que ordinariamente correspondem uns aos outros os estados. Judith vestiu na lugubre viuvez as nupciaes galas, porque não despiu com viuvez lugubre as conjugaes virtudes.

Persuadida a Sancta Rainha que lhe não convinha fazer profissão de religiosa, tomando os exemplos de sua mãe, a rainha D. Constança, de sua avó, a rainha D. Violante, de sua tia Sancta Izabel, seu tio Bela, rei de Hungria, de sua tia D. Maria, rainha de Hungria, de seu avô D. Jayme, de seu irmão D. Affonso, reis de Aragão, do infante D. Pedro seu subrinho, de sua irmã D. Violante, rainha de Napoles, de suas cunhadas D. Branca e D. Elesinda, rainhas de Aragão, de seu primo o infante D. Jayme, primogenito dos reis de Malhorca, de sua prima D. Sancha, rainha de Napoles, de sua cunhada D. Leonor, rainha de Sicilia, de D. Catherina e D. Anna, rainhas de Polonia, fez profissão de Terceira, e mudou de vida, porque as virtudes sempre têm perfeições que anhelar, eminencias a que subir. Em dizer o Espirito Sancto que os cabellos da amada esposa eram como os rebanhos, que subiam do monte Galaad, foi exprimir que os virtuosos cuidados da alma sancta não param no cume de uma só virtude, e que depois de subirem ao monte de Galaad, logo sobem a diverso monte.

Feita a profissão, vida que em outro tempo fez, foi como noviciado da que então professou, e sempre proseguiu, se no estado de casada, jejuava as tres partes do anno, porque el-rei lhe impedia que o jejuasse todo, naquelle tempo que estava livre da sugeição, todos os dias eram de queresma, porque todos eram de abstinencia ; se o paço em vida de el-rei fora convento com magestade, depois de sua morte era convento, em que se não via mais que religião, e para esse effeito tinha cinco religiosas em sua compa-

nhia. Antes que rompesse a luz do dia, já este astro matutino, com aquellas estrellas seraphicas, estavam fixas no céo de seu oratorio dando a Deos divinos louvores. Depois de rezarem nella matinas e prima, ouviam uma missa, e tanto que era manhã, iam para a capella dos paços, com toda a devota familia, e nella ouviam duas missas cantadas, uma de defunctos, pela alma de el-rei, oûtra da feria ou festa d'aquelle dia, e rezavam terça, e sexta, e porque lhe parecia ocio tudo o que era descanço, acabados estes religiosos actos, ia receber as petições de algumas partes, e porque queria despachar duas vezes, despachava logo, que a brevidade tambem é despacho, porque, quando não consegue a mercê que se procura, acaba-se o requerimento que desvela. As petições que lhe faziam ordinariamente eram de esmolas, e todas sahiam despachadas, porque, se não dava tudo o que lhe pediam (porque os cabedaes não bastavam para remedio das necessidades) a todos os que lhe pediam dava, e muitas vezes se viu que, sendo muito maior a indigencia do que a esmola, bastava a esmola para remedio da indigencia, porque o Senhor multiplicava na mão do pobre o que sahia da mão da Sancta Rainha, e fazia que o dinheiro, recebendo o valor do seu desejo, fosse da maior utilidade no uso do que havia sido de preço na dadiva. Despachados os pobres, tornava ao oratorio a rezar nôa com as religiosas, e depois tomava alguma refeição ordinaria, tão sem nenhum regalo, que não só era limitada para o sustento, mas disposta para a mortificação. Não mandava inventar delicias para a gula, inventava dissabores que servissem para a peninencia, assim mandava dessasonar o que havia de comer, para que no que havia de comer achar tambem que sentir. Como, sendo innocente, se tractava como peccadora, imitava ao que se tractou como peccador, sendo innocente. Se para elle o mel amargoso era como alimento suave, para ella era como mel suave o alimento mais amargoso.

Depois se de alimentar nesta forma ia visitar os enfermos ao hospital, para saber se as pessoas que nelle esta-

vam eram bem curadas, não só nas infermidade do corpo, mas nas do espirito, procurando que primeiro se tractasse das do espirito que das do corpo, porque onde o amor é divino, primeiro se tracta da alma que da vida, onde o amor é humano primeiro da vida que da alma; e morrem muitos que não haviam de morrer, porque se não curaram como se haviam de curar; começam pelo medico e chamam tarde pelo confessor, sendo que haviam de começar pelo confessor, ainda que chamassem tarde o medico. Como as enfermidades nascem muitas vezes mais das iniquidades dos animos que das alterações dos humores, primeiro que as alterações dos humores se hão de curar as iniquidades dos animos. Morreu Ochosias, não porque fosse mortal a doença, mas porque commetteu um peccado mortal; sancto era Ezechias, e porque era sancto, estando enfermo, não se lê que chamasse primeiro o medico que o propheta, primeiro chamou o propheta do que o medico, e começando o remedio pela oração, foi agradecer a saude ao templo.

Esta visita que fazia aos doentes não era ceremoniosa, era activa; não só os ia ver, tambem os ia servir, e sempre consolar. Se quando alli assistia havia algum que agonisava, ella lhe mettia a candea na mão, a luz na alma; ajudando-os a bem morrer, entendia que fazia a maior obra de caridade, porque ajudar nas angustias da vida é caridade que pertence ao corpo, ajudar nas angustias da morte é caridade que pertence á alma. Visitado o hospital, ia rezar vesperas, ou na capella com as religiosas que trazia no paço, ou no coro com a communidade do convento; se nelle se detinha era em practicas de edificação, em exercicios de humildade, porque algumas vezes ia servir na cosinha, outras no refeitorio. Como sabia que a magestade divina viera ao mundo servir, tinha o servir como reinar, e não querendo as religiosas que ella humilhasse a sua magestade por seu respeito, ella punha a seus pés a coroa em seu serviço, e o tempo que lhe restava do dia se occupava, ou trabalhando em Deos como Martha, ou contemplando em Deos como Maria.

Tanto que a noite chegava, rezava na capella com as religiosas completas, o officio dos defunctos, e as particulares devoções dos sanctos seus advogados. Depois de alimentar penitentemente a vida, se mettia occultamente no seu oratorio, e posta na divina presença, derramava o sangue do coração em lagrimas, o do corpo com disciplinas, pelos peccados do mundo, pelas necessidades do reino, pedindo á divina misericordia que o reino se conservasse, mas com maior ancia que o mundo o não offendesse. Nestes sanctos exercicios, nestes penitentes desvelos, passava em oração até a meia noite, e então se ia recolher, mais para se mortificar que para dormir, e se lançava em um estrado humilde, duro para o corpo, indecente para a magestade, conveniente para a virtude, e nelle não tomava descanço senão quando o mesmo desvelo lhe trazia o somno, e era este tão limitado, que se a meia noite a achava em oração, em oração a achava a luz do dia, e em circulo se continuavam os exercicios, correndo aquelle sol da edificação aquelle virtuoso zodiaco nas vinte e quatro horas, e ainda quando estava parado corria, porque se o corpo parava nos exercicios, girava o coração nos desvelos.

Era tão penitente a regularidade da vida que a Sancta Rainha fazia, que causava grande admiração a todos os que d'ella tinham noticia, porque parecia que nem os seus annos, nem as indisposições, que lhe tinham resultado dos seus grandes trabalhos, podiam com tão frequentes exercicios, nem com tão penitentes rigores, com o que se attribuia a sua vida a milagre. Prodigio era de sanctidade a sua vida, mas não era prodigio a duração, porque vimos que muitos sararam com as penitencias que enfermaram com as delicias, muitos viveram decrepitos nos ermos que nas cidades desfalleciam moços. O certo é que ordinariamente a abstinencia e a virtude dilatam os annos, o peccado e a gula consomem os dias; assim ninguem deixe de ser penitente por temor da morte, antes por temor da morte seja penitente, porque a penitencia não mata, vivifica; parece formidavel, é aprazivel, e quando se julga que

se encontra com a braveza de um feroz leão, acha-se a doçura do suave mel.

No discurso d'estes annos se poz em perfeição a egreja do convento de Sancta Clara, e como o maior cuidado da Sancta Rainha era ver acabada tão sancta obra, dizia que esta era uma das maiores mercês que Deos lhe fizera em sua vida, e para que não faltasse alguma religiosa circumstancia, pediu ao bispo de Coimbra D. Raymundo que sagrasse a egreja, e elle o fez com toda a solemnidade, sagrando-se no mesmo dia o altar mór dedicado a Sancta Clara, o da Virgem Maria, S. João Evangelista, S. Francisco de Assis, Sancta Maria Magdalena, concedendo o bispo naquelle dia indulgencias para quem visitasse a egreja naquelle oitavario, ou no dia do anniversario da dedicação, e impetrando a Sancta Rainha muitas outras graças do Summo Pontifice para as festas de *Corpus Christi* e dos sanctos que na egreja tinham altares. Como o intento com que fazia as edificações não era deixar monumentos da sua grandeza, procurava que as almas recebessem beneficios da sua piedade; não edificava só para construir, edificava para edificar, porque os que edificam os templos, não ha de ser para construirem edificios, mas para estabelecerem edificações. Salomão disse que edificara edificando, para mostrar que em ordem á edificação do espirito fabricara o edificio do templo.

No mesmo tempo, em que se continuavam as obras do convento, mandou lavrar o seu sepulchro, mais que para a memoria e para a pompa, para o desengano e para a edificação. Era elle de uma só pedra branca, se unica por venturosa, unica por inteira, tinha treze palmos communs de comprido, seis de largo, e cinco de alto, e ao redor estava cercado de imagens de figuras lavradas na mesma pedra de meio relevo, cada uma de dois palmos de comprido, pela ilharga da mão direita, mostrava um coro de figuras lavradas na mesma pedra na mesma forma, de dois palmos de altura, postas em ordem processional, com seus livros abertos nas mãos, e no principio um bispo vestido

com as vestes pontificias, assistido de dois ministros, com sacerdotaes sobrepellizes; da parte esquerda estava outro coro com as imagens de Christo Senhor Nosso, com os doze apostolos, e na cabeceira do sepulchro outra do mesmo Senhor crucificado com a imagem de sua Mãe Sanctissima de uma parte, e a do amado evangelista da outra, e dois escudos pequenos com as aragonezas armas; e aos pés do dicto sepulchro a imagem de Sancta Clara, e de duas rainhas com coroas douradas na cabeça, tudo da mesma grandeza, e esculptura, e nos quatro cantos os quatro animaes mysteriosos, que significam os quatro evangelistas sagrados. Esta caixa se cobriu com outra pedra da mesma grandeza, a qual na parte superior estava esculpida ao natural de relevo inteiro a imagem da mesma Rainha Sancta, vestida no habito de Sancta Clara, com véo preto na cabeça, sobre elle uma dourada coroa, cingida com o cordão da mesma ordem, e nelle da banda esquerda, pendurada uma bolsa, e sobre ella lavrada uma concha de S. Thiago dourada, as mãos postas uma sobre outra sobre o peito, e debaixo da direita um livro, e da esquerda um bordão, e sobre a dicta caixa, da parte da cabeceira da imagem da Sancta Rainha, estão dois anjos de cada parte, com seus thuribulos prateados nas mãos incensando o corpo.

Acabada a egreja do mosteiro, fez pôr este monumento no meio d'ella, sobre oito leões da mesma pedra, para que todas as vezes que nella entrasse fosse lembrança para a morte, desengano para a magestade; porém não persistiu muito naquelle logar, porque, como era grande a machina, por desembaraçar a egreja, desejava fazer d'elle mudança, e quando andava com este intento, parece que o céo, com as enchentes do rio, dispoz a trasladação do veneravel sepulchro, assim como depois havia de obrigar a se fazer a do seu sancto corpo, e desatando-se o céo em agoa, choveu em um só dia um diluvio. E o Mondego, que até então respeitava aquelle levantado sitio, excedendo com a inundação a eminencia, entrou dentro da egreja nova, e cobriu o sepulchro com a agoa. Vendo a Sancta Rainha aquella

nunca vista inundação, e tendo-a por undoso prodigio, que avisava do futuro successo, conferindo o presente diluvio com o intento presente, se confirmou em que por evitar o damno, devia transferir o sepulchro, e assim ordenou que, visto a egreja ter sufficiente altura, se fizesse sobre arcos outra, e outro coro, com o que de uma se fizeram duas, e nellas mandou levantar altares e pôr imagens, e todas as mais preparações convenientes, para se celebrarem os officios divinos. E de muitos tempos a esta parte, deixadas as outras formosas fabricas da magnificencia ás impetuosas inundações do Mondego, no segundo coro, e na segunda egreja, onde a Sancta Rainha poz em salvo a sua sepultura, e de sua neta, a infante D. Izabel, se celebraram até o dia da trasladação os officios divinos, com a magestade e devoção competentes a um real convento, e a uma religiosa communidade; e por esta sancta obra, que a Sancta Rainha tinha pela sua maior felicidade, a colmou a divina grandeza das benções que concede áquelles que fabricam e veneram os templos. Se abençoou a Obededon, porque teve tres mezes em casa a arca do testamento, em que estava o maná que choveu no deserto, como abençoaria a quem fez casa, em que por tantos seculos esteve o saudavel pão dos anjos!

Acabada a superior egreja, tractou a Sancta Rainha de mudar para ella o seu sepulchro; porém, como a materia o fazia de grande pezo, a forma de egual perigo, e as escadas por onde havia de subir, de uma para outra parte, difficultavam o transferir-se uma machina tão grave, e tão perigosa, por mais traças que inventou a arte, por mais suores que verteu a fadiga, abalando-se o sepulchro do pavimento da egreja inferior, não se poude fazer algum progresso para a superior capella, porque podia mais o peso que o trabalho. Vendo a Sancta Rainha aquella invencivel difficuldade, entendeu que para se conseguir o intento era frustrada toda a diligencia humana, e fiada na omnipotencia divina, encostando o bordão que trouxe de S. Thiago a uma parte d'aquelle já prodigioso sepulchro,

não só subiu com facilidade aquella gravissima machina, voou como se fosse mui ligeira, e se collocou com toda a elegancia no logar que havia de ter na capella, vendo-se que, se a fé dos sanctos podia mudar os montes, a virtude da Sancta Rainha podia transferir as pedras. O baculo de Eliseu na mão de Giesi não poude resuscitar o filho de Sunamites defuncto. O baculo da Sancta Rainha poude na sua mão transferir o sepulchro pesado.

Estas maravilhas, que accrescentavam nos fieis a admiração, na Sancta Rainha causavam maior humildade; quando se via favorecida, então estava mais humilhada, não attribuindo o successo á propria virtude, mas á divina bondade. E como a bondade divina accrescenta os favores a quem os não attribue á virtude propria, succediam ás humilhações as graças; mas não podemos referir as que Deos lhe fez, porque se perdeu o livro de suas revelações, e nellas um thesouro de maravilhas, e sem duvida foi castigo de culpas perderem-se tão uteis noticias, de que podiam tirar grandes approveitamentos as almas. O mandar o Senhor fechar a Isaias o volume que lhe entregou para ler ao povo, foi castigo de o povo se não aproveitar da lição d'aquelle volume.

Acabado o convento, em que empregou grande parte de suas rendas, que o que se dá a Deos não se dá, emprega-se com vantajoso lucro, pois por um que se dá no mundo se alcançam cento no céo, e se as riquezas que se dão, são as que se têm, as que se dão a Deos, são as que se logram, tractou de melhorar o dote do convento, e o que até então dispendia em obras, applicava para que se lhe comprassem rendas. Se as fazendas não eram de boa qualidade, mandava a seus procuradores, que as trocassem por outras de maior rendimento. Como os vassallos a viam tão desejosa de enriquecer o convento, alguns, obrigados do exemplo, lhe fizeram liberaes doações, outros por lhe darem gosto, venderam as fazendas por menos preço, e nesta forma fez ás religiosas um rico dote, em que mandou preferir as enfermas como mais necessitadas. Na re-

partição que fez com as egrejas, quando se despojou de suas alfaias, applicando á casa de Deos toda a riqueza que serviu á pompa do paço, reservou as melhores peças para este convento, porque, como as egrejas se hão de ornar segundo os logares em que estão, estando o convento naquella nobilissima cidade, a elle pertencia maior adorno, e por esta mesma razão lhe deu um rico ornamento, que bordou de precioso aljofar, duas imagens da Virgem Maria, e as dos doze apostolos de prata, duas cruzes, uma do mesmo metal, de coral outra (se ricas pela materia, elegantes pela obra) tres relicarios de prata, um com reliquias de diversos sanctos, outro com um dente do precursor sagrado, outro com alguma carne do glorioso martyr S. Lourenço. Finalmente deixando o convento por universal herdeiro, mandando sepultar na egreja o seu sancto corpo, lhe deixou o melhor thesouro, senão escondido no campo, sepultado na pedra.

Depois adquiriu a devoção das religiosas grande parte dos veneraveis despojos de Sancto Acacio, e dos martyres seus companheiros, e se guarda a antiphona preservativa da peste, que miraculosamente foi dada á abbadessa D. Margarida de Menezes, para remedio d'aquelle mal, que abrazando o reino, obrigava a se deshabitar o convento, com o que as dadivas da Sancta Rainha, as offertas da devoção, os favores do céo, fizeram que aquelle convento fosse um sanctuario: e quando o não fora pelas reliquias, o seria pelas religiosas, pois desde a sua fundação até á sua ruina, floresceu nelle a sanctidade, sem que o tempo, que destruiu o edificio, destruisse a edificação.

A este convento enriqueceram os Summos Pontifices com graças e indulgencias, os reis com mercês e privilegios, os prelados com doações, o Summo Pontifice Clemente V, que concedeu á Sancta Rainha a bulla para a restauração, lhe concedeu tambem, para que lograsse todas as graças que se tinham concedido á ordem de S. Francisco. Seu successor, João XXII, lhe confirmou as concedidas, e o mesmo fizeram os que se seguiram, ou conce-

dendo as novas, ou confirmando as antigas. El-rei D. Diniz o tomou a elle, as suas herdades, caseiros, e criados debaixo da real protecção; el-rei D. Affonso IV lhe dotou o Reguengo do Sangalos; el-rei D. Fernando o isentou de contribuir para as obras dos muros de Leiria; el-rei D. João I o libertou dos tributos, que nos seus tempos se lançaram para as guerras, e mandou recolher as religiosas nos paços da cidade; el-rei D. Duarte se recebeu na egreja com a rainha D. Leonor, e lhe deu um ornamento de muito preço, e um cobertor de egual estimação, para se cobrir a sepultura da Sancta Rainha, e não quiz que pagasse a decima, que então se lançou para uma embaixada de Roma; o infante D. Pedro, tendo a regencia do reino, mandou que d'elle se não cobrasse algum tributo; el-rei D. Sebastião, querendo ouvir o sancto arcebispo primaz, D. Bartholomeu dos Martyres, deixando a real capella, o foi ouvir naquella egreja. E não só os reis naturaes o favoreceram, os estranhos o respeitaram. El-rei D. Henrique II de Castella, invadindo este reino com armas, entre as hostilidades da guerra, fez que os soldados lhe guardassem os privilegios da paz. Os prelados lhe uniram egrejas. O bispo D. Affonso de Castello Branco, cuja magnificencia era da medida de seu animo, maior que sua possibilidade, cujas sumptuosas obras parece que excederam os cabedaes de suas rendas, lhe deu uma caixa com differentes reliquias, e entre ellas a do Sagrado Lenho, que, mettendo-se em um pucaro de agua, distillando cinco pingas de sangue, tingiu a agua mais venturosa com a purpura mais venerada, e ultimamente o cofre de prata, cristal, e pedraria, para nelle se encerrar o inteiro corpo da incorrupta Sancta.

Tres annos depois da morte de el-rei se tractou o casamento de el-rei D. Affonso XI de Castella com a infanta D. Maria, filha de el-rei D. Affonso IV de Portugal, e como a Sancta Rainha era avó de ambos os desposados, e amava os parentes, não só com amor natural, mas com caridade catholica, quando a infanta sua neta foi para Cas-

tella, a acompanhou com el-rei seu filho e a rainha sua nora até os confins do reino, onde se fez a entrega. Os que a viam nos caminhos, por onde passara casada, tão mudada no estado de viuva, em tão differente trajo, perguntavam se era a Rainha? Porém o que pelo trajo se duvidava, pela caridade se conhecia. Feita a entrega, se despediu dos reis seus netos, dando-lhes aquelles conselhos, que eram decentes á magestade, convenientes á salvação, porque a sua prudencia e sanctidade a todos davam dictames convenientes aos seus estados; porém el-rei usou tão mal das advertencias, que aquellas vodas, que se celebraram com tantas festas, foram para a rainha D. Maria infaustas, porque el-rei, passados os tempos, se distrahiu com illicitos cuidados, e fugindo do recente thalamo, entregou ao amor illicito, fez com que a rainha passasse a vida em indecente desprezo, em lastimoso pranto. Como el-rei não guardava o seu espirito, e desestimava a mulher de sua adolescencia, nesta desestimação, se alienava de si mesmo, porque os que se devem unir em um vinculo, se com o desamor se separam, na desunião se alienam. Sendo que entre os consortes o vinculo da sociedade ha de passar á identidade das pessoas. Por isso, fallando Deos a Abrahão no herdeiro, tractou Abrahão como se fosse Sara, mostrando que não havia differença entre Sara e Abrahão.

Dois annos depois de el-rei D. Affonso estar casado, não tendo ainda successão, sendo que a rainha era digna de todo o amor e decoro, pelos dotes que tinha da natureza e da graça, se namorou de uma senhora viuva de illustrissimo sangue, pouca edade, e muita formosura, e de tal sorte se apoderou ella do coração de el-rei, que deixando de tractar a rainha como esposa, a ella a tractava como esposa, e como a rainha, fazendo ao adulterio as cerimonias da magestade, á magestade todas as desestimações do desprezo. Soffria a rainha estes aggravos com tanta paciencia, que nem a el-rei seu pae fez a menor queixa; porém os vassallos, que não serviam a lisonja, sentiam altamente esta injuria, porque aquella cegueira de el-rei tinha cau-

sado no reino grandes desordens, e animando-se os mais zelosos a lhe representar que aquelle tão publico adulterio era murmurado escandalo do mundo, e que semelhantes paixões se haviam de honestar com o recato, por não infamarem com o máo exemplo, não soffrendo a soberania esta lembrança, merecendo o zelo outro premio, a retribuição foi o castigo. Porém d'elle resultou á fidelidade credito, grande descredito á lisonja, porque segundo os motivos ha favores que infamam e castigos que honram. Sendo á valia de Doeg Idumeo, infame, a morte do Propheta Isaias, gloriosa.

Sem embargo d'esta advertencia, continuou el-rei na sua cegueira, fazendo a D. Leonor mais manifesta, porque o ultimo deleite da culpa é a publicidade da infamia, e chegou a tanto a insolencia d'este vicio, que, sendo necessario á rainha fallar a el-rei, lhe deu audiencia em casa de D. Leonor, como se ella fosse o paço. Tendo a Sancta Rainha noticia de tão escandalosos e prejudiciaes excessos, se resolveu ir a Castella remediar aquelles temporaes e espirituaes damnos, e sabendo que el-rei estava em Xerés de Badajoz, sem reparar na sua indisposição, por fazer a Deos o serviço de tirar o neto do peccado, o foi buscar áquella villa, e avistando-se com elle o procurou persuadir á emenda, e fazendo-lhe elle grandes promessas, se voltou com algumas esperanças; porém, como o amor impuro tanto mais cresce, quanto mais se prohibe, as prohibições foram para el-rei incentivos, para D. Leoner liberdades. E sentindo a Sancta Rainha que não valessem com el-rei nem os seus lacrimosos rogos, nem as exhortações saudaveis, pedia a Deos como Sancta, e procurava por todos os meios, como Rainha, que se tirassem do peccado aquellas almas. Porque os principes não só hão de castigar os delictos, hão de precurar evitar os peccados. Moysés, que tambem era principe, evitou os peccados. Matathias castigou os delictos, este degolou sobre as aras o hebreu, que immolava aos idolos; aquelle evitou que os hebreos não tivessem por deoses os anjos.

Recolhida a Sancta Rainha a Coimbra aos paços que fizera juncto do convento de Sancta Clara, continuava os exercicios de sua sancta vida, não só com a antiga regularidade, mas com maior frequencia, e quando pelos annos, e pelas indisposições, podera diminuir os fervores e as penitencias, assim continuava as orações, e os jejuns, como se a edade fosse vigorosa, a compleição não estivesse debilitada. Como entendia que estava perto da meta, corria mais ligeira, para alcançar nas estolas alvas da gloria não caduco pallio, mas o indefectivel premio da bemaventurança. Se desde a edade tenra, antecipando-se o discurso ao tempo, em flor, não por se acreditar de rosa, mas para padecer penitente, se coroava de espinhos, agora que desejava que não tivesse largos periodos de duração o discurso dos annos de sua vida, como se fosse robusto tronco o corpo debil, resistia ás tempestades das penitencias, com o que procurava desfazer os temporaes do mundo, e segurar as tranquillidades do céo.

Sendo a Sancta Rainha penitente como se fosse peccadora, para ser mais Sancta por penitente, lhe offereceu a Divina Providencia uma das maiores occasiões, que teve no discurso de sua insigne vida, para exercitar a sua heroica caridade. Succedeu fazer-se a terra de pedra, o céo de bronze, de que resultou haver no reino uma tão lamentavel esterilidade, que os ricos e os pobres, se todos não eram miseraveis, todos eram famintos, porque uns não tinham nem dinheiro nem pão, outros não achavam pão que comprar com o dinheiro, e fazendo a esterilidade a um mesmo tempo a pobreza irremediavel, a riqueza inutil, não tendo os homens que comer nas casas, iam pastar nos campos; alguns comeram animaes immundos, como se fossem os mais deliciosos, sendo os mortos miseraveis alimentos dos vivos pelas casas, pelas ruas, pelos campos se achavam pessoas de todo o sexo, edade e estado; umas desfallecidas, outras moribundas e tantas mortas, que em uma só cova se mettiam muitos cadaveres, e não cabendo nas egrejas nem nos adros, lhe davam indignos sepulchros em lo-

gares profanos, a alguns não cobriu a terra, porque não houve quem os levasse na tumba, nem quem lhes abrisse a cova; neste calamitoso estado se achava o reino, e vendo a Sancta Rainha o mortal estrago, pedia ao céo com orações o remedio, e tractando do da cidade, mandou abrir os reaes celleiros, e com suas despesas buscar trigo a partes mui remotas, com o que, dando-se elle no paço aos pobres, aos ricos, aos seculares, aos religiosos, ella foi a mãe commum do faminto povo, sustentando, se não a seus peitos, com os seus dispendios, os moradores como seus proprios filhos. Vendo seus ministros que em tão grande esterilidade, repartindo a Sancta Rainha com tanta largueza o remedio alheio, podia resultar em damno proprio, lhe fizeram presente este temido damno; e reprehendendo-os ella com toda a modestia da pouca confiança que tinham na bondade divina, lhes disse que não havia de deixar de alimentar aquelle povo, que em tão grande necessidade podia perecer, porque seria culpa sua morrerem de fome aquelles, a quem ella podia sustentar a vida, e que Deos lhe não havia de faltar com o de que se necessitava, pelo que com os pobres se dispendia. E o certo é que nunca falta o que com os proximos se dispende, antes o dispendio é meio para o logro; por isso quando os discipulos temeram aquella grande fome, não guardaram para si o que tinham, mandaram aos irmãos o que poderam.

Como a Sancta Rainha, com viver quasi em perpetua abstinencia, se tinha habilitado para soffrer a fome, não temia aquella calamidade, e depois que se lhe fez esta lembrança, parece que se empenhou a distribuir para chegar aos termos de necessitar; mas o Senhor não quiz que ella chegasse a necessitar em retribuição do distribuir, antes a magnificencia chegou a maravilha, porque sem maravilha não podia chegar a tanto a magnificencia. Dando-se tudo ao povo, não faltou para o sustento do paço, porque ninguem padece pelo que dá, antes pelo que não dá padece. Não deixou de viver a viuva porque deu a farinha ao propheta, antes porque deu, morrendo de fome, a farinha,

teve farinha em quanto durou a fome, porque deixou de comer para dar, teve para dar e para comer; e não só tractou de remediar os vivos, tractou de sepultar os mortos, dando-lhe mortalhas e mandando-lhe dar sepulturas, e fazer suffragios pelas almas, e tudo o que fazia em alheio beneficio era em proprio lucro, porque o que se dispende para o bem do proximo, de tal sorte se dá, que outra vez se recebe. A pomba que Noé mandou da arca, tornou outra vez á arca de Noé.

Chegou a era de 1335, em que havia jubileu na egreja de S. Thiago de Galliza, e ainda que estava cançada dos trabalhos, envelhecida com os annos, prostrada com indisposições, debilitada com as penitencias, dando-lhe vigor a devoção, determinou ir ganhar naquelle sanctuario o thesouro das indulgencias, que nelle abrem as chaves pontificias, fazendo uma penitente romaria. Se quando a fez na primeira occasião, foi a grandeza dissimulada, nesta foi com a grandeza deposta; se então foi a maior parte do caminho a pé, agora foi a pé todo o caminho, vestida em trajos de romeira com o alforje ás costas, pedindo pelas portas esmola, aquella mesma magestade, que tinha dispendido em esmolas todos os thesouros de sua grandeza; para lhe não faltar aquella circumstancia de Seraphica, se fez tambem mendicante. Acompanharam-na algumas senhoras do paço, vestidas no mesmo habito, sem que em nenhuma parte se revelasse o segredo; e chegando a peregrina romeira com esta companhia peregrina áquelle admiravel sanctuario, cumpriram o voto com tanta devoção, que levou os olhos e os corações do numeroso e devoto concurso, que naquelle tempo concorreu a visitar o apostolo sagrado. Satisfeita a romaria, se tornou aquella Rainha de Sanctidade a voltar pela mesma via, porque a estrella que servia de guia á magestade escondida, não lhe diversificou a estrada; e tornando outra vez aquelle astro a Coimbra, onde, deixado o throno, fazia do convento epiciclo, não poude nelle estar com socego, porque o zelo a obrigou a fazer segunda jornada, onde a esperava a morte, e ella a esperava em

toda a parte, e como a esperava por instantes, por instantes esforçava as mortaes mortificações, porque os que trazem continuamente na memoria, augmentam successivamente a virtude. David, que se não esqueceu nunca da sua fragilidade, se excedeu a si mesmo na robustez.

Os desprezos que el-rei D. Affonso XI de Castella fazia á rainha D. Maria sua mulher e prima, os aggravos que tinha feito a el-rei D. Affonso seu tio e sogro, o obrigaram (deposta a prudente politica, com que tinha vencido a sua natural braveza) a tomar as armas em vingança de uma e outra magestade, e resolvendo-se fazer guerra a Castella, se foi para Estremoz, onde fez praça de armas para a expedição do exercito, e depois de haver mandado desafiar el-rei, começaram as hostilidades de uma e outra parte com tanta furia, que em todas as raias das fronteiras se via o catholico sangue nas campanhas. Ouvindo a Sancta Rainha os bellicos estrondos, e receando os militares damnos que ameaçavam os confinantes reinos, pedia a Deos que evitasse a guerra ou a levasse da vida, porque não queria ver as offensas que se lhe haviam de fazer entre as armas. Com estes temores, determinou empenhar a sua pessoa com uma e outra magestade, para ver se as podia reduzir a concordia, e mais que tudo livrar do peccado o neto, que com grande escandalo, esquecido do thalamo e do decóro, tinha entregues a D. Leonor o coração e o sceptro. E para este sancto effeito determinou ir-se avistar com el-rei seu filho. Sabendo os seus criados d'esta determinação, lhe pediram que differisse o intento, porque naquella estação do estio era perigosá a jornada, arriscada a assistencia naquella provincia; porém a Sancta Rainha, que abrazada nos incendios do zelo, não temia os ardores do sol, lhes respondeu que não podia a sua vida ter melhor logro, que sacrificando-a para evitar os peccados do neto e as ruinas do reino, e entendendo que não era necessario viver, que era necessario servir, querendo que fosse de merecer o tempo que podia ser para descançar, se poz a caminho para Estremoz com animo de reduzir o filho, e

depois fazer a mesma diligencia com o neto; porém a Providencia Divina, que não queria levantar o açoute de uma e outra nação, dispoz que, pois ella não havia de ajustar a paz, que não visse a guerra. Que o Senhor tira do mundo os impios por castigo, os justos por favor; tirou da vida a Saul, porque a culpa o fez indigno do sceptro; levou para si a Josias, porque não visse os damnos do reino.

Posta a Sancta Rainha a caminho, o venceu com grande trabalho, e o nocivo incendio do sol, que é mais ardente naquelle clima, não deixou de causar malignos effeitos no cançado e indisposto corpo, nascendo-lhe em um braço uma mortal apostema, de que quando chegou áquella villa ia doente; porém, como era tão heroica a sua paciencia, soffria a dor com virtuosa constancia, mas passando de doente a enferma, não podendo ir na fórma costumada á missa, esta alteração da vida fez publica a sua enfermidade. Visitando-a os medicos, julgaram que o mal não era perigoso; porém a Sancta Rainha conheceu que era mortal, e como esperou a morte quasi desde o berço, não lhe causou horror algum o tumulo, e fiava que a divina misericordia havia de multiplicar os seus dias como os da palma, sendo ao seu cadaver ninho a sepultura.

Havia a Sancta Rainha feito dous testamentos, no ultimo dos quaes nomeou por testamenteiros a el-rei D. Affonso seu filho, sua nora a rainha D. Brites, sua neta a infanta D. Maria, D. Betaça, os guardiães dos conventos de S. Francisco de Coimbra e Leiria, Frei Salvado seu confessor, Frei Francisco de Evora, Frei Affonso Viegas religiosos da observancia, e a abbadessa do convento de Sancta Clara de Coimbra. Mandou-se sepultar no mesmo convento com declaração de que, se fallecesse antes de se acabar a egreja nova, a sepultassem na antiga, acima da infanta D. Izabel sua neta, em fórma que esta ficasse entre ella e a grade, e que da mesma maneira as trasladassem a ambas, depois de ser acabada a egreja. Deixou para os funeraes, trintarios, anniversarios e lutos quatro mil libras, cem ao cabido da sé de Lisboa, outras tantas ao de Coimbra, para lhe fazerem

dous officios, tanto que se soubesse de seu fallecimento, tres mil para se lhe dizerem missas cantadas, resgatarem captivos e vestirem pobres; mandou que se pagassem as dividas de que se tivesse noticia com toda a brevidade, e que ás pessoas que com verdade ou juramento mostrassem qne lhe levara alguma cousa indevida, ou lhe dera alguma perda, a satisfizessem como fosse justiça. Deixou a seu filho el-rei D. Affonso todas as suas prepriedades e bemfeitorias, á rainha D. Brites uma coroa de esmeraldas, pedindo-lhe que a deixasse á infanta D. Maria sua neta, a esta uma coroa chamada das pedras furadas, uma brocha redonda, uma cruz de safiras com o Sancto Lenho, as reliquias de S. Bartholomeu engastadas em cristal; a sua neta, a infanta D. Leonor, outra coroa; a sua sobrinha D. Izabel quinhentas libras; a seu sobrinho D. Affonso, filho de seu irmão D. Pedro outras tantas; e a mesma quantia para se repartirem por seus testamenteiros; duzentas a cada uma das donas de sua casa; trezentas ás suas donzellas; aos filhos e netos de sua ama D. Marqueza quinhentas; a D. Guilhemóa cem; a mesma quantia a Maria Soares; a cada uma das camareiras de sua pessoa cem; e que pelas suas criadas repartissem seus testamenteiros trezentas, e outras tantas pelos seus homens de pé; que se repartissem dezoito mil e cincoenta libras pelos mosteiros de Alcobaça, Odivellas, Almoster, Sancta Clara de Lisboa, Sanctos, Chelas, pelas emparedadas da mesma cidade, pelos mosteiros de Sancta Clara de Santarem, de S. Domingos das Donas, emparedadas da mesma villa; e pelas de Obidos, Leiria e Coimbra, pelos gafos das mesmas, pelo mosteiro de Cellas da mesma cidade, pelo de Cellas de Guimarães, juncto á mesma pelo hospital dos meninos de Lisboa e de Santarem, pelos hospitaes e albergarias do reino, frades menores e prégadores, hospital de Ronces Valhes, Sacta Maria de Roca Amador, e mosteiro das Sanctas Cruzes, determinando a quantia que se havia de dar a cada um d'estes logares: ao mosteiro de Sancta Clara de Coimbra doze mil libras e a sua capella com as cruzes de ouro

e prata, calices, thuribulos, vestimentas e todas as cousas a ella pertencentes, a brocha grande do Camafeo, a coroa das pedras cetrinas o toucado, véo, oral e a sancta que emprestava ás noivas para que as abbadessas fizessem o mesmo emprestimo; e que se mais ficassem de trinta e seis mil libras, que ella havia de haver depois de sua morte, das reaes rendas as houvesse o dicto mosteiro para a obra, mantimento da abbadessa e religiosas; e finalmente que tudo o que se achasse por sua morte ficasse ao dicto mosteiro e hospital, que juncto d'elle fizera, com as casas de sua morada, e que nellas podesse viver depois de sua morte a pessoa mais chegada de sua linhagem, com beneplacito de el-rei e da abbadessa, pedindo a el-rei e á rainha e aos infantes seus netos que amparassem o dicto mosteiro, hospital e casas, o de Sancta Anna da Ponte, o de Almoster, o hospital dos meninos de Santarem. E neste testamento se vê qual era a parcimonia d'aquella edade, pois todas estas libras não chegavam a seis mil cruzados na presente era (oh tempos! oh costumes! de serem sanctos os costumes resulta serem prosperos os tempos; bastaram menos de seis mil cruzados para se deixarem tantos legados pios, não se satisfazem os legados pios, disfructando-se tanta quantidade de mil cruzados) e assim como se vê que naquelle tempo era a frugalidade o thesouro, em todas as clausulas d'estas disposições se conhece a christandade, a humildade, a devoção, a benevolencia, a piedade d'esta Sancta Rainha, sendo entre todas estas virtudes digna de um immenso pregão da fama, não guardar o testamento para a hora da morte. Porque, como aquelle acto requer a maior prudencia, não se deve guardar para o tempo da tribulação, deve-se fazer antes da agonia. Por isso David, quando fez as mandas a Salomão não foi na ultima hora da vida, foi dias antes da hora da morte; como tomou dias para morrer, antes de morrer teve dias para testar.

Tendo a Sancta Rainha feito tão sanctas disposições, não alterou nellas cousa alguma, e só tractou de receber os Sa-

cramentos, e dar graças a Deos pelas grandes mercês que lhe fizera em todo o discurso de sua vida, e em ter á hora da sua morte a el-rei seu filho á cabeceira, não para que cerrasse os olhos mas para lhe deixar como em legados nuncupativos os reaes dictames e sanctos conselhos, que eram convenientes para a magestade na terra, e para alcançar a eternidade da gloria. E os que o são para a gloria tambem o são para a magestade, porque da observancia da lei depende a conservação da monarchia. Os hebreos, se viviam no culto de Deos verdadeiro, alcançavam sem armas as victorias, se adoravam os falsos deoses, perdiam os victorias, ainda que fossem poderosos nas armas.

Não se tendo por mortal a doença, foram tão falsos os sympthomas, ou tão errados os pronosticos, que veiu, antes do receio, a morte; mas como a Sancta Rainha sempre andava prevenida, não foi assaltada, e se não soube a hora em que havia de vir o ladrão, achou-a o ladrão em vigilia. Como a rainha D. Brites não sahia da sua camara, e nella a servia com tão obsequiosa caridade, qne se elevava a reverente devoção, estando ambas veiu a Rainha da gloria a visitar a Rainha Sancta, e vendo a Sancta que a vinha ver a da gloria, cheia de fervorosa devoção, disse á rainha sua nora que désse logar áquella Senhora, e perguntando ella, qual era a Senhora, a que havia de dar lugar? a Rainha Sancta lhe respondeu, que aquella que vinha vestida de branco, e tão formosa; e como as senhoras, que com ella assistiam, não vissem cousa alguma, entenderam que a Rainha da gloria as não quizera dignar da sua vista, e fôra aquelle favor reservardo para consolação da enferma. E havendo ella soffrido até então as molestias da doença, com semblante alegre, desde aquella hora ficou com elle glorioso, porque a mãe de misericordia, se a não veiu visitar para lhe dar saude, a veiu ver para a certificar da salvação.

Alentada com tão celestial visita, na quinta feira pela manhã, seguinte á segunda em que se declarou enferma, se confessou devota, e se lançou sobre o leito vestida, e

mandou que defronte da cama em que estava lhe dissessem missa, em parte onde pudesse ver, e ouvir aquelle Sacrosancto Sacrificio, e quando foi tempo de receber o corpo de Christo Senhor Nosso Sacramentado, se ergueu do leito, e indo de joelhos até o altar, recebeu, banhada em devotas lagrimas, e desfeita em fervorosas ternuras, o escolhido pão dos escolhidos, e se tornou a recolher no leito, onde esperava com alegria a morte, entre soliloquios e deprecações, com grandes actos de fé, esperança, e caridade; e estando falando com el-rei seu filho, depois de vesperas, recommendando-lhe a paz de Castella, e dando-lhe reaes e catholicos dictames para o regimen e para a virtude, se sahiu elle da sua camara com os physicos, que ainda que já tinham a enfermidade por ariscada, não tinham a morte por visinha; e estando el-rei diante da porta da camara, se levantou a Sancta Rainha da cama em que estava vestida, e encostando-se nella lhe deu um desmaio. Vendo as senhoras que lhe assistiam que ella se desmaiara, deram vozes a el-rei com o repentino susto, e elle voltou com grande sobresalto, e tomando a desmaiada mãe nos amorosos braços, beijando-lhe muitas vezes as reaes mãos, a recolheu outra vez no leito, sentindo aquelle accidental deliquio como mortal prognostico. Tornou a Sancta Rainha do desmaio, e conhecendo que se chegava o seu fallecimento invocando para aqnella hora o refugio dos peccadores, referiu com grande ternura,

Maria, mater gratiae
dulcis parens clementiae
tu nos ab hoste protege,
et mortis hora suscipe.

E sucessivamente rezou o padre nosso, o credo, e querendo recitar outras orações, se lhe foi enfraquecendo a voz, que já não entendiam os circumstantes; porém, se era mal ouvida das criaturas, era bem entendida de Deos, e fal-

tando-lhe entre estas deprecações, os alentos, cerrando-se por si mesma a sancta bocca e os divinos olhos, com notavel alegria do rosto, com admiravel composição do corpo, com grande quietação do espirito, sendo de sessenta e cinco annos de edade, aos quatro de Julho da era de 1336 no castello de Estremoz, foi, deixadas as prisões caducas da terra, lograr os dias eternos na gloria.

Sabida no paço a morte da Sancta Rainha, e divulgada sucessivamente no povo, se levantou no povo um lastimoso pranto, porque em tão recente magoa nem a superior consideração da sua gloria podia mitigar a pena da saudade. Reconhecido el-rei dos affectos que lhe devia, e dos trabalhos que por elle passara, se não podia apartar do cadaver, e beijando-lhe as mãos com muitas lagrimas, fazia publicas confissões, que fôra sua mãe muitas vezes, pois alem de lhe dar a vida pela natureza, lha dera tambem pela protecção. A rainha D. Brites então sentia que lhe faltava mãe, porque apenas conheceu outra, e em tão grande perda, se não perdia a paciencia, por ser christã, não podia enxugar o pranto como saudosa. Os Senhores, que estavam na côre, entenderam que perdiam o amparo, a inttercessão, e o favor, porque em suas necessidades, em seus trabalhos, em seus requerimentos a experimentaram liberal, benigna, e officiosa; os pobres, que até áquelle tempo por beneficio da caridade, não sentiam o mal da pobreza, entenderam que ficavam na maior miseria, e com suas lamentações, recontando os proprios desamparos, faziam ás esmolas elogios. Finalmente, passando esta triste nova a todo o reino, não houve casa, mosteiro, hospital, recolhimento, a quem o saudoso pranto não manifestasse que era geral o sentimento, conhecendo ainda as pessoas mais incognitas que na Rainha defuncta fenecera a mãe universal da patria.

Naquelle dia em que falleceu a Sancta Rainha e na noite seguinte lhe ficaram assistindo os prelados, e na manhã do outro se lhe fizeram as exequias com toda a magestade, e com igual tristeza; e tractando-se da sepultura, vendo-se que se mandava levar a Sancta Clara, se considerou a difficuldade

que havia para naquelle tempo se satisfazer áquella disposição, porque, distando Coimbra de Estremoz trinta e duas legoas, sendo naquella estação ardentissimas as calmas, havendo de se gastar na jornada muitos dias, não estando o cadaver desfeito, porque no discurso de cinco que esteve doente a não consumiria a doença, se temia que sem se embalsamar se não podia transferir, porque a corrupção havia de impedir o progresso, e assim uns aconselhavam el-rei que a enterrassem no convento de S. Francisco d'aquella villa, ou a levassem á cathedral da cidade de Evora; e que, como a terra comesse a carne, seriam levados os ossos ao destinado sepulchro; outros instavam que se havia de dar cumprimento á sua ultima vontade, mas sem embargo de serem mui urgentes as razões dos que temiam a corrupção do cadaver em tão dilatado caminho, em tempo tão ardente, el-rei seu filho, e D. Frei Salvado, bispo de Lamego, que eram os testamenteiros, confiados nas maravilhas, determinaram que se désse á execução o testamento. Porque era verão não levou Jacob a Rachel a Ebron, e a sepultou em Bethelem. Sendo verão, não deixou el-rei a Sancta Rainha em Estremoz, e a levou a Coimbra; Jacob temeu a corrupção da esposa, por isso a não levou á propria sepultura; el-rei creu a incorrupção da mãe, por isso a levou á sepultura propria.

É tradição que lhe tiraram as entranhas, e as enterraram em o alto dos degráus da capella mór da egreja do convento de S. Francisco da villa de Estremoz, da parte do Evangelho; porém a inteireza do sancto corpo desvaneceu esta tradição, e é certo que o superior motivo, que obrigou a el-rei a esperar a maravilha, o escusou de se fazer aquella diligencia, e ainda que a Sancta Rainha tinha no coração todas as religiões, não havia de querer que se privassem as suas religiosas de suas entranhas.

Resoluto el-rei em trazer o sancto corpo a Coimbra, sendo elle amortalhado com mortalhas de panno de linho branco e fino, involto em uma colcha fina da terra, e cosido em um involtorio de panno de linho grosso e crú,

o involveram em uma colcha de algodão grossa e branca, e liado com uma corda de linho, entre os extremos de grossa e delgada, foi mettido em um ataude de madeira coberto com um couro de boi com cabello, e sobre elle um bordão. Juncto a este uma moleta, e sobre ella uma bolsa, o que tudo se cobria com um panno vermelho, e posto o ataude em umas andas, lançado sobre elle um panno carmesi, na sexta feira á tarde, que foi ao outro dia depois do fallecimento, partiu de Estremoz acompanhado de el-rei e de toda a corte. Como a virtude da Sancta Rainha havia sido acreditada na villa com tantas maravilhas do céo, desde que sahiu dos paços do castello, foi tanta a gente que concorreu a tocar o ataude, que impedia o progresso do caminho; e sahindo da villa com difficuldade, achou o mesmo embaraço nas estradas, porque a saudade trazia os povos a se despedirem, a devoção a venerarem o cadaver. Era naquelle tempo o sol ardentissimo, ia o ataude dando nas andas, a devoção tinha cortado algumas cordas, e fazendo a dor as demonstrações que eram permittidas naquelles tempos, abriu por algumas rimas, com o que começou a cahir delle um humor liquido; e cuidando-se que sahia da corrupção, se achou que nascia da incorruptibilidade, tão suave, que não só rescendia aos que iam visinhos, mas aos que caminhavam distantes. Todos os que poderam chegar ao ataude, molharam nelle os lenços, não só por lograrem as suavidades, mas para guardarem os prodigios. E se a saudade e a veneração faziam de antes concorrer os povos, divulgada a fama daquella maravilha, foi muito mais numeroso o concurso, buscando naquelle preciosissimo licor o remedio para toda a enfermidade, e de tal sorte se atropellavam por venerarem o cadaver sancto, por verem a maravilha suave, por se aproveitarem do liquido remedio, que faziam deter o acompanhamento. Não succedeu só este milagre naquelle caminho; adoecendo com o ardor do sol de uma ardentissima febre João Maceira, que fora manteeiro da Sancta Rainha, e o padre Fernão Martins, capellão do bispo de Lamego, chegando ao ataúde, e pedindo-lhe

o remedio, cada qual para a sua enfermidade, cessando o calor estranho, que se lhes accendera no coração, se lhes accendeu no coração o divino fogo de mais fervorosa caridade. Entre estes prodigos caminharam sete jornadas, e os que não poderam tocar no ataude iam seguindo por lograrem a suavidaded o cheiro. E quando chegaram a Coimbra, com a gente que vinha no acompanhamento, com a que seguiu o cadaver, com a que concorreu ao enterro, se encheu a cidade, e não só a cidade, mas toda a circumvisinhança; ainda que ella estava cheia de gente com o concurso, com a saudade estava na maior solidão, com a morte na mais sentida ausencia; e se as lagrimas não fizeram no rio a maior inundação, não foi defeito do pranto, foi prodigio do cadaver.

No dia que chegou a Coimbra foi posto o ataúde, dentro das mesmas andas em que viera, na egreja do convento de Sancta Clara, e foi mui difficultoso introduzil-o na egreja, porque o piedoso concurso fazia invencivel a confusão devota. Os pobres chorando o seu desamparo, os enfermos buscando o seu remedio, os sãos procurando a preservação do damno, todos querendo ver o prodigio, embaraçavam que o acto se fizesse com aquella solemnidade que pedia o sancto cadaver. E conhecendo o bispo D. Frei Salvado (por cuja disposição estava o enterro) que se não podia regular aquelle concurso, que no fervor da devoção tinha a desculpa da desordem, determinou metter de noite o ataúde no monumento, e para esse effeito fez que ficassem alguns fidalgos de maior graduação da casa da Sancta Rainha, e alguns ministros da justiça na egreja. Porém foi tão profundo ou tão mysterioso o somno, que de todos os que ficaram para aquella funçåo nenhum accordou senão depois de ser claro o dia, dispondo o Senhor que o sol fosse tambem tocha naquellas especiosas exequias, porque em honras tão insignes só a cera e o fogo seriam elemento commum, vulgar materia.

Vendo-se que o successo do somno indicava que a Sancta Rainha queria que fosse publico o seu enterro, dando-se-

lhe a melhor forma em confusão tão precisa, se lhe fizeram naquella manhã as exequias, a que assistiu el-rei e a côrte, e pessoas de todos os estados, ainda que todos tinham no coração a dor, e a Sancta Rainha, por alliviar a dor, intimava, com os milagres, os allivios. Estando-se celebrando este piedoso acto, se levantou do leito uma religiosa, que nelle estava entrevada, e, encommendando-se á Sancta Rainha, ficou com saude perfeita. E em todos aquelles dias foram successivos os milagres, mostrando a Sancta Rainha aos seus vassallos que, se viva lhe fazia beneficios na terra, gloriosa lhe alcançaria os beneficios do céo.

Acabadas as exequias, se escolheram os mais illustres senhores que estavam naquella cidade para levarem o ataude da egreja á capella superior, onde estava o monumento; e tanto que chegàram a levantar o feliz peso do cadaver sancto, todos achavam nas mãos o licor precioso, que exhalava suavissimo cheiro: e para guardarem aquelles peregrinos aromas banhavam nelle os proprios e alheios lenços. Passando por uma porta do convento, vieram a ella as religiosas chorando e pedindo que lhe deixassem ver a restauradora a quem deviam a estabilidade do convento, a mestra de quem receberam a melhor doutrina, a mãe que as criara com o maior amor; com o que, por não chegarem a algum desculpavel extremo, foi preciso condescender com o seu rogo. Por satisfazer a sua devoção se lhes entregou, por algum espaço, o ataúde, onde, dando o fervor a arte, descobriram a toda a pressa aquelle thesouro, e confundindo-se o sentimento com o alvoroço, a devoção com o espanto, lamentaram o corpo morto, admiraram-no incorrupto, lograram-no cheiroso, com tanta formosura e côr tão viva, que mais parecia estar na estação mais florida de sua juvenilidade do que ir no ataúde defuncta, para se metter no lugubre sepulchro; e cada qual, naquelle breve espaço, fez as demonstrações de amor que entre o fervor da devoção lhes ensinou o affecto da saudade. Uma religiosa chamada Constança Annes, a quem um cancro tinha comido os beiços, beijando-lhe os pés ficou sem lesão algu-

ma; verificando aquelle miraculoso successo que os pés d'aquella mulher forte, pisando o cancro como se fosse aspide, impediram que, mordendo o coração venenosamente á enferma, lhe tirasse lastimosamente a vida.

Despedidas as religiosas do cadaver sancto, o tornaram a compor no ataude, e se lhe pregou de novo outro couro; e procedendo os fidalgos que o levavam até á capella, onde estava o monumento, em 12 de julho de 1336 o metteram nelle e lhe pozeram um panno de veludo carmesim por cima, e ficou sepultada na pedra a Sancta Rainha, que nas almas ficava mettida, não para ser vista senão no dia da resurreição universal, mas para ser muitas vezes admirada. Porque a divina bondade concedeu a este seu amado e felicissimo reino poder ver, na incorruptibilidade d'esta Sancta Rainha, inteiro aquelle corpo admiravel, que ha de resuscitar glorioso no dia extremo do final juizo; e ás suas deprecações deve Portugal o ser restaurado com prodigios, conservado com milagres, e pode esperar que, acabando de levar pelo universo o crucifero estandarte de Christo, seja o seu glorioso sceptro a total monarchia do mundo.

Fechado o monumento, não se podiam apartar d'elle os que assistiram áquelle acto, porque os detinha a maravilha; e ainda que para elles não era novidade o estar o corpo incorrupto, ser o licor cheiroso, os prodigios grandes, não causam só o espanto á primeira vista, muito tempo dura a admiração; quanto mais se consideram mais se admiram. Os que depois de o sancto corpo estar sepultado concorreram a visitar o monumento, ainda lograram a suavidade do cheiro e a tiveram por divina. Se alguns lhe diziam que, quando vinham com o ataude pelas estradas, lhes parecia que caminhavam por campos de rosas, todos entenderam que aquella fragrancia não era de flores e de aromas, mas de glorias e de virtudes, e quanto maiores eram as admirações da maravilha, tanto mais louvores davam a Deos, pois naquella sancta, sendo admiravel o corpo, fizera a sua divina omnipotencia formosa a morte, a humanidade incorrupta, o horror agradavel, a insuavidade fragrancia.

Porém, sendo a morte da Sancta Rainha formosa e lamentavel aos nossos olhos, á vista de Deos não foi lamentavel, foi preciosa, porque o mundo sempre é valle de pranto, o céo não é reino de lucto.

Antes que os senhores, que metteram o cadaver no monumento, sahissem da egreja, repartiram entre si e as pessoas que se acharam presentes a liteira em que veiu mettido o ataude, e o panno carmesim com que se cobria na jornada; e quem levava maior pedaço entendia que tinha melhor taboa para se salvar de todo o perigo. Neste mesmo acto, querendo Fernando Esteves, cidadão honrado de Coimbra, desviar-se de um logar da egreja para o dar ao devoto concurso, que vinha venerar o sancto cadaver, pondo um pé nas andas, metteu por elle um prego, e se o metteu com grande dor, foi maior a com que se lhe tirou, porque a difficuldade e o ferro fizeram novamente a ferida, e como sem nova romaria podia pedir o remedio, disse á Sancta Rainha em voz alta que quando os outros vinham aleijados e iam sãos, não lhe merecia elle vir são e ficar aleijado; e pedindo-lhe, com grande confiança, a saude, se ergueu sem o signal da ferida, admirando-o todos quasi no mesmo instante aleijado com aquelle casual golpe, são com aquelle evidente milagre. Com o que cresciam os louvores de Deos e os creditos da Sancta Rainha, porque bem se via que, para infalliveis testemunhos da sua gloria, fazia o Senhor aquelles admiraveis prodigios da sua omnipotencia.

Assim como o sepulchro da Sancta Rainha era altar da saudade dos vassallos, era refugio da saude dos enfermos, asylo de consolação dos afflictos, e a elle recorriam todos para o allivio e para o remedio. Nos dias seguintes ao enterro deu vista a quatro pessoas cegas. Entraram em uma mulher trezentos e sessenta e seis demonios, e havendo sahido d'ella, por intercessão de varios sanctos, trezentos e cincoenta e nove, disseram os sete, que eram mais rebeldes aos exorcismos, que só os podia lançar d'aquelle corpo a Sancta Rainha; indo a mulher fazer oração ao sepulchro a deixaram os malignos espiritos. Bebeu outra

uma sanguesuga, que, afogando-a em sangue, lhe tirava a respiração, e depois de esgotados os remedios da medicina e devoção, vendo-se quasi morta, recorreu á Sancta Rainha, e lançando-a por uma venta ficou como resuscitada. Outro similhante bicho tinha afogado um homem; implorando o mesmo favor conseguiu similhante remedio. Estando preso outro quatro annos em uma torre, e não podendo vencer a ira de quem o tinha na prisão, pedindo á Sancta Rainha que fosse sua intercessora, movendo ella o coração a quem o affligia, elle lhe procurou a liberdade. Estando uma mãe mui saudosa de um filho, que ignorava se era vivo ou morto, posta de joelhos diante do sepulchro da Sancta Rainha, lhe pediu com muitas lagrimas, que antes de acabarem seus dias lh'o trouxesse diante de seus olhos; estava o filho trinta legoas distante, porém em breve tempo o viu presente. Orando o mestre de Christo, que andava em seu serviço, e duas religiosas, elle aleijado de um braço, uma com um lobinho em um olho, outra com uma impigem na mão, diante do mesmo sepulchro uma se levantou sem a impigem, outra sem o lobinho, elle sem o aleijão. Encommendando-se uma religiosa do convento de Celas, que estava entrevada, á Sancta Rainha, ella lhe appareceu em sonhos, e lhe disse que se levantasse e fosse a matinas, e, sonhando ella que andava, se foi ao côro, onde estavam as outras religiosas, que ao principio a viram com sobresalto, e reconhecendo-se o successo, entre lagrimas de alegria, deram a Deos louvores do milagre. Afflicta de uma esquinencia perdeu uma mãe o leite com que criava um filho; recorrendo ao sepulchro da Sancta o cobrou e recuperou a saude. Bebeu do vinho sancto, que a Sancta Rainha fazia em vida para dar ás mulheres que não tinham leite, uma velha, que havia vinte e tres annos estava infecunda; posta de joelhos diante da sepultura lhe acudiu aos peitos tanto leite, que com elle criou um neto, que por falta de mãe e por não ter quem lhe désse o peito, apenas nascido morria desamparado. Tinha uma mulher em uma mão um grande lobinho, e atando-lhe uma ligadura que tinha servido no

braço da Rainha Sancta na ultima doença, lhe cahiu o lobinho da mão. Havendo um carpinteiro trabalhado no refeitorio do convento, se vieram com elle os barrotes abaixo, chamando a Sancta Rainha se tornou a encaixar a madeira no logar onde se arruinara, evitando-se, por sua intercessão, ao tecto a ruina, ao homem a queda. Estando uma mulher desconfiada dos medicos, lançando-lhe em cima da cama o cobertor que se costuma pôr sobre o vulto da Sancta Rainha, que está sobre a sua sepultura, de repente cobrou saude. Sendo João Brandão muito doente de dores de estomago, e pondo sobre elle uma almofada da Santa Rainha, que se costumava levar aos enfermos, estando actualmente afflicto, actualmente ficou remediado. Estando Gaspar da Gama, havia sete mezes, doente de quartãs, sonhou successivamente tres noites que a Sancta Rainha lho dava saude, e lançando-se-lhe uma reliquia do seu cobertor immediatamente viu cumprido o sonho. Acudiu a Guiomar Correia, depois de um parto, em vez de leite, sangue, com que não podia criar a criança, e encommendando-se com muita devoção á Sancta Rainha, immediatamente o sangue se converteu em leite. Tinha Antonia Fernandes desde sua meninice uma tal falta de respiração, que lhe impedia a falla de tal sorte, que se lhe não entendia; foi á egreja da Sancta Rainha e, mettendo-se por baixo da sua sepultura, untando-se com o azeite da sua alampada, offerecendo-lhe uma gallinha, logo começou a fallar em forma que a podiam entender, e dentro de breves dias cessou o impedimento que tinha nas palavras. Nasceu ao padre Estevão Coutinho um inchaço debaixo de um braço, que, crescendo por tempo de cinco annos, lhe dava grande trabalho e causava muita tristeza; e pedindo á Sancta Rainha que o inchaço rebentasse para a parte de fóra e não para a de dentro, ao outro dia lhe rebentou na forma que tinha pedido, não tendo d'antes esperança alguma, antes grande temor do contrario. Estando Anna Arés doente de um tabardilho, chegou a tal estado que os medicos disseram que ella não podia passar d'aquelle dia, e pondo-lhe debaixo

da cabeça uma almofada, e sobre a cama um cobertor da Sancta Rainha, immediatamente lhe deu um suor copioso, com que ficou sã, sem nenhum outro beneficio da medicina. Estando Maria Francisca doente dos peitos, e faltando-lhe o leite para criar uma criança, dando-lhe um cirurgião uns botões de fogo, lhe queimaram as veias, de sorte que se julgou que nunca teria leite, e ficou em a desesperação de que não poderia criar seus filhos, e vendo-se com aquella falta e em summa pobreza, se foi encommendar á Sancta Rainha ao logar da sua sepultura; e tomando o licor, que as religiosas costumam dar em casos similhantes, vindo para casa com muita fé, deu o peito a uma criança que tinha, e d'ahi em diante lhe continuou em forma que não só criou aquella mas outras muitas. Adoeceu Mattheus Carvalho, sendo menino, de asma, de sorte que lhe impediu a respiração por muitos annos, e dizendo-se-lhe, sendo estudante, que fizesse uma novena á sepultura da Sancta Rainha, e no fim d'ella lhe mandasse dizer uma missa e lhe offerecesse uma gallinha, o fez elle assim; e poucos dias depois de acabada a novena ficou livre d'aquella doença. Havendo muitos annos que Manoel da Gama era casado sem ter filhos, pediu a um homem que ia para a cidade de Coimbra lhe levasse um cirio á Rainha Sancta e lhe mandasse dizer uma missa por aquella tenção; fel-o elle assim, e nove mezes depois que se fez a offerta e se disse a missa nasceu ao dicto Manoel da Gama um filho. Sendo Anna da Gama doente de asma, encommendando-se á Sancta Rainha ficou sã, passando por baixo da sua sepultura. Nascendo á madre Olympia dos Anjos um inchaço debaixo de um olho, o qual lhe causava grande pena, crescendo-lhe por espaço de tres annos, e vendo-se com grande afflicção por lhe dizerem que era de perigo e que não tinha remedio, se encommendou á Sancta Rainha, promettendo-lhe visitar onze vezes o seu sepulchro, e, continuando a devoção, ao terceiro dia, estando ouvindo missa, pondo a mão no inchaço o tirou sem alguma pena, ficando-lhe um ardor, o qual cessou no outro dia, sem que lhe

ficasse algum signal. Tendo Francisca de Goes nas mãos tantas verrugas que não as podia menear, e indo onze dias visitar o sepulchro da Sancta Rainha, dando onze esmollas e mandando-lhe dizer uma missa no ultimo dia, lançando-se na cama com ellas, amanheceu sem lhe ficarem os signaes. Estando Ignez de Almeida parida de seis semanas, adoeceu de sorte que se lhe seccou o leite, perdeu a falla, e os medicos desconfiavam da sua vida; e buscando seu marido quem lhe criasse a criança, deitando-se na cama com a candeia acesa, encommendou a dicta sua mulher á Rainha Sancta, que lhe désse saude e lhe acudisse naquella necessidade, representando-se-lhe que por meio da intercessão da Sancta Rainha havia de conseguir uma e outra mercê; viu, estando accordado, um resplendor na casa, muito maior e mais claro que o da candeia, e interiormente se lhe representou que via sua mulher sã, brincando com o menino no collo; e com esta visão ficou exteriormente atormentado, confortado interiormente, e logo chamou por um criado seu e lhe mandou que fosse chamar o vigario para lhe dar conta d'aquella maravilha, e vindo para sua casa antes de fallar com a dicta sua mulher, lhe disse que ou ella tinha saude ou muita melhoria, e entrando na camara onde ella estava a achou com o menino nos braços, e lhe declarou que estava sã, e averiguou que no mesmo tempo em que se lhe representara que a via naquella forma, naquella madrugada, assim succedera, e indo elle ao outro dia ouvir missa á egreja onde está o sepulchro da Rainha Sancta, pedir-lhe lhe désse leite para criar o menino, quando voltou para casa a achou dando-lhe o peito. Estando D. Joanna de Mello, abbadessa perpetua do convento de Semide, desconfiada dos medicos, lhe levaram um cofre com reliquias da Sancta Rainha: abraçando-se com elle e pondo-o á cabeceira logo se achou boa; e sahindo-se as religiosas que lhe assistiam, tornando depois a entrar na cella sentiram um suavissimo cheiro, e averiguando-se que se não tinha posto naquelle logar conheceram que sahia do cofre das reliquias, em razão do que se pozeram de joelhos e

deram graças a Deos d'aquella maravilha. D. Luiza Prestrella sarou de um fluxo de sangue, lançando-se-lhe ao pescoço um collar da Sancta Rainha. O mesmo succedeu ao dr. Antonio Sebastião, estando desconfiado, só com lhe porem na cabeça uma almofada da mesma Sancta. O mesmo a Magdalena Rodrigues: faltando-lhe o leite e encommendando-se á Rainha Sancta, dando o peito a um menino, incontinente teve com que o criar. Bebeu o dr. Thomé Pinheiro da Veiga, juiz que foi da coroa e desembargador do paço, pessoa bem conhecida neste reino e nos estranhos por sua discrição e letras, uma sanguesuga, a qual se lhe pegou na garganta por espaço de cinco semanas, e chegou a estar desconfiado dos medicos, porque, ainda que se lhe applicaram muitos remedios, todos foram inuteis; e indo alguns dias ouvir missa de prima á egreja onde estava a Rainha Sancta, pedindo-lhe que lhe désse saude, lançava muito sangue pela bocca, e veiu a enfraquecer de sorte que não podia continuar a devoção; porém lançando ao pescoço um collar da Sancta Rainha, accordou em uma noite, chamando tres vezes por ella, e dizendo que sonhava que lhe tirava a sanguesuga: pronunciando a ultima palavra a lançou pela bocca. Feriu a peste á Maria Simões, e encommendando-se á Rainha Sancta ficou sã. Endoideceu um moço tão furiosamente, principalmente no tempo da lua, que era necessario prendel-o com cordas para que não fizesse damno ás pessoas; e depois de se lhe fazerem inutilmente muitos remedios, o levou sua mãe á egreja onde estava a Rainha Sancta, e offerecendo-lhe uma cadeia, que dava tres voltas na cabeça da mesma Sancta, o fez passar por baixo da sua sepultura, em tempo que tinha mitigada a furia, e sendo elle mui corpulento, difficultando-se-lhe a passagem, lançou uma mão adiante, e disse á Sancta Rainha que alli estava que fizesse d'elle o que quizesse; e logo passou sem alguma difficuldade, e d'alli em diante perdeu a furia, ficando livre d'aquella enfermidade para toda a vida. Adoeceu um homem de dores de olhos, de sorte que ficou cego, e, encommendando-se á Sancta Rainha, cobrou

a vista. Philippa Nunes sarou, pela mesma intercessão, de gotta coral. Feriu a peste a Anna Marques, e temendo que a levassem ao degredo encobriu o mal, e encommendando-se á Sancta Rainha, com grande esperança de que lhe havia de dar saude, untando tres nascidas que tinha com o azeite da sua alampada, ficou sã, e o contagio se não pegou a pessoa alguma de sua casa. Sendo o padre Luiz Pinheiro, da companhia de Jesus, estudante no collegio da mesma companhia na universidade de Coimbra, lhe nasceu um lobinho na testa, e mandando-o o superior com outro padre dizer missa á egreja onde estava a sepultura da Sancta Rainha, e que se untasse com azeite da sua alampada, elle o fez com devoção, esperando a saude, e tornando para casa ao seguinte dia, lhe perguntou o superior pelo lobinho; e, buscando-o elle com a mão na testa, a achou sem lesão alguma, sem lhe applicar nenhum outro remedio; e tendo a saude por maravilha, foi dar as graças á mesma Sancta. Adoecendo o irmão Jorge Dias, morador no mesmo collegio, de alporcas, se untou com o mesmo azeite e logo ficou são. O mesmo succedeu ao irmão Martim Soares, estando com a cabeça coberta de tinha. Tendo um homem as mãos cheias, pela parte exterior, de muitas verrugas, que lhe causavam notavel impedimento, fazendo a mesma diligencia, dentro de dois dias ficou com as mãos limpas e sãs. João Brandão, cidadão da cidade de Coimbra, teve um inchaço em uma mão, o qual lhe impedia usar das armas e fazer outros exercicios: sem applicar nenhum outro remedio mais que o mesmo azeite, ficou sem lesão alguma. Estando a madre Guiomar do Espirito Sancto, religiosa no convento de Nossa Senhora de Subserra, da villa da Castanheira, muito enferma, dando-lhe uns accidentes, de que perdia todos os sentidos, e lhe repetiam com grande frequencia, por espaço de um mez a encommendou sua irmã a madre Magdalena da Resurreição á Sancta Rainha; em tempo que no convento começava a sua devoção, e promettendo de a mandar offertar ao seu sepulchro, o fez com tão maravilhoso successo, que, achando-se a doente com

grande melhoria, cobrou saude no dia em que no sepulchro se fez a offerta. Sendo a mesma Guiomar do Espirito Sancto abbadessa no dicto convento, adoeceram muitas religiosas e falleciam ethicas, chegando a tal estado o contagio, que temiam se deshabitasse o convento; e como a abbadessa tivesse experiencia de que a devoção da Sancta Rainha lhe dera a vida, propoz ás religiosas que fizessem uma offerta a seu sepulchro, para que as livrasse de mal tão arriscado, e promettessem celebrar o seu dia com vesperas e missa cantada; e convindo as religiosas na mesma proposta, cessou o mal tanto que se fez a promessa; e tres religiosas, que estavam ethicas confirmadas, ficaram sãs e bem dispostas. Passados alguns annos, tendo o confessor do convento escrupulo de se celebrar aquella festa á Sancta Rainha, por não estar canonisada pela egreja, mandou que não houvesse a solemnidade; e no mesmo dia que ella se não celebrou adoeceu a abbadessa de uma doença mortal. Entendendo as religiosas que a enfermidade era castigo de se não haver solemnisado o dia da Sancta Rainha, fazendo-se-lhe em outro a festa, nesse mesmo sahiu a abbadessa livre do perigo em que estava, e desde aquelle tempo até ao presente é grande a devoção que as religiosas têm á Sancta Rainha, e são frequentes as maravilhas que obrou nas que lhe fazem alguns votos e se encommendam á sua imagem, que na claustra tem uma capella. Estando a madre Anna da Resurreição desconfiada de cobrar saude, votando pesar-se a cera á Sancta Rainha, livrou da doença com vida. Adoecendo a madre Francisca das Chagas de um tabardilho, escapou do mal, porém ficou mouca; e pondo-lhe uma sua irmã nos ouvidos o azeite da alampada da Rainha Sancta, dentro de breve tempo cobrou aquelle sentido. Tendo a madre Euphrasia da Cruz umas dores no peito, que lhe davam grande trabalho e a punham em grande perigo, fazendo no primeiro dia, em que publicamente se rezou no dicto convento o officio da Sancta Rainha, uma promessa de lhe fazer uma festa solemne, no mesmo dia que fez a

promessa ficou livre da dor. Estando esta mesma religiosa muito doente com grande febre e dor de cabeça, na vespera da festa da Sancta Rainha se levantou com grande fé e foi ao coro, e estando nelle lhe deu um placido somno, e quando accordou se achou com boa disposição. No convento de Nossa Senhora da Ribeira, do bispado de Lamego, cahiu a madre Catharina da Trindade de uma grande altura, e chamando pela Sancta Rainha se achou sem alguma queixa sentada, como se não houvesse dado a queda. Tinha uma religiosa do mesmo convento, chamada Izabel da Ascenção, havia muito tempo, inchados os beiços de mal não só asqueroso mas arriscado; promettendo á Sancta Rainha de ser sua mordoma, ficou sã no anno que lhe fez a festa. Dizendo a abbadessa do mesmo convento a um pedreiro que não trabalhasse no seu dia, e respondendo elle que não conhecia a Sancta Rainha, nem ella lhe havia de dar de comer, no mesmo instante que disse estas palavras lhe nasceu uma empola na mão com grandes dores, e esteve um mez impedido para continuar o officio, e promettendo á Sancta Rainha guardar o seu dia, cessou a dor, sarou a empola e continuou o trabalho. Andando a madre Izabel das Chagas cosendo o pão na vespera da festa, e cahindo-lhe sobre um pé uma pedra mui grande, que lh'o podia fazer em pedaços, ficando-lhe só o signal da pancada, foi tão leve a dor que a não obrigou a cessar da occupação. Luiza da Trindade, tendo coberto um olho com muita nevoa, de que quasi não via, sendo dois annos mordoma, cobrou a vista. Com a mesma devoção sarou Guiomar de Sancto Antonio, de alporcas. Joanna da Magdalena, de um lobinho. E conseguiu, fóra de toda a humana esperança, Philippa dos Anjos o dote para ser freira. E com estas maravilhas se afervorou a devoção nas religiosas de sorte que com sanctas emulações desejavam ser suas mordomas, e quasi todas as que o foram experimentaram que quando temiam lhes faltasse o que tinham para dar á communidade, ou aos que officiavam a missa, achavam que

era tanta a abundancia, que não só tinham o necessario mas o superfluo. E finalmente foram tão successivos os milagres, que na egreja da Sancta Rainha não havia onde pendurar os votos, e houve tempos em que nas alampadas, que ardiam diante do sepulchro, mais azeite se gastava para remedio das enfermidades que para alimento das luzes.

CANONISAÇÃO

DE

SANCTA IZABEL

SEXTA RAINHA DE PORTUGAL

LIVRO QUARTO

Ainda que á sepultura da Sancta Rainha concorriam os seus devotos para remedio de suas enfermidades e para os despachos de suas petições, não se venerava por Sancta, porque a Egreja Catholica lhe não tinha dado religioso culto. Assim se passaram cento e oitenta annos, até que a devoção de seu neto el-rei D. Manoel pediu á sanctidade do Summo Pontifice Leão X (a quem este reino deve grandes demonstrações de benevolencia) a sua beatificação, e elle, deferindo á instancia do real descendente, e obrigado da virtude da sancta progenitora, a concedeu para o bispado de Coimbra por um breve passado em Roma a 15 de abril da era de 1516. Depois se ampliou, a petição de el-rei D. João III, para o logar onde a côrte de Portugal tivesse assento, e successivamente concedeu o nuncio apostolico Pom-

17

peu Zambicario, que então residia em Lisboa, em 22 de setembro de 1552, copiosas indulgencias para quem visitasse a egreja no dia e oitavario da sua festa, e em outras celebridades do anno. E ultimamente o Summo Pontifice Paulo IV concedeu que fosse festivo o seu dia, e se celebrasse em todo o reino, que se pintasse a sua imagem, e os fieis se encommendassem a seus merecimentos, como aos mais sanctos canonisados. E procurando, no tempo da rainha D. Catharina, seu neto el-rei D. Sebastião a canonisação com devoção fervorosa, a sua perda (na sempre lamentavel batalha de Alcacer, em cujo infausto campo, se Portugal não teve a ultima sepultura, teve a infelicidade extrema de se entregar a sujeição estranha) lhe impediu a diligencia e o logro, porém não a gloria, porque não são menos benemeritos da fama os que conseguem as acções heroicas, que os que intentam as heroicas empresas, porque o intento pertence á pessoa, o logro á fortuna.

Perdido el-rei D. Sebastião na batalha de Africa, succedeu no reino o cardeal D. Henrique, e por sua morte, usurpando as armas e as intelligencias de Castella o sceptro que pertencia á real casa de Bragança, se esqueceu el-rei Philippe II de uma obra tão digna de um monarcha, que, tendo já o renome de prudente, podia conseguir o de piedoso. Succedeu-lhe el-rei Philippe III, e continuando elle a devoção, interrompida de el-rei seu pae e do cardeal seu tio, pediu e alcançou do Summo Pontifice Paulo V que despedisse o rotulo, para, com auctoridade da sé apostolica, se formarem os processos para a canonisação, e vieram nomeados por commissarios o bispo de Coimbra D. Affonso de Castello Branco, o de Leiria D. Martim Affonso Mexia, e o dr. Francisco Vaz Pinto, desembargador do paço. Trabalhavam elles com sancto zelo, com piedosa diligencia, neste raro processo, em que não inquiriam de culpas, mas de virtudes, para que, julgando-se os milagres da vida, se levantassem altares á sanctidade, quando se começou a divulgar na cidade de Coimbra um rumor de que o Senhor não só guardava os ossos da Sancta Rainha,

mas conservava inteiro o incorrupto corpo, e sènão foi discurso nascido da noticia que succedera, quando fôra trazido de Estremoz, julgando-se que, pois se não corrompera em nove dias, assim podia estar muitos annos, veiu do céo a voz que divulgou aquelle rumor, porque o sepulchro nunca mais foi aberto desde que se metteu nelle o cadaver; e ainda que as maravilhas que obrava diziam que o corpo era milagroso, não diziam que estava inteiro, e cresceu este mysterioso rumor de sorte que os commissarios se resolveram a fazer o exame, dispondo assim a Providencia Divina para que a mesma Sancta Rainha, ainda que morta, fosse a mais inteira, a mais incorrupta testemunha para o processo da sua canonisação.

Chegou o dia admiravel de 26 de março da era de 1612, que era o dia de segunda feira, depois da terceira dominga de quaresma; e nelle foram á egreja onde estava o cadaver sancto os commissarios, o padre mestre Francisco Soares, da companhia de Jesus, lente da cadeira de prima de theologia naquella universidade, o padre mestre frei Egydio da Apresentação, religioso da ordem dos eremitas de S. Agostinho, lente jubilado da cadeira de vespera da mesma faculdade, o dr. João de Carvalho, lente da faculdade de leis na cadeira de Digesto velho, procuradores deputados por el-rei para aquella causa, o dr. Balthasar de Azevedo, physico-mór e lente de prima de medicina, o dr. Antonio Sebastião, medico, e Gonçalo Dias cirurgião; chamados para pelo testemunho dos peritos se fazer a prova da incorrupção o reitor da universidade D. João Coutinho, que depois foi bispo do Algarve, de Lamego e arcebispo de Evora, o inquisidor Gaspar Borges de Azevedo, o dr. Francisco Pereira, deão da sé de Coimbra, o padre Antonio Monteiro, prior da egreja de S. João da mesma cidade, o padre guardião do convento de S. Francisco da Ponte, o padre Manuel de Lima, reitor do collegio da Companhia de Jesus, os padres João Delgado e Manuel Palmeiro da mesma companhia. Subindo á egreja superior do dicto convento, juncto ao coro alto das religiosas, onde estava o sepulchro

deram fé de que elle era o que temos descripto, a que, depois de nelle estar o cadaver, se accrescentaram dois anjos de cada parte á cabeceira com seus thuribulos prateados nas mãos, incensando o sancto corpo, e na mesma parte a sua imagem, e um capitel de pedra dourado, e bem lavrado, e da parte de fóra exterior a figura de um anjo com os braços abertos, e nelles uma toalha com uma figura pequena, que denota ser a alma da Sancta Rainha; e juncto da sua imagem de vulto, que representa grande magestade e causa superior veneração, oito escudos com as armas de Portugal, de Aragão e do imperio, e em uma pedra dourada escripto em letras negras o seguinte epitaphio:

> Elisabella jacet sacro hoc Regina sepulchro,
> quae meritis nitidi fulget in arce poli,
> Nempe ita, dum vixit, caeco segessit in orbe,
> virtute ut morum vixerit omne genus.
> Quo fit ut a summo diva haec selecta Tenante
> Regnet, et Angelico nos juvet usque choro.

Cercou-se este tumulo de grades de ferro da sua mesma altura, e nos cantos com pilastras do mesmo metal, e sobre elle armado um sobre-céo de madeira dourado que o cobre todo, e no vão do tecto interior do mesmo sobre-céo outro escudo com as armas de Aragão e Portugal partidas, e na parede da egreja á parte da cabeceira do sepulchro uma pedra em que está gravada com letras de ouro e caracteres antigos a seguinte inscripção:

Era M.ccc.lxxiiij. die quarta mensis Julii in Castro de Estremós obijt inclita domina Elisabetha Regina Portugaliae, et fuit sepulta xij. die dicti mensis in hoc Monasterio Sanctae Clarae, quod ipsamet fieri jussit, et dotavit; et fuit uxor domini Dionisii Illustrissimi Regis Portugaliae, et filia Regis domini Petri de Aragonea, et Reginae domnae Constantiae, atque mater Domini Alfonsi strenuissimi Regis Portugaliae, et Dominae Constantiae Reginae Castellae, fuitque avia Regis Domini Alfonsi de Castellae, et Reginae Domnae Mariae uxoris suae. Hos timuit, hos honoravit, his benedixit; cujus anima requiescat in pace.

Visto o sepulchro, que pela forma e pelo logar era o mesmo que a Sancta Rainha mandara lavrar em sua vida, e o em que se sepultara depois de sua morte, mandaram os juizes commissarios vir nm architecto e alguns officiaes com os engenhos necessarios para correrem a pedra superior que com o vulto da Sancta Rainha encerrava o sancto corpo. Removida ella, se achou o panno carmesi sobre o ataude, e tirado elle se viu o mesmo ataude coberto pela parte superior com um panno vermelho pintado, pregado em roda e já consumido com o tempo; debaixo d'este panno se divisou o coiro de boi com cabello, que encourava o mesmo ataude, e sobre elle posto um bordão ao comprido de altura de seis palmos e meio, coberto de laminas de latão douradas, e lavrado com conchas de S. Thiago; a este bordão estava ligada com uns fiadores de latão prateados uma moleta de pedra de jaspe vermelho com remates do mesmo metal, e nella lavradas umas carrancas, e sobre o bordão uma bolsa quadrada, que pela parte exterior mostrava ser de seda aleonada, pela interior era de coiro, em parte já gasto, e dentro d'ella um bentinho da largura de uma mão travessa, tambem quadrado, e nelle lavrada uma cruz com fios de ouro. Recolhidos estes sanctos e peregrinos despojos, foi mandado abrir o ataude por um sacerdote religioso da companhia de Jesus; e tanto que se abriu, foi tal a fragrancia, que, desconhecendo o olfato na terra, verificou que era dos aromas do céo, e ainda que o ser peregrina mostrava que era celeste, tambem mostrava que era sobre-natural o não se poder equivocar com outra; porque a verdade catholica, que procura tirar toda a suspeita do engano, fez este exame com toda a exacção. Se Elias, para mostrar que era do céo o fogo que consumia o seu sacrificio, banhou a victima em agua; para se conhecer se era do céo a fragancia que sahia da sepultura, havia quinze dias que não entrara cheiro na egreja.

Tirada de todo a taboa superior, se achou um vulto quasi do comprimento do ataude, involto em uma colcha de al-

godão grossa, e debaixo d'ella um involtorio de panno de linho crú, atado com uma corda, e nelle cosido o corpo, tudo tão alvo e tão inteiro, que se a noticia não soubera que estava naquelle logar havia tanto tempo, affirmara a vista que se mettera áquella hora no sepulchro. Aberto este involtorio pela parte de cima, se viu outra colcha mais pequena, porém mais fina com a brancura já desbotada, e debaixo d'ella as mortalhas de panno de linho, que, supposto estava incorrupto, já não estava tão branco. Descoberto este ditoso involtorio, desde a parte da cabeça até o peito se viu o corpo da Sancta Rainha, não como se estivera defuncto entre as brancas mortalhas da sepultura, mas como se estivera vivo. Entre as galas mais luzidas da magestade, podera-se julgar que dormia, se se não vira que não respirava. Na cabeça resplandeciam ainda inteiros os cabellos louros, tão firmes, que procurando a experiencia saber se estavam pegados, não tirou d'elles um só fio; a testa, os olhos, o nariz, a bocca, orelhas e todo o rosto, o pescoço a mais parte do corpo, que se manifestou á vista, conservava na côr a mesma alvura, na carne a mesma proporção. Tinha o braço direito inteiro consolidado com o corpo, encostado sobre o lado, e a mão posta sobre o peito, e na carne do mesmo braço se viam os nervos e divisavam as veias como se o corpo estivesse vigoroso, o sangue quente. A veneração fez que se não fizesse maior experiencia, e os medicos julgaram que na incorrupção estava inteira a maravilha.

Dando a devota admiração acclamações a Deos do glorioso tropheu que levantara contra o irreparavel tempo no incorrupto corpo que jazia no admiravel sepulchro, entoaram as religiosas o cantico *Nunc dimittis servum tuum, Domine.* Escreve-se que ellas dentro do coro viram nesta occasião este prodigio em um espelho que se poz em fórma que podessem ver a sombra, e assim viram em um terso espelho de crystal inteiro o espelho da sanctidade; e sendo que os annos o podiam ter não só feito em pedaços, mas

desfeito em cinzas, não o desfez nem o quebrou o tempo, porque o conservava no mais heroica virtude o blasamo mais preservativo.

Nesta fórma deram os commissarios por feita a vistoria, e mandaram cobrir o sancto corpo onde se havia descoberto com um panno de olanda novo; e ajunctando, porém não cosendo nem atando, as mortalhas, nem os involtorios, se poz sobre o ataude a taboa superior que se tinha tirado, e lançando-se sobre elle um panno novo de veludo carmesim, cobrindo-se outra vez o monumento com a pedra que guarda a inteireza, encerra a suavidade, ficou provada a maravilha, admirada a devoção, porém já muda, já não muda, vendo emmudecia com o profundo silencio, conferindo louvava a Deos entre o mesmo espanto.

Referir os particulares affectos de cada qual dos que assistiram áquelle admiravel acto é impossivel a toda a eloquencia, porque as demonstrações não ficaram escriptas, e os affectos não se conhecem senão pelas demonstrações. É sem duvida que em pessoas tão sagradas, tão illustres, tão dignas, tão religiosas, seriam todos os affectos devotos, tambem seriam regulados; se é que em similhantes prodigios o fervor da devoção não interrompe parte da decencia, todos entenderam que a colcha e a mortalha interior tinham a cor perdida, não por medo do cadaver, que não causava esse effeito, mas porque o licor que distilara o sancto corpo as tingira a oleo, se menos branco, mais precioso. O bispo D. Affonso de Castello Branco, como prelado d'aquella diocese, repartindo alguns d'aquelles despojos que a piedade roubou ao sepulchro, deu o bordão e a bolsa ás religiosas, que ellas com parte do bordão mandaram a el-rei Philippe III; que, com activo zelo, instava na curia romana que áquella sua insigne ascendente, a quem a egreja dera o culto de beata para coroa de seu merecimento, lhe désse a veneração de Sancta. Algumas das outras cousas se dividiram em retalhos para se guardarem como reliquias, e successivamente foram mostrando que

eram sanctas, fazendo successivas maravilhas, porque o Senhor, que é admiravel em seus servos, dá admiraveis virtudes a seus despojos. Os sapatos de Sidrac conculcaram o ardente fogo; a capa de Eliseu dividiu o rio Jordão. A vara de Moysés separou o Mar Vermelho; os vestidos de S. Paulo saravam os doentes; os ossos de Elizeu resuscitavam mortos.

Feito este exame, continuaram os commissarios as mais diligencias, e concluidas ellas, mandaram a Roma os processos; porem el-rei Philippe III não poude em sua vida ver o logro da sua instancia. Succedeu-lhe el-rei Philippe IV, e verificando o nome de catholico, instou com o Summo Pontifice Paulo V, Gregorio XV e Urbano VIII para que escrevesse o sancto nome da Sancta Rainha, de quem era muitas vezes neto, no catalogo dos sanctos. Procurava a diligencia do cardeal Farnesio e do dr. Miguel Soares Pereira, que naquelle tempo era agente em a curia romana dos negocios da coroa de Portugal, e depois do conselho de Castella, para que o Summo Pontifice Urbano VIII deferisse, com paternal benevolencia áquella religiosa petição; porém não lhe deferiu o Summo Pontifice, antes lhe respondeu com animo mui alheio de condescender com o gosto de el-rei. Replicou-lhe o agente que ao menos mandasse examinar o processo, e quizesse ver e acceitar um retrato da Sancta por ser digno da sua vista. Acceitou-o elle, e escreve-se que, obrando a sombra o que obrara a pessoa, apparecera a Sancta Rainha ao Summo Pontifice na seguinte noite na mesma forma em que estava o retrato, e lhe dissera que Deos era servido que a pozesse no catalogo dos sanctos, e que mandando o Summo Pontifice ao outro dia chamar o agente, lhe revelara aquelle admiravel apparecimento, e lhe declarara que estava deliberado á canonisação da Sancta Rainha, porque não podia resistir ao prodigio, nem desobedecer ao preceito. Depois d'este apparecimento lhe fez a Sancta Rainha dois grandes favores, curando-o d'uma arriscada doença, melhorando-o

em uma convalescença dilatada, e como ella por si mesma fez aos pontifices os requerimentos para a sua canonisação, com repetidas maravilhas, ella mesma fez a prova para se lhe dar aquella ultima honra de sanctidade. E ficou o Summo Pontifice tão seu devoto, que em quanto lhe durou a vida sempre teve á vista o seu retrato, aonde, agradecendo-lhe os favores de sua intercessora, lhe fazia as venerações de Sancta.

Tanto que o agente de Portugal soube da viva voz do sagrado oraculo da Egreja Catholica, que estava determinado em proceder e proferir a indubitavel sentença da canonisação da Sancta Rainha, fez aviso a el-rei catholico, ao bispo de Coimbra D. Affonso de Castello Branco, e aos illustrissimos deputados do reino de Aragão, que eram os que, com mais apertadas diligencias, procuravam que á Sancta Rainha se levantassem religiosos altares. Estimaram todos os reinos, que naquelle tempo estavam nas dições castelhanas, esta feliz nova, principalmente os de Portugal e Aragão, porque este via sancta uma infanta, aquelle uma rainha; um estimava ter-lhe dado o berço, outro ter-lhe dado o sceptro, e logral-a ainda no tumulo. E sendo grandes as demonstrações d'esta felicidade, as do bispo D. Affonso de Castello Branco foram as mais magnificas, porque, tanto que leu a carta, em que o agente o certificava da resolução do Summo Pontifice, tractou de pôr em Roma trinta mil cruzados para a canonisação, mandou vir de varias partes os mais dextros ourives, para lhe fazerem um caixão de lavrada prata, esmaltado de preciosa pedraria, com vidraças de finissimo cristal, para que, mettendo-se nelle o sancto corpo, podesse algumas vezes ser visto do devoto povo, que concorre a venerar o seu admiravel sepulchro. E para que aquelle thesouro se mostrasse com decencia, mandou tambem fazer uma camisa de cambraia com as mais ricas rendas, um habito de setim, um cordão de cristal, duas almofadas de riquissima tela encarnada, para vestir e reclinar no caixão a Sancta Rainha, que pois o

seu inteiro corpo mais parecia vivo que morto, razão era que estivesse mais como adormecido que como sepultado; e alcançou de Sua Sanctidade licença para transferir o corpo do monumento para o caixão, como tambem para que algumas religiosas o fossem desamortalhar e vestir no habito. Fez-se o caixão, em que o magnifico prelado dispendeu com a materia e arte vinte mil cruzados, e como este não havia de estar sempre patente, mandou fazer outro de madeira, dourado por fóra, de setim por dentro, com bordaduras realçadas de ouro e aljofar, o qual se abria em forma de escriptorio, e se lhe tirava o tampo superior, para que, mettendo-se nelle o de cristal e prata, este encobrisse ou desencerrasse a Sancta Rainha, e com a mesma grandeza mandou fazer um riquissimo cobertor de brocado de tres altos, para se cobrir o caixão exterior. E para que este sumptuoso tumulo e este sancto corpo podessem ser vistos de dentro do coro e do corpo da egreja, para assim o lograrem as religiosas filhas e os seus devotos, mandou abrir na parede intermedia, entre o coro e a egreja, para a parte da epistola, um arco de artificiosos e resplandecentes lavores dourados, no meio do qual se havia de pôr o caixão, em parte que ficasse em uma egual tribuna para o povo e para o convento. Estando todas estas cousas dispostas para se fazer esta trasladação, assignou o piedoso prelado dia para se fazer este religioso acto, e tendo feito aviso por todo o reino, para que viessem os fieis áquella piedosa funcção; a sua doença a deteve, a sua morte a impediu. Porém, ainda que aquelle grande prelado não viu então o logro d'aquellas magnificas despesas, hoje logram acclamações as suas defunctas cinzas, pois estando já no caixão, que fez a sua grandeza, o corpo inteiro da Sancta Rainha, ficará sempre viva a memoria de sua magnificencia, immortal a fama de sua piedade.

Resoluto o Summo Pontifice em declarar por Sancta a bemaventurada Rainha, começou o agente Miguel Soares Pereira a prevenir o apparato para a solemnidade da canoni-

sação, com aquella decencia e grandeza que convinha a um acto, em que a magestade se empenhava pela religião, e onde o universal concurso do mundo, que naquelle anno, por ser de jubileu que se concedia em Roma, havia de fazer maior a censura ou o applauso, mandou bordar os paramentos pelos mais insignes artifices que naquella sazão havia em Italia, encommendou a fabrica do theatro ao cavalleiro Bernini, que na presente edade faz que a natureza inveje a arte, e elle delineando na idea a solemnidade, dispoz no templo Vaticano uma insigne machina, em forma tão elegante, que representasse a maior magestade, tão capaz que accomodasse todo o congresso. Levantou na nave superior da egreja de S. Pedro um magnifico theatro de obra jonica, o qual desde as pilastras até o zimborio tinha setenta palmos de alto, adornado com dobradas columnas, em cujas bases, architraves e frisos se espalhavam diversas folhagens relevadas, e sobre as cornijas uma larga ordem de balaustres para sustentarem os castiçaes e as tochas, que naquelle céo, em agrado do dia, haviam de ser estrellas. No pavimento dispoz tal capacidade, que sem impedimento desde as portas do templo se visse sem estorvo aquelle acto. Formou quatro coros para os embaixadores, principes e para os senhores titulares, e pessoas, a que por suas qualidades se deviam particulares respeitos, e ao redor do pedestal um logar capaz com grades altas e baixas, e nellas repartidos com proporção os escudos das armas dos eminentissimos senhores cardeaes. No meio do theatro, onde estava o throno do Summo Pontifice, levantou sobre uma cornija um frontespicio redondo, e no meio d'elle as armas de Sua Sanctidade, e em cada uma das partes do mesmo frontespicio, uma estatua da Fama, cujas figuras levantavam em alto os escudos das armas das portuguezas e aragonezas coroas; viam-se entre as columnas quatorze estatuas grandes, que representavam quatorze reis de Portugal descendentes da Sancta Rainha, e todas estas magestosas imagens, capiteis, e armas eram na côr de bronze riscadas com perfis de ouro, dourados os frisos, candieiros,

columnas, pilastros, bases, e balaustres; toda a mais fabrica era da côr de marmore pallido e branco. Os cinco vãos que se viam entre as columnas e pilastres do throno pontificio, se adornavam com cinco quadros grandes, e nelles pintados os milagres da Sancta Rainha, onde o colorido do bronze mostrava um proporcionado e agradavel relevo; dos arcos, que sustentavam a capella, pendiam tres coroas imperiaes cheias de resplandecentes tochas, e toda a cornija, que rodeava aquelle grande templo, resplandecia coroada do fogo mais illustre nas luzes, que em religioso sacrificio consumiu a mais candida cera.

Disposta em tão magestosa e magnifica fórma esta real e religiosa fabrica aos vinte e cinco de maio do anno de 1625, dia da Sanctissima Trindade, no qual, para fazer mais solemne e mysterioso aquelle acto, concorreu tambem a festa de S. Urbano papa, e martyr, se congregou em hora competente, na capella de Sixto, no palacio Vaticano, o sacro cardinalicio collegio, com grande numero de arcebispos e bispos, revestidos de riquissimos ornamentos. Desceu a sanctidade do Summo Pontifice Urbano VIII do seu aposento á mesma capella, e nella se vestiu com alva, cingulo, estola e capa, que para aquella funcção mandou fazer com toda a riqueza, e depois das ceremonias costumadas em semelhantes actos, posto de joelhos entoou o hymno *Ave maris stella*, como se costuma nas canonisações, e entre tanto se deram por sua ordem aos dois primeiros embaixadores dos principes, que se acharam presentes, dois grandes cirios dourados, e em cada qual as armas pontificias. Acabado o primeiro verso do hymno, se levantou o Summo Pontifice, e com a thiara na cabeça, a que chamam o reino, se assentou na cadeira em que o levam aos hombros, e lhe deram para levar na mão um cirio, com as suas mesmas armas, tambem dourado, mas mais pequeno; e posta em ordem a procissão, procedendo todo o clero secular e regular de Roma com velas nas mãos, foi com toda a ordem processional para a porta dos Esguizaros, e voltou por diante da egreja de S. Pedro, em cuja

praça, fazendo todo o clero uma ala juncto á entrada do mesmo templo, passou Sua Sanctidade pelo meio d'ella na seguinte forma.

Iam diante os seus escudeiros, logo os procuradores das ordens mendicantes, os escudeiros de Sua Sanctidade, extramuros, com roupas carmezins, o fiscal, e logo os advogados consistoriaes, os secretarios com vestiduras roçagantes, os camareiros de honor e secretos com vestidos largos, os capellães com roupas vermelhas, os quaes levavam nas mãos as thiaras, ou os reinos, e as mitras de Sua Sanctidade; seguiam-se os cantores da capella pontifical cantando o sobredicto hymno, e a estes os secretarios, prelados, abreviadores, auditores de Rota, o mestre do sacro palacio, logo os subdiaconos apostolicos com roquetes e sobrepelhizes, e um acolito com uma naveta e thuribulo, sete acolitos, cada qual com seu castiçal de prata, e nelle accesa uma vela, um subdiacono com tunicela em forma de dalmatica, para cantar a epistola, o qual trazia nas mãos uma cruz, e a acompanhavam dois ministros com varas vermelhas. Juncto á cruz iam os penitenciarios de S. Pedro com casulas, e logo os abbades com capas e mitras, e immediatamente os bispos, assim os assistentes como os que não haviam de assistir ás cerimonias do officio, com capas e mitras; seguiam-se os cardeaes diaconos com mitras e dalmaticas, os presbyteros com casulas e mitras, e depois os cardeaes, bispos, titulares, com capas, mitras, e peitoraes de perolas, e todos com cirios accesos nas mãos. Depois dos cardeaes ia a nobreza da curia, e os conservadores do povo romano, e D. Carlos Barbarino, irmão de Sua Sanctidade, os embaixadores dos principes, e governador de Roma; logo os dois cardeaes diaconos para assistirem á missa de Sua Sanctidade, com dalmaticas, e mitras, e no meio d'elles outro diacono cardeal vestido na mesma forma, para cantar o evangelho. E a estes se seguiam os dois primeiros embaixadores com cirios accesos nas mãos diante de Sua Sanctidade, e logo a sua beatissima pessoa, levado a hombros de homens na sua cadeira pontifical com um

cirio acceso, e debaixo do pallio, cujas varas levavam diversos cavalleiros de S. Pedro, os quaes se mudavam de espaço em espaço. A um e outro lado iam os masseiros com as massas aos hombros, e detrás do Summo Pontifice o mestre da camara e o copeiro, ambos com vestiduras largas carmezis e capas pequenas da mesma cor, e no meio d'elles o diacono de Rota, a cujo officio pertence em semelhantes funcções ter a mitra na mão quando a tiram ao Summo Pontifice da cabeça; detrás d'elles vinha o secretario, e o medico de Sua Sanctidade, logo o auditor da camara, o thesoureiro, e protonotarios apostolicos com roquetes e manteletes, e os geraes das ordens, e a um lado e ao outro do Summo Pontifice e dos cardeaes ia em duas fileiras a guarda dos esguisaros armados com cossoletes e murriões. Em o Summo Pontifice chegando á porta da egreja de S. Pedro, o recebeu o cabido com suavissima musica, e depois de haver entrado, se poz Sua Sanctidade de joelhos para fazer oração ao Sanctissimo Sacramento, e logo foi levado na mesma cadeira ao altar dos apostolos S. Pedro e S. Paulo, onde tambem fez oração, e d'ahi subiu ao solio, e sentado nelle recebeu a costumada obediencia dos cardeaes, bispos e penitenciarios.

Recebida a obediencia, chamou o mestre das ceremonias monsenhor Paulo Alalcone ao agente Miguel Soares Pereira, o qual depois de fazer as reverencias que se costumam ao altar e ao Summo Pontifice, se poz de joelhos juncto do ultimo degráu do solio, e com elle o advogado João Baptista Melini, e o mestre das ceremonias, e se fez a primeira instancia da canonisação, dizendo o mesmo advogado em latim que o illustrissimo agente pedia em nome de el-rei com muita instancia que Sua Sanctidade canonisasse a bemaventurada D. Izabel Rainha de Portugal, para que de todos os fieis fosse venerada por Sancta; ao que monsenhor secretario João Chiampoli respondeu em nome de Sua Sanctidade, com grande decoro, que por aquelle negocio ser de tanta importancia, Sua Sanctidade o tinha examinado com exacta diligencia, e que havendo achado

sufficiente prova para se fazer a canonisação, viera áquelle sanctissimo logar, para dar fim a tão grande acção; mas que desejava que todos os que estavam presentes pedissem com elle a Deos que aquella obra, que havia sido para gloria sua, fosse favorecida de sua divina misericordia.

Dictas estas palavras, se foi Sua Sanctidade pôr de joelhos diante do sitial com a mitra na cabeça, e esteve na mesma fórma em quanto os cantores cantaram as ladainhas, no fim das quaes se voltou para o solio, e o mestre de ceremonias tornou a chamar o agente, e se fez a segunda instancia na forma que se havia feito a primeira; á qual o mesmo secretario respondeu com egual gravidade que a summa importancia de tão superior negocio requeria que se invocasse com fervorosissima devoção a graça do Espirito Sancto; e então desceu Sua Sanctidade do solio, e se pôz no sitial em oração, na mesma forma que tinha feito depois da primeira instancia; e o cardeal diacono, que estava á sua mão direita, virando-se para o povo, para que fizesse oração, lhe disse, *Orate*, em alta voz, e logo tirando-se as mitras ao Summo Pontifice, cardeaes, patriarchas, arcebispos, bispos, e abbades, fizeram todos postos de joelhos secreta oração por algum espaço, ao qual pôz termo o cardeal diacono, que assistia á mão esquerda, dizendo em alta voz, *Levate;* pozeram-se todos em pé, e os prelados assistentes levaram o livro a Sua Sanctidade, que, entoando o hymno *Veni creator spiritus*, se pôz de joelhos com todos os assistentes, e acabado o primeiro verso, se tornou outra vez para o throno, onde esteve em pé até o fim do hymno, e tanto que os cantores disseram o verso, *emitte spiritum tuum*, disse elle a oração, *Deus qui corda fidelium*.

Acabada a oração, se assentou o Summo Pontifice no solio, e o mestre das ceremonias chamou outra vez o agente e ao advogado, e se fez a terceira instancia, na mesma forma que na primeira, e o secretario respondeu que Sua Sanctidade, crendo ser vontade de Deos que se fizesse a ca-

nonisação da bemaventurada Rainha, estava resoluto em a pôr no numero das sanctas, por haver sido esclarecida, e illustre, não só em virtudes heroicas, mas em insignes milagres, e levando os assistentes o livro a Sua Sanctidade, que estava sentado no throno com a mitra na cabeça, lendo nelle pronunciou a sentença da canonisação, pondo com palavras de ponderosa gravidade e eloquente efficacia a Sancta Rainha nos sanctos fastos, mandando que de todos fosse venerada por Sancta, ordenando que cada anno se celebrasse a sua festa e se rezasse o seu officio, e que em sua honra se fabricassem egrejas, altares, nos quaes se offerecessem a Deos os sacrosanctos sacrificios.

Pronunciada esta sentença, a acceitaram o agente e o advogado em nome de el-rei catholico, e das outras partes, a cuja instancia se havia feito a canonisação, dando as graças a Sua Sanctidade pelo universal favor que fazia á Egreja, e supplicando o advogado que se decretassem as bullas, Sua Sanctidade lhe respondeu o *decernimus*, fazendo o sanctissimo signal da Cruz, e voltando-se o advogado para os protonotarios e notarios que estavam presentes, lhes pediu que d'aquelle decreto dêssem publica fé.

Concedida a graça, fez o agente as costumadas ceremonias ao Summo Pontifice, e se tocaram as trombetas, tangeram-se os sinos, disparou-se a artilharia, e levantando-se Sua Sanctidade em pé entoou o *Te Deum Laudamus*, e depois de o acabarem de cantar os musicos, entoou o illustrissimo cardeal diacono da mão direita, *Ora pro nobis Beata Elisabetha*, e os cantores responderam, *ut digni efficiamur promissionibus Christi*, e Sua Sanctidade disse em voz alta a oração da Sancta. E cantando o cardeal diacono o evangelho, na confissão nomeou a Sancta Izabel depois dos apostolos S. Pedro e S. Paulo, e Sua Sanctidade, dizendo a costumada absolvição *precibus, et meritis* nomeou a Sancta na mesma ordem, e depois se passou para a outra cadeira que estava aparelhada, para se vestir com os ornamentos para dizer a missa, e em quanto se vestia

se cantou *tertia*, cantando o Summo Pontifice a oração da Sanctissima Trindade, com a commemoração da Sancta canonisada.

Proseguiu-se a missa até o offertorio, e em quanto os cantores cantavam o *Credo*, quando chegaram ás palavras *crucifixus etiam pro nobis*, tres cardeaes, um dos quaes era bispo, o segundo presbytero, o terceiro diacono, foram á credencia para virem com as offertas, que estavam prevenidas, tomando-as alguns gentishomens ecclesiasticos para se offerecerem ao Summo Pontifice depois de elle haver dicto o offertorio, e estar sentado na cadeira com a mitra na cabeça. Em primeiro logar veiu o cardeal bispo, seguindo-o dois gentishomens, com dois cirios grandes, e nelles pintadas as imagens da Sancta Rainha, e armas de Sua Sanctidade. Seguia-se o agente com um cirio na mão, e outro gentilhomem com outro cirio grande dourado, e em um cestinho duas rolas brancas e vivas, e logo o cardeal presbytero, com dois gentishomens, que traziam dois grandes pães, um dourado, com as armas de Sua Sanctidade, outro prateado com as armas de el-rei de Castella, depois d'este outro gentilhomem com um cirio dourado, e em um cestinho prateado duas pombas brancas e vivas, e logo o cardeal diacono com outros dois gentishomens, que traziam dois barris pequenos de vinho, um dourado com as armas do Summo Pontifice, e outro prateado com as armas de el-rei catholico, e depois d'elles outro gentilhomem com um cirio dourado na mão, e na outra um cestinho pintado de varias côres cheio de passarinhos diversos, e coberta a bocca do cestinho com uma delgada rede.

Diante d'estes cardeaes vinham quatro masseiros do Summo Pontifice, com suas massas de prata ao hombro; e o mestre das ceremonias, e os cardeaes, depois de fazerem as reverencias costumadas á cruz do altar, e a Sua Sanctidade, que estava na cadeira, fizeram as offertas na seguinte ordem.

O cardeal bispo tomou um dos cirios grandes, e depois de o beijar o offereceu a Sua Sanctidade, a quem beijou a

mão e o joelho, e depois de lhe offerecer o outro com as mesmas ceremonias, se tornou para o seu logar. Logo o agente lhe offereceu, com a reverencia devida, o cirio que trazia, e o cestinho com as duas rolas, e se ficou em a mesma parte em que estava; o cardeal presbytero offereceu os dois pães, observando o mesmo que havia feito o cardeal bispo, e então offereceu o agente o segundo cirio e o cestinho com duas pombas, sem mudar de posto; o cardeal diacono offereceu os barris de vinho, precedendo o dourado ao prateado, na mesma forma que o haviam feito os dois primeiros; ultimamente offereceu o agente o terceiro cirio, com o cesto dos passarinhos, a quem o mestre das ceremonias cortou a rede, para que voassem pela egreja, e se tornou para o seu logar.

Feitas estas offertas, se proseguiu e acabou a missa com as ceremonias costumadas, e dicta ella, o senhor cardeal do monte, primeiro bispo assistente, publicou em nome de Sua Sanctidade, na fórma de que usa a egreja, indulgencia plenaria para todos os que se acharam presentes naquelle acto, e Sua Sanctidade sahiu do templo vestido com os ornamentos pontificios, e todo aquelle concurso ecclesiastico e secular o foi acompanhando até á sala do seu palacio.

Celebrada com esta magnificencia em Roma a canonisação da Sancta Rainha, chegou a nova á cidade de Coimbra por duas vias, a primeira mandada pelo excellentissimo senhor duque D. Theodosio, por uma carta sua escripta ao real mosteiro de Sancta Clara, a segunda por el-rei D. Philippe IV de Castella, dando conta ao senado da camara; e foi providencia esta anticipação, para que se visse que para as cousas do reino precedia a real casa de Bragança á magestade catholica. Tanto que no convento se recebeu a carta com esta tão desejada noticia, exultou elle em espiritual alegria, e não cabendo ella na clausura, subindo algumas religiosas aos telhados, não levadas da leviandade, mas arrebatadas do espirito, repicaram os sinos, arvoraram bandeiras, em signal de que a Sancta Rainha,

por declaração da egreja catholica, entrara gloriosa na Jerusalem triumphante. Ouvindo-se e vendo-se na cidade esta impensada demonstração, inquiriram a causa; e divulgada a nova, se teve por feliz aquelle povo, julgando que a cidade seria de Deos favorecida, pois tinham a Sancta Rainha por sua advogada, certificando-se que pois a favorecera na terra, a havia de proteger na gloria, porque eram mais officiosas as protecções de Sancta que as benignificencias de Rainha. E não se enganaram na esperança da protecção, porque o Senhor defende as cidades das tribulações, porque nellas estão os sepulchros dos sanctos. Livrou do cerco a Jerusalem, porque nella tinha David o sepulchro.

Chegada a carta de el-rei á cidade, já não causou alvoroço, porque o tinha preoccupado a do excellentissimo senhor duque D. Theodosio; mas então sahiram a publicas demonstrações os affectos que só andavam nas almas e nas vozes, e quasi em um mesmo tempo houve um geral repique na Sé, na Universidade, mosteiros, collegios, e egrejas tão alegre, que o estrondo se ouvia como harmonia, e as estrondosas vozes do metal eram tão agradaveis, como o podia ser o metal das vozes mais suaves; nenhuma parecia de bronze; as que não pareciam de ouro, pareciam de prata; e na diversidade dos sinos se ouvia a diversidade das vozes, com que os ares se reduziam a diversos coros accordes todos. Na mesma noite se encheram as torres, os muros, as janellas, as varandas, e os telhados de luminarias tremulas, sendo os luzentes tremores não nascidos de algum timido receio, mas resplandecentes tripudios da alegria ardente, e parecia a cidade luzida farça, e abrasado monte, que como a mesma farça, sem que se reduzisse a cinzas, resplandecia em luzes. Continuaram estes festivos resplandores as tres noites seguintes, havendo nas tardes antecedentes solemnes completas no real convento de Sancta Clara; e se as musicas das tardes imitavam os coros dos anjos, os lumes das noites emulavam o céo nas estrellas.

Feitas estas demonstrações de alegria, que não foram

de maior applauso, porque não deu logar o tempo ao que desejava a devoção, se tractou das festas que se haviam de fazer, para celebrar a gloria de verem com culto nos altares a Sancta Rainha, a quem os tinham feito nos corações. Possuia naquelle tempo a mitra e bispado de Coimbra D. João Manuel, bispo que havia sido de Vizeu, e depois arcebispo de Lisboa, do conselho de estado, viso rei d'este reino, prelado de abalisada virtude, e exemplar edificação, e querendo continuar a magnificencia do bispo D. Affonso de Castello Branco, seu predecessor, em obsequio da Sancta Rainha dispoz que as festas se fizessem com as suas despesas; e como elle, assim como tinha o real sangue, tinha o animo real, foram ellas dignas de as fazer um generoso prelado, dignas de se dedicarem a uma Rainha Sancta.

Gastou-se algum tempo nas preparações, muito para o alvoroço da gente, pouco para o apparato de tão grandes fabricas, porque os amphitheatros não se fazem senão com o trabalho de muitos annos, e aquelles se obraram em pouco mais de dois mezes. Fez-se no campo de Sancta Clara, para a parte do rio, defronte do mirador do convento, um amphitheatro em forma quadrada de duzentos e oitenta palmos, rodeado de palanques de egual perspectiva, ordenados em arcos, cada um de quatorze palmos de vivo a vivo, com pilares, frisos, pedestaes, e estrados, fechando em esquadria o canto em que cada um se terminava. Eram estes palanques repartidos em dois andares, o inferior, que o não era na forma, tinha repartimentos quadrados com grades de balaustres entre os pilares; o superior, que só o era ao outro no logar, estava sobre um friso, armado com arcos sarapaineis, e sobre elles outro friso relevado, e de pilar a pilar grades abalaustradas, e nos ultimos remates excelsas pyramides, que eram elevados realces d'este magnifico coliseu. Tingiu-se toda esta machina da cor que assemelhava o marmore, e foi tão bem fingida a semelhança, que a vista persuadia que era de pedra, só a fabrica dizia que era de madeira, e obrado tudo

com tão formosa architectura, que podia fazer calar as maravilhas de Memphis, senão na duração, na elegancia.

No meio d'este espaçoso amphitheatro se levantou uma soberba pyramide de oitenta palmos de alto, em uma base quadrada, que tinha vinte de largo e dez de alto, e em cada um dos lados uma porta; sobre a base se levantavam tres degráus, no ultimo dos quaes, que era o menor, nascia um pedestal corinthio de altura de treze palmos e no campo dos quatro lados d'elle sahiam quatro carrancas de prata de meio relevo, assombradas de negras côres; porém, com serem carrancas e com serem assombradas, ainda assim eram mais que medonhas, alegres; coroava-se esta pyramide com uma esphera, a quem dominava uma hastea com a bandeira das armas da Rainha Sancta, e no remate o sagrado signal de nossa redempção; e porque a pyramide não só fosse luzida mas candida, estava ornada de prata e branco, com distincção semetricamente lustrosa, artificiosamente agradavel; e se as do Egypto eram firmes, esta armada em quatro rodas era instavel; se aquellas eram funeraes urnas de gentilicas cinzas, esta era gentil tropheo das mais gloriosas armas.

Como a arte concorreu para a perfeição, a liberalidade para a riqueza, armou-se a egreja de Sancta Clara com toda a riqueza e perfeição, a que podiam chegar a liberalidade e a arte. As columnas, as naves, as paredes, os tectos e os altares resplandeciam, parte em ouro, e parte em prata, de sorte que parece que se tinham reduzido a telas os dourados raios do sol, os prateados resplandores da lua, servindo os dois metaes mais preciosos, os dois mais luzidos planetas, em télas, em brocados, em volantes, para vestir a maior gala todo o corpo d'aquella egreja, e ainda que a gala foi sempre a mesma, foi tão luzida, tão maravilhosa, que a continuação não lhe tirou o applauso, sempre lhe augmentou o espanto. O sepulchro da Sancta Rainha mais parecia leito que sepulchro, pois nelle não estavam cyprestes tristes mas alegres flores, em signal de que aquelle sancto corpo estava como a flor, que nasce em

mantilhas de purpura, não como a que fenece em mortalhas de nacar; e se os olhos tinham formosas vistas, o olfato lograva suavissimas fragrancias, porque como em decente sacrificio ardiam os perfumes, aromatisavam as aguas, recendendo a solemnidade, não só na fragrancia dos cheiros, mas na suavidade das virtudes.

Começaram-se as festas dia de S. Francisco á tarde, e quiz o Seraphim Chagado dar parte do seu dia a uma Rainha Sancta sua terceira. Na hora competente foi o bispo conde, vestido de pontifical, com o cabido e clero secular em procissão á egreja de Sancta Clara, onde se cantaram vesperas solemnes, e no outro dia pela manhã disse missa de pontifical com todo o apparato religioso, e nos dias seguintes foram sete religiões fazer a mesma solemnidade; e não foram todas, porque não foram mais os dias, e a umas as impediam seus estatutos, outras tiveram razões justificadas. Sahia cada uma no dia que lhe estava destinado da sua egreja com cruz alçada, e ia á de Sancta Clara, onde officiava a missa, e um religioso da mesma ordem fazia o sermão. Não achamos seus nomes escriptos, mas é sem duvida que, havendo naquella universidade em todas as religiões sujeitos de eminentes letras, seriam todos os sermões pela doutrina, pela erudição e pela elegancia, dignos da solemnidade, da admiração e da imprensa; a musica foi sempre a da capella da sé, tão suave, que mais parecia do céo que da terra, e em todos estes dias foi egual o concurso, porque a devoção não diminuia com a frequecia, crescia com a solemnidade.

Se as manhãs se gastavam em actos religiosos, as tardes em applausos festivos; na primeira se representou em um formoso theatro uma comedia castelhana com letras novas toadas apraziveis, ingenhosos enredos, discretos versos, agradaveis bailes com diversas figuras, e proprias tão lustrosas e ricas, que nenhuma entrou no theatro segunda vez, com a mesma gala, e as expressões parece que de apparentes passavam a verdadeiras, porque cada figura sentia o que narrava, com o que a comedia se julgava mais successo,

que representação. Foi esta a vez primeira, que aquelle amphitheatro se viu assistido, não só de uma cidade, mas quasi de todo um reino, com tanta ordem, que nem o numero causou confusão, nem inquietação o aperto. Dentro da praça e ao redor do tablado estava em pé a gente plebea em fórma que se não via parte alguma do campo; e com chegar o aperto a ser oppressão, não houve nem a menor queixa, porque, se a expectação suspendia admiravelmente os animos, a Sancta Rainha influia miraculosamente os socegos.

Na seguinte tarde se tornou a habitar o amphitheatro, e naquella se pareceu mais com os de Roma, porque, correndo-se bravissimos touros, se havia de lidar com horriveis feras. Coroaram-se os degráus da pyramide de trombetas, atabales e charamelas; para alegrarem o concurso e applaudirem as sortes, houve toureiros de cavallo e de pé, os de cavallo cortezãos nos trajos, airosos nas pessoas, destros nos exercicios, mostraram que as sortes não foram acasos da fortuna, mas destrezas da arte. Quebravam-se os rejões, cahiam as feras, e os cavalleiros eram postos sobre as estrellas. Muitos brutos morreram do primeiro golpe, outros não escaparam do segundo, sollicitando com a furia a vingança, verteram com mais sangue a vida, os que deram occasião ao duelo; se se não cravaram no rejão, se despedaçaram á espada, e sahindo o coral pelos golpes, rubricava o campo em credito do cavalleiro; passando a destreza a galantaria houve algum, que deixando de ferir as feras, mettendo-lhe as manilhas nas pontas, se não dando corda á braveza, ia desenrolando fitas á furia. Os de pé, vestidos de diversas côres, não perderam as proprias; nelles o accommetter e o fugir tudo era destreza, já das mãos pregando as garrochas, já dos pés fugindo dos golpes; e deixando as capas nos touros de Europa, corriam como após do pomo de Atalanta, como se fugindo das pontas do touro voassem aos cornos da lua; e se a ligeireza deixava a capa, tornava por ella a confiança; se alguns necessitavam do refugio, entrando pelas portas da base, faziam d'ella asylo,

e embravecida a fera de ver frustrada a sua furia, escumando braveza, escarvando na terra, para si mesma abria a sepultura. E não só a destreza acclamou naquelle campo a victoria, tambem foi campo para as maravilhas da força, porque não só se tomaram os touros com forcados, tambem se tomaram ás mãos; e rendida a furia, abaixou a cerviz á força, e lidando-se toda a tarde com feras, se viu que arte dominou o furor, o valor a braveza, e se passaram aquellas alegres e felizes horas, sem que houvesse nem sustos nem perigos, e tudo foram sortes, tudo acclamações.

Na terceira tarde sahiram do paço do bispo conde dez parelhas de cavalleiros, não só no exercicio, mas no sangue com capa e gorra guarnecidas de perolas e joias em generosos ginetes, com jaezes de ouro e prata, e caparzões bordados dos mesmos metaes, com pélas, danças, folias, atabales e trombetas diante, e foram fazendo de si galharda ostentação pelas ruas mais publicas da cidade. Em entrando na praça correram as carreiras tão eguaes, tão unidos, que quando os cavallos parecem que voavam, os cavalleiros parecia que se não dividiam, e sendo vinte, todos singulares, na união pareciam dez, todos unicos. Depois correram a manilha, e se a destreza dos parthos mettia as setas pelos anneis, elles mettiam pelos anneis as lanças, com tanta facilidade, que parece que ou se estreitava a lança ou se alargava a manilha; porém nem uma nem outra se fazia mais larga ou mais estreita, porque fez prodigios a arte. Tanto que algum cavalleiro levava a manilha, lhe ia um homem a cavallo (que estava prevenido para esse effeito) levar o premio, e se banhava o ar de harmonia em applauso de sua gentileza. Todos vinte foram premiados, ainda que com toda a grandeza, não como o pedia a sua galhardia; porém serem deseguaes os premios pelos excessos dos merecimentos não é defeito da generosidade de quem premeia, é extremo da excellencia de quem merece; o ser desegual a valia não tira a estimação dos galardões, se estão destinados a certas proezas. Os ramos de

um loureiro bastam para premios de um triumpho; de carvalho eram as coroas civicas, e eram mais estimadas do que se fossem aureas.

Na quarta tarde houve segunda comedia, e ainda que a primeira se anticipou no tempo, não lhe fez outra alguma vantagem. As pessoas foram as mesmas, as galas differentes, varias as representações, as letras diversas, as musicas accordes, os versos elegantes, os enredos inexplicaveis, os passos apartados, os bailes decentes, e o tempo que ella durou, durou tambem a suspensão, chegando pelos ouvidos ao entendimento as descripções do ingenho nas excellencias da arte.

Na quinta tarde se tornaram a correr touros tão ferozes, que mais se podia dizer que elles arremettiam aos homens do que os homens os corriam a elles, e tudo succedia porque se a braveza arremettia com furia, corria com arte a ligeireza. Sahiram toureiros de cavallo e de pé como no primeiro dia, e foi necessario que contra os brutos de Almeirim vestissem os toureiros azas, calçassem os cavallos pennas, porque, se não voassem ligeiros, podiam voar lançados, para se despenharem cahidos, sendo a braveza e a ferocidade dos brutos tanta, que luziu mais o valor e a arte dos toureiros. Os de cavallo obravam melhor as sortes, porque, arremettendo os brutos cegos, os garrochões agudos, concorriam com a força do cavalleiro, procurando desafogar a braveza, em si mesmos tomavam a vingança, e cahindo mortos, o ardente coral que vertiam era gala do destro valor dos que os matavam. Os de pé se corriam para fazerem as sortes, voavam para fugirem dos perigos; porém os touros animados da ardente colera, corriam com tanta ligeireza, como se o fogo animado fosse levado do vento furioso; e alcançando alguns que voavam pela terra, os faziam voar pelos ares. Foi aquelle dia menos alegre por mais arriscado, porque onde ha risco sempre tem dissabor o gosto. Fazendo uns e outros toureiros maravilhas de força e de destreza, a Sancta Rainha fez milagres de favor e protecção, porque, passando os touros a leões, houve arriscados

successos, em que a Sancta Rainha, evitando os perigos, livrou os homens das feras, assim como applacando as iras evitava serem feras os homens.

No sexto dia se tornóu a fazer terceira comedia sem inveja da segunda e da primeira, antes por ser a ultima, teve tanta presumpção de extremo por ser singular, quiz pôr em desprezo a que serviu de meio, e a com que se deu principio; tambem houve diversidade nas pessoas, novidade nas galas, mudança nas letras, variedade nas toadas, differença nas representações, discrição nos versos, ingenho nos enredos, aperto nos passos, decencia nos bailes, e sendo esta similhante ás antecedentes nos bailes, nos passos, nos enredos, nas descripções, nas representações, nas galas, nas toadas, nas musicas e nas letras lançaram os poetas, os musicos e os representantes castelhanos o resto, com que em obsequio de Portugal e Aragão, e em louvor da Sancta Rainha ganharam não vulgar fama para Castella, e como todas estas comedias, nem pelas historias, nem pelas representações eram inductivas de peccados nem contra os bons costumes, antes approvadas por discretos e honestos intertenimentos, serviram naquelle publico theatro, naquelle acto festivo de recrear os animos, não de distrahir os espiritos.

No setimo dia se ajuntaram no paço do bispo conde duas quadrilhas, cada qual de dez cavalleiros. De uma era quadrilheiro D. Antonio Mascaranhas, filho de D. Manoel Mascaranhas, capitão general que foi de Masagão, e de Dona Francisca de Ataide, primeira filha dos Condes da Atalaia, irmã do bispo conde D. João Manoel, o qual D. Antonio, depois de ser no estado da India muitas vezes capitão de navios e de fortalezas, general das armadas, capitão general de Ceilão, deixou Hollanda temerosa de suas proesas, o oriente admirado com suas façanhas, o occidente acreditado com suas memorias. Ia toda a sua quadrilha com marlotas e capillares de ouro carmesi com ramos de apraziveis laçarias, trunfas semelhantes ás marlotas, com touquilhas de volantes de prata, com florões de ouro, plumas vermelhas,

e amarelas. Da segunda era quadrilheiro D. João de Ataide, em quem se viram as letras e as armas, porque depois de ler cadeiras na universidade de Coimbra formou os batalhões na provincia de Alem-Tejo, onde foi commissario geral da cavallaria; vestiam marlotas e capilhares de prata verde, com apraziveis laçarias, que se formavam em ramos, trumphas semelhantes aos capillares, com touquilhas de volantes de ouro com flores de prata, plumas verdes e brancas, tendo-se respeito no escolher das cores, aos reinos de Portugal, e Aragão, porque neste nascera, naquelle reinara a Sancta Rainha, e de um reino são as cores carmesi e ouro, do outro verde e prata.

Sairam estas formosas quadrilhas dos paços episcopaes; diante d'ellas iam tres trombetas a cavalo, vestidos com vaqueiros de seda, com girões verdes e carmesis, com forros de telilha de prata, e chapeus forrados da seda dos vaqueiros, com touquilhas em que a prata era volante; detrás dos trombetas iam dous atabaleiros, cada qual com semelhante libré, a cada uma das quadrilhas; seguiam-se dous azemeis com peletões de seda, chapeus com girões de cores, e duas azemolas, que levavam as cannas com fiadores de retrós vermelho, testeiras douradas, plumagens diversas, nos peitoraes dourados largas franjas e cascaveis alegres, arreatas da mesma côr dos fiadores, e ferragens semelhantes ás testeiras. As cannas se cobriam com reposteiros apraziveis e novos com as armas da Sancta Rainha, e se apertavam com arrochos de prata. Seguiam-se vinte homens vestidos de aprazivel libré, dez de uma côr, dez de outra conforme á sua quadrilha, com vinte cavallos á dextra, com jaezes, e caparsões bordados, dez de ouro e dez de prata, luzindo de maneira os preciosos metaes nos generosos brutos, que se julgava os banhava o Sol em raios luminosos. Seguiam-se os cavalleiros de dous em dous, e ainda que iam diversos nas côres, iam mui conformes nas gentilezas, e dando o sol no ouro e na prata, resplandeciam em tanta luz, que cada um mais que o cavalleiro de Phebo, parecia um sol a cavallo. Nesta ordem foram

pelas ruas mais publicas da cidade e chegando á praça, que havia de ser campanha de uma batalha pacifica, de um divertimento guerreiro, entraram pela porta do meio e deram volta pela mão esquerda, aonde ficava o palanque do bispo conde, e o dos juizes, que eram D. Pedro de Menezes, segundo conde de Cantanhede, presidente que foi do senado da camara de Lisboa, D. Pedro Manoel, irmão do bispo conde, segundo conde da Atalaia, capitão general de Tanger, governador do reino do Algarve, D. Gastão Coutinho, que foi capitão general de Masagão e governador das armas da provincia de entre Douro e Minho, Francisco de Brito de Menezes, reitor da Universidade de Coimbra, D. Andre de Almeida, lente de vespera de Theologia na Universidade, bem conhecido em Europa por suas excellentes virtudes, eminentes letras, e singular discrição, a quem o estudioso respeito ainda nomea por senhor, em veneração de seu merecimento. Feitas as cortezias foram, as quadrilhas na mesma fórma com que vieram, rodeando a praça, a qual se encheu de alegria; tanto que chegaram ao canto que ficava para a parte do rio, correram as parelhas por peregrino modo, as primeiras do canto em que se pozeram até o que em diametro lhe ficava fronteiro; d'este se foram para outro, que estava para a parte do convento, e d'elle correram as segundas para o outro, que tambem lhe ficava no fronteiro diametro, cortando o campo em aspa; e acabadas ellas se sahiram pela porta que estava mais visinha, para se mudarem aos cavallos que trouxeram á dextra. Feita a mudança, entrou uma quadrilha pela mesma porta, a outra pela que lhe ficava na mesma proporção, e começando a jogar as cannas, o fizeram com toda a gentileza e sem nenhum desar, recebendo nas adargas os golpes sem feridas aquelles que nos campos e nos peito africanos sabiam dar as feridas e os golpes; os amagos eram da guerra, os effeitos da paz. Como aquelle exercicio, ainda que militar, era alegre, não se fizeram lanças das cannas, porque era festejo, podera o valor fazer das cannas lanças, se fôra conflicto. Acabado o jogo, em que todos

ganharam acclamações de gloria, tornaram na mesma forma a mudar de cavallos e a correr parelhas, se não peregrinas no modo, singulares na egualdade, porque os que as viam pelos lados lhes parecia que um cavallo levava dous cavalleiros; os que as viam pela frente ou pelas espaldas, que um cavalleiro ia em dous cavallos. Partiram e pararam, e se não fôra pela distancia do logar julgar-se que no tempo que pararam partiram, a distancia mostrava que correram, a vista julgara que voavam, e trazia por testemunhas das azas não ficarem na praça as estampas. Ultimamente fizeram uma escaramuça com as mesmas gentilezas com que correram as carreiras, e jogaram as cannas. Os cavallos não perderam os alentos, não só porque as guerreiras trombetas lhes accendiam os espiritos fogosos, mas porque, desmentindo-se de brutos por generosos, em obsequio da festa, parece que tinham por descanço o trabalho. Acabada a escaramuça, se sahiram os cavalleiros pela porta principal da praça e foram passear á cidade, para que os que os não viram nas festas os vissem nas ruas, e os tornavam a admirar nas ruas os que os viram nas festas, porque as cousas peregrinas não se fazem vulgares, sempre levam as attenções da vista, porque sempre causam as admirações da novidade.

No oitavo dia, que era em um domingo, se fez a procissão, que as religiosas tomaram por conta de seu cuidado. Dispoz-se ella religiosamente pelo psalmo *Laudate Dominum de Caelis, laudate eum in excelsis,* em que o sancto propheta rei chama os anjos, o sol, a lua, as estrellas, os céos, os elementos, os montes, os raios, os ventos, a neve, o caramelo, as pedras, as feras, e os reis, para louvarem o Senhor, e de quasi todo este numero de criaturas foram as figuras da solemnidade, guardando-se nellas tanta propriedade, que quem visse a procissão, com advertencia ao psalmo, diria que via nas figuras o que o propheta disse nas palavras.

Como a procissão era mui grande, foi necessario darlhe espaço, para que viesse pelas ruas principaes da cidade;

assim se escolheu a egreja do hospital de S. Lazaro, que estava fôra das portas de Sancta Sophia, e parece que a Sancta Rainha, que fazia nos hospitaes tanta assistencia, quiz que de um hospital sahisse a procissão que se fazia em sua honra.

Para que aquella festa tivesse vigilia, foi de desvelo toda a noite antecedente; antes de apparecerem as luzes do dia, se tomaram os logares com alvoroço, e occupadas as ruas e as janellas, pendiam os espectadores dos logares inhabitaveis, porque a devoção e a curiosidade, por satisfazerem os corações e os olhos, ou com a vehemencia do desejo, ou com a confianca do milagre, desprezaram os perigos e os fracassos. E se quando Trajano, entrando em Roma triumphante, porque o concurso não cabia nas janellas e nas praças, estavam pendulas nos telhados as pessoas, neste melhor triumpho, não gentilico mas catholico, tambem a devoção e a curiosidade estiveram pendentes, com maior segurança, estabelecidas em maior fortuna.

Começou a sahir a procissão, indo diante os atabaleiros e trombetas vestidos de seda de diversas côres, e não foi necessario que o som de um e outro instrumento intimasse a attenção do povo, porque todos tinham os olhos nas esperanças, e pelo que desejavam ver se antecipavam a olhar, com que o bellico clamor, o estrondo grave servia para a alegria, e para o aviso de que a procissão vinha, não para prevenir a attenção que já se dava. Seguia-se em um cavallo, ricamente ajaezado, uma figura vestida de carmesi alegre, coalhada de preciosas joias, tão lustrosa, que a reverberação que o sol fazia no ouro resplandecente, na luzente pedraria, dizia que a figura era o mesmo sol, se a letra não affirmara que era a publica alegria, levava arvorado um formoso guião de seda branca, de uma parte as armas de Portugal e Aragão, da outra o retrato da Sancta Rainha, com a seguinte letra.

Exultet Caelum laudibus, resultet terra gaudiis
Sanctae Reginae gloriam, et sacra canant solemnia.

Seguiam-se diversos córos de musicas harmonicas, danças

festivas com invenções varias e instrumentos differente, nos quaes se viam, se não os alegres córos de Medea, os ovantes esquadrões da alegria, que dando em musicas accordes sonoras batalhas á tristeza infausta, a puzeram, não só em retirada, mas em fugida, e despojando-a das sentidas armas, não fizeram d'ellas gloriosos triumphos, porque não podiam ser os tropheos aprazíveis, vendo-se nelles os lugubres despojos.

Seguia-se um carro da côr do céo, com brutescos de bronze, pelo qual puxava uma avestruz da côr de rosa e nelle sentado no real throno o real propheta David, com o sceptro na mão e a coroa na cabeça, vestido com um colete de ouro lavrado de preciosa pedraria, com uma roupa encarnada, guarnecida com rendas de ouro, com sobre roupa, mangas, e sobre mangas da mesma seda, guarnições de prata, e a roupa larga, que lhe chegava ao artelho, era da côr do fogo, no qual se apuravam os passemanes de ouro; e o mesmo fogo que serviu de crisol ao metal precioso, fez que as meias, sendo amarellas, fossem tostadas. As alparcas eram de tela branca semeadas de finas perolas e pedras preciosas, com o que, se não levava a riqueza a seus pés, levava em seus pés a riqueza. A mão que estava desoccupada do sceptro, estava melhor occupada em uma tarja, na qual se lia *Laudate Dominum de Caelis in Canonisatione Sanctae Elisabethae.* No mesmo carro, nas espaldas do real throno avultavam Hercules e Atlante, que nos robustos hombros sustentavam as celestes espheras e dentro do globo, que em tudo o que não era grandeza, era semelhante ao céo, respondendo angelicas vozes ao Psalmo que na tarja referia David — *Laudate Dominum de Caelis* continuavam, *Laudate eum in excelsis.*

Depois d'este carro iam os anjos S. Miguel, S. Gabriel e S. Rafael, luzidamente vestidos, exhortando os espiritos angelicos que os seguiam a louvarem o Senhor, a quem adoravam. Levavam o verso *Laudate eum omnes Angeli ejus.*

Seguiam-se o sol, a lua, os planetas, e foram estas figuras a pé por mostrarem que naquelle dia se apeavam

os astros para serem mais illustres, reputando-se por maiores os luminares, com assistirem na terra á solemnidade da Sancta Rainha, que já era no empyreo planeta. A figura do sol ia vestida de amarello gualde, porque naquelle dia com influencias benignas tinha luzes de ouro e não raios de fogo, e sobre o amarello de um peregrino cossolete cortado ao romano trajo se via o ouro em luzidos retalhos reduzidos a artificiosos lavores; no meio do peito levava um sol bordado de ouro, e os resplandecentes raios que lançava raiavam as ruas por onde ia, e como o sol é todo luz, não sendo o resplandor ardente, e sendo luminoso, não só vestia tambem calçava luzes, servindo-lhe os volantes de ouro, no ouro para os luzimentos, nos volantes para os giros.

A figura da lua ia vestida de uma tunicela branca, e sobre ella um colete de prata, ornada a cabeça de quartões, e nelles resplandecentes joias; não minguava, ou crescia, antes ia cheia de luz, que recebia não dos solares raios, mas dos diamantes resplandecentes. Jupiter ia com coroa e sceptro, e porque era rei da riqueza, levava a mesma riqueza no vestido. Marte ia vestido de armas brancas, porque dissesse o trajo com a figura; mas bem se via que elle escusava as armas, porque a Sancta Rainha evitava as guerras. Venus ia vestida de primavera, e teve logar nesta procissão só por estrella, levava pela mão o filho desvendado, e não cahiram ambos, porque naquelle acto nem Cupido era cego, nem a estrella desastrada. Mercurio e Saturno mostravam que eram figuras celestes; o primeiro ia dando novas da abundancia, o segundo fazendo influencias de alegria; naquella estação não quiz ser Saturno, porque em nada fosse triste o dia, antes porqne tudo fossem louvores se lia nas tarjas o verso, *Laudate eum Sol, et Luna. Laudate eum omnes stellae et lumen.*

A estes planetas se seguia o estellifero Atlante, levando nos silvestres hombros o globo azul de dezeseis palmos de diametro, semeado de estrellas de ouro, que brotavam raios de luz, e parecia que o céo andava na terra, e nelle se lia,

posta sobre as estrellas, a letra *Laudate eum Caali Caelorum.*

A figura da terra ia em um soberbo carro, armado sobre uma espantosa serpe, não como humilde, mas como triumphante elemento; no mesmo carro iam pintadas as arvores, as plantas, as ervas, as flores, e os fructos, e a figura sentada em um throno sopeava um leão com o pé, e a elles lançados alguns tambores, coroas e sceptros, como fazendo pouco caso dos bellicos estrondos e dos reaes imperios; sobre a cabeça levava uma levantada torre, para mostrar que ella só tinha firmeza entre os elementos. Diante iam dous gigantes seus filhos, ainda que nascidos nas ervas, luzidos como as estrellas, de desoito palmos de altura, não com intentos de escalarem o céo, mas dando louvores ao Senhor com o verso *Laudate Dominum de terra.* Junto com ella iam duas figuras frondosamente vestidas, odoriferamente toucadas, com capellas de flores na cabeça, copia de fructos nas mãos, mostrando que aquelle elemento florece e fructifica, e que já não era vão, nem vasio, antes se não fora tão grave, podia ir desvanecido de florido e fecundo. Seguiam-se dous dragões, com terriveis aspectos, ainda assim não causavam medo, só causavam espanto, porque não vinham a fazer estragos, mas a dar louvores, e assim diziam na letra *Laudate eum Dracones, et omnes abisi.*

Detrás do elemento da terra se seguia Neptuno, mentido deos do mar, representando o elemento da agua, sentado em um carro triumphante pelo qual puxavam dois cavallos marinhos; ia esta figura vestida de verde mar debaixo d'uma concava concha de prata, a quem o resplandor não desmentia de maritima; nas ilhargas do mesmo carro iam quatro quartões, e entre elles dois alegres paineis em que se viam os mares, as embarcações e os peixes, e nas praias e penedos conchas e mariscos, e logo um barco com dois tritões, com redes, tresmalhos, tarrafas, cannas e anzoes; aos tritões se seguia uma dança de sereias, e se não cantavam referiam o verso, *et aquae quae super coelos sunt.*

Seguia-se outro carro, e nelle uma leve figura de pouca

edade, representando o elemento do ar; ia em pé placidamente airosa, posta sobre um camaleão furta-côres que sem cuidado bebia os ventos, e com gesto de caçador levava na mão uma ave de volateria, e na cabeça uma nuvem serêna; no mesmo carro se viam muitos passaros, e juncto d'elle alguns caçadores vestidos em trajo, ainda que montanhez, elegante, com espingardas que disparavam no ar, porque assim ficava mais propria a representação.

Seguiam o fogo, a neve, o caramelo, a saraiva e todas estas figuras caminhavam a pé, porque cahiam na terra, e vinham como cahidas do céo; pelo fogo ia o monte Etna lançando lavaredas ardentes, e o mesmo monte podia representar a neve, pois no mesmo tempo, portentosamente fingido, tendo as entranhas abrazadas, se cobre de candidas hypocrisias; porém por se diversificar a figura, porque faltava a neve de Palestina, ia vestida de algodão da Asia; o caramelo se representava em uma figura luzidamente candida, candidamente lisa. A saraiva em outra, coberta de crystallinas pedras, de perolas congeladas; só o fogo ia com o rosto abrazado; as outras figuras iam com o semblante frio, porém o irem frias não as fazia desengraçadas, fazia-as proprias, e diziam na letra, *Ignis, Grando, Nix, Glacies.*

Atrás, como se o movesse Orpheo, apparecia um alto monte, e sobre elle Eolo, rei dos ventos, o qual levava diante de si os quatro principaes que movem as horrendas tempestades, em quatro figuras, não só cheias de pennas, mas vestidas de azas, porque na cabeça, nos braços, nas costas e nos pés, as levavam para mostrarem que a sua ligeireza excedia os mais ligeiros vôos. Do cume do monte sopravam quatro rostos, não zephiros suaves, mas luctadores ventos, e dizia a letra *Spiritus procellarum.*

Seguia-se outro carros pelo qual puxavam duas salamandras, que em nevados alentos desprezavam as ardentes flammas, e com melhor fortuna do que a Phenis; se esta (extinctos os incendios) renasce de suas cinzas, aquellas se não reduzem a cinzas, se é que não fazem gelar os incen-

dios; sobre este carro ia a figura de Vulcano, representando o elemento do fogo; da cintura para cima se vestia de laminas, da cintura para baixo de ascuas; diante de si levava uma forja, que lhe accendiam Esteropes e Brontes, e nella se viam escandecer as brazas, crepitar as faiscas; na dianteira do mesmo carro vinha Cupido com o carcaz ao hombro, com o arco na mão, e os olhos vendados. E levou-se nesta procissão esta figura do amor profano, não só por ser filho do mentido deos do fogo, mas para mostrar que elle deve ser abrazado na officina de seu proprio pae, e que não haja outro amor no mundo, senão o divino, porque este é meio das glorias, e aquelle é motivo das penas, sendo as flexas com que traspassa as mesmas penas com que afflige.

Depois d'este carro ia em um cavallo branco, lustrosamente adereçado, a figura da concordia, em que se esmerou a arte e se empenhou a riqueza; levava arvorado um candido pendão, e nelle uma mão pintada pegando em outra, coroadas ambas com uma coroa de ouro, e juncto a ellas dois corações unidos com a letra que dizia *qui faciunt verbum ejus;* juncto a esta figura ia uma manga de arcabuzeiros e quatro cavalleiros armados, e na mesma forma el-rei D. Jayme de Aragão e D. Fernando de Castella com as espadas não sanguinosas, mas pacificas, enramadas, não de louro, mas de oliveira, tendo a oliveira por mais gloriosa que o louro, porque são mais dignas do triumpho as pazes que as victorias.

Seguia-se el-rei D. Diniz entre o infante D. Affonso seu irmão e o infante D. Affonso seu filho, todos a cavallo, vestidos de armas brancas, com a magestade digna de tão reaes pessoas, mostrando que iam conformes, porque a Sancta Rainha conseguira que fizessem as pazes.

Na mesma estancia onde iam os dois reis pacificos ia a Sancta Rainha triumphante, vestida em trajos ricos, em um apparatoso carro, e á sua ilharga a figura da paz toda vestida de branco, como a mesma neve, a qual com uma mão lhe punha na cabeça uma capella de flores, e com a

outra lhe dava a palma das victorias, com a letra *Nam tu sola potes tranquilla pace juvare mortales.* Acompanhavam a Sancta Rainha duas figuras, uma vestida de azul celeste, a qual dormia doce e socegadamente, reclinada a cabeça sobre a mão direita, e no socego mostrava ser a segurança. A outra vinha vestida de primavera com um fructeiro de flores nas mãos, e na cabeça uma grinalda de diversas boninas, e mostrava ser a alegria. Com a alegria e a segurança ia no mesmo carro um côro de anjos cantando louvores a Deos por haver por meio da Sancta Rainha introduzido a paz entre os principes catholicos, em razão do que, sendo suas virtudes florescentes, podiam viver seus reinos seguros, seus vassallos alegres.

Seguia-se a muito leal cidade de Coimbra, logo o ditoso reino de Portugal, logo o real mosteiro de Sancta Clara, e cada qual d'estas figuras ia em um carro triumphante, porque naquella occasião triumphava o mosteiro por haver sido obra da magnificencia da Sancta Rainha, triumphava o reino por haver logrado o seu suave imperio, triumphava a cidade por se ver depositaria do sancto corpo. A figura da cidade ia mais rica, significando que em si encerrava o mais precioso thesouro, a do reino ia encostada em uma cruz sagrada, levando o escudo das cinco Chagas, não só como brazões para a gloria, mas tambem como insignias para a devoção, e armas para a defesa. A do mosteiro levava juncto a si duas figuras, uma com um livro e umas varas que significavam a disciplina, outra com um freio na mão que significava a obediencia, e a todas estas figuras se poz a letra *Popnlo apropinquanti sibi.*

Seguia-se um alto monte e um levantado penhasco frondosamente frescos, amenamente frondosos, com arvores em parte agrestes, como a dos bosques, em parte fructiferas, como as dos pomares, e tudo se obrou de tal sorte que, se os longes enganavam, os pertos suspendiam, nas distancias pareciam os pomos de cera por maduros, na vizinhança suspendiam, porque pareciam maduros, sendo de cera, e nos montes, nos outeiros, nas arvores, nos fructos

ia gravada a letra *Montes, et omnes colles, ligna fructifera, et omnes cedri.*

Atrás ia a arca de Noé contrafeita com perito artificio, e pelas frestas dos repartimentos se via a diversidade dos animaes que nella se encerravam; só faltou o diluvio, porque o dia era de favor não de castigo, e dizia a letra *Bestiae et universa pecora.*

Seguiam-se todos os reis e alguns principes potentados e senhores da Europa em formosos cavallos, com as insignias de seus estados, os reis vestidos de purpura competente á magestade, os mais com a gala digna da sua grandeza, lendo-se nelles a letra *Reges terrae, et omnes Populi et Principes.* Seguiam-se as doze tribus armadas, de que era guia Semeão, e levava em um escudo a letra *Omnes Tribus terrae,* e logo os juizes que governaram o povo hebreu, vestidos em antigo trajo, e entre elles por principal o propheta Samuel, o qual levava em um escudo a letra *Omnes Judices terrae.*

Ia em um carro triumphante a figura de Abel innocente, e a redor muitos meninos e meninas vestidos com muita lindeza, coroados com capellas de flores, e a figura de Abel levava a letra *Juvenes et virgines.* Seguia-se outro carro com as sciencias da theologia, philosophia, canones, leis, medicina, com as insignias das mesmas faculdades, e em seu seguimento iam em mulas com gualdrapas doze doutores com borlas e capellos.

Seguia-se uma formosa náu custosamente contrafeita, alegremente empavesada, com uma bandeira na poppa, flammulas e galhardetes nas gavias, e nella sentada a Sancta Rainha vestida de freira de Sancta Clara, e no bentinho o milagre das rosas, e por cima da cabeça a letra *Laudate Dominum in sanctis ejus.* O rosto da náu ia occupado com quatro figuras que representavam as principaes virtudes que floresceram na Sancta Rainha, e nellas a letra *Laudate Dominum omnes virtutes ejus;* estas figuras iam cantando como se foram do céo, e por juncto dos galharde-

tes e flammulas iam campainhas de prata com a letra *Laudate eum in cymbalis bene sonantibus.*

Depois d'esta náu ia o portuguez S. Antonio, S. Luiz rei de França, S. Ignacio de Loyola, S. Bento de Palermo, cada qual vestido com tanta riqueza, como se Ophir lhe dera todo o ouro, toda a pedraria o oriente, e no pardo habito de S. Francisco levava o sancto da côr ethiope o verso *Cantate Dominum canticum novum in Ecclesiis Sanctorum.*

Seguiam-se os religiosos do convento de S. Francisco com a cruz arvorada sanctificando as ruas, suavisando as auras com os ecclesiasticos psalmos que cantavam, depois d'elles o pallio, e debaixo o sacerdote levando na mão o bordão com que a Sancta Rainha foi a pé peregrinando a S. Thiago de Galliza, e detrás do pallio o senado da camara com todas as justiças da cidade, com innumeravel concurso de gente, porque os que viam a procissão, admirados a foram seguindo; e como era tão numerosa nas figuras, em chegar a Sancta Clara levou todo o dia, e foi este o mais formoso de toda aquella solemnidade, porque foi o mais festivo de todos.

No ultimo dia, que foi o de segunda feira, se fizeram os torneios, para o que no mesmo campo, que o tinha sido nas outras festas, se levantou oito palmos de terra um formoso theatro de cento e quarenta palmos, em forma quadrada; tinha em cada topo uma escada, e nos quatro angulos se erigiam quatro formosas pyramides de vinte palmos de altura, que rematava em quatro globos esphericos, e sobre elles outras tantas bandeiras, onde tremulavam brancas as armas da Sancta Rainha. Do lado d'este theatro ia uma ponte para o palanque dos juizes, para irem por ella os pagens do mantenedor e aventureiros levar-lhe as tenções e as emprezas. Pelos lados da ponte e ao redor de todo o theatro estavam levantadas muitas tochas para que accesas substituissem o sol quando viesse a noite. A téa, onde havia de ser a justa dos aventureiros, tinha trinta palmos de comprido e cinco de alto, guarnecida de um

tonolete de seda carmesim, mostrando na côr sanguinea que havia de ser militar a festa. Tres dias d'antes tinha mandado o mantenedor, João de Sá Pereira de Sotomaior, fixar na pyramide grande, que fôra posta na praça, o quartel com as condições de desafio, promettendo melhor premio a quem entrasse no torneio com mais lustrosa gala, com mais ingenhosa galanteria, e que tambem seria premiado quem levasse melhor empresa no escudo, e melhor torneasse tres lanças ou désse melhores golpes de espada, e que, ou fossem os golpes da espada ou encontros da lança, ganharia premio quem começasse e acabasse primeiro, e que seriam melhores os golpes e os encontros que fossem mais altos, e se fossem eguaes os do aventureiro com os do mantenedor, ganharia o mantenedor o premio e não o aventureiro, porque o tornear com todos lhe dava preferencia aos mais.

Chegado o dia, veiu o mantenedor em um carro triumphante com muitas peças de artilheria, pelo qual puxavam duas salamandras cheias de artificios de fogo, e diante oito tambores com pifaros intimando com vozes marciaes os combates futuros. Vinha o mantenedor vestido das côres de Aragão de oiro e verde, com armas faxadas de oiro e vermelho, trazia o elmo e a vizeira calada, em forma que se lhe não via o rosto, o tonolete e guarnição da espada se não diversificava das faxas das armas, ameaçando tudo em sanguinolento desafio cruenta guerra. Aos seus pés ia sentado o pagem do escudo com a empresa, que era a Sancta Rainha, retratada entre uma nuvem, como que descia do céo com uma coroa de oiro na mão, para pôr na cabeça ao mantenedor, com a letra:

> Quem defende esta coroa
> mui certa tem a victoria,
> pois defende minha gloria.

Chegado o mantenedor com este apparato bellico á escada do formoso theatro, assim como vinha armado, saltou

em terra com muita destreza, e querendo começar a subir pela escada sahiram a recebel-o D. João de Ataide, que era seu padrinho, vestido á corteză, com um bastão na mão, Nicolau de Sá Cabral, mestre de campo do torneio, com gala dourada, e uma acha de armas na mão cuberta de oiro, e um pagem que lhe trazia o escudo, e nella a tenção, que eram dois rios, um de vermelho sangue, outro de candido leite, e um braço armado empunhando uma espada, que cortava os dois rios, com a letra:

Tanto puo engenho, e arte,
che junge Minerva, e Marte.

Posto o mantenedor no theatro com o padrinho e mestre de campo, lhe deram uma volta, fazendo todos tres cortezias aos circumstantes, e depois de a fazerem aos juizes se foram até o posto onde havia de ficar o mantenedor para combater com os aventureiros, que começaram a entrar na praça, e cada um fez entrada no theatro, acompanhado do seu padrinho, e do pagem que lhe levava a empresa. Uns, como se fossem filhos da terra, sendo que todos eram de nobilissima familia, vinham mettidos em montanhas que se abriam, e os lançavam no theatro. Outros em ala das serpes, outros em hydras espantosas, terriveis feras e medonhos monstros, outros em castellos armados sobre elephantes, fazendo horrenda sim mas formosa vista, e todas as feras, montanhas, torres e castellos, tanto que juncto ao theatro deixaram os aventureiros, começaram a lançar de si fogos artificiosos, com que pelos ares faziam tiros ás estrellas, vendo-se que as salamandras não só viviam no fogo, mas que o fogo nascia d'ellas; que o carro não só servia de coche para a jornada, mas de náu para a artilheria, e que o fogo não só queria luzir, mas tambem abrazar, e que aquella festiva guerra se havia de fazer a ferro e a fogo; porém tudo se desvaneceu no ar, tendo-se por alegria o que se imaginava damno, porque o estrondo

por horroroso não deixou de ser festivo, o incendio por marcial não deixou de ser alegre.

Tanto que as feras, as montanhas, as torres, os castellos, as salamandras e o carro despiram as luzes e dispararam os tiros, foram os pagens dos aventureiros levar aos juizes os escudos que traziam com as empresas, para se julgarem os premios, e começando a escurecer o dia se accenderam as tochas para impedirem a noite e se fazer o torneio. Logo sahiram ao theatro por aventureiros, com luzidas galas e ingenhosas empresas João da Silva de Castro, Estacio de Sá Miranda, Rodrigo de Albuquerque, João Aranha Chaves, Bartholomeu de Sá, Francisco Amado Varela, Christovão de Sá Pereira, Heitor de Sá, Sebastião de Sá de Miranda, Bento da Cunha Prestrelo, Marçal de Macedo, Aires Gil de Miranda, Francisco Vaz Prestrelo, Antonio de Sá, e todos estes galhardos aventureiros tornearam de corpo a corpo com militar destreza, assim os golpes da lança, como os da espada, dando-se uma batalha á vista formidavel, no successo festiva, porque, ainda que parecia conflicto guerreiro, era festivo jogo. Acabado o torneio poz o mestre de campo a uma parte da téa os aventureiros que pertenciam ao mantenedor, e os outros da outra, e levantando todos as lanças em alto, partiram a encontrar-se, e se deram nas celadas e nas viseiras com os fortes braços tão furiosos encontros, que quebrando as lanças, voaram distantes as hastilhas, e, mettendo mão ás espadas, se travou a batalha com horriveis golpes. Acabada ella, foi mandado chamar o mantenedor pelos juizes, e lhe deram o premio de mais galante o do melhor torneador de lança, o de manter com todos os golpes d'ella, e o de levar melhor empresa, e finalmente premiados todos, alumiando-os os pagens com as tochas, sahiram do theatro, não sendo menos galharda e magestosa a sahida, do que foi espantosa e horrenda a entrada.

Estas foram as festas que correram por conta do Bispo Conde, e bem se vê qual foi a sua grandeza, pois dentro do tempo em que se fizeram não podia ser maior a magnificencia. Acabadas ellas, começaram as da cidade, que

duraram seis dias. Na noite seguinte á do torneio houve uma luzida encamisada, que as luminarias faziam mais lustrosa, e successivamente nos dias seguintes alcanzias, touros, comedias, manilhas e cannas com a destreza, gala e valor, com que naquella nobilissima cidade se costumam fazer os applausos festivos em honra dos gloriosos sanctos.

A illustre universidade não faltou em concorrer para estas festas com ingenho, com grandeza e com a devoção, e mostrando que desejava multiplicar as linguas para dar repetidos louvores á Sancta Rainha, propoz premios ás musas, que em metros portuguezes, hespanhoes, italianos e latinos se empregassem com mais discrição e elegancia nos heroicos elogios de suas insignes virtudes. Começou-se esta acção na sala publica da universidade, e estando presente o reitor Francisco de Brito de Menezes, os doutores de todas as faculdades e o discreto auditorio dos estudantes Orou o padre frei Bento da Cruz, D. Abbade do collegio de S. Bento da mesma universidade, com tanta piedade e elegancia, que se na oração se mostrou eloquente, egualmente se mostrou devoto.

Ao outro dia á tarde foi o reitor acompanhado do prestito de capellos ao real convento de S. Clara a visitar o sepulchro da Sancta Rainha, e na manhã do seguinte dia foi na mesma forma a universidade á egreja do mesmo convento. onde houve missa cantada a córos, e prégou o padre dr. frei Antonio da Resurreição, da ordem dos prégadores, lente de prima de theologia d'aquella universidade e bispo de Angra. E ainda que as excellencias da Sancta Rainha excederam os louvores do prégador, nos louvores houve tambem excellencias, porque foram admiraveis as elegancias entre saudaveis doutrinas.

Seguiu-se o dia, em que se haviam de dar os premios, e por justas causas se deferiram; porem, se se deferiram não se tiraram, e os poetas a quem se deram, sendo dignos de coroas, tiveram pelos melhores louros empregarem os ingenhos nos louvores d'uma Rainha, que no céo podia ser sua protectora, pois lograva as prerogativas de sancta.

Estando na côrte de Madrid a magestade catholica de el-rei Philippe IV, que tinha feito tanta diligencia, porque aquella sua real progenitora fosse canonisada pela Egreja Catholica, para que os interiores jubilos passassem a demonstrações religiosas, foi com a rainha e toda a corte dar graças a Deos na egreja do mosteiro de Dona Maria de Aragão, e no paço houve os saráos e festas que permitte o estylo da côrte e o decoro da magestade.

Para que a alegria fosse mais festiva ordenou el-rei que houvesse luminarias, mascaras e touros, e a tudo assistiram as magestades e altezas, os senhores e conselhos, sendo tão magnifico o apparato, tão numeroso o concurso, que elles bastavam para demonstração do mais insigne contentamento. Acabados os touros, em que foram muitas as sortes, despejaram os capitães e tenentes da guarda a praça, e logo entraram nella o D. Duarte e o marquez de Aitona, para apadrinharem as cannas, e alcançada licença da rainha catholica, sahiram oito quadrilhas de seis cavalleiros cada uma, na primeira el-rei, o infante D. Carlos, o almirante de Castella, o conde de Olivares, o marquez del Carpio, o marquez de Castello Rodrigo; na segunda o condestavel D. Francisco de Cordova, o conde de Villamor, o marquez de Alcanizes, o S. de Zucros, D. Gaspar de Teive; na terceira o marquez de Liche, o conde de S. Esfevão, o marquez de Belmonte, D. Luiz de Faro, o conde de Portalegre, D. Diogo Mexia; na quarta o maquez de Camaraça, o conde de Villalua, o conde de Salvaterra, o marquez de Oranhe, o conde de Punhoemnostro, o conde de Navalmoral; na quinta o duque de Ossuna, o conde de Monteialvão, o conde de Maiorga, o duque de Hijar, o conde de Luna, o conde de Lemos; na sexta o marquez de Velada, o duque de Villahermosa, o marquez de Este, o conde de S. Thiago, o princiqe de Esquilaxe, D. Francisco de Erasso; na setima o conde de Ricla, o marquez de Almaçã, o marquez del Valle, o embaixador do imperador, D. Antonio de Moscoso, o conde de Melhorada; na oitava o conde de Fuensalida, o conde de Cantilhana, o duque de

Lerma, o marquez de Tromista, D. Lourenço de Castro, o conde de Monte-rei.

Pela grandeza dos quadrilheiros se deixa ver qual seria o luzimento das quadrilhas. Corridas as carreiras sahiram a mudar de cavallos e a tomar as adargas, guiando el-rei um posto, o marquez de Velada outro, cerrando-os D. Diogo Mexia e o conde de Monte-rei. Acabada a escaramuça sahiram os padrinhos a partir os campos e jogaram as cannas com destreza e sem perigo, e passeiando a praça, se recolheram entre vivas e acclamações.

TRASLADAÇÃO

DE

SANCTA IZABEL

SEXTA RAINHA DE PORTUGAL

LIVRO QUINTO

Quando a Sancta Rainha acabou o real edificio do religioso convento de Sancta Clara, ainda que aquelle portentoso diluvio lhe fez levantar na mesma egreja outra, e transferir para ella miraculosamente a sua sepultura, entendeu-se que a inundação fora prodigio que succedera para executar o intento que tinha, e se julgou que fizera um edificio mais perduravel que o metal, a quem não poderiam roer nem os successivos dentes dos annos, nem beber as tragadoras voracidades das aguas. Porém o que então não imaginou o discurso, se lamentou depois no successo; e andados os tempos o Mondego, que havia duzentos annos que corria muito distante d'aquelle sitio, depois de fazer em ruinas os conventos de Sanct'Anna e S. Francisco, que estavam tão superiores ás correntes, que ambos as viam

tão elevados, que para ellas beijarem os muros do primeiro era necessario subirem mais de trinta degráus, mais de vinte o segundo, depois de se atreverem á segunda ponte, que el-rei D. Manuel mandou fazer no anno de 1513 sobre a primeira que no de 1132 tinha começado el-rei D. Affonso Henriques, sendo as suas areias para aquella cidade o que as do Nilo para o Egypto, onde os peregrinos em instaveis campos correm tormentas de pó, não menos arriscadas do que são no mar undoso as tempestades da agua com estrella não benigna como do céo, mas dura como de uma serra, se atreveu successivamente a este insigne convento, e se o não poz na ultima ruina, fez nelle um lamentavel estrago; de algumas officinas apenas se vêem os vestigios, de outras se não vêem as ruinas, porque as cobriram de lodo as enchentes, de que resultaram ás religiosas ainda maiores damnos do que sustos, porque a todas faltava a commodidade, ás mais a saude. Lastimada d'estes damnos, quiz a piedosa grandeza de el-rei D. Manuel mudar o convento para sitio seguro, para o que impetrou uma bulla do Summo Pontifice Julio II; porém as religiosas, amantes d'aquelles piedosos lares, fiadas nos milagres da Sancta Rainha, desprezando em virtude da fé o perigo, escolheram antes a descommodidade que a mudança.

Como o Mondego não mudou de corrente, não cessou o estrago, e cada inverno se temia a ultima ruina, porque concorrendo as nuvens com os diluvios, os rios com as inundações, os montes com as areias, aquelles campos que no verão viam o Mondego dividido em transparentes fios de christal, de que faziam ludibrio as miudas areias, se cobriam no inverno com uma embravecida innundação, não que banhava chrystallinamente as pedras, mas que abalava espumosamente as montanhas, fazendo-se estendida serpe de undosa furia a que fora serpe enroscada de successiva prata. Como neste tempo tinha levado os edificios e navegavam as embarcações os campos que surcavam os arados, exposto o convento á inundação, era todo o emprego da sua furia. A primeira egreja se reduziu a uma alagoa,

a um charco immundissimo aquelle especiosissimo claustro, aquellas formosas figuras que se banhavam na agua dos amores, onde se ria até a fonte das lagrimas, ou se afogaram em um lago, ou se sepultaram no lodo. As capellas, que dominavam os claustros, se cobriam com as inundações; o refeitorio o perigo lhe fez perder o nso, a ruina a forma, e se se não levantara em si mesmo o edificio, de nenhuma sorte pudera escapar do diluvio, e reduzido a pouco mais que o dormitorio alto, muitas vezes se viu o convento feito pequena ilha. E, se o már oceano cerca a de Sancta Helena, feito oceano o Mondego, esta se podera chamar Sancta Clara. Muitas vezes, saltando o rio a clausura dos muros, se lhe abriam depois as portas para sahirem as inundações; porém, ainda que sahiam furiosas, tambem ficavam nocivas. Muitos dias padeciam fome as religiosas, porque o rio as tinha de cerco, e não se lhes podiam introduzir os soccorros, porque eram invenciveis as aguas; e não se podendo passar á egreja, não ouviam missa, e este era o seu maior sentimento, porque, desprezando as commodidades da vida, só sentiam as desconsolações da alma. Finalmente de sorte perdeu a fórma aquella formosissima fabrica, que, se as pedras fallaram, se pudera perguntar áquelle transfigurado convento pelo edificio antigo; mas se ellas não fallam aos ouvidos, intimam aos olhos que toda a sua formosura, como se fora humana, puzera o tempo em ruina, e que se lhe mudaram as feições, porque as arruinaram as aguas.

Reduzido o convento a este lastimoso estado, as religiosas a manifesto perigo, determinou el-rei D. João IV, de saudosa memoria, pôr em execução o intento que já tivera el-rei D. Manuel de feliz fortuna, mudando o convento para parte onde o não inundasse o rio. E como a ultima ruina se tinha não só por inevitavel, mas por instante, consentiram as religiosas com vontade involuntaria em mudarem de sitio, ainda que algumas, fiadas no milagre, pegadas ao monumento, não queriam deixar o mosteiro, porque não receiavam o perigo. Como o piedoso rei

tractava com fervorosa devoção de que se désse principio a tão sancta obra, mandou escolher sitio, e pareceu que fosse da mesma parte defronte da cidade, em um logar não só eminente ao rio, mas superior na terra, por estar nelle a ermida de Nossa Senhora da Esperanra, cuja denominação já honrava aquelle monte. E como D. Antonio Luiz de Menezes, conde que então era de Cantanhede (a quem suas grandes proezas em serviço da patria fizeram depois marquez de Marialva) fosse um ministro, de quem o prudente conhecimento de el-rei fazia particular confiança para as cousas da paz e da guerra, em que egualmente se servia de sua experimentada capacidade e de seu heroico valor, encommendou-lhe o cuidado d'esta obra, em que a magestade empenhou a magnificencia, e elle acceitou com resignada vontade, porque a sua fidelidade e o seu zelo nunca em serviço da portugueza coroa recusaram o trabalho, muitas vezes o premio.

Encommendou-se a planta do edificio ao padre mestre frei João Turriano, religioso da ordem do glorioso patriarcha S. Bento, lente da cadeira de mathematica da universidade de Coimbra; e empenhando elle o primor da arte nas perfeições da architectura, accrescentou ao mundo na planta uma artificiosa maravilha.

Escolhido o sitio, consignou a grandeza de el-rei seis mil cruzados para o tempo que durasse a obra, e que, acabada ella, ficassem dois de renda para o convento; e não foi maior a consignação, porque as grandes despesas do reino não permittiram que a liberalidade se medisse pelo animo; porém sempre foi liberal a doação, porque a grandeza da dadiva não se mede pelo que se dá, mas pelo que se tem. Os que possuem thesouros e dão milhões, não são mais liberaes que os que dão milhares de cruzados tendo exhaustos os thesouros.

Como el-rei queria que a obra se fizesse com toda a grandeza e apparato, escreveu a Manoel de Saldanha, reitor que então era da universidade (a quem a morte não deixou lograr as mitras de Vizeu e Coimbra, devendo-se

ás suas grandes virtudes as maiores dignidades do reino), que por ordem e despesa sua se havia de fazer o novo convento de Sancta Clara; e porque o estado das cousas lhe não dava logar a ir lançar a primeira pedra no edificio, sendo que o desejava pela particular devoção que tinha de se fazer aquella obra, que o fizesse em seu nome, levando em solemne forma a universidade em corpo de communidade, com o cabido e camara, com a maior decencia que fosse possivel no presente tempo, e que na cidade se fizessem todas as demonstrações de alegria a que podessem chegar os applausos, sem seus vassallos fazerem grandes dispendios. E na pedra fundamental do edificio se pozesse, em lingua latina, uma inscripção, a qual dissesse que elle, que por particular misericordia de Deos era rei de Portugal, em louvor de Nosso Senhor e da Virgem Maria e da Rainha Sancta Izabel mandara fazer aquella obra, e que de tudo que naquella occasião se obrasse se fizesse um acto com quatro notarios, em que se assignassem como testemunhas as principaes pessoas da universidade, cabido e camara, e que se lhe enviasse, para o mandar lançar no real archivo da Torre do Tombo, e ter o contentamento de saber que se tinha dado principio áquella obra.

Recebida a carta, não querendo o reitor da universidade resolver a forma em que se havia de proceder naquelle solemnissimo acto sem maduro conselho, convocou uma juncta de lentes, aos quaes leu a carta, cujas clausulas, pela piedade, zelo, religião, prudencia e benignidade, foram motivos de admirações e louvores, e conferidas todas as circumstancias, resolveram que para aquella solemnidade se escolhesse o dia 3 de julho, pelas notaveis circumstancias que nelle havia, por ser vespera da Rainha Sancta, por cuja contemplação se fazia o convento, e sabbado de Nossa Senhora, a quem sua magestade offerecia aquella sancta obra, e haver sido em similhante dia o de sua felicissima acclamação; e que, junctando-se o auto da primeira pedra ás vesperas da Rainha Sancta, as vesperas da Rainha Sancta

ao auto da primeira pedra, concorrendo as solemnidades umas com outras, seriam mais solemnes as funcções.

Tomada esta resolução mandou o reitor, pelo dr. Antonio Leitão Homem, conego doutoral na sancta sé de Coimbra, e lente de prima de canones da mesma universidade, ao reverendo cabido a carta de el-rei, para que lhe constasse que por sua ordem dispunha aquella funcção, e o desejo que mostrava de que ella se fizesse com todo o apparato, e dizer-lhe que lhe parecia conveniente, para darem á execução o real decreto, que ordenassem uma procissão geral que sahisse da egreja cathedral e fosse á de Sancta Clara, onde estava o corpo da Sancta Rainha, e d'ella ao sitio onde se havia de benzer e lançar a primeira pedra no edificio. Porém o reverendo cabido, ou magoado de el-rei lhe não escrever sobre aquella materia, ou entendendo que na concorrencia d'aquellas communidades se lhe não guardariam as suas preeminencias, mandou, pelo dr. Domingos Ribeiro Cirne, chantre da mesma sé, dizer ao reitor que sem lhe guardarem certas condições não havia de ir na procissão, nem assistir na solemnidade.

Tanto que o reitor teve este desengano, depois de algumas diligencias que fez para o accommodamento, convindo em tudo o nobilissimo senado da camara, por que se não perdesse um dia tão circumstanciado para aquella solemnidade, se resolveu fazel-a sem assistencia do reverendo cabido, e para esse effeito mandou dispor as cousas com todo o apparato; e na sexta-feira pela manhã, que era o da antevespera da Sancta Rainha, foi ao convento de S. Francisco da Ponte, e levando comsigo a communidade do mesmo convento e os mestres da obra, subiram ao monte de Nossa Senhora da Esperança e desenharam o logar em que se havia de lançar a primeira pedra, e a communidade levantou uma alta cruz de páo no sitio onde se havia de erigir o altar-mór da egreja, começando-se a sanctificar aquelle logar religioso com o invencivel signal da nossa redempção.

Na manhã do dia seguinte, em que se contaram 3 de julho da era de 1649, foi o reitor da universidade dizer missa na egreja do antigo mosteiro, que estava armada com toda a riqueza, assistindo-lhe de uma parte o padre mestre frei Antonio do Sepulchro, leitor da sagrada theologia na religião seraphica, e da outra o padre mestre frei Alexandre de Jesus, leitor da mesma faculdade na mesma religião. Foi diacono o dr. frei Philippe de Abreu, religioso da ordem dos eremitães de Sancto Agostinho, lente de prima da sagrada escriptura na universidade; subdiacono o dr. frei Luiz Poinsote, cathedratico de Escoto, religioso e reitor da ordem e collegio da Sanctissima Trindade. Serviram de acolytos dois religiosos do convento de S. Francisco. Prégou o padre mestre Bento de Sequeira, reitor do collegio da companhia de Jesus, religioso de grande auctoridade e doutrina; e quando o sermão não fôra tão erudito, o thema só bastára para o fazer excellente, formando os discursos com admiraveis propriedades nas palavras: *Adducentur Regi Virgines post eam proximae ejus, afferentur tibi*, etc. Cantaram a missa a tres córos, tres córos de seraphins, em tres córos de religiosas seraphicas, e acabado o sacrosancto sacrificio se poz fim naquella manhã áquella religiosa solemnidade.

Na tarde do mesmo dia se ordenou a procissão na egreja do real convento de Sancta Cruz, da congregação dos conegos regulares de Sancto Agostinho, pela congruencia que tinha começar a procissão de uma Rainha Sancta do logar onde está o corpo de el-rei D. Affonso Henriques, o qual, se não está venerado pela egreja, logra insigne fama de sanctidade. Sahiu a procissão ao som dos antigos atabales, festivas charamelas e alegres repiques. Adiante do corpo processional iam as danças e folias, que são mais para a alegria do povo que para o culto da religião. As ruas e janellas estavam tão ricamente armadas que não houve alfaia de preço que não servisse para o ornato. Começou-se a procissão pela real irmandade da Rainha Sancta, no principio da qual ia arvorado o seu guião, e nelle a sua San-

cta Imagem. Seguiam-se os frades terceiros do collegio de S. Pedro; depois os de S. Francisco; logo o pallio, cujas varas levavam seis doutores, acompanhando-o grande numero de irmãos com tochas accesas, e debaixo d'elle, vestido de pontifical, o padre dr. frei Manoel da Ascensão, religioso da ordem de S. Bento e dom abbade do collegio d'aquella universidade, ao depois lente de vespera de theologia da mesma, com o miraculoso bordão da Santa Rainha levantado nas mãos, e detrás do pallio o reitor da universidade e os doutores com borlas e capellos de cada uma das faculdades, e o senado da camara. E nesta forma foi procedendo esta religiosa procissão até ao levantado monte de Nossa Senhora da Esperança, onde estava desenhado o corpo do edificio e alguns alicerces abertos, e no ambito do desenho um altar preparado com toda a decencia, e em uma parte d'elle se poz levantada a cruz dos religiosos franciscanos, na outra a dos terceiros. E posto no altar o dom abbade, usando de baculo e mitra, benzeu, na forma que dispõe o ceremonial romano, a primeira pedra em que havia de principiar o edificio; e lançando o reitor, no logar onde ella havia de ser collocada, duas moedas de ouro e prata em nome de sua magestade, e D. Domingos Antunes Portugal, juiz de fóra que então era da dicta cidade, e depois foi desembargador dos aggravos na casa da supplicação da cidade de Lisboa e do conselho ultramarino, outras dos mesmos metaes de differente valor, com algumas de cobre, em nome da cidade; pegaram na pedra o reitor e o dom abbade, e em nome de Deos e de el-rei a lançaram na parte destinada com a inscripção seguinte:

Joannes IV. D. G. Portug. Rex ad honorem Domini, ac Deiparae gloriosissimae, suaeque Progenitricis Sanctae Elisabeth Reginae obsequium, principem hunc lapidem in redivivi B. Clarae caenobij fundamentum nomine suo per Rectorem Academiae jaci feliciter imperavit. Sab. 3. Julij 1649.

Acabada aquella solemnidade voltou a procissão na mesma

formia a dar graças á Rainha Sancta, e aos pés do seu tumulo, na presença da abbadeça e das mais religiosas, da universidade, camara e povo, se leu em voz alta o auto que se tinha feito, na forma que el-rei tinha mandado, e se assignou pelas pessoas de maior graduação que estavam naquelle congresso, vendo-se nos circumstantes copiosas lagrimas de devoção e gloriosas acclamações do zelo de el-rei. E na noite do mesmo dia foram geraes os repiques, e tão felizes as luminarias que não invejaram as estrellas; porque, se estas são luzentes adornos do céo a favor dos habitadores da terra, aquellas eram resplandecentes astros da terra em culto de uma Rainha que estava no céo.

Como as grandes obras são trabalho de muitos annos, havendo-se lançado a primeira pedra neste edificio em 3 de julho da 1649, não se fizeram, no decurso de vinte e oito annos, mais que algumas pequenas officinas e o dormitorio; e ainda que elle é, em seu genero, a mais formosa obra que ha em Portugal, e quiçá que eguale a todas as da Europa, podera ser trabalho de menos tempo se o não fizera perder a diversão. Edificando-se o novo convento com este vagar, o antigo se arruinava com toda a pressa, porque as enchentes do rio o iam arruinando cada instante, sendo as humidades, senão violentas minas de fogo, lentas minas de agoa, que, se não faziam voar, por partes faziam cahir aquelle sancto baluarte da militante egreja. Passando os caminhantes pela ponte, vendo o antigo edificio cadaver, embryão o novo, temiam que antes de as religiosas renascerem no novo as sepultaria o antigo, porque não só cada inverno, cada dia temiam o ultimo fracasso; e todos entendiam que o que não cahia era porque o sancto corpo da Rainha Sancta, se não á viva força, com miraculosa virtude o sustentava. Porém, como o esperar soberanos milagres no que se pode fazer por meios humanos é ir contra os divinos dictames, tendo o serenissimo principe D. Pedro, regente da portugueza monarchia, noticia certa d'aquelle perigo, procurou que o novo convento se pozesse em estado que nelle, antes das ultimas ruinas, podesse renascer

o antigo nas modernas fabricas, e transferir para elle o corpo de sua avó a Sancta Rainha, assim como tinha transferido para as sepulchraes urnas da magnifica egreja do convento dos eremitães de Sancto Agostinho de Villa Viçosa, as reaes cinzas dos excellentissimos senhores duques de Bragança, seus gloriosos progenitores. E, se a este grande principe o não solicitassem os heroicos renomes, para se fazerem mais imminentes, por esta religiosa acção lhe podia dar a fama o titulo de piedoso, e se nem a mesma fama tem confiança para lh'o dar, é porque elle, por suas heroicas virtudes, o pode adquirir, não sendo dadiva da fama, porque é despojo da sua heroicidade; e é certo quê, tendo elle as virtudes todas, serão tantos os seus renomes quantas são as suas virtudes. E se ao melhor dos romanos imperadores bastou o renome de optimo, bastou para Trajano, porém não basta para o serenissimo principe D. Pedro.

Havendo sua alteza nomeado a D. José de Menezes, seu sumilher de cortina, deputado da mesa da consciencia e do sancto officio, dom prior da insigne collegiada de Guimarães, e ao presente bispo eleito de Miranda, e nomeado do Algarve, para reformador da universidade de Coimbra, e julgando que o seu grande zelo e capacidade se podiam applicar a diversos empregos, sem que a applicação de todos o divertisse da execução de cada um, o encarregou da superintendencia das obras do novo mosteiro, e assistido elle do indefeso trabalho do padre frei Antonio da Porciuncula, religioso da ordem de S. Francisco, commissario das mesmas obras, se poz o convento em altura que se podia fazer a mudança, se não com muita commodidade, com a que bastava naquella occorrencia, em que não era consideravel o maior descommodo. A respeito de se evitar o ultimo perigo, e determinando o reformador ir a Lisboa, onde havia de dar conta á sua alteza do estado do edificio, pediu ao bispo de Coimbra D. frei Alvaro de S. Boaventura (que, sendo illustre filho dos marquezes de Gouveia, foi, por profissão, humilde, mas grande filho do mais eminente pequeno na provincia de Sancto Antonio, que vulgarmente

chamam dos Capuchos) quizesse ir visitar a clausura; e elle o fez com toda a promptidão, nascida de seu activo zelo, e depois de haver feito exame, como pertencia a seu pastoral officio, lhe pareceu que a clausura estava em forma conveniente, e que com toda a brevidade (porque o risco não dava logar ao recurso) se devia tractar da trasladação, porque elle, que era testemunha do damno, desejava de o não ser no perigo.

Chegado o reformador a Lisboa, fez presente por um papel a sua alteza do estado do novo convento, e que era conveniente que sua alteza se servisse de mandar resolver que até 15 de outubro se fizesse a trasladação, porque o antigo, sem evidente milagre, não podia resistir ao futuro inverno; que de presente não havia chegado á sua noticia inteira certeza da forma em que estava o corpo da Sancta Rainha, e só era tradição de algumas religiosas de maior edade que dentro do tumulo de pedra estava em um caixão de madeira, e que no convento havia outro de cristal, em que parecia que se podia fazer a trasladação; e que era de parecer que na casa que havia de servir de egreja no convento novo se fizesse, sobre um altar, uma decente peanha, e se collocasse sobre ella o caixão, com o que se não occupava da pequena egreja alguma parte; que em ficar no coro havia um grande inconveniente, porque estando a porta aberta ficava elle publico, estando fechada diminuiria a devoção. E sua alteza se servisse de mandar avisar aos prelados e aos titulos, que haviam de assistir na trasladação, que se achassem em Coimbra no termo prescripto, e ao commissario das obras para que preparasse o logar em que se havia de collocar o tumulo, e que o provincial da religião de S. Francisco, em tempo conveniente, mudasse para o novo convento as religiosas velhas e indispostas, que não podessem ir na procissão, e todas as mais pessoas que não tinham logar naquelle acto. E que o sargento-mór Mattheus do Couto, engenheiro e architecto das fortificações e obras reaes, devia dispor tudo o que fosse conveniente para a mudança, e sua alteza nomeasse pes-

suas para resolverem as cousas occorrentes, para se fazer com toda a circumspecção e acerto um acto de tanta religião e magestade.

Como sua alteza, por sua piedade, devoção e grandeza, desejava que as religiosas se livrassem d'aquelle perigo, que a trasladação se fizesse com todo o decoro, mandou ver o papel no conselho de estado, para que se lhe representasse o que, para aquella funcção, era conveniente. E como as pessoas de que se compõe aquelle superior congresso são na qualidade as mais illustres, no juizo as mais experimentadas, na religião as mais pias, e todas eram descendentes da Rainha Sancta, pareceu que sua alteza, sendo servido, mandasse avisar ao bispo conde que, como prelado d'aquella diocese, dispozesse todas as cousas que naquelle religioso acto incumbiam a seu pastoral officio, ordenando que se achassem na procissão, em que se havia de levar o sancto corpo, não só todo o clero secular e regular da cidade, mas as religiões que não costumavam ir nas outras, que as religiosas fossem immediatas ao corpo da Sancta Rainha, e se nomeassem oito titulos, e entre elles alguns conselheiros de estado, para pegarem nas oito varas do pallio, debaixo do qual havia de ser levado o cadaver sancto; e outrosim se avisasse a seis bispos que se achassem em Coimbra até 15 de outubro para pegarem no caixão, tirando-o da egreja em que estava, e introduzindo-o na para que se transferia, e que na distancia intermedia da porta de uma egreja até á outra o levassem, alternando-se, as dignidades e capitulares da sancta sé de Coimbra, indo detrás do pallio, vestido de pontifical, o bispo da mesma cidade, e logo a universidade com o senado da camara, na forma que concorreram quando se lançou a primeira pedra no edificio, e que no outro dia da trasladação, em que toda a festa havia de ser da Rainha Sancta, fizesse pontifical o mesmo bispo, e prégasse o do Porto, que parecia preciso ir o secretario de estado, pelas occorrencias que podia haver naquella occasião. Que as despesas se deviam fazer por conta da real fazenda, e ir logo a Coimbra

o sargento-mór Mattheus do Couto, para que, na casa que no novo convento havia de servir de egreja, preparasse o logar onde se havia de collocar a Sancta Rainha, em forma que ficasse com toda a decencia. E que parecia que fosse em um altar mettido na parede, defronte da grade do coro, porque assim o viam as religiosas e os romeiros, sem que se embaraçasse a pequena egreja, e que as cousas politicas se resolveriam pelos conselheiros de estado, as ecclesiasticas pelos prelados que fossem áquella funcção.

Visto por sua alteza este prudente assento, como a real indifferença de seu animo, consulta não para que lhe aprovem o real dictame, mas para se informar do alheio arbitrio, mandou escrever a D. Diogo de Lima, setimo visconde de Villa Nova de Cerveira, do conselho de estado, estribeiro-mór que foi de el-rei D. Affonso, e governador das armas da provincia de entre Douro e Minho, e presidente da juncta de commercio; a Henrique de Sousa Tavares da Silva, terceiro conde de Miranda, primeiro marquez de Arronches, governador da relação e armas da cidade do Porto, do conselho de estado, embaixador extraordinario que foi ás Provincias Unidas, á corte catholica, e a sua magestade britannica; a D. Antonio Luiz de Sousa, terceiro conde do Prado, segundo marquez das minas, mestre de campo general da provincia de entre Douro e Minho; a D. José Luiz de Lencastre, terceiro conde de Figueiró, commendador-maior da ordem de Aviz, e da juncta dos tres estados; a D. Vasco Lobo da Silveira, oitavo barão de Alvito, terceiro conde de Oriola; a Garcia de Mello de Torres, segundo conde da Ponte; a D. Julianes da Costa, segundo conde de Soure; a João da Silva Tello, terceiro conde de Aveiras; a D. Fernando Pereira Forjaz Pimentel, setimo conde da Feira; a D. João Mascarenhas, quarto conde de Sancta Cruz, todos do conselho, e a Antonio Rosendo de Sousa, filho do marquez de Arronches, declarando-se a cada um a occupação que haviam de ter naquelle acto. E todos receberam o aviso com grande contentamento, não só por obedecerem ao amado principe que os man-

dava, mas por servirem a Sancta Rainha, de cujo real sangue descendiam, não só por uma mas por muitas vias, pois cada qual d'elles era ou undecimo, ou duodecimo, ou seu decimo terceiro neto muitas vezes.

Na conformidade do mesmo assento mandou sua alteza escrever aos bispos de Coimbra D. frei Alvaro de S. Boaventura, ao de Lamego D. frei Luiz da Silva, ao de Vizeu D. João de Mello, ao do Porto D. Fernando Correia de Lacerda, ao de Targa D. frei Bernardino de Sancto Antonio, ao de Pernambuco D. Estevão Brioso de Figueiredo, ao de Miranda, ao presente eleito de Leiria, D. frei José de Lencastro, que, achando-se o convento de Sancta Clara de Coimbra com a necessaria clausura e commodidade para se recolherem nelle as religiosas do antigo mosteiro, cuja ruina se podia temer com as enchentes do Mondego naquelle inverno, fôra servido resolver se fizesse a mudança do corpo da Rainha Sancta Izabel por todo o mez de outubro. E porque para a decencia e auctoridade d'aquelle acto julgara que era precisamente necessario assistissem nelle alguns prelados, escolhera a pessoa de cada um para se acharem em Coimbra até 15 do dicto mez, porque naquelle termo haviam de estar na mesma cidade alguns conselheiros de estado e titulos, que mandava para aquelle effeito, e o secretario de estado para o que fosse necessario dispor-se naquella occasião; e que esperava da devoção e zelo que cada um tinha de o servir tomasse aquelle trabalho, porque lhe daria particular contentamento. Quasi no mesmo teor se mandou escrever ao reformador da universidade, ao claustro pleno, em cartas separadas, ao senado da camara, ao padre mestre frei João da Madre de Deos, lente jubilado, examinador das ordens militares, qualificador do sancto officio, prégador de sua alteza, provincial da religião seraphica dos frades menores da provincia de Portugal, ordenando a Francisco Correia de Lacerda seu mestre, do seu conselho, seu secretario de estado e commissario geral da bulla da sancta cruzada, que fosse áquella funcção, e ao sargento-mór Mattheus do Couto que

partisse logo para a dicta cidade dispor as fabricas, que em uma e outra egreja fossem convenientes para a abertura do sepulchro, trasladação e collocação do sancto corpo, e em sua companhia o guarda da real tapeçaria, com tudo o que fosse necessario para se armar uma e outra egreja, e seis reposteiros para assistirem em todas as funcções, nas quaes se havia de guardar a forma que se observa na real capella.

Nesta occasião se leu a sua alteza o auto que se fez quando se abriu o tumulo para se examinar a incorrupção do sancto corpo, e elle o ouviu com devoção tão compungida, que, se se lhe não viram as lagrimas nos olhos, se lhe viam os affectos da compuncção no rosto, e empenhando em todas as alfaias que haviam de servir á Sancta Rainha, não só a magnificencia, mas a escolha, mandou vir tudo o de que ellas haviam de constar á sua presença, e tudo escolheu com tanto acerto, que levando a obra a admiração, a eleição foi maravilha, a nimiedade grandeza.

Neste tempo intermedio adoeceu Pedro Sanchez Farinha, do conselho de sua alteza, seu secretario das mercês e expediente, e como os secretarios das mercês e estado se substituem um ao outro, um ficou impedido, outro occupado, e nomeou sua alteza para aquella funcção a Roque Monteiro Paim, seu secretario do seu conselho, e juiz da inconfidencia, o qual, podendo attribuir esta eleição á inculca da sua capacidade, a attribuiu a premio de sua devoção.

Divulgada por todo o reino a certeza de que se fazia a trasladação, começaram a concorrer de todas as cidades, villas e logares do reino, para a côrte da Sancta Rainha, não só os que iam por preceito, mas os que iam por devoção; e se frequentavam os caminhos de sorte, que mais pareciam ruas do que estradas, com tão universal alegria, que se julgava que as festas d'aquella solemnidade tinham principio, não só em Coimbra, onde ella se havia de fazer, mas em toda a parte por onde corriam a lhe assistir. Como a devoção de uns julgou que era tardança tudo

o que não era antecipação, a pontualidade de alguns, que se não necessitava de antecipação, não havendo tardança, a noticia de outros que ainda que não chegassem no dia prescripto, não fariam falta naquelle acto, porque as preparações da pompa pediam maiores dilações do tempo; foram os prelados e os titulos entrando na cidade successivamente, e mutuamente se alegravam uns com a vista dos outros; os que estavam iam esperar os que vinham, os que vinham se alegravam com os que estavam; os moradores experimentaram, que então tinha a cidade melhores sahidas, porque sahiam a ellos a ver os que faziam as entradas, com o que todas as portas estavam assistidas, todas lustrosas nas ruas, se os officiaes não fechavam as tendas, cessavam das communs fadigas, porque, se, desconhecendo o concurso, os suspendia o espanto; e finalmente aos vinte de outubro estava aquella sempre nobilissima cidade mais condecorada, porque nella se achavam tantos prelados e titulos, e muita nobreza do reino, todos com a decencia competente á sua dignidade e luzimento decente á sua grandeza, e ainda que esta côrte, por muitas circumstancias era grande, era pequena para uma Sancta Rainha; porém, se para ella podia haver lisonja, era diminuir-se-lhe a grandeza, porque os principes sanctos, na maior soberania professam a maior humildade; e quando Abrahão falla com a magestade divina, porque o não eleve a practica, elle mesmo confessa que é cinza.

Tanto que o secretario Roque Monteiro Paim chegou a Coimbra, começou a dispor com todo o cuidado tudo o que lhe pareceu conveniente para desempenhar o real animo de sua alteza; e porque a egreja do antigo convento estava já armada com todo o lustre, e riqueza a que podia chegar o dispendio e decóro d'aquella cidade, mandou despir as sagradas paredes, porque naquelles dias de festa da Sancta Rainha, se vestissem das reaes galas, para o que sua alteza mandou abrir os reaes thesouros da serenissima casa de Bragança; quando os moradores e as pessoas que tinham concorrido áquella cidade, viram que se desarmava

a egreja, entenderam que, ou se não fazia, ou se dilatava a trasladação, e algumas se tornaram a recolher; porém, sabendo que o desarmar-se o templo era para que fosse maior o ornato, os que se ausentaram com engano, tornaram a retroceder com a certeza, entendendo que, sendo a mesma a devoção, teria mais que admirar a curiosidade.

Armou-se o corpo da egreja, onde estava o tumulo da Sancta Rainha, de télas de ouro encarnadas e brancas com tão vivas côres, que parecia vivo o branco, vivente o encarnado, apurando-se o ouro para servir naquelle apparato com maior luzimento; cobriram-se os arcos das naves com almofadas bordadas do mesmo metal, uma azul, outra verde, outra encarnada, entresachando-se entre ellas lustrosissimos volantes, com o que cada uma parecia um espelho de ouro com molduras de prata, onde se via a grandeza, e se admirava a curiosidade; toldou-se o tecto de brocados ricos, que se dividiram em paineis formosos, em que a arte tinha, se não pintado, tecido flores de ouro, se não suaves ao olfato, admiraveis á vista, onde se podiam equivocar para as libarem as argūmentosas abelhas, como se equivocaram as figuradas aves, para comerem as pintadas fructas, ficando tão formoso aquelle templo, que quando o logar e a fórma asseguravam que era o mesmo, a riqueza e a elegancia diziam que era diverso, e que a magnificencia de sua alteza construira á Sancta Rainha uma egreja, senão parte de prata e parte de ouro, cozida em ouro e bastecida em prata.

Poz-se na porta da egreja uma tarja com as armas de Portugal e Aragão, e defronte da mesma se derribaram parte das grades da baranda que lhe está contigua, e d'aquelle logar se lançou uma larga escada até o pateo, para que por ella se podesse descer com facilidade, quando se fizesse a trasladação do sancto corpo; e ainda que a Sancta Rainha levou pelas escadas da baranda o tumulo á egreja com o milagroso bordão, porque para o levarem a ella não tinha poder a força, industria a arte, agora que a arte e a força podiam levar o sancto corpo, não se tendo des-

confiança da maravilha, se usou com razão da industria, porque esperar os divinos milagres, é para quando se não pode usar dos meios humanos. O Senhor que resuscitou a filha de Jairo da morte, disse aos paes que lhe alimentassem a vida.

Na porta da egreja, em que se havia de collocar o sancto corpo, se poz outra tarja com as mesmas armas, e era naquella tão pequena, que impossibilitava a grandeza, mas nella fez a mesma grandeza impossiveis, a arte maravilhas; e se é maravilha da arte obrarem-se em breves espaços grandes historias, estando o primor do artifice na pequenhez do artefacto, naquella pequena capella accommodou a arte a maior grandeza. Levantou-se o altar-mór em proporção symetrica, e juncto d'elle a um lado da parede a grade e coro das religiosas, e defronte outro altar em que sem se occupar a egreja, se havia de collocar o sagrado deposito. Cobriu-se o tecto de volantes de prata com tal arte, que no mesmo tempo parecia que voava a seda em luzidas esquadras de diversas côres, em que como em esquadrões serviam os volantes naquella militante egreja, em que em breve tempo se havia de ver a magestade mais inteira victoriosa da corrupção humana. Vestiram-se as paredes peregrinamente, contribuindo a China a Portugal os mais ricos pannos da seda azul e de luzente ouro, que sahindo pelas douradas portas do oriente, entraram pelas barras prateadas do Tejo, para illustrarem as floridas margens do Mondego, com o que, vestindo-se a egreja de azul e ouro, foi de ouro e de azul da sua gala não invejando o azul o céo, e tendo o ouro presumpções de sol.

No dia de vinte e um de outubro chamou o secretario Roque Monteiro Paim á livraria do real convento de Sancta Cruz de Coimbra (como trazia na sua instrucção) aos dous conselheiros de estado, e lhe propoz as determinações que se haviam tomado na côrte, porque se remettiam a seu arbitrio, segundo pedisse o logar e o tempo, e tambem algumas cousas que occorreram, sobre que se havia de tomar resolução. E lhes pareceu que não havia que alterar

cousa alguma, excepto o logar que as religiosas haviam de ter, quando o sancto corpo se trasladasse, e que julgavam ser conveniente ao seu decóro irem entre o cabido, e que assim juncto do pallio haviam de ir algumas dignidades, logo a communidade das religiosas, e diante d'ella os mais capitulares com a cruz da cathedral; que para se fazer a trasladação, devia preceder a tudo, examinar se o cofre de cristal, que havia dado o bispo D. Affonso de Castello Branco, era capaz de o poderem levar os prelados aos hombros, e abrir-se o tumulo, para se ver se o caixão em que estava o sancto corpo se podia metter em outro, para ser transferido, e que a este acto, que se havia de fazer na presença dos bispos, era razão que tambem assistissem os titulos que sua alteza mandara convocar para a trasladação, o provincial da religião de S. Francisco, o confessor das religiosas e o guardião do convento de S. Francisco da ponte, que se escusavam as companhias da ordenação, para fazerem alas á procissão, porque, alem de que a distancia era tão pouca de nma a outra egreja, que não havia logar para se pôrem em ordem, bastavam os ministros da justiça para socegarem as inquietações que podia haver no concurso; e que, visto se achar no testamento da Sancta Rainha, que então se leu, que ella ordenava que na mesma egreja onde estivesse sepultada se sepultasse tambem a infanta D. Izabel sua neta, lhes parecia que na noite do dia em que se fizesse a festa da trasladação, se mettessem os ossos em um caixão rico, e o levassem os conselheiros de estado, acompanhando-o os bispos e titulares, que se achavam presentes, com os religiosos de S. Francisco e o collocassem no logar do novo convento, que parecesse mais conveniente para o desembaraço e para o decóro, e que assim a disposição da Sancta Rainha, como aquelle voto, se fizesse presente a sua alteza para deliberar o que lhe parecesse mais decoroso para seu real serviço.

Communicaram-se aos prelados as cousas que lhe incumbiam, e todos se offereceram, excepto o bispo do Porto,

que sempre entendeu que não poderia a sua debilidade o que desejava a sua devoção, a levar o sancto corpo de uma egreja até outra, ajudando os conegos e dignidades das suas sés, que alli se achavam presentes; porém não se seguiu este arbitrio, e foram os provinciaes das religiões que se achavam naquella cidade os coadjutores naquelle acto, e cada qual, assim como era prelado da sua, é digno de o ser de uma diocese; mas, se não tem ainda a seus hombros a carga que é formidavel aos dos anjos, ajudaram a levar a seus hombros aquelle sancto corpo, cuja alma está gloriosa entre os bemaventurados; e é muito mais estimavel este que aquelle peso, porque este foi cheio de allivios, aquelle o é de trabalhos, principalmente aos que desejam satisfazer a seus encargos, porque, quando parece que tomam algum descanço, vivem sem algum socego. O perguntar Deos a Elias o que dentro na cova fazia mostra que Elias nem dentro da cova descançava.

Como se assentou que a primeira diligencia que se havia de fazer era examinar-se se o cofre precioso, que tinha dado o bispo D. Affonso de Castello Branco, era capaz de se levar aos hombros, e era razão que os mesmos que haviam de levar o peso fizessem o exame, não havendo commodidade para então o poderem tirar do coro onde estava, foi o bispo conde e alguns prelados, o provincial da religião de S. Francisco, o guardião do convento de S. Francisco da ponte e o confessor das religiosas dentro da clausura ver se era supportavel o peso, e pegando-se nelle, confirmou a experiencia o que já se presumia pela vista. Tomado o desengano se voltaram todos, testemunhando de passagem as interiores ruinas d'aquelle já cahido convento, os nocivos lagos, que nelle tinha enclaustrados o rio, entendendo que era milagre durar a vida muitos annos em sitio onde se não podia viver instantes. Que, como a vida se conserva com a respiração, inficionando-se o alento, bastava para matar o olfacto, em razão do que se persuadiu a piedade que, se o olfacto não inficionava o alento, era em virtude da suave fragrancia que exhalava a religiosa

virtude, com o que creu a piedade, que as que viviam como açucenas escaparam por maravilhas.

Averiguado que no caixão precioso se não podia fazer a trasladação, se determinou abrir o túmulo, para se ver o estado em que estava o ataúde em que jazia o sancto corpo, e pareceu que a este exame, alem dos prelados, titulos e religiosos referidos, se chamasse o reformador da universidade, algumas dignidades e um notario para dar fé de tudo o que succedesse naquelle acto, e para elle se destinou a tarde do dia de vinte e tres de outubro. Chegada ella foram as pessoas determinadas para a egreja, excepto o reformador que não assistiu por impossibilitado; e depois de entrarem as pessoas que haviam de remover a pedra, fechadas as portas, chegando ao tumulo, tiraram o marquez de Arronches e o visconde de Villa Nova de Cerveira, um panno de brocado rico, com que estava coberto, e como a pedra que se havia de remover era mui grande, estava abitumada de sorte, que parecia ser de uma só todo o tumulo. Trabalhou a industria e arte quasi toda a tarde inteira para remover parte d'ella, e a dilação a fez parecer mais pesada, pelo que differiu o logro do desejo que cada um tinha de ver aquelle thesouro escondido; e tanto que se desuniu, levantando-se com alavancas de uma e outra parte, se lhe metteram os rodilhões para correr com facilidade, sem embargo da grandeza e do peso; e feita esta diligencia pelos artifices antes que aquella cortina de pedra, como se fosse de seda, se corresse para ver, se não a magestade defuncta, a caixa onde estava defuncta a magestade, tão inteira como se estivesse viva, estando o bispo conde na cabeceira e os bispos por sua ordem, ao redor do tumulo, os titulos com tochas accesas nas mãos, o secretario Roque Monteiro Paim, o provincial da religião de S. Francisco, o guardião do convento de S. Francisco da ponte, o confessor das religiosas, o doutor Antonio Monteiro Paim, deão da sé de Coimbra, o doutor Jeronymo Ribeiro de Carvalho, chantre da mesma cathedral, conductario de theologia na mesma universidade, o doutor Ma-

nuel de Espinola de Vasconcellos, mestre eschola da mesma sé e um notario, se começou a remover a pedra da parte da cabeça para os pés, e como aquella vistoria não era para tirar o sancto corpo, mas só para se ver o estado do caixão, e se havia de tornar a fechar o tumulo, não se correu mais que até o meio. Estavam todos os circumstantes com devoto alvoroço, com reverente respeito, sem supersticioso temor, attentos ao que se descobria; e tanto que a abertura deu logar á vista, se viu o panno de veludo carmesi, que se havia lançado sobre o caixão quando se abriu a primeira vez o tumulo, para se examinar a miraculosa incorruptibilidade do sancto corpo, e testemunhando a vista de todos que estava inteiro, o olfato de muitos tambem affirmou que estava cheiroso. Tirado o panno pelo bispo conde se descubriu o caixão, que todos admiraram com ternura e não sem pranto, chorando não sobre o cadaver lagrimas de saudade, mas lagrimas de compuncção nas considerações de que alli estava aquelle sancto corpo. Pela parte por onde o caixão estava descoberto se via apartado do tumulo de sorte, que bem se podia metter com facilidade entre um e outro uma mão travessa, e pondo-lh'a os circumstantes para o beijarem em razão do contacto, se achou que tinha em si um secco musgo, que se julgou ser do couro com que fora coberto, que o tempo tinha reduzido áquelle estado; estimou a devoção aquelle successo, e como estava anciosa de reliquias, começou a recolher aquelles despojos, julgando que aquelles pós seriam, assim como para a veneração os mais estimados, para as enfermidades os mais salutiferos; achou-se logo dentro do mesmo tumulo um tinteiro, que devia ficar por acaso, ou com a pressa, quando, para se obviar o impeto da devoção, se fechou o tumulo, para que se não rompessem as portas na occasião da primeira vistoria; e affirma-se que duas mosquetas tão frescas, que mais pareciam colhidas, do que achadas, porque parece que a Sancta Rainha quiz na morte fazer milagres nas mosquetas, assim como os fizera na vida nas rosas, mostrando que o balsamo de sua

incorrupção preservava não só as mortalhas com que se vestia, mas ainda as flores de que se cercava; e pois estas floresceram tantos annos, mais se podem chamar maravilhas perpetuas, que mosquetas caducas. Junctamente se viram muitas pennas, que parece serviram em algum travesseiro, em que no eterno somno reclinava a cabeça a Sancta Rainha, e voando as pennas como vivas, alguns as colheram logo como glorias, ainda que ligeiras, constantes, e espalhando-se outras pela egreja, as guardaram algumas pessoas, a quem não chegaram outras reliquias, querendo a Sancta Rainha repartir com o povo alguma parte d'aquelle thesouro, porque a sua benificencia nunca se limitou aos grandes, sempre se estendeu aos pequenos, e cortando ás pennas do sentimento as azas, deu azas áquellas pennas, para que ninguem ficasse com sentimento.

Feito o exame, cobrindo-se outra vez o caixão com o mesmo panno, se tornou a cerrar o tumulo, ficando nelle os corações dos circumstantes por affecto, porque, como se assiste mais onde se ama que onde se anima, se o coração de cada um animava o proprio peito por que vivia, cada um o tinha no sepulchro sancto, pelo que amava. Se nos thesouros da avareza está o coração onde está o thesouro, neste da sanctidade estava o coração onde o thesouro estava.

Ouvidos os architectos, e dizendo pela noticia da arte que de nenhuma sorte se podia tirar o sancto corpo do tumulo dentro do caixão em que estava mettido, se resolveu que se fizesse outro digno de se honrar com tão sagrado deposito, para que, tirando-se o cadaver sancto do antigo, fosse mettido no em que havia de ser trasladado, e se preparassem todas as cousas de que se necessitava para aquelle acto se fazer com maior decoro. Como todas essas preparações estavam fiadas ao cuidado do secretario Roque Monteiro Paim, dando as medidas o sargento-mór Mattheus do Couto, mandou o secretario fazer um caixão de tela encarnada com flores de ouro, forrado de outra com as mesmas flores e semelhante côr, com pregos, ferragens, fe-

chaduras exquisitamente artificiosas, luzidamente douradas, coberto em partes com proporção lustrosa de passamanes de ouro, e occupara a admiração de quem o via, se não preoccupara a admiração do que se destinava. Preparou-se juncto, e quasi na altura do tumulo uma tarima cuberta de um panno de brocado de tresaltos de ouro, com franjas e borlas da mesma materia, tão rico que mais era o ouro que se teceu na seda, do que a seda que se teceu no ouro, e tão feliz, que sendo antigo na serenissima casa de Bragança, se estriou em obsequio da Sancta Rainha. Sobre esta tarima se poz um colchão de tela de jasmim franjado de ouro da mesma peça e da mesma sorte da do forro do caixão, e se cobriu com um panno de tela com a mesma franja irmã na tea e na fortuna da com que o caixão estava coberto. Á ilharga d'esta tarima, sahindo mais para a parte da egreja, defronte da grade do coro se fez um altar ornado com toda a decencia, e nelle se poz um andor todo forrado de tela irmã da do caixão, guarnecido de passamanes de ouro, pregos de prata com os encontros e machafemeas dos varaes de prata sobre dourada, para nelle se pôr o caixão depois de se tirar do tumulo, e se collocar na tarima, e se metter nelle o sancto corpo para d'ahi se collocar no altar-mór da egreja. E porque o tumulo de pedra era mui alto, se fez um tablado para subirem a elle os prelados em ordem a se tirar o sancto cadaver, e porque elle não podia ser tirado sem vir suspenso, se fizeram para este effeito tres toalhas de tafetá carmesi, lustrosamente guarnecidas, para que, mettendo-se por uma parte por baixo do miraculoso corpo, e puxando-se, e estendendo-se quanto fosse possivel pela outra, o tirassem os seis bispos até se pôr na tarima. E todas estas cousas se obraram com tanta promptidão, que, quando se não attribua a brevidade a milagre da Sancta Rainha, é certo que foi maravilha da diligencia. E se de Trajano se disse que parece que mais fazia nascer do que construir os edificios, estas obras mais parece que nasceram do que se fabricaram.

Dispostas as preparações com esta promptidão e acerto, se destinou a tarde de quarta feira, 20 de outubro, para se tornar a abrir o tumulo, e se tirar d'elle o sancto corpo. Chegado aquelle feliz dia, amanheceu no pateo do convento o concurso da gente, tomando logar, se não para ver o prodigio, para ouvir o successo, pois naquelle dia por força se havia de saber o estado em que estava o sancto cadaver, porque quando se descobrisse que era ponto controvertido pelo decoro e pela devoção, se estivesse inteiro, saber-se-ia a vulto, se resoluto, logo o mostraria o involtorio. E na tarde destinada era tão grande a multidão da gente na ponte, por onde as pessoas chamadas para aquelle acto haviam de ir, que a multidão fazia parar os mesmos que desejavam correr, e nas portas da egreja era tanto o aperto, que ainda aquelles a quem ellas se abriam, com difficuldade entravam. Bem entendiam os que não eram convocados que não haviam de ser admittidos, mas enganando a cada um a sua propria vontade, não perdiam de todo a esperança, entendendo que os podia introduzir a tanto logro, ou a dissimulação, ou o descuido, e os que se desesperavam de ver, se contentavam com o procurar, julgando que, se por algum resquicio vissem a luz ou a sombra d'aquelle sol, sahindo no occidente do tumulo para ser inveja do sol que no oriente se levanta do berço, bastava a sombra para que ficassem esclarecidos, sobrava a luz para que ficassem illustrados.

Como naquelle acto se havia de mudar o sancto corpo, pareceu que para se elle fazer com todo o apparato que pedia a magestade, com o decoro que convinha á religião, com a legalidade que requeria o direito, alem das pessoas que assistiram quando o tumulo se abriu a primeira vez, era necessario chamarem-se mais alguns capitulares e pessoas dignas, os lentes da medicina e cirurgia, e dois notarios para darem fé nos autos que se haviam de fazer publicos; e depois de estarem na egreja os prelados, conselheiros de estado, titulos, Antonio Rosendo de Sousa, que que sua alteza chamou para aquella funcção, o reformador

da universidade, Pedro de Ataide de Castro, conego da sé de Lisboa, inquisidor mais antigo da inquisição de Coimbra, o deão, chantre e mestre eschola da sancta sé da mesma cidade, o dr. Diogo de Andrade Leitão collegial do collegio de S. Pedro, e desembargador dos aggravos na casa da Supplicação de Lisboa, conego na mesma sé, lente de Digesto na universidade, os drs. Antonio Mourão Toscano e Antonio Mendes, o primeiro lente de prima, o segundo de vespera de medicina, o conego Miguel dos Rios, e o padre Domingos Gameiro, mestre das ceremonias, ambos notarios, os ministros da justiça para defenderem as portas, o sargento-mór Mattheus do Couto, por cuja industria corria a disposição das fabricas, os reposteiros, porteiros e officiaes, se vestiu o bispo conde de pontifical com mitra rica, e se poz á cabeceira do tumulo, e aos lados d'elle o bispo de Lamego, defronte o de Vizeu, da outra o do Porto, defronte o de Targa, logo o de Pernambuco, defronte o de Miranda, e ao redor os titulos com tochas accesas nas mãos para que naquelle acto servissem os astros illustrissimos do reino de terem as felizes estrellas que haviam de servir naquella noite no céo d'aquella egreja. Removida a pedra com maior facilidade que no primeiro dia, se começaram a commover os corações de ternura, porque estava proximo o logro de se descobrir o sancto involtorio. Tirado pelo bispo conde o panno de veludo que côbria o caixão, se viu que elle para a parte dos pés era mais pequeno que o tumulo consideravel espaço, e que nelle podiam caber duas pessoas, do que até então se não tinha noticia, porque se não correra de todo a pedra, e logo se entendeu que aquelle logar o daria, para se tirar com mais facilidade o sancto corpo, e apalpando-se o caixão, se achou que as taboas estavam unidas, mas despregadas, ou porque ficaram naquella fórma, quando se fez a primeira vistoria, para a canonisação, ou porque o tempo, que perdoou ao páo consumiu o ferro, ou porque a Sancta Rainha quiz que se visse e se publicasse a incorrupção e inteireza de seu sancto corpo. Tiraram os bispos a taboa superior

que cobria o involtorio, e o bispo conde a entregou ao secretario Roque Monteiro Paim; e tirada ella se viu sã e inteira a colcha branca que estava contigua á taboa, e logo se conheceu pelo vulto que o sancto corpo estava inteiro, porque se o tempo o reduzira a cinzas não perdoara ás mortalhas. E querendo todos aproveitar-se do sancto contacto, foram os circumstantes dando aos bispos as contas para as tocarem na colcha, e como desejassem que não só as suas pessoas, mas aquellas com quem pelo amor e parentesco estavam ligadas lograssem aquella ventura, mandaram buscar á cidade, que tocar nos sanctos involtorios, e não ficaram nas tendas contas que não viessem a ser das maiores riquezas, nem fitas que se não fizessem medidas, logrando no contacto e na estatura da Sancta Rainha em limitado comprimento a mais immensa felicidade. Nesta devota occupação gastou a piedade algum tempo, e não se sentia o que passava, porque o espanto se tinha elevado a suspensão, e conhecendo os circumstantes no portentoso vulto que o sancto corpo estava inteiro, veneravam inteiro o corpo da original imagem no vulto. E se os magistrados da Babylonia admiraram que o fogo não tivesse poder para queimar os mancebos que se metteram na ardente fornalha, os que assistiram áquella funcção admiraram que o tempo não tivesse força para gastar o corpo que havia tantos seculos que estava na sepultura; e não teve o fogo incendios, forças o tempo, para consumirem os corpos, porque os anjos preservaram o da defuncta na sepultura, os dos vivos na fornalha.

Para que fosse mais exacto o exame da inteireza do sancto corpo o apalparam os bispos por cima da colcha, com reverente recato, o mesmo fizeram os lentes da medicina e cirurgia; e todos affirmaram que o que mostrava o vulto certificava o tacto, com o que foi maior a devoção e a alegria, tiraram os bispos as quatro tâboas que estavam nos dois lados, na cabeceira e nos pés, e se entregaram como a primeira, e na mesma fórma em que estavam, procuráram metter por baixo do sancto Corpo toalhas de tafetá carmesi,

prevenidas para esse effeito para o tirarem nellas suspenso, o que se lhe difficultou, porque o sancto cadaver com o licor suavemente liquido que emanara miraculosamente cheiroso quando veiu de Estremoz para a sepultura, estava pegado á táboa inferior de maneira qué difficultava a separação. Reconhecida a difficuldade, levado o bispo de Vizeu de sua fervorosa devoção descalçou os sapatos, tirou a murça e o mantelete, ou para despir o embaraço, ou para se desafogar do fervor, entrou no tumulo, o mesmo fez com as vestes de seu episcopal habito o bispo de Targa, e com a diligencia de todos se metteram as toalhas por uma parte, e se tiraram pela outra, de sorte que ficou sobre todas o sancto cadaver, e se accommodaram em fórma que elle se podesse sopesar sem cahir, nem descompor; aqui foi maior a difficuldade, porque, querendo os bispos levantar as estendidas toalhas, se o vulto o tinha mostrado aos olhos, o tacto ás mãos, o peso affirmou aos braços que permanecia inteiro; e pela experiencia conheceram que segundo a posição em que estavam, era impossivel ás suas forças tiral-o desde o tumulo até á tarima. O que, vendo os circumstantes que lhe estavam mais proximos, levados do devoto impulso, antecipando-se o fervor ao rogo os ajudaram em tão ditoso trabalho, e puchando uns pelas toalhas, mettendo outros por baixo as mãos ajudando a sustentar o sancto corpo, deixou elle saudosa a pedra, em cujas entranhas esteve tantos annos, e fez ditosa a tarima em cujas telas esteve alguns espaços. Tanto que se collocou naquelle logar, deram todos graças a Deos e á Sancta Rainha de se haver vencido sem algum damno, e com todo o decoro, tão perigosa difficuldade; e tiveram toda a acção por lograda, porque, tirado o sancto Corpo do antigo tumulo, se não representava inconveniente, porque não fosse transferido ao convento novo, porém ainda havia muito que vencer, muito que admirar, e sendo a admiração de nossa vista, a victoria havia de ser de cadaver sancto, mostrando aos olhos de todos que não só tinha inteirezas de incorrupto, mas acções de vivo.

Lograda esta acção tão desejada e tão difficultosa, se entregou a táboa inferior na mesma fórma que as outras, e se deixou estar algum tempo sobre a tarima o sancto corpo, porque os circumstantes para o admirarem se dilatavam em o esconderem. E como fóra do tumulo estava mais prompto para as demonstrações da veneração, todos beijaram e pozeram nos olhos a colcha que havia servido na cama do ataude, onde a morte era somno, e desejavam mettel-a nos corações, por terem parte naquelles despojos, que, sendo victoriosos do tempo, queriam que fossem despojados pela sua devoção. Se até alli esteve reverente o desejo, o respeito timido, então a ambição devota fez o fervor temerario, não só pretendendo despedaçar a colcha, mas tomar mais contigua reliquia, e não podendo as forças rasgar o panno, remetteram ás violencias do ferro; porém estes piedosos furtos que se fizeram na colcha foram em partes, e sempre com ella ficou coberto o sagrado involtorio, e não se aproveitaram todos d'esta occasião, porque, se a devoção animosa ficou enriquecida do despojo, o fervor reverente ficou enriquecido de desejos, com que foi mais util a animosidade que a reverencia, se é que a reverencia cedeu a animosidade, porém tudo se desculpou no affecto, tudo se purificou com o fervor, e os que impediam os desculpaveis latrocinios, recebiam edificação do mesmo que tinham escandalo, porque o roubo era para impedir, o affecto para edificar, que as acções moraes, a diversos respeitos, podem ter visos mui diversos. Se as desculpas de Sephora e Phua deram ao novo rei dos egypcios não foram dignas de louvores, as piedades que usaram com os filhos dos hebreus sempre serão dignas de elogios.

Tornaram os prelados a pegar nas toalhas para transferirem o sancto corpo da tarima para o caixão que estava no altar com a maior promptidão, porque o sitio deu logar ao desembaraço; mas, sendo grande a difficuldade de o tirarem do tumulo de pedra, foi muito maior a de o collocarem no tumulo de tela. Ia o sancto corpo coberto com a mesma colcha em que estava, porque a piedosa cu-

riosidade, ainda que desejava furtar todos os despojos, cortando-a só pelas extremidades para a desfiar em reliquias, bastou para cobrir as mortalhas, e indo para se introduzir no caixão, se viu que elle era menor que o involtorio, com o que, mettendo-se dentro pela parte dos pés, ficou de fóra pela parte da cabeça, e assim esteve algum tempo, não sem desconsolação e susto. O bispo do Porto entendeu que se não podia introduzir o miraculoso cadaver sem violencia, e indeciso do remedio, não desconfiado da maravilha, se retirou por um breve espaço, e neste tempo se reconheceu melhor a inteireza e incorrupção do sancto corpo, e se julgou que, se não parecia vivo, era porque estava amortalhado, e se conservava inteiro como no primeiro instante de morto.

Estando o sancto corpo nesta fórma, clamou a devoção fervorosa que se manifestasse a todos, e era em alguns tão efficaz este desejo, que parece estimavam o perigo para terem aquelle logro. E se não fôra tanta a fidelidade podera-se entender que a industria fizera menor o caixão para que, tirando-se as mortalhas para o sancto corpo caber, então o podessem admirar. Foi porém mysterio este acaso, e quiçá que a Sancta Rainha quizesse mostrar que durando na sepultura a humildade, era mais facil accommodar no sepulchro de uma pedra dura que em um caixão de tão luzida tela, e que assim como Christo deferiu o sarar a Lazaro consentindo na morte por obrar a resurreição, dispozesse a Providencia Divina que a Sancta Rainha não coubesse no cofre, em razão de sua augusta proceridade para que coubesse por effeito de uma prodigiosa maravilha.

Neste tempo pegou o bispo de Vizeu na colcha e tractou de descobrir o involtorio, ou porque o obrigou o fervor, ou porque entendeu que sem aquelle despojo ficava o caixão menos occupado; tirada ella se viu o involtorio de panno de linho crú cosido desde os pés até os peitos, e logo se accommodou no caixão com proporção tão justa, que, vendo-se que não faltava o caixão, nem se encurvara o corpo,

todos tiveram a introducção por milagre, estando o involtorio descoberto, e descosido na parte onde se fez a primeira vistoria, foi maior o desejo de que se lograsse a occasião de se fazer a segunda, julgando que a Sancta Rainha se queria descobrir para que todos a podessem ver; porém, ainda que este desejo era efficassissimo, foi mais poderoso o respeito, e o que se não fez em resolução do decoro se viu por indulgencia do successo ou por deliberação do prodigio. E porque, quando se metteu o corpo ultimamente no caixão, se abriu o involtorio na parte em que estava descosido, viu quem estava da direita, não com publica manifestação, mas com attenta vista, do braço direito da Sancta Rainha o que vai desde a meia cana qne corre do cotovelo até á mão. Cada quel dos circumstantes quer ser o primeiro que logrou aquella grande felicidade, que por antecipada não deixa de ser maior; e não a disputamos porque quem foi o primeiro no logro não fica prejudicado em ser na relação o ultimo. Affirma-se que o bispo de Vizeu teve esta primazia; seria por querer a Divina Providencia que a Sancta Rainha mostrasse a mão tão liberal a um prelado tão esmoler, porque o Senhor, se no mesmo com que se delinque castiga, no mesmo com que se merece premeia. Porque Menelau profanou as cousas sagradas, morreu entre as profanas cinzas; porque Abrahão quiz sacrificar o filho a quem tinha os maiores affectos, lhe deu Deos tão numerosa successão como os astros.

Reconhecido aquelle prodigio, clamaram todos os circumstantes que lhe deixassem beijar a mão da Sancta Rainha, pois o deviam fazer como a Rainha, e como a Sancta, e que não só a veneração e a magestade persuadiam que elles tivessem aquelle logro, mas o agradecimento pedia que lhe rendessem aquella veneração; pois deferindo a seus sanctos desejos fizera um tão estupendo milagre á sua vista, deferiu-se com geral beneplacito a petição tão justa, e por sua ordem a beijaram os bispos, os conselheiros de estado, os titulos, o reformador, as dignidades, capitulares, e todas as mais pessoas que estavam na egreja.

Porque mão tão liberal fez com que fosse geral o favor, conheceram os bispos, os medicos e os notarios a parte do braço, e a mão que se via, e tudo estava tão palpavel ao tacto, como se estivera vivo; e ainda que algum pó que cahiu do caixão tinha de algum modo escurecido a carne, tirado elle, e reservado pelo mais contiguo despojo se viu ella em sua alvura, se desmaiada, ainda como viva. Aqui se intentaram tomar maiores reliquias, e ha quem em um cabello tem um só fio de oiro inteiro o thesouro mais rico. Procurou quebrar-se o cordão, porém não o poude fazer a força, quiçá que a Sancta Rainha quizesse mostrar que queria conservar illesa a insignia de terceira; mas finalmente, depois de resistir á violencia cedeu ao ferro, e era tão efficaz a ancia de se lograrem aquelles sanctos despojos, que, se não fôra o decoro, podera ficar o veneravel cadaver despido, e ainda temer-se que não ficasse inteiro, e que fizesse a devoção o que não podera fazer o tempo.

Vendo as religiosas que todos beijavam a mão da Sancta Rainha, representaram com piedosas instancias, e pediram com modestos rogos, que pois do logar em que estavam onde se podia collocar o sancto corpo havia tão poucos passos, e o que dista pouco é o mesmo que se distara nada, tambem deviam lograr a felicidade de lhe renderem aquella veneração, e que, se os mais a tinham rendido como vassallos e como devotos, ellas, alem de terem as mesmas razões, o deviam fazer como irmãs no habito, no amor como filhas; pertencendo a clausura ao bispo diocesano, e ao provincial da religião, determinaram que se lhes não devia negar a fortuna que pela concessão era geral, particular por ser rara, e como estivesse já aberta em uma capella intermedia ao coro e á egreja, a porta por onde haviam de sahir do convento no dia da trasladação, abrindo-a o provincial se poz de um lado, o guardião do mosteiro de S. Francisco do outro, lançou-se no pavimeuto da egreja pouco distante da grade do coro uma alcatifa, e sobre ella o colchão de tela que serviu na tarima, e tirando os bispos do altar o caixão, o pozeram sobre elle, e afastando-se

todos, se poz o de Vizeu juncto do caixão, tomaram os do Porto e Miranda duas tochas, e estando algum tanto distantes d'elle, sahiram as religiosas de duas em duas com os véos pretos na cabeça, e o mesmo recato que manifestou a religião de todas, occultava a pessoa de cada uma. Dando mui poucos passos chegavam ao caixão, e pondo-se de joelhos o bispo de Vizeu descobrindo o involtorio, com grande decoro lhes dava logar a que beijassem a mão com todo o affecto. Acabado este acto de reverencia e edificação, se recolheram outra vez na mesma ordem ao coro banhadas em lagrimas de ternura, que o recato lhes não deixou ver no rosto, e ficando nas faces, subiram muito alem das estrellas, porque as que se choram por amor do mundo, sahindo do coração, se enlodam na terra, as que se choram por amor de Deos, sahindo da alma, se exaltam no céo; por isso subiram ao firmamento as que cahiram á viuva no rosto.

Recolhidas as religiosas pegaram os bispos no caixão e o pozeram no mesmo altar, e reconhecendo-se que aquelle era o sancto corpo que se tinha tirado do tumulo se cobriu com o panno de tela que serviu na tarima, e dando o secretario Roque Monteiro Paim volta ás quatro chaves que recolheu, ficou outra vez escondido aquelle thesouro deixando a todos immensas saudades, porque, ainda que não padeciam as distancias, não logravam as vistas, e quando se não logram as vistas quasi não é allivio não se sentirem as distancias, antes a vizinhança do logro faz com que cresça a pena do desejo. Maior sentimento tinha Absalão de não ver a David, estando assistente em Jerusalem, do que de o não ver estando desterrado em Gesur, porque em Gesur estava mais distante da vista, em Jerusalem estava mais vizinho do logro.

Fechado o caixão pegaram nelle os bispos e o transferiram e collocaram no altar mór da egreja, que debaixo de um docel precioso estava ricamente ornado, e nelle accesas aquellas velas e nos degráos as tochas, a que deram logar as estancias, desejando o devoto culto que ellas egua-

lassem as estrellas no numero para que a egreja tivesse mais circumstancias de céo; e se aquellas luzes não eram tantas como os astros foram as mais faustas e as mais benígnas, pois com seus raios se via, se não aquelle sol que estava posto em peregrino occaso, ao peregrino occaso que estava posto aquelle sol. Depois de collocado no altar, incensou o sancto corpo o bispo conde, e ficaram as religiosas sendo não só matutinas, mas perpetuas estrellas, que desde que o sol se poz no altar até que começou a girar pelo zodiaco por onde havia de ir até se tornar a pôr na outra egreja lhe estiveram dando com devotos affectos, e suaves vozes, em divinos canticos perennes louvores.

Varias vezes tinham entre si conferido os prelados se se havia de manifestar o sancto corpo para que os filhos tivessem consolação de verem aquelle admiravel prodigio, e depois de posto no altar mór lhes propoz o secretario Roque Monteiro Paim esta duvida para que se resolvesse o que se julgasse mais conveniente em materia tão relevante, e ponderadas com madura circumspecção todas as circumstancias pareceu que se não necessitava de maior reconhecimento, porque pelo vulto, pelo tacto, pelo peso e pela vista, se tinha reconhecido que estava são, inteiro e incorrupto, e que para constar ao mundo aquella maravilha, bastavam os irrefragaveis testemunhos de tantos prelados, de dois conselheiros de estado, de oito titulos e de tantas pessoas dignas que se acharam naquelle acto, com as legaes asserções dos lentes de prima e vespera de medicina, e fés publicas de dois notarios. Que para se manifestar ao povo era necessario abrir-se outra vez o caixão, descobrir-se o involtorio, franquear-se a egreja, subirem os fieis ao altar, o que não poderia ser com decoro, nem sem perigo, porque nem se havia de regular o concurso, nem moderar o fervor; que para aquelle effeito era necessario que estivessem os bispos, ou alguns d'elles no altar com alguns titulares, e que nem o seu respeito bastaria para evitar o tumulto, porque nas acções de grande concorrencia, era impossivel não se confundir a ordem, e

a mesma devoção havia de causar o embaraço; que aquella acção se dirigia a trasladar, e não a manifestar o sancto corpo, e que assim se havia de tractar, não de que se visse, mas de que se trasladasse, prin·ipalmente quando era opinião mais segura que as reliquias sanctas se não deviam ver senão em occasiões mui precisas, que só não se podendo o sancto corpo transferir, sem se manifestar se havia de usar d'aquelle meio, e que a este parecer se inclinava o real animo de sua alteza, e essim lhes parecia que seria mais grato a Deos e á Sancta Rainha tornar-se a esconder sem se manifestar aquelle thesouro de que se não podia duvidar que isempto das injurias do tempo estava inteiro para as admirações do mundo. O bispo de Miranda disse que elle votara em uma junta, em que sua alteza o mandara assistir na secretaria de estado, que houvesse todo o resguardo e cautela em se ver o corpo da Rainha Sancta, porque poderia succeder não se achar no estado em que commummente se considerava, de que resultaria diminuir-se no povo a devoção; porque, ainda que se não venerava menos a cabeça do glorioso patriarcha S. Domingos em Bolonha, sendo só a caveira; que o corpo da beata Catharina, que na mesma cidade está exposto á veneração do povo, em uma capella da clausura sentado em uma cadeira, não só inteiro, mas tão tractavel, que lhe mudam as suas religiosas os vestidos, podia succeder que as pessoas de menor discurso, vendo o corpo da Sancta Rainha (se acaso estivesse resoluto) terem-no em menor veneração, ainda que as de melhor razão a não podiam alterar por se lhe dever o mesmo culto, e que agora reconhecendo elle o prodigio de o sancto corpo se conservar não só com toda a inteireza, mas pelo peso parecer que havia expirado poucos dias antes, mudara da opinião em que até então persistira, porque alem da incorrupção haver feito cessar a causa da cautela, as maravilhas que Deos obra em seus sanctos não eram para se occultarem, antes para se manifestarem aos fieis; e que assim era de parecer que o sancto corpo se manifestasse a todo o povo, tanto por se evitarem os re-

paros que podiam resultar de se não expor á publica veneração, dizendo-se que se occultara porque o tempo o resolvera; quanto porque, fazendo-se patente aquelle admiravel prodigio, resultaria ao reino o maior credito, á Sancta Rainha maior honra, a Deos maior gloria.

Estas foram as razões que se expenderam naquelle congresso, e houve quem escreveu que os prelados com supersticioso medo não quizeram ver, nem que se mostrasse o sancto corpo; e bem se vê que foi allucinação esta impostura, porque elles tiram abusos e não têm superstições, viram a mão que a Sancta Rainha lhes quiz mostrar, não viram mais, porque não necessitava de se ver. Constando por tantos testemunhos da incorrupta inteireza, maior exame fora culpavel curiosidade, porque examinar um prodigio certo, é tirar ao decoro tudo o que se não occulta com o mysterio. Sinta a devoção não ver a maravilha, mas não se queixe com alheia injuria; tenham embora duas luzes os ardentes espelhos, mas não se procure desluzir os alheios resplendores; querer com elles pôr manchas é perverter-lhes os crystaes, porque elles são para as tirarem, não para as pôrem, para se comporem a elles, não para descomporem com elles, e se os effeitos se trocam, elles são os que se mancham, procuram ferir como aço, e não luzem como crystal. Vulgares são as luzes que não resplandecem sem alheias cinzas; para que o luzimento admire é necessario que o ardor não abraze.

Collocado o caixão no altar, onde ficou com todo o decoro, se sahiram as pessoas que assistiram áquelle acto da egreja, e não ficaram assistindo nella, porque, ainda que a devoção o desejava, outras occupações o impediam. Fecharam-se as portas do templo, porém as religiosas não fecharam as do coro, naquellas se pozeram guardas toda a noite, porque o fervor não intentasse, se não roubar o sancto corpo, vel-o por força no novo sepulchro. E estas estiveram toda a noite velando no novo sepulchro o sancto corpo. Quando se sahiu da egreja havia tempo que o sol se tinha posto no occidente, porque aquella grande acção

não coube no limitado espaço de um dia, porém faltando a luz do sol não fez a sua luz falta alguma, porque as luminarias venceram as trevas com tão luzidos triumphos, que o mesmo firmamento cedia á terra, porque havia céo, havendo mais estrellas que no céo, na terra. Se aquella cidade fora um monte de chuveiros, naquella noite se viu um monte de luzes; se na sua perspectiva está sempre cheia de riso, naquella occasião resplandeceu em gosto; e de sorte luziu o seu contentamento, que a alegria foi resplendor, o fumo gloria, o fogo andando em ardentes rodas não invejava ao sol os luzentes giros, reduzido a montantes e a arvores, os golpes foram raios, os fructos luzes, os igneos artificios voaram tão ligeiros, que parece que perderam as firmezas os astros, ou que feitos aves de flammas, coroavam com resplendores os ares; se a cidade estava cheia de estrellas, umas fixas, outras errantes, defronte da cidade com oppostas, mas não differentes luzes, resplandeciam os tres conventos em incendios devotos que não consumiam e só illustravam, porque as flammas serviam para os resplendores, não para as cinzas; no antigo foram as luzes tochas de suas ultimas exequias, no novo teias de tantas esperadas vodas; se naquelle choraram os artificiosos astros, porque se lhe acabava a maior dita, neste, porque a dita maior se lhe dilatava. O novo convento formoso ainda nos termos de imperfeito, mostrou que para apostar luzes á cidade elle não havia mister mais que um lanço, ella necessitou de todo um povo. O rio que corria, vendo de uma e outra parte tanto fogo, vendo-se entre as margens com pouca agua, e que o seu crystal estava por um fio, temeu o superior elemento, entendendo que nelle se queriam castigar com incendios o que nelle delinquira com inundações, porém benigno o festivo fogo, reverberando no rio as luzes não fez mais aridas, as areias fez mais resplandecentes os crystaes.

No outro dia pela manhã se abriram as portas da egreja, e como o desejo de ver o sancto corpo era tão ancioso, foi tão grande o concurso, que as estradas, as ruas, a ponte,

o pateo e a egreja não davam logar á passagem, apenas á genuflexão. E a devoção, se não via o sancto corpo que estava no tumulo, consolava-se com venerar no tumulo o sancto corpo. Os que entravam não sahiam, não só porque os detinha a admiração, mas porque os que queriam entrar lhe não deixavam porta para sahirem; os mesmos que tinham satisfeito o voto, porque não tinham satisfeito o desejo, repetiam as romarias, se não por satisfazerem ás promessas, por reiterarem as orações. E todo o tempo que o sancto corpo esteve naquelle templo foi elle visitado como o maior sanctuario do mundo, porque de todo o reino concorreu a devoção, não só com o desejo de verem a solemnidade, mas com a esperança de admirar a maravilha, e se se não concedeu que se visse a maravilha, foi porque se conservasse o mysterio. Sepultando Deos a Moysés no valle de Moab, não quiz que o visse o povo de Israel; os thesouros que são mais ditosamente achados devem ser mais reconditamente escondidos.

Na mesma manhã foi o bispo conde á egreja do convento de Sancta Clara, e nella disse missa pontifical, a qual cantaram os musicos da sé, e outros que a grandeza d'aquelle prelado conduziu ás suas despesas para que aquelle e mais actos, que pertenciam á sua dignidade, se fizessem com toda a decencia. Acabada a missa se ordenou uma procissão com todas as confrarias e o clero regular e secular da cidade. Transferiu o mesmo bispo o Sanctissimo Sacramento da egreja do convento velho para a capella do convento novo, onde já estavam as religiosas, que por seus achaques ou annos, não podiam ir na procissão, em que se havia de trasladar o sancto corpo. Toda esta acção foi do bispo conde, e assim nesta como nas mais d'aquella solemnidade (sem se poupar a nenhum dispendio ou trabalho) se houve com tanta piedade e grandeza, que quando ás suas grandes virtudes e qualidades se não deveram os logares maiores, as acções que obrou naquelles dias bastavam para o fazerem digno, não só de eminente purpura, mas da pontifical tiara.

Na tarde do mesmo dia foram os prelados, conselheiros de estado, e mais titulos, á mesma egreja e se sentaram os bispos, no presbyterio do altar mór, (que para esse effeito se fez mais capaz) em um banco posto da parte do Evangelho, coberto com um bancal de arrás, logo abaixo do presbyterio os marquezes em cadeiras razas, e almofadas de velludo, franjado tudo de ouro, e abaixo d'elles os condes em um banco, tambem cuberto com outro bancal da mesma estofa que o outro, e defronte em pé o secretario Roque Monteiro Paim, dando expedição a tudo o que era conveniente para o presente acto. Na nave do meio da egreja não assistiu pessoa alguma; porém nas outras, se não foram solidas, poderam-se temer os naufragios, não deixaram de se temer as ruinas, e foram necessarios os desafogos, porque, sendo o concurso muito maior que a egreja, o grande aperto causava ancia, porém toda se soffria com alegria, por se assistir áquella funcção; que o gosto faz com que se não sinta o trabalho. Não deixaram os filhos de Israel de edificar os muros de Jerusalem, sem embargo de lhes ser necessario estar com as armas nas mãos, porque o gosto de os reedificarem suavisava a fadiga de os defenderem.

Disposta a egreja nesta real fórma, sentado no faldistorio, se vestiu o bispo conde, e officiou as vesperas que se cantaram á Sancta Rainha com toda a solemnidade e harmonia, fazendo-se aquelle religioso acto com tanta pompa, que, se lhe faltou a assistencia da magestade de nossos serenissimos principes, em tudo o que não foi sua assistencia, nada faltou de magestade. Neste real acto foi mais venerada a defuncta por inteira, incorrupta e por sancta do que o podia ser estando viva. Porque, se ás que estão nos thronos, lhes dobra os joelhos o humano culto, ás que estão nos altares faz-lhe genuflexões o culto divino, e todos os principes deviam tractar mais dos altares que dos thronos, porque os thronos se asseguram nos altares. David não só deixava o throno com o cuidado do templo, dizia que em quanto se não acabasse o templo, se não havia de deitar no leito.

Como para se tirar o corpo do tumulo, se tirassem as grades de ferro que lhe serviam de guarda, as de prata que lhe serviam de decencia, e na manhã daquelle dia se abriram aos fieis as portas da egreja, foi facil ao concurso devoto beijar reverente o sepulcro de pedra; porém, como todos desejassem haver algumas reliquias d'aquelle thesouro, os que não poderam ter parte nos interiores despojos do sancto corpo, tractaram de desfazer o tumulo, que lhe tinha servido de duro si, porém de leve leito, entendendo que as lascas que d'alli tirassem seriam para a devoção os diamantes de maior preço, que as que estivessem mais vizinhas ao sancto cadaver teriam o maior fundo e que quem das rosas floridas fizera dobras resplandecentes tambem podia fazer das lascas duras diamantes rosas.

Para que o sepulchro se não quebrasse fez o secretario Roque Monteiro Paim presente aos prelados d'aquelles piedosos fructos, e edificando-se elles da devoção, evitaram o damno, e julgando que o sepulchro se devia conservar illeso, quando não podesse ser intacto, porque o haver sido fabricado pela Sancta Rainha, o haver ella feito nelle, com o peregrino bordão, um tão estupendo milagre, sendo tantos annos funeral deposito de seu sancto corpo, e cofre de um tão admiravel prodigio, o faziam digno de toda a veneração. Em razão do que se mandou cobrir de madeira, e que se lhe pozessem as grades que havia tido de ferro, porque assim ficava defendido, e não patente aos golpes do fervor, a que a pedra não resistia, porque, sendo de sua natureza não dura, o contacto a tinha mais branda, e o bispo conde declarou, que no claustro do convento novo determinava mandar fazer uma capella em que collocar o tumulo com a devida veneração, obra digna de sua piedade e grandeza, e nunca se sepultará a lembrança de uma e outra virtude, antes durará, a par do tumulo, immortal a sua memoria.

Amanheceu formoso o dia de vinte e nove de Outubro de mil seiscentos setenta sete, e se para os que o desejavam pareceu que o Sol se detinha no berço, elle sahiu do oriente

mais cedo, não para tomar logar para ver aquelle acto, mas para fazer aquelle dia mais formoso. Vestiram-se todos de gala e os corações de alvoroço, e como se tinha dado ordem ás religiões, que sem excepção alguma fossem áquella solemnidade, e nellas é propria a devoção, muda a obediencia, por satisfazerem ao seu fervor, por fazerem obsequio á magestade viva, renderem veneração á gloria, amanheceram no logar onde haviam de servir á edificação e á decencia.

É a cidade de Coimbra aquella que entre todas as do reino, excepto Lisboa, tem mais religiosos, porque quasi todos têm nella collegios ou conventos, e alguns que têm conventos, têm tambem collegios, e seguindo-se neste real triumpho em que a incorrupção levava vencida a morte á forma dos reaes enterros assistiram e condecoraram este religiosissimo acto da trasladação os conegos regulares da congregação de Sancto Agostinho, os religiosos monacaes da ordem do patriarcha S. Bento, os da religião de Cister, os conegos seculares da congregação de S. João Evangelista, os eremitas de Sancto Agostinho, os da ordem de Christo, os de S. Jeronymo, os padres da minima companhia de Jesus, os de S. Francisco das provincias de Portugal e do Algarve, os Carmelitas calçados e descalços, os da terceira ordem, os do patriarcha S. Domingos, os de Sancto Antonio de Lisboa, os da provincia da Soledade e os da Sanctissima Trindade, e redempção de captivos; e como o caminho que vai de um a outro convento, não deu logar para que se procedesse em fórma processional, porque eram poucos os passos para tão innumeraveis pessoas, sem se observarem precedencias (como tambem não observamos na relação) se foram pondo em alas de uma e outra parte desde a egreja de que o sancto corpo havia de sahir até á capella onde se havia de collocar, com velas accesas nas mãos, que a todos se deram por conta das reaes despesas. Tinham-se feito no caminho, por onde havia de ser o transito, por ordem do secretario Roque Monteiro Paim, tres altares ricamente ornados, o primeiro diante da porta da rosa, o segundo ao

pé da calçada de Nossa Senhora da Esperança, o terceiro no topo da mesma que sobe para a ermida, para que se fosse necessario descançar-se, se collocasse nelles o sancto corpo. Era tão grande o concurso da gente, que, occupando aquelle formoso, e dilatado campo, aquelle levantado e fructifero monte, não cabendo na terra, occupavam o ar, e como naquelle sitio não ha casas, as arvores serviam de janellas, estando carregados os ramos das pacificas oliveiras de viventes fructos de devotas almas; e foi mysterio servirem as oliveiras pacificas de enramadas janellas, para se ver a trasladação de uma Rainha, cuja excellente prerogativa foi introduzir nos corações humanos as doces pazes. Não assistiram neste acto as ordenanças, porque, como a Sancta Rainha era advogada da paz contra os bellicos furores, renunciou os militares obsequios, julgando que para ella era o melhor triumpho não se servir das armas, nem para o decoro. E depois mostrou o successo que para conseguir o socego se não necessita, nem das armas, nem das justiças, porque naquelle acto, suspensos todos os sentidos, sendo piedosos todos os affectos, a admiração levou os olhos, a devoção os corações.

Disposto nesta fórma o transito do sancto corpo, foram os bispos e conselheiros de estado, e mais titulos, o corpo da Universidade, o senado da camara, para a egreja antiga, onde se guardou a fórma da real capella, e o bispo conde disse missa de pontifical. Acabada ella, se vestiram os bispos nos logares em que estavam, com amitos, alvas, capas de asperges de téla branca e mitras aurofregiatas, e estando tudo em ordem, sendo ás nove horas do dia, se começou a procissão. Pegou o marquez de Arronches em um pendão de duas telas, uma e outra branca, com flores, franjas e borlas de ouro, com hastea, e cruz de prata, e no meio a effigie da Sancta Rainha, bordada de ouro e seda, obra de grande riqueza e artificio, levava, a ponta da parte direita o conde da Ponte, a da esquerda Antonio Rosendo de Sousa, filho do mesmo marquez, e este foi o que deu o primeiro passo neste acto religioso, havendo dado tantos

em serviço da patria, em cuja defesa, e conservação, desde seus primeiros annos, trabalhou sempre com o valor, e com o conselho. Como a gente não cabia na egreja, á porta d'ella se começou a procissão, indo diante um terno de charamelas e atabales. Detrás do pendão, que levava o marquez de Arronches, se seguia o da confraria da Rainha Sancta feito de téla branca, com uma imagem sua de meio corpo, bordada de ouro, prata e seda, com algumas pedras de varias côres e da outra parte as quinas de Portugal, o qual levava um irmão da mesma confraria; a este pendão se seguia a irmandade da Sancta Rainha com opas brancas e murças pardas, e no fim d'ella D. Fradique Antonio de Magalhães de Menezes senhor de Ponte da Barca, com a vara da irmandade, de que aquelle anno era Juiz, logo a bandeira da cidade, a esta se seguia a cruz dos religiosos de S. Francisco, que professam a terceira regra, com a sua communidade, logo a dos religiosos observantes do mesmo patriarcha, do convento de S. Francisco da ponte, debaixo d'ella todos os da observancia, que ha naquella cidade, seguia-se a cruz e musica da sé cathedral, logo atrás seis sceptros do Cabido, e todo elle com capas de asperges de tela branca, como costumam ir na procissão do Corpo de Deos; no fim de alguns capitulares iam setenta e quatro religiosas de duas em duas com velas accesas nas mãos, com mantos pardos aos hombros, e os rostos cobertos, com os véos pretos, com tanta ordem e compostura, que bem se via que as cegava o recato, que as alumiava o espirito, e que com os olhos no chão, e os corações no céo, não só fariam planas as vias asperas, mas expeditos progressos da sancta vida para os celestes alcaceres de Sião; no fim d'esta religiosa e admiravel communidade iam da mão direita o provincial da religião seraphica, da esquerda a abbadeça D. Anna Maria da Silveira, logo algumas dignidades, ó chantre da mesma Sé, com a vara do cabido, seguia-se o pallio de tela, com as mesmas guarnições que o pendão, e oito varas de prata sobredouradas, as quaes levavam da parte direita o marquez das Minas, o conde de Figueiró,

o conde da Feira, o conde de Sancta Cruz. Da esquerda, o visconde de Villa Nova de Cerveira, o conde barão, o conde de Soure, o conde de Aveiras, com os mantos da ordem de que cada um é cavalleiro. Debaixo do pallio ia no andor o cofre que encerrava o sancto corpo, o qual levavam aos hombros, da parte direita, o bispo de Lamego, o do Porto, e o de Pernambuco; da esquerda o de Viseu, o de Targa, e o de Miranda. E porque se entendeu que pela inteireza do sancto cadaver, que ainda conserva a sua augusta proceridade, pela grandeza do cofre e do andor, seria grande o peso, levava cada um sua forquilha, coberta da mesma tela, com capiteis e pontas de prata, e cada um sua almofadinha irmãs da mesma tela, guarnecidas com caireis e borlas de ouro. E entre uns e outros iam o padre mestre frei Henrique Coutinho, provincial da ordem da Sanctissima Trindade, o padre mestre frei Luiz de Beja, provincial da ordem dos eremitas de Sancto Agostinho, o padre mestre frei Manoel da Conceição, provincial dos carmelitas descalços, para os ajudarem naquelle sancto trabalho, e ao redor do pallio seis sacerdotes com sobrepellizes, com tochas accesas nas mãos e detrás o bispo conde vestido de pontifical, e á sua mão esquerda D. frei Bernardo de Sancta Maria, bispo de S. Thomé, tambem revestido e mitrado. Seguiam-se os doutores e mestres em artes, em duas alas com capellos e borlas de suas faculdades, e velas accesas nas mãos, e estas duas alas se fechavam na linha transversa, onde ia o reformador da Universidade, com uma tocha accesa na mão, e a seus lados os quatro vereadores, dous de uma parte, e dous da outra; e considerado o tempo em que se determinou a trasladação, e o sitio por onde havia de ser o transito, não podia ser maior a pompa, nem a grandeza, só a devoção excedeu a grandeza e a pompa, porque as demonstrações humanas são de esphera limitada, os affectos espirituaes de dilatada esphera.

Nesta fórma foi passando entre luzes na terra a Sancta Rainha, que pisava estrellas no céo, deixando a egreja, e o tumulo que fez com magnificencia, frequentou com devo-

ção, honrou com o cadaver e transferiu com maravilha; algumas religiosas chegaram a temer que o sancto corpo se não deixasse trasladar, e esperavam que naquella occasião havia de obrar algum milagre, com que sem se mudar do convento, as livrasse do perigo. Porém elle, não só se deixou trasladar do tumulo ao cofre, do cofre ao altar, da egreja antiga ao da capella nova, mas em todo aquelle quasi inaccessivel caminho dirigiu os passos dos que o levavam a hombros, e só se fazia conhecer o sagrado peso, para que se experimentasse o admiravel logro.

Chegada a procissão ao alto do monte, que até então foi da melhor posse, entrou no pateo do novo convento, cuja grandeza é proporcionada com o real edificio a que faz entrada : dentro d'elle havia uma escada, para a parte do meiodia, por onde se sobe para a capella, e defronte da principal uma porta para a clausura, e tanto que entraram dentro d'aquelle espaçoso atrio, os religiosos de S. Francisco se pozeram em duas alas, e da porta d'elle até á do convento, por entre estas seraphicas fileiras, foram as peregrinas religiosas esperar, como religiosos seraphins, em um só coro, o sancto corpo, que havia de fazer a capella, onde havia de ser collocado, não só real, pela magestade, mas, pela sanctidade, celeste. E a outra partē daquelle militante exercito seguiu a bandeira da Sancta Rainha, que levava o marquez de Arronches, e chegando aquella arca, senão do testamento, de um tão sancto deposito á porta da capella, se entoou o *Te Deum laudamus,* e os bispos a collocaram no altar sagrado, ao pé da peanha, aonde no dia seguinte se havia de expor o Sanctissimo Sacramento, e o bispo conde, depois de os musicos dizerem o verso : *Ora pro nobis Beata Elisabet,* cantou a oração, *Clementissime Deus,* e lançando a benção pontifical, concedeu quarenta dias de indulgencia. E todos deram graças a Deos de se haver feito aquelle religiòso acto com tão prodigiosos acertos, attribuindo-se toda a felicidade do successo á intercessão da Sancta Rainha, que, deixando-se em parte ver, em

tudo concorreu para se trasladar com tanta maravilha, que não ficou a copia, e se levou o mesmo original.

Acabada aquella funcção se recolheram as pessoas que a ella assistiram, e começou de novo o concurso da devoção tão numeroso, que mais se podia dizer que assistia a gente desde a cidade até ao mosteiro, do que ia e vinha do mosteiro para a cidade, e a ponte temeu mais o concurso da gente do que temera as inundações do rio. E se a noite poz fim á romaria, não o poz á devoção, porque as religiosas ficaram no coro cantando louvores a Deos, porque naquelle convento, onde são sanctas as assistencias, perennes os louvores, naquella occasião, vendo-se no defuncto cadaver o corpo inteiro, as admirações das maravilhas fizeram maiores os fervores das orações.

No dia seguinte, que se contaram 30 de outubro, se expoz em um riquissimo throno, se não grande na fabrica perfeito na architectura, rico no adorno, illustre no luzimento, o pão dos anjos, para honrar com sua real e divina presença a festa da miraculosa Sancta Rainha; e assistiram a ella os prelados, conselheiros de estado e mais titulos, guardando-se em tudo a forma da real capella. Neste acto foi menor o concurso, porque, como a capella em que se celebrava a solemnidade era augusta pelo sacrificio, pela capacidade pequena, e se defendia a porta, porque se não confundisse a decencia, desenganadas as pessoas de que não tinham facil a entrada nem logar competente, cedeu o desejo ao desengano. E algumas, em que o desengano não poude vencer o desejo, fizeram a diligencia, porém não conseguiram o logro. Disse o bispo conde missa de pontifical da festa da Rainha Sancta, e, cantado o evangelho, se tirou o bispo do Porto do banco onde estava com os mais prelados, fez oração ao Sanctissimo Sacramento, subiu ao pulpito e disse:

Simile est Regnum Coelorum thesauro abscondito in agro: iterum simile est Regnum Coelorum homini negotiatori

quaerenti bonas margaritas: iterum simile est Regnum Coelorum sagenae missae in mare. Matt. XIII.

«Senhor: A um thesouro, a um homem, a uma rede, compara Christo Senhor Nosso, neste sagrado evangelho, o celeste reino. A um thesouro escondido no campo: *simile est regnum coelorum thesauro abscondito in agro;* a um homem de negocio que busca perolas: *simile est regnum coelorum homini negotiatori quaerenti bonas margaritas;* a uma rede mettida no mar: *simile est regnum coelorum sagenae missae in mare.* Mas quem cuidara que um reino tão unico como é o celeste tinha tanta comparação na terra! Elle tem na terra tanta comparação, mas até nas apparencias são mui dissimilhantes estas similhanças, porque o thesouro escondido no campo não se parece com o homem de negocio que busca perolas, nem com a rede mettida no mar; a rede mettida no mar não se parece com o homem de negocio que busca perolas, nem com o thesouro escondido no campo; o homem que busca perolas por negocio não se parece com o thesouro no campo escondido, nem com a rede no mar mettida. E se as comparações d'este evangelho são entre si mui dissimilhantes, tambem parece que são mui incongruentes com a celebridade d'este dia; porque o Sanctissimo Sacramento collocado naquelle throno, a Rainha Sancta collocada naquelle tumulo, não se parecem nem com o thesouro, nem com o homem, nem com a rede. Porque um thesouro escondido é muita riqueza enterrada; um homem de negocio é muita ambição vivente; uma rede mettida no mar é muito fio que prende mui pouca agoa. O Sanctissimo Sacramento é o pão dos escolhidos, é o memorial das maravilhas, é a memoria da Paixão Sagrada; a Rainha Sancta é enthronisada a virtude, bemaventurada a magestade, é uma alma gloriosa. E uma alma na gloria, a magestade com diadema, a virtude no throno, a Paixão Sagrada reduzida a uma memoria sacrosancta, as maravilhas de Deos postas no mais candido memorial, o Pão dos escolhidos debaixo das especies de pão, não se

parecem com muita riqueza enterrada, com muita ambição vivente, com muito fio que prende mui pouca agoa; não se parecem com o thesouro escondido no campo, com o homem de negocio que busca perolas, com a rede mettida no mar. Ora, ainda que o reino celeste pareça que se não assimelha com o thesouro, com o homem, com a rede, é certo que se parece, porque o evangelho assim o diz: *simile est regnum coelorum thesauro abscondito in agro, homini negotiatori quaerenti bonas margaritas, sagenae missae in mare*, e tambem o Sanctissimo Sacramento e a Rainha Sancta se parecem com a rede, com o homem, com o thesouro. Parece-se o Sanctissimo Sacramento com o thesouro escondido, porque não pode haver mais escondido thesouro que aquelle, em que estão todas as divinas riquezas do céo debaixo das candidas especies de pão. Parece-se com o homem de negocio, porque, sendo verdadeiro Deos e homem, tem comnosco divino commercio, para que achemos nelle a unica, a mais preciosa perola. Parece-se com a rede mettida no mar, porque ficou comnosco neste mar do mundo, para congregar na catholica rede todo o genero de peixes que no redil de S. Pedro são as ovelhas do rebanho catholico. Parece-se a Rainha Sancta com o escondido thesouro, porque não pode haver thesouro mais escondido que esconder profundamente a liberalidade, quando floresce magnificamente a beneficencia. Parece-se com o homem de negocio, pois não comendo o seu pão ociosa, com um animo realmente piedoso, com um coração piedosamente desinteressado, dava as riquezas para comprar as virtudes; e com as heroicas virtudes que comprava, achava a mais preciosa perola que tinha. Parece-se com a rede mettida no mar, porque, mettida muitas vezes no mar d'este rio, congregou em um real convento estas observantissimas religiosas, perolas tão escolhidas que não ha nellas que lançar fóra. Assim se parecem o Sanctissimo Sacramento e a Rainha Sancta com o thesouro escondido no campo, com o homem de negocio que busca perolas, com a rede mettida no mar. E se os fios d'esta rede bas-

tam para nos fazerem embaraços, que farão os fios das perolas? Do ouro que farão os fios? Na verdade que para um sermão de tantas parabolas necessario era que um Salomão fosse o prégador, porque não somos nós o campo em que se houvesse de achar o thesouro, não somos o homem que haja de achar as perolas, não somos a rede em que não hajam de escapar muitas cousas pela malha. Faremos emfim o que podermos, e faremos pouco, porque ainda que este deve ser o nosso officio, não foi esta a nossa profissão: pouco foi o tempo, grande é o assumpto. Para assumpto tão grande necessitamos de muita graça; no Sanctissimo Sacramento temos a boa Eucharistia, *id est, bona gratia*. Peçamol-a pela intercessão da sempre Virgem Maria Nossa Senhora. *Ave Maria.*

Simile est regnum coelorum thesáuro abscondito in agro: iterum simile est regnum coelorum homini negotiatori quaerenti bonas margaritas: iterum simile est regnum coelorum sagenae missae in mare.

«Thesouro escondido é o Sanctissimo Sacramento, ainda quando exposto, admiravel thesouro! Exposto e escondido? O que se expõe vê-se, não se vê o que se esconde; como pois se esconde se se expõe? Como se expõe se se esconde? Como se vê exposto? Como se não vê escondido? Ora o certo é que escondido e exposto o vê quem o contempla catholico, quem o admira fiel. Para ver este divino mysterio é necessario multiplicar a vista, e ainda mais que os olhos do homem exterior se hão de abrir os olhos do homem interior, porque o homem exterior vê as especies de pão e não vê as essencias do corpo; o homem interior vê as essencias do corpo debaixo das especies de pão. Assim um e outro homem, o exterior e o interior, com os olhos do corpo e com os olhos da alma, vêem este divino mysterio. A vista vê pouco, a fé vê tudo; a vista vê o que se vê, a fé o que se não vê; a vista vê o que se expõe, a fé o que se esconde. Assim, entre a fé e a vista, se vê o San-

ctissimo Sacramento exposto e escondido. E que razão haverá para este Senhor se esconder, sendo que o haviam de expor? A razão foi porque para expor-se era diligencia o esconder-se, porque Deos quanto mais se esconde tanto mais se manifesta, quanto mais se chega a occultar tanto mais se dá a conhecer.

Disse o propheta Isaias que vira ao Senhor sobre um throno excelso e elevado, e sobre esse mesmo throno elevado e excelso dous seraphins, cada qual com seis azas, os quaes com duas lhe cobriam o rosto, com duas lhe cobriam os pés, e com duas cortavam os ares; *vidi dominum super solium excelsum et elevatum, et ea, quae sub ipso erant replebant templum, seraphim stabant super illud, sex alae uni, sex alae alteri, duabus velabant faciem ejus, duabus velabant pedes ejus, e duabus volabant.* Não reparo em que os seraphins com seis azas estivessem sobre o throno, porque até os que não são seraphins, se pôem sobre o throno em se lhe dando quaesquer azas; nem tambem reparo em que, estando sobre elle, estivessem, e voassem, porque os que estão junctos quando estão voam, em sendo assistentes logo voam elevados, oxalá que não caiam desvanecidos; o em que reparo é que diga o propheta que viu o Senhor sobre um throno excelso e elevado; *vidi dominum super solium excelsum, et elevatum,* no mesmo tempo em que os seraphins o tinham nesse mesmo throno se velado escondido, *seraphim stabant super illud, duabus velabant faciem ejus, et duabus velabant pedes ejus.* Se os seraphins o escondiam, como o via o propheta? Se o propheta o via, como o cobriam os seraphins? Parece que para o propheta o ver os seraphins o haviam de descubrir, porque o descubrir tira o obstaculo ao ver; ora assim é nas cousas do mundo, mas não é assim nos mysterios de Deos; as cousas do mundo vêem-se quando se manifestam; os mysterios de Deos vêem-se quando se ocultam. Deos escondido então está mais exposto: *Quanto enim magis Deus se abscondit, et abdit, tanto magis sui cognitionem praebet, et se ipsum agnosci permittit;* e como esta visão era mysteriosa,

quanto mais os seraphins cubriam a Deos, tanto mais o via o propheta; quanto mais o occultavam as seraphicas azas, *duabus velabant,* tanto mais o viam os olhos fieis; *vidi dominum;* porque Deos, quanto mais occulto, tanto mais se manifesta, quanto mais se chega a occultar, tanto mais se dá a conhecer. *Quanto enim magis Deus se abscondit et abdit, tanto magis sui cognitionem praebet, et se ipsum agnosci permittit.*

Thesouro exposto e escondido é o Sanctissimo Sacramento que se vê escondido quando se vê exposto, exposto porque o vejam os olhos nas especies de pão, escondido porque o veja a fé na essencia do corpo. E sendo thesouro escondido o Sanctissimo Sacramento, tambem a Rainha Sancta é e foi escondido thesouro. De sorte o foi que antes de nascida o era, não só escondido no materno campo, mas dentro do materno campo outra vez escondido; quando se viu nascida, escondida se não viu, porque tecendo a natureza uma decentissima teia a seu real decoro, ao nascer porque a cubriu a teia não se lhe viu a tez. É e foi thesouro escondido que ha de ser exposto, porque no mesmo sancto corpo, em que hontem vimos mudanças, vimos antes de hontem inteirezas; e quando vimos as inteirezas, admirámos que não houve nelle mudanças, firmezas sim, que sempre ficarão em memoria. Não só é escondido thesouro, porque dentro do materno campo o escondeu decentissima teia, mas porque a cobre esse tumulo religiosamente magnifico, e porque encobriu a virtude heroicamente sancta. Porém quando a occultava mais, então resplandecia melhor. O Sanctissimo Sacramento occulta-se, e expõe-se; esta Sancta Rainha, quando occultava a sua caridade, então se manifestava mais a sua virtude. Ella a occultava com humiliações, e Deos fazia por ella maravilhas; levava dinheiro para dar aos pobres, e encontrando a el-rei lhe disse que levava flores, quiçá que para ornar os altares; não por escusar a indignação de el-rei, mas por occultar a sua beneficencia. Um rei portuguez não se podia indignar de uma rainha de Portugal fazer uma obra tão digna da magestade,

um rei tão magnifico não podia estorvar uma acção tão piedosa, um rei ascendente de el-rei D. João IV de saudosa memoria e do serenissimo principe D. Pedro de desejada vida, a religiosa piedade dos quaes se manifesta neste edificio e nesta edificação, onde a magnificencia do incomparavel filho nesta trasladação é treslado da magnificencia do glorioso pae neste convento, não podia reprehender o dar, pois do que elle deu todos podiam aprender. Assim o esconder a Rainha Sancta o dinheiro não foi fugir a reprehensão, foi occultar a virtude, e a que se occulta é a que Deos manifesta; a que se occulta aos olhos do mundo essa é a mais agradavel aos olhos de Deos; a esmola ha de se dar e ha de se esconder; para ser vista de Deos ha de ser escondida dos homens, porque Deos só vê a que se esconde, e cómo só se paga da que se esconde só a que se esconde remunera.

Diz Christo Senhor Nosso: quando fizerdes alguma esmola ignore a vossa mão esquerda o que faz a vossa mão direita, para que a esmola seja escondida, e vosso pae que a vê escondida, vol-a retribua remunerada. *Te autem faciente eleemosinam nesciat sinistra tua quid faciat dextra tua, ut sit eleemosina tua in abscondito, e pater tuus qui videt in abscondito, reddet sibi.* Notavel doutrina é esta! É tão notavel, que alguns expositores entenderam que era hyperbole parabolica. Se Christo Senhor Nosso dissera que quem não dava esmola não sabia qual era a sua mão direita, não havia em que reparar, porque não sabe qual é a sua mão direita quem não dá esmola, e a mão que por avareza se esquece de dar, por castigo se devia esquecer, *oblivioni detur dextra tua*; porém que, sendo a mão direita tão discreta, que repartia liberal, diga Christo que seja a mão esquerda tão nescia, que fique uma ignorante, *nesciat sinistra tua*, parece exquisitissimo dictamen; quem tinha tanto á mão a discrição, justo era que a communicasse de uma mão para a outra; ora não é este o nosso reparo; o em que reparo é que diga que a esmola seja escondida para que seja vista, que seja escondida para que seja remune-

rada; pois que tem o escondel-a o esmoler para a ver Deos, que tem o esconder com o retribuir? Tanto é esmola a vista, como a escondida; tanto parece que é para a remunerada a escondida, como a vista; e se Deos tanto vê a que se manifesta como a que se esconde, para que exprime que a que se occulta se vê, que a que se occulta se remunera? *Ut sit eleemosina tua in abscondito, et pater tuus qui videt in abscondito, reddet tibi:* ora o certo é que tanto vê Deos a que se vê como a que se não vê. Mas ahi ha ver de ver com agrado, e ver com desagrado; o ver com agrado é ver, o ver com desagrado é não ver. Tanto viu Deos as dadivas de Abel como as de Caim, e porque viu as de Caim com desagrado, disse Moisés que as não vira; *et ad munera illius non respexit;* porque viu com agrado as de Abel, disse Moisés que as vira; *respexit ad Abel, et ad munera ejus;* e como a esmola que se manifesta se vê com desagrado, como se vê com agrado a que se occulta, como a primeira a vê Deos como se não vira, como a segunda a vê Deos, e se revê nella, disse que se escondesse para que se visse, disse que se escondesse para que se remunerasse, porque Deos só vê a que se esconde, e como só se paga da que se esconde só a que se esconde remunera, *ut sit eleemosina tua in abscondito, et pater tuus, qui videt in abscondito reddet tibi.*

Muitos ha que querem que as suas esmolas se vejam; por isso, ainda quando as não dão ás mãos cheias, procuram que as saibam ambas as mãos; e as esmolas hão de sabel-as as mãos que as recebem, não as hão de saber as mãos que as dão; por essa causa, fallando o S. no dar esmola, *te autem faciente eleemosinam,* disse que a esquerda ignorasse, *nesciat sinistra tua,* não disse que soubesse, disse que fizesse a direita, *quid faciat tua dextra;* uma havia de fazer, ambas haviam de ignorar; muitos querem que as suas esmolas se ouçam, por isso as mandam cantar com trombetas, mandando Deos que as trombetas as não cantem, *noli tuba canere,* e as esmolas que são mudas, as que não são decantadas, essas são as bem vistas e ouvidas de Deos,

porque essas são agradaveis a seus olhos, a seus ouvidos suaves. E querendo muitos que as suas esmolas sejam ouvidas e vistas, esta Rainha Sancta queria que as suas não fossem vistas nem ouvidas. Porque se não ouvisse nem o tenir do dinheiro, fez um jardim no regaço; porque se não vissem os cruzados, fez os cruzados flores. No Sanctissimo Sacramento, que é memorial das maravilhas, pela força das palavras da consagração faz-se o pão e o vinho corpo e sangue, a Rainha Sancta parece que fez das flores cruzados e dos cruzados flores com as maravilhas das suas palavras, por virtude da sua affirmação. Em uma ocasião dando rosas disse que dava dinheiro, e fizeram-se em dinheiro as rosas; nesta levando dinheiro disse que levava rosas, e fez-se em rosas o dinheiro. Outros fazem flores para que o dinheiro se ganhe, ella fazia flores para que o dinheiro se désse; escondia o thesouro para occultar a esmola, e escondendo o thesouro, ou no campo da tela, ou no jardim do regaço tinha um thesouro no jardim, ou no campo escondido, a que era escondido thesouro na sua humildade, mui semelhante ao reino do céo, que é semelhante ao thesouro escondido no campo : *Simile est regnum coelorum thesauro abscondito in agro.*

Ao homem de negocio se parece o Sanctissimo Sacramento; não sei se digo muito, que seja homem, S. João o ensina, *Deus homo factus est;* que seja de negocio Ezechiel o nega, *quoniam non cognovit negotiationem;* diga-se pois que é homem, pois o evangelista o diz, não se diga que é de negocio, pois o contradiz o propheta. Ora S. João Damasceno nos tira d'esta grande duvida, pois affirma que na Sagrada Communhão temos commercio com Christo Senhor Nosso. *Communio optimo jure appellatur, quia cum Christo commertium habemus;* e pois no Sanctissimo Sacramento temos commercio com Christo Senhor Nosso, homem de negocio é Christo Senhor Nosso, o Sanctissimo Sacramento. Alem de que o homem de negocio não é so ó que negoceia, tambem é o que não descança, não é só o que trata do contracto, tambem é o que se nega

ao ocio. *Homini negotiatori* diz Sancto Alberto Magno, *id est, negans otium*, e já que estamos nesta insigne Universidade, o mesmo que diz Sancto Alberto Magno diz Sancto Isidoro no cap. *Forus de verborum significatione; dictum est negotium, id est, sine otio*, e a vida de Christo Senhor Nosso foi um grande volume de trabalhos, não digo bem, os trabalhos da vida de Christo Senhor Nosso não cabem em nenhum volume, desde Bethelem até o Golgotha, desde o presepio até á cruz; em trinta e tres annos de vida não teve uma só hora de socego, e não teve uma hora sua, senão a da sua morte, porque a em que perdeu os alentos foi a em que logrou os descanços. *Sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, consummatum est;* e pois Christo Senhor Nosso em toda a sua vida foi um homem sem nenhum ocio, foi o maior homem de negocio do mundo, e foi para o mundo o homem de maior negocio, pois a preço do seu sangue fez o negocio de nossa redempção, *empti enim estis pretio magno;* por isso diz Eusebio Galicano que elle é o homem de negocio d'esta parabola; *per hominem negotiatorem Dominum et Salvatorem nostrum intelligere possumus;* pode-se porém argumentar que, estando encerrado em um sacrario, posto em uma custodia, exposto em um throno, mettido nas ambulas, ou trazido nas palmas, está a nosso modo de dizer ocioso, e que Christo Senhor Nosso, se trabalhou na Sagrada Cruz, que no Sanctissimo Sacramento descança. Ora ainda assim parece que mysticamente mais trabalha no Sanctissimo Sacramento do que realmente trabalhou na Sagrada Cruz, porque na Cruz tem o corpo realmente inteiro. *Non fregerunt ejus crura, ut impleretur, os non comminuetis ex eo;* na Eucharistia tem o corpo mysticamente quebrado. *Hoc est corpus meum*, e accrescenta S. João Chrysostomo, *quod pro vobis frangitur;* e o corpo que se quebra, tambem, a nosso modo de dizer, trabalha mais que o que se não quebra, e pois Christo Senhor Nosso no Sanctissimo Sacramento quebra mysticamente, ou mysticamente se lhe quebra por amor de nós o corpo, *quod pro*

vobis frangitur, mysticamente trabalha e mysteriosamente negoceia, e como mysticamente negoceia, e mysticamente trabalha, é alimento de todas as suavidades, epilogo de todas as virtudes; a onde os ocios se desterram, aonde os trabalhos se exercitam, todas as soavidades se logram, todas as virtudes resplandessem.

«Suspirando pelas rusticas iguarias de Egypto murmuravam no deserto de Sim os filhos de Israel contra Moysés e Arão, e ouvindo Deos estas murmurações (que as dos que morrem á fome parece que as ouve Deos) *cur eduxisti nos in desertum, ut occideretis omnem multitudinem fame, audivi murmurationem filiorum Israel;* mandou o Senhor a Moysés que dissesse áquella multidão faminta que, se a fome a matava, que elle lhe mataria a fome, *loquere ad eos, vespere comedetis carnes, et mane saturabimini panibus, scietis quoque quod ego sim Dominus Deus vester.* E cahindo-lhe os bens do céo, orvalhando-lhe pela manhã pelo circuito dos arraiaes, viram a superficie da terra coberta com o mysterioso maná, que para elles, se pela continuação foi nausea, *anima nostra nauseat super cibo isto levissimo,* á primeira vista foi uma admiração: *quod cum vidissent filii Israel, dixerunt ad invicem, manhu, quod significat, quid est hoc,* e cahindo todos os dias pela manhã, cada um colhia o que naquelle dia bastava para se sustentar. *Colligebant singuli mane, quantum sufficere poterat ad vescendum.* De modo que o maná vinha de madrugada, e de madrugada o iam colher os israelitas; *mane, id est, in matutino,* diz Arias Montano: e tendo todas as suavidades insinuava todas as virtudes; *maná reddebat omnem saporem, ac proinde omnium virtutum pabulum innuit.* E que razão haveria para o maná insinúar todas as virtudes, sendo iguaria de todas as suavidades? A razão doutrinal é porque o maná vinha todos os dias do céo, e vinha de madrugada, e os israelitas iam todos os dias de madrugada a colher o maná que vinha do céo; e como o maná todos os dias de madrugada fazia um tão largo caminho, como os israelitas para colherem o maná tinham um tão grande

desvelo, nestes desvelos e nestas jornadas adquiria o maná as suavidades que tinha, e as virtudes que insinuava, nestas jornadas, e nestes desvelos mereciam os israelitas todas as suavidades de que gostavam, e todas as virtudes que tinham, porque só os que tinham virtudes gostavam as suavidades; *sed solis filiis Dei, seu justis hoc privilegium concessum erat*, e como o maná e o povo nestes desvelos desterravam os ocios, logravam todas as suavidades, e resplandeciam em todas as virtudes, porque onde os ocios se desterram, onde os trabalhos se exercitam, todas as suavidades se logram, todas as virtudes resplandecem. *Ubi deligentia, ac solertia inveniuntur, ibi omnium virtutum nitor resplendet, maná reddebat omnem saporem, ac proinde omnium virtutum pabulum innuit.*

«Todos os dias, e todos pela manhã vem o verdadeiro maná do céo á terra; se o dia fora outro, grande occasião nos amanhecia para fallarmos nos que, vindo o maná do céo pela manhã, o não vão colher, e mal o vão ver ao meio dia; parece que o não quer ver quem tão tarde o vai buscar. Agora só diremos que bem desterra os ocios quem com tantos desvelos faz tão dilatados caminhos; e que se o maná, que cahia no deserto, tinha tantos sabores para o gosto; *maná reddebat omnem saporem;* que o que está naquelle throno tem todos os deleites para a alma; *Omne delectamentum in se habentem;* e que os sabores, que tinha o que cahia no deserto, insinuavam as virtudes que tem o que está naquelle throno, *ac proinde omnium virtutum pabulum innuit.* E pois Christo Senhor Nosso na sacrosancta Eucharistia, fazendo-se por nós em pedaços ou em particulas, não passa em ocio; *homini negotiatori, id est, negans otium*, pois na sagrada communhão temos com elle divino commercio; *communio optimo jure appellatur, quia cum Christo commertium habemus*, homem de negocio é na communhão sagrada, homem de negocio que tracta de que achemos nelle a unica, a mais preciosa perola, *inventa autem una margarita pretiosa, id est, Christus.*

«Semelhante é ao homem de negocio o Sanctissimo Sa-

cramento, pois temos com elle divino commercio; *Communio optimo jure appellatur, quia cum Christo commertium habemus.* Semelhante é a Rainha Sancta ao homem de negocio, pois nunca comeu o seu pão ociosa; *et panem otiosa non comedit.* Grande maravilha é esta em uma Rainha! Que assim succeda a um rei, em que a magestade mais independente é uma servidão coroada, bem está, porque os reaes cuidados são com successivas fadigas servidões magestosas; porém uma rainha parece que come o seu pão ociosa, e que nella a soberania do throno é privilegiado indulto contra todo o trabalho humano. Ora não fallo nos reinos estranhos, que elles accudirão por si; o que sei é que as rainhas de Portugal não têm nenhum ocio no throno, porque os seus superiores talentos têm grande parte nos reaes cuidados, e gastam todo o tempo em sanctos exercicios, e ninguem come o seu pão menos ociosa, que uma rainha, que faz uma vida sancta; e esta Sancta Rainha fazia uma tão sancta vida, que sem senhum ocio comia o seu pão, e não alheio; e nem o seu comia, ou porque o distribuia, ou porque jejuava. O pão era seu, e não seu; era seu porque não era alheio, era alheio porque fazia que não fosse seu. E passou toda a vida em tantas occupações, que foi (como dizeis) uma roda viva de trabalhos, e foram os trabalhos roda de navalhas, que lhe cortaram os fios da vida; que os trabalhos, ainda que sanctos, se os não sente a paciencia, cortam pela continuação, e os seus foram de dois gumes, porque os teve domesticos e exteriores, e passando nestes trabalhos, desterrava os ocios; para ser sancta não comia o seu pão ociosa, e porque ociosa o não comia, era tão sancta como era, que o ocio tira o ser, e dá o ser o não ter ocio.

«Entrou Christo Nosso Senhor em um sabbado a ensinar na synagoga, onde estava um homem, que tinha uma mão arida; e depois que os phariseus, mais observadores que observantes, faltando nas observancias, fizeram algumas observações para darem libellos contra quem lhes sabia os pensamentos; disse o Senhor ao homem que se levantasse

do chão e se pozesse no meio, e ultimamente lhe mandou que estendesse a mão, e estendendo-a, lh'a restituiu. Não referimos as palavras d'este texto porque são mui dilatadas; assim não havemos de fazer reparo senão no do que estiver mais á mão. Quatro vezes falla o evangelista sagrado na mão d'este homem manco; na primeira diz que a sua mão era arida; *et manus ejus dextra erat arida;* na segunda, que tinha arida a mão; *qui habebat manum aridam;* na terceira, que Deos lhe mandara que a estendesse; *extende manum tuam;* na quarta, que a estendera, e que Deos lh'a restituira; *et extendit, et restituta est manus ejus.* Em duas cousas reparo, a primeira é, se tinha a mão arida —*et manus ejus dextra erat arida*, como a estendeu ligeira —*et extendit;* a segunda, se a tinha —*qui habebat manum*, como se lhe restituiu —*et restituta est.* As mãos não são como as roupas, as roupas estendem-se quando se arejam, as mãos que se arejam não se estendem, as aridas são encolhidas, estendidas não são. Como pois é estendida a que estava arida? Ora tudo foram prodigios, doutrinas tudo. Estendeu-se a mão arida para mostrar o Senhor que quem se não exercita não sara, que quem estiver no ocio não pode cobrar saude. Ainda não digo bem, que quem vive em ociosidade não pode conseguir a salvação; e como esta mão arida era symbolo de uma alma ociosa, para a sarar mandou-a estender, para lhe dar saude mandou-a tirar do ocio; mandou-a tirar da ociosidade, para a dispor para a salvação, *et extendit, et restituta est manus ejus.* Temos satisfeito á primeira duvida, mas não á segunda, que é a que mais serve ao nosso intento. Como restituiu o Senhor a este homem manco a mão arida? Se a tinha —*qui habebat manum*, não lh'a podia restituir —*et restituta est manus;* o que se tem não se restitue, só se restitue o que se não tem; como pois diz que lh'a restituiu, se a tinha? Ora o como Christo lh'a restituiu, foi estendendo-a o homem—*et extendit, et restituta est;* antes de a estender certo é que a tinha, mas com ocio; estendendo-a, tinha-a com exercicio; e como estando ociosa a tinha como se a não

tivera; depois que não esteve ociosa, a teve como se se lhe restituira. O homem, que pelo ocio não tinha mão, restituiu-se-lhe pelo exercicio; no ocio estava a mão fóra da mão, no exercicio tornou-lhe a mão outra vez á mão; foi restituida a mão, que era mão perdida, exercitada tornou a ser quem d'antes era, porque ociosa não era quem dantes fora, porque o ocio faz perder o ser, e faz conservar ou restituir o ser, e não ter ocio, *et manus ejus erat arida extende manum tuam, etc., extendit, et restituta est manus ejus.*

«Para ser quem era, não comeu esta Rainha o pão ociosa, não comeu o seu pão ociosa para ser uma Rainha Sancta; bem desterrou os ocios quem fez tão dilatados caminhos, quem viveu em exercicios tão sanctos. E quem como esta Rainha fez caminhos mais dilatados, viveu em mais sanctos exercicios? Já beijando as chagas como se foram flores; já obrando maravilhas, para que na roda da fortuna se pozessem cravos; já lavando com as reaes mãos os sordidos pés aos fetulentos pobres; já vestindo asperissimos cilicios debaixo das reaes vestiduras; já deixando as luzidas telas pelos bureis grosseiros; já erigindo edificios, para que se edificassem conventos; já fazendo lavores, para que se ornassem os altares; quem mais do que ella fugiu aos ornatos da formosura? Quem mais as delicias da magestade? Quem gastou mais horas em oração? Quem fez mais jejuns por abstinencia? Quem por devoção mais romarias? Quem por caridade maiores jornadas? Quem viveu em tão sanctos exercicios, não comeu o seu pão entre os inuteis ocios, comeu não buscando vulgares perolas, mas a mais preciosa em Christo Senhor Nosso. Cuidam os que tractam d'ellas que as perolas boas são as que nascem nas conchas eritreas, e enganam-se os que passam tantos suores na vida, para colherem em uma concha endurecidos os suores da alva; quando colhem os suores alheios, não colhem mais que custosas e alheias lagrimas, ou lagrimas duras e resplandecentes, que o serem resplandecentes não lhes tira o serem duras. O serem alheias faz com que sejam mais cus-

tosas; os fios das perolas muitas vezes são lagrimas em fio, e bem consideradas não são riquezas, por signal que a mulher é tão desamparada que é uma orphã. As boas perolas são as verdadeiras lagrimas que choram as almas arrependidas, são as heroicas virtudes, que nascem nas almas sanctas; porém a unica e a preciosa é Christo Senhor Nosso. Assim como a perola nasce do orvalho do céo recebendo-o a concha do mar, assim Christo Senhor Nosso nasce por virtude do Espirito Sancto da Virgem Maria, consentindo nas palavras do anjo, *fiet mihi secundum Verbum tuum: Aperiatur terra, et germinet salvatorem*, e não comendo o seu pão ociosa, esta preciosa perola, buscou e achou esta Rainha Sancta. *Inventa autem una margarita pretiosa, id est, Christus.*

«Poder-se-ha reparar em que, assemelhando-se a Rainha Sancta ao homem de negocio, digamos que negoceia uma tão Sancta Rainha; mas se Deos negoceia; *per hominem negotiatorem Dominum, et Salvatorem nostrum intelligere possumus*, que muito que uma Rainha Sancta negoceie, se não comia o seu pão ociosa, *et panem ociosa non comedit*. Não pareça indecencia o que é liberalidade; ahi ha negociar para ter, e negociar para não ter; negociar para ter é mercancia quando não ignobil, ambiciosa; negociar para não ter é diligencia desinteressada e liberal; quem tracta ambiciosamente para ter as riquezas do mundo, quiçá que perca miseravelmente as riquezas do céo: quem tracta desinteressadamente de não ter os thesouros da terra, compra centuplicadamente os thesouros da gloria; quem tracta com ambição, quando compra, não dá; quem tracta com caridade, quando dá, compra; quando dá pelo amor de Deos qualquer esmola, em qualquer esmola que dá, compra o melhor ouro a Deos.

«Diz o evangelista S. João no seu apocalypse: *Suadeo tibi emere a me aurum ignitum, probatum, ut locuples fias, et vestimentis albis induaris, ut non appareat confusio nuditatis tuae*; persuado-te que me compres ouro ardente e puro para que te faças rico, e te vistas com ves-

tiduras alvas, e não appareça a confusão de tua desnudez. Oh bemaventuradas riquezes aquellas! De que resulta vestirem-se as estolas alvas; infelizes aquellas, que quanto as galas são mais luzidas, tanto são mais manchadas. Homens ha, que pelas riquezes que dão merecem as estolas alvas, e homens que merecem que lhe vistam as alvas e não as estolas, pelas riquezas que têm. Mas não é este agora o nosso reparo; o que nos admira é este novo genero de mercancia, notavel mercancia é esta! Comprar ouro para adquirir riqueza, parece proposição paradoxa, porque o que se dá pelo ouro, vale tanto ou mais como o mesmo ouro que se recebe, assim tão rico está o que negoceia antes da entrega, como depois da compra, porque o mesmo valor tem o preço do ouro, que o ouro da mercancia. Como pois persuade o evangelista, que se compre o ouro para que se tenha a riqueza? Se tem tanta ou mais riqueza antes, como depois de se comprar o ouro? Ora muito vai de mercancia a mercancia, tem grande differença a mercancia a respeito de quem compra e de quem vende, a respeito do que se vende e do com que se compra. Se um homem compra ouro a outro homem, no que lhe dá por elle, lhe dá o mesmo, ou maior preço; se um homem dá a esmola pelo amor de Deos, compra o melhor ouro, ainda que dê qualquer cousa; e como o mercador, a que este ouro se compra, como o mercador, que compra este ouro, é o esmoler a Christo, *emere a me: opulentissimus hic mercator est Christus.* Como esta compra se faz com a esmola, o preço que a esmola tem consiste na vontade com que se dá; quem dá esmola com boa vontade, tem todo o preço para comprar ouro, porque Deos faz de boa vontade o maior preço. E como o evangelista nestas palavras persuade que, dando-se a esmola, se compre o melhor ouro a Christo Nosso Senhor; *emere a me aurum ignitum;* dizendo a quem e com que o ouro se havia de comprar: *Hoc bonum solum voluntatis pretio emendum tibi propono;* disse que quem assim comprasse o ouro, que havia de enriquecer; *ut locuples fias;* porque quem com-

pra a Deos, dando esmola pelo amor de Deos, quando dá compra, enriquece quando dá; se dá ouro, compra o ouro mais resplandecente, *aurum ignitum;* se não dá ouro, ainda assim compra o ouro mais puro, *et probatum;* com o que sempre fica com o superior interesse; dando da riqueza, e dando da pobreza, fica sem pobreza alguma, e adquire a maior riqueza; dá ouro com fezes, e recebe ouro com resplandores; dá ouro reprovado na forja da ambição, e recebe ouro provado no chrisol da caridade; assim recebendo pelo que dá, muito mais do que dá, recebe; dando a Deos qualquer esmola em qualquer esmola que dá, compra o melhor ouro a Deos. *Saudeo tibi emere a me aurum ignitum, et probatum, ut locuples fias.*

«E quem como esta Rainha Sancta de Portugal exercitou esta celeste mercancia? Ninguem tanto, ninguem melhor que ella a exercitou. Como foi a que mais ouro deu, foi a que mais ouro adquiriu, sendo de incomparavel preço o que adquiriu a respeito do que deu; porque o que deu era dadiva da terra, o que adquiriu era dom do céo; o que deu era barro luzidamente solido, descoradamente luzido; o que adquiriu era ouro, em cuja comparação todo o ouro é areadamente desluzido, diminuidamente areado, e a prata, ainda que se teça em lama, por isso mesmo ha de ficar de lodo; *quoniam omne aurum in comparatione illius arena est exigua, et tanquam lutum estimabitur argentum.* Empobrecendo-se no que dava, no que dava se enriquecia; para a não ter, negociava com dar; e com dar, se veiu melhor a enriquecer. Nenhuma rainha por esmoler se fez mais rica, porque nenhuma por esmoler se fez mais pobre; que pobre houve, que não alimentasse? Que despido, que não vestisse? Que peregrino, que não recolhesse? Que orphã que não dotasse? Que pupillo, que não defendesse? Que viuva, que não amparasse? Que hospital, que não provesse? Que egreja, para que não contribuisse? Que sacrario, que não aceasse? Assim dava thesouros como quem dava flores, tendo por flores os thesouros; não se dando, os reputava caducos; dando-os, os elevava a eter-

nos; fazendo das consumptiveis riquezas da terra immarcessiveis flores no céo. Isto é o que dava, vejamos o que recebia agora. Recebendo na Sagrada Eucharistia a Christo Senhor Nosso, achou na Sagrada Eucharistia a mais preciosa perola, porque a perola mais preciosa é Christo Senhor Nosso incluido nas purissimas conchas das especies sacramentaes. *Haec pretiosa margarita est Christus Dominus inclusus in chonchis specierum Sacrae Eucharistiae.* Assim como a perola se gera na concha das lagrimas da aurora, assim Christo Senhor Nosso se reproduz no Sanctissimo Sacramento pela efficacia das palavras; assim como a perola enriquece a quem a tem, e purifica a quem a bebe, assim Christo Senhor Nosso no Sanctissimo Sacramento purifica a quem puramente o toma, enriquece a quem dignamente o communga, e pela reciprocação, com que se conglutina, é a unica perola que se acha; *inventa autem una pretiosa margarita;* pois não pode ser maior a união, que ficar com o Senhor com união reciproca; *in me manet, et ego in illo.* E pois esta real mercadora não vendeu, deu sim todas as suas riquezas; pois esta mercadora divina achou e recebeu esta perola preciosa, semelhante é ao homem de negocio, que buscando as boas, achou a mais preciosa perola. *Simile est regnum coelorum homini negotiatori quaerenti bonas margaritas, inventa autem una pretiosa vendit omnia, quae habuit, et emit eam.*

«Parece-se o Sanctissimo Sacramento com a rede mettida no mar; e neste mar são mais profundos para nós os perigos, nesta rede são para nós os nós mais cegos, porque parece paradoxo dizer-se que o pão que desceu do céo se parece com a rede mettida no mar, sendo a rede mettida no mar mui dissemelhante do pão descido do céo. Mas o diabo não só tem seu anzol, mas tambem tem sua rede, que assim se entende aquelle logar do propheta: *totum in hamo suo sublevavit, traxit illud in sagena sua;* e se o diabo tem rede no mar d'este mundo, como ha de ser semelhante o Sanctissimo Sacramento á rede mettida

no mar! *sagenae missae in mare.* Ora o demonio tem rede para fazer enredos; o Sanctissimo Sacramento parece-se á rede, porque faz congregações: *ex omni genere piscium congreganti.* Se Christo é pedra, *petra autem erat Christus,* se é vide, *ego sum vitis vera,* se é cordeiro, *ecce agnus Dei,* se é leão, *vixit leo de Tribu Juda;* se é pedra pelo que sustenta; se é vide pelo que soffre; se é cordeiro pelo que se sacrifica; se é leão pelo que vence; tambem é rede pelo que congrega; porque, como as semelhanças excluem as identidades nas comparações—*non est idem, quod id ipsum simile est,* bastam para as compações quaesquer visos das semelhanças.

«Symbolisando S. João Damasceno o Sanctissimo Sacramento, no calculo ardente que tirou do altar o seraphim amante, lhe chamou carvão divino. *Divini carbonis participes efficiamur.* Não pode haver mais dissimilhante comparação que chamar á Eucharistia, em cujos brancos accidentes se admira em purissimas candidezes a melhor neve, braza, em cujas ardentes actividades se aviva em crepitantes flammas a côr mais ignea. Chamar divina braza á mais divina neve, mais parece que é trocar epithetos que dizer elogios. Ora o sancto illuminou celestemente o fogo, divinisando mysteriosamente a braza: *divini carbonis;* e como a braza ardente não só é páo, mas páo a que se une o fogo: *carbo non est solum lignum, sed lignum igni unitum fit carbo;* como o Sanctissimo Sacramento não só é pão do céo, mas pão a quem a divindade se une: *sic panis quoque communionis non simplex panis est, sed divinitati unitus;* como a divindade se une no Sanctissimo Sacramento ao pão; como na braza ardente se une o fogo ao páo, por este viso da similhança na união chamou divina braza á Eucharistia sacrosancta. Porque, como as semelhanças excluem as identidades nas comparações, para as comparações bastam quaesquer visos das semelhanças: *divini carbonis participes efficiamur.*

«Se os visos das semelhanças bastam para se fazerem as comparações, mui poucos visos tem de rede a Rainha San-

cta. Tanto não parece que é rede, que antes parece que o não é, porque a rede enreda, ella não enredava, desenredava; não enredava enredos, desenredava discordias: a rede prende, ella não prendia, prendava com as suas virtudes, prendava dando as suas joias: não prendia, soltava; porque tirava das cadeias os presos, dos grilhões os captivos. Ora não obstante estas implicações, rede é tambem a Rainha Sancta, pelo que congrega; e porque é rede e não é anzol? Os peixes tomam-se no anzol e tomam-se na rede: os que se tomam no anzol no bocado que comem perdem a vida, que alimentam; os que se tomam na rede perdem a liberdade que logram, porém nem por isso perdem a vida que tem, porque na mão dos pescadores está lançal-os outra vez ao mar. E por isso a Rainha Sancta é rede que tira a liberdade e não a vida, e não anzol que com a vida tira a liberdade; e tambem é rede porque as congregadas sejam como peixes; e em que quer que sejam como peixes, em serem mudas. Assim como os peixes não fallam, quer que não fallem as congregadas; quer que guardem silencio, para que guardem a alma, que o guardar a alma consiste no guardar silencio.

«Diz Salomão que quem guarda a sua bocca que guarda a sua alma: *qui custodit os suum, custodit animam suam.* Se dissera que conservava a saude quem guardava a bocca, bem estava; porque muitos perdem a saude porque não guardam a bocca. Adão, porque não guardou a bocca, perdeu a vida. *In quocumque die comederis, morte morieris;* e desde o principio do mundo até agora, desde agora até ao fim do mundo, todos morreram e todos hão de morrer do boccado que Adão comeu. Assim, o em que reparo é que diga Salomão que pela bocca se guarda a alma: *qui custodit os suum, custodit animam suam;* pela bocca comemos, por ella respiramos, e vivemos das respirações e dos alimentos: falle pois Salomão na bocca a respeito da vida, e não falle na bocca a respeito da alma. Ora Salomão fallou como quem era, fallou como sabio: certo é que a alma não depende da bocca em respeito do usual ali-

mento, porém a bocca não serve só para comer, tambem serve para fallar, e a alma tem muita dependencia da bocca a respeito do fallar, se não tem dependencia alguma a respeito do comer. Assim, se a vida tem dependencia da bocca, tambem a alma tem da bocca dependencia; a vida tem dependencia da bocca, porque quem não guarda a bocca de cousas nocivas perde a saude; a alma tem da bocca dependencia, porque, quem não guarda a bocca das nocivas palavras perde a salvação, porque a alma se guarda se se guarda a bocca; se o silencio se perde não se guarda a alma: *qui custodit os suum, custodit animam suam.*

«Se o Sanctissimo Sacramento, pelo que congrega, se parece á rede mettida no mar, tambem a Rainha Sancta, pelo que congrega, se parece á rede no mar mettida: *sagenae missae in mare,* congrega porque fez a congregação d'este convento, não só de congregadas mas de religiosas. Não podemos porém deixar de advertir que a rede mettida no mar não havia para que se tirar do rio; não tinha que temer o Mondego aquella a quem deu passo livre o mesmo Tejo, não tinha que receiar um rio a que se podia fazer respeitar no oceano. Ora a rede não se tirou por amor da rede, tirou-se por amor das congregadas; porque as redes não se tiram por amor de si, por amor dos que congregam se tiram. Se a rede se tirara por amor de si, tiraram-n'a quando estava vasia; mas como a tiram por amor dos que congrega, tiram-n'a quando esteve cheia: *ex omni genere piscium congreganti, quae cum impleta esset, educentes.* Mas as redes não se afogam no mar, nem no rio os peixes que estão na rede: no rio, ou no mar, mal vivem para si, e não servem para outrem. E para que as congregadas vivessem para servirem a Deos as trouxe a rede, não do rio para a margem, mas do rio para o monte; e esta vinda foi fineza da correspondencia. Como as congregadas não haviam de vir se a rede houvesse de ficar, não quiz a rede ficar para que as congregadas podessem vir. Veio esta sancta rede com estas religiosissimas congregadas, como por fineza posthuma ou como por testamentaria

fineza; que a fineza dos mortos é quererem estar onde estão os vivos, é quererem estar com os vivos ainda depois de mortos.

«Depois que o patriarcha Jacob lançou a cada qual de seus filhos aquella ultima, particular e mysteriosa benção, por final disposição de seu testamento mandou que o sepultassem com seus pais em uma cova dobrada, que estava no campo Ephron de Hetheu contra Mambre, na terra de Canaan: *Sepelite me cum patribus meis in spelunca duplici, quae est in agro Ephron Hetei, contra Mambre, in terra Canaan;* e em acabando de fazer testamento lhe sobreveio a morte: *finitisque mandatis, quibus filios instruebat, collegit pedes suos super lectulum, et obijt.* Poderamos reparar em que Jacob guardasse para a hora da morte o fazer testamento, porque um patriarcha, quando não fôra mais que para dar exemplo, muito antes de morrer havia de dispor, pois as disposições entre as agonias estão mui a cabo de serem mais delirios que disposições. Ora em outra occasião daremos a razão em credito do patriarcha. Agora o que nos importa é saber a razão por que se mandou levar á sepultura, que estava no campo Ephron, na terra de Canaan: *Sepelite me cum patribus meis in spelunca duplici, quae est in agro Ephron Hethei contra Mambre, in terra Canaan.* Se a falta do sepulchro é jactura facil, e pouco importa resolver no ar ou na terra, que importa ao patriarcha sepultar-se nesta ou naquella; que mais monta sepultar-se em um campo em Ramasses, ou no campo Ephron; que mais monta sepultar-se na terra do Egypto ou na terra de Canaan? Segundo se collige do texto quiz o patriarcha sepultar-se no sepulchro de seus paes: *cum patribus meis;* mas a meu ver ainda quiz mais o patriarcha, e que mais quiz? Eu o direi. Como os seus descendentes estavam em Egypto como em desterro, e haviam de estar em Canaan como na patria, quiz-se sepultar na patria, não no desterro. Vendo que morria, e que por morto não podia fazer pelos seus mais alguma fineza, deixou esta fineza testamentaria, para que fosse fineza pos-

thuma. Como em Canaan haviam de viver seus descendentes depois de sahirem do Egypto, não se quiz sepultar no Egypto, quiz-se sepultar em Canaan, para estar morto onde seus descendentes haviam de estar vivos. Que estar onde estão os vivos é fineza posthuma que podem fazer os mortos: *in terra Canaan.*

«Pela fina correspondencia com que ama, por amor das religiosas que congrega, não pelas inundações que tema, se deixou tirar do rio esta rede mettida no mar. E tambem se verifica que é tirada do mar ainda quando tirada do rio, pois o Mondego, a correntes inundações nevadas, tem muitas vezes de oceano liquidas presumpções crystallinas. Vemos emfim esta rede, não arrastada mas trazida de um rio de crystal para um monte de esmeralda, de um rio que pode ficar em esquecimento para o monte da melhor esperança, e depois que deixou pelo monte o rio, chora no valle mais lagrimas a fonte, tem os penedos maiores saudades, e se espera que deixe o rio de correr, porque o sentimento o ha de consumir, e quiçá que areiado esteja no proprio leito entorpecido. O cano dos amores, não podendo subir a tanta altura, se não quebrou comsigo em magoa tanta, a corrente que leva são muitas penas de agua, porque são muitas lagrimas de pena. Só este monte, vendo-se em tanta gloria, tem presumpções de Tabor, tanto maiores quanto mais vê esse divino sol de justiça, vestido de vestiduras alvas como a mesma neve: *est vestimenta ejus alba, sicut nix*; visos tem de Tabor, Tabor onde são boas as assistencias: *bonum est nos hic esse*; Tabor onde se não hão de levantar os olhos senão para verem a Deos: *levantes autem oculos suos neminem viderunt, nisi solum Jesum.* Quem está em um paraizo, quem está em um Tabor, não ha de levantar os olhos senão para ver a Deos, que quem os levanta para ver a outrem, em vez de dar ouvidos a Deos dá ouvidos ao demonio.

«Formou Deos a Adão do limo da terra, formou a Eva da costa de Adão, e disse-lhes que comessem de toda a arvore do paraizo: *ex omni ligno paradissi comede;* que

só da da sciencia não comessem, porque, tanto que comessem, morreriam: *de ligno autem scientiae boni, et mali ne comedas, in quacumque enim die comederis ex eo, morte morieris*. Poz-se Eva a fallar com a serpente, e que havia de dizer uma serpente a Eva? Disse-lhe que o que Deos lhe dizia era um engano, e que se comessem tanto não haviam de ser mortaes, que antes haviam de ficar como deoses: *nequaquam morte moriemini; scit enim Deus, quod in quocumque die comederitis ex eo, aperientur oculi vestri, et eritis sicut dii*. Persuadiu-se Eva á divindade, devendo intimidar-se com a morte: levantou os olhos para a arvore, lançou mão ao pomo, comeu e fez que o marido comesse: *vidit igitur mulier quod bonum esset lignum ad vescendum, et pulchrum oculis, aspectuque delectabile, et tulit de fructu illius, et comedit, deditque viro suo, qui comedit*. Assim, o que só noto é que dissesse Deos a Adão que não comesse porque morreria: *ne comedas, in quacunque enim die comederis, morte morieris*, que a serpente dissesse a Eva que não morreriam ainda que comessem: *nequaquam moriemini, eritis sicut dii*, e que comessem ambos: *et comedit deditque viro suo, qui comedit*. Pode haver mais notavel successo do que este? Não pode haver successo mais notavel. Que Adão e Eva, creados com a original justiça, dotados de sciencia tanta, não se absterem do pomo que Deos lhe prohibia comer sob pena de morte, e comerem do pomo de que a serpente lhe disse que se podiam alimentar com similhanças de divindade, não pode haver mais obstinada insurdecencia, nem mais desatinada attenção do que não darem ouvidos ao que Deos lhe disse: *morte morieris!* e darem ouvidos ao que lhe disse uma serpente: *nequaquam moriemini!* Ora sabem porque deram ouvidos ao que lhes disse a serpente, e não deram ouvidos ao que lhes disse Deos? Foi porque Eva levantou os olhos: *vidit igitur mulier*. Eva levantou os olhos para ver o pomo, que sem os levantar não o podia ver; e como os levantou para ver o que Deos prohibia que visse, como os levantou para onde Deos queria que os não levan-

tasse, não ouviu que Deos lhe disse, que se comesse que morreria: *ne comedas, morte morieris.* Ouviu que a serpente lhe disse que não morreria ainda que comesse: *nequaquam moriemini eritis sicut dii,* porque levantou os olhos para o pomo, ouviu o demonio e não ouviu a Deos: porque os que levantam os olhos para verem a outrem, em vez de darem ouvidos a Deos dão ouvidos ao demonio: *ne comedas, vidit, comedit.*

«Quem está em um paraizo de deleites espirituaes, quem está em um Tabor de gloriosas esperanças só para ver a Deos, ha de levantar os olhos: *levantes autem oculos suos, neminem viderunt, nisi solum Jesum,* que levantal-os para ver a outrem é levantal-os contra o mesmo Deos. Porém estas congregadas, como não fallam com as serpentes, não ha que temer estas vistas. Pondo os olhos na rede, não tiram d'esta rede os olhos. Por esta razão, estando com a rede no monte, ainda estão (deixae-me dizer assim) como o peixe na agua. Os peixes não olham para o que está fóra do rio; estas congregadas não olham para o que está fóra do convento. Com o que, estando dentro da rede, parece que estão de melhor condição que os que vieram fóra do mar, porque se uns se escolheram para os vasos, como os escolhidos, outros se lançaram á margem, como os reprovados: *bonos collegerunt in vasa, malos autem foras miserunt.* Porém nesta pescaria não ha temor de que se dê á costa; esperança sim, que este monte de esperança, pela multidão das perolas, seja costa da pescaria, que nenhumas se reprovem, que todas se escolham mettendo-as no seio, esta sancta rede, que pelo que congrega tem semelhanças com o reino do céo, que é similhante á rede mettida no mar: *Simile est regnum coelorum sagenae missae in mare.*

«Não só se assemelha a Rainha Sancta com o thesouro escondido, porque escondeu a sua heroica virtude; não só se parece com o homem de negocio, porque não comeu o seu pão ociosa; não só se parece com a rede mettida no mar, porque fez esta observantissima congregação; mas

tambem se parece á rede no mar mettida, porque muitos dos que estamos presentes vimos ha mui poucas horas na mão de neve os nós da rede, e era impossivel que se lhe vissem malhas, porque não podia ter manchas; e egualmente se viu que se assemelha ao homem de melhor negocio, pois como o melhor homem de negocio do mundo: *per hominem negotiatorem Dominum, et Salvatorem nostrum intelligere possumus;* está incorruptivel na sepultura: *non dabis santum tuum videre corruptionem;* porém mais que tudo se parece com o thesouro escondido no campo. Ahi ha dous generos de thesouros: ha thesouro absoluto e não absoluto. O não absoluto é o de ouro, ou de pedras, ou de prata, ou de oleo, ou de pão; o absoluto é de pão, é de oleo, é de prata, é de pedras, é de ouro. E como este thesouro escondido no campo era thesouro absoluto, não diz o evangelho que era de uma d'estas cousas, mas absolutamente; que de todas estas cousas era: *non dicitur thesaurus aurei, argenti, gemmarum, frumenti, seu olei, sed absolute thesaurus, pro universali thesauro omnium bonorum;* e da mesma sorte esta Rainha Sancta não é thesouro resoluto, é absoluto thesouro, porque, sendo thesouro universal de todas as riquezas, o ouro se lhe vê nos cabellos, as esmeraldas nos olhos, nos beiços os rubins, nos dentes as perolas, em todo o corpo a prata, no cheiro o oleo, e por que lhe não falte o pão lhe assiste o pão descido do céo ao sacrosancto pão do Sacramento: *hic est panis, qui de coelo descendit.*

«Absoluto e não resoluto, inteiro e não dividido está este thesouro, está este corpo tão inteiro que lhe beijamos a mão, não em desvanecida cinza mas em tractavel neve, depois de trezentos e quarenta e um annos sepultado. Vimos esta Sancta Rainha defuncta mas inteira, não perdendo o ser inteira ainda depois de defuncta, beijando-lhe a mão pela sanctidade e pela inteireza; que, se não fôra a inteireza, não houvera logar para lhe beijarmos a mão pela sanctidade. Viu-se emfim este prodigio, e se se não viu de todos, se de todo se não viu, foi porque o thesou-

ro, que é absoluto, o que é semelhante ao reino do céo e se acha escondido na terra, não se mostra como maravilha, occulta-se como mysterio; não só se esconde, reesconde-se; não só é thesouro uma vez escondido, é duas vezes escondido thesouro. No evangelho poderá ser que achemos a prova.

«Diz Christo Senhor Nosso que o reino do céo é similhante ao thesouro escondido no campo, ao qual escondeu o homem depois que o achou: *simile est regnum coelorum thesauro abscondito in agro, quem qui invenit homo abscondit.* Parece que o homem que o achou o havia de manifestar, e que o não havia de esconder; mas vemos que tractou de o esconder, e não de o manifestar. Assim, o em que reparo é em que não manifestasse o thesouro escondido, mas que escondesse outra vez o thesouro achado: *quem qui invenit homo abscondit.* Ora no mesmo texto em que se acha a duvida, se acha tambem a solução. É necessario advertir que vai muito de thesouro a thesouro, vai muito de um thesouro que não é absoluto ao que é absoluto, do que é só thesouro da terra ao que é thesouro do reino do céo. O que não é absoluto, o que é só da terra, é alguma riqueza escondida; o que é absoluto, o que é do reino do céo, é muita riqueza mysteriosa. Assim o primeiro acha-se e manifesta-se, o segundo acha-se e esconde-se; o primeiro acha-se e manifesta-se como riqueza que estava enterrada; o segundo acha-se e esconde-se como quem é mysteriosa riqueza. E como o thesouro que achou este homem era absoluto: *sed absolute thesaurus;* como era semelhante do reino do céo: *simile est regnum coelorum thesauro abscondito,* não tractou de o manifestar, tractou de o esconder, porque o thesouro absoluto, o do reino do céo, não se manifesta esconde-se, não se manifesta como maravilha, esconde-se como mysterio; não só se esconde, reesconde-se, *thesaurum reabsconditum.* Diz neste mesmo logar S. Pascacio: não só é thesouro uma vez escondido, é duas vezes escondido thesouro: *simile est regnum coelorum thesauro abscondito in agro, quem qui invenit homo abscondit.*

«Por esta razão, sendo escondido e achado, foi achado e reescondido este divino thesouro, e parecendo-se esta Sancta Rainha com o thesouro, com o homem e com a rede, tambem se parece com a arca do Testamento, em que estava o mysterioso manná, que era figura da Eucharistia sacrosancta. A arca do Testamento, quando se collocou em o templo de Salomão, acompanharam-na os principes dos Tribus, acompanhou-a todo Israel, levaram-na aos hombros os sacerdotes. O mesmo que succedeu á arca succede ao cofre, o mesmo succede á rede. Esse cofre, que encérra essa preciosa perola, essa rede, que congrega essa congregação religiosa, acompanharam-na os maiores senhores d'este reino; quasi todo Portugal a acompanhou; e com esta insigne universidade, esta cidade nobilissima. E trouxeram-na em hombros, que substituem aos angelicos, sagrados pescadores e illustrissimos levitas. Mas parecendo-se esta trasladação da Rainha Sancta em Coimbra, do rio para o monte, com a que se fez da arca do Testamento em Jerusalem, de Sião para o Templo, não se parece na principal circumstancia, pois se não acha Salomão presente. Ora não se acha presente Salomão, porque não estava acabado o Templo; depois que nelle se pozer a ultima pedra, então ha de vir a satisfazer a religiosa mente do glorioso pae, que lançou a primeira, e a propria devoção, coroando a obra, quando se pozer a ultima: *finis coronat opus;* fazendo o incomparavel filho na paz o que não poude fazer o glorioso pae na guerra; fazendo Salomão o que não poude fazer David, e em razão do que se vê e do que se espera podemos dizer as palavras que disse Hirão rei de Tyro, quando ouviu as palavras de Salomão rei de Jerusalem sobre a edificação do Templo: *Benedictus Dominus Deus hodie, qui dedit David filium sapientissimum super populum hunc plurimum*. Bemdicto sejaes Senhor, que para bem de Portugal déstes por filho a um David tão virtuoso um tão virtuoso Salomão.

«E pois, Senhor, sois thesouro escondido, e o thesouro que o homem achou no campo o tornou a esconder de novo: *quem qui invenit homo abscondit,* fazei que nossas

almas dignamente vos busquem, dignamente vos achem, e em si dignamente vos escondam; pois, qual homem de negocio, temos comvosco na sagrada communhão divino commercio: *communio optimo jure appellatur quia cum Christo commertium habemus.* Fazei que neste commercio divino lucremos o vosso precioso sangue, pois o vosso sangue precioso foi da nossa redempção o grande preço; pois, qual rede mettida no mar, ficastes comnosco neste mar do mundo: *in mare, id est, in mundo: ego vobiscum sum usque ad consummationem saeculi.* Fazei que inundemos em um mar de contrição, em que as nossas almas se desafoguem, e em virtude d'esse mesmo mar se salvem. Gloriosa Rainha, pois qual rede mettida no mar congregaes neste real convento estas observantissimas religiosas, pedi a Deos, pois já estaes na sua divina presença, que as que são religiosissimas congregadas sejam no seu throno preciosissimas perolas: pois, qual homem de negocio, não comestes o vosso pão ociosa, pedi-lhe que os que comem trabalhosamente o pão com o suor de seu rosto o comam dignamente no pão da vida sacrosancto; pois sois thesouro escondido, pedi-lhe que desprezando os vãos thesouros do mundo logremos os thesouros eternos do céo, nesta vida por graça, na outra por gloria.»

Acabado o sermão se tornou o bispo para o seu logar e se continuou a missa, e á offerenda tiveram os prelados, conselheiros de estado e mais titulos tochas nas mãos; e no fim do sacrosancto sacrificio se publicaram as indulgencias, e feita a confissão lançou o bispo conde a benção, na forma do ceremonial romano, á todos os que assistiram naquelle solemnissimo acto.

Restava por fazer o ultimo deposito, e para esse effeito se poz juncto do altar o cofre precioso, descoberto pela parte superior; e tirando os bispos do altar o cofre em que estava o sancto corpo, desatando-o do andor o secretario Roque Monteiro Paim, reconhecendo todos os que estavam presentes que aquelle era o proprio em que estava a Sancta

Rainha, suspenso em umas toalhas de tafetá carmesim, o metteram os bispos no outro cofre, ficando as toalhas dentro, e pondo-se-lhe a cobertura superior em cima, o fechou o mesmo secretario com tres chaves de prata, uma das quaes se levou a sua alteza, outra se deu ao bispo conde, outra á abbadessa do convento. Fechado o cofre, obrigando o grande peso a que todos os circumstantes ajudassem os bispos, foi collocado em um decente altar, fabricado no vão da parede, defronte da grade do coro, para que nesta fórma ficasse com segurança venerado da devoção, e naquelle altar está esperando que a grandeza piedosa do serenissimo principe D. Pedro lhe construa um templo, digno não só de uma reliquia mas do corpo inteiro d'uma Sancta Rainha, sua ascendente, cuja alma está gozando do lume da gloria, e que em breve tempo se veja a ultima trasladação, porque a magnificencia não é mais facil á riqueza que á piedade, antes os thesouros da piedade são mais inexhaustos que os da riqueza, e o ser piedoso segura o ser opulento. Salomão não edificou o Templo porque era rico, foi rico porque edificou o Templo.

Acabada aquella funcção, continuou o devoto concurso em ir fazer oração ao sancto corpo, e foi egual em todos aquelles dias, porque os moradores repetiam as frequencias, os peregrinos satisfaziam as promessas, e como aquelle sancto cadaver, estando inteiro e incorrupto, era um vivo milagre, uma florescente maravilha, todos os votos se faziam a elle, porque os seus despojos foram logo remedios para muitos males, dando o Senhor a todas as suas alfaias a virtude que deu em uma occasião ao contacto de suas vestiduras; e se elle curou uma enfermidade, estas curaram muitas, porque o Senhor, que é admiravel em seus sanctos, se dignou de fazer, por meio dos veneraveis despojos, successivos milagres.

Como a Sancta Rainha tinha disposto, fazendo um testamento, que se morresse antes de se acabar a egreja do mosteiro fosse posta no coro, acima onde jazia a infanta D. Izabel sua neta, e que acabada ella se sepultasse na

mesma forma, pareceu a sua alteza que esta ultima vontade se havia de guardar na trasladação, e que, transferindo-se pela manhã o sancto corpo da Rainha Sancta, se mudassem na mesma noite os ossos da infanta defuncta, e havendo-se licença do bispo diocesano para a exhumação, se abriu á tarde um pequeno tumulo, que estava detrás da porta, pouco distante do da Sancta Rainha, com insignias reaes esculpidas na pedra superior, e foi facil o removel-a, porque o tumulo era pequeno, e a posição facilitava o trabalho. Aberto elle se achou no fundo um involtorio de ossos, que na pequenez mostravam fallecer a infanta em edade tenra, e tirando-os o bispo conde, o de Pernambuco, e o de S. Thomé, involvendo-os em umas toalhas de cambraia, os metteram em um caixão de tela carmesi, que foi posto sobre um bofete coberto de brocado, e fechando-o o secretario Roque Monteiro Paim recolheu a chave; depois se collocou o bofete no meio da egreja, e sendo noite levando-o dois reposteiros para se descançar com o caixão, indo diante os religiosos de S. Francisco, o levaram os Marquezes de Arronches e das Minas, acompanhando-o mais titulos, com tochas accesas nas mãos, detrás os bispos, e lògo o secretario Roque Monteiro Paim com os ministros da justiça. Chegado o acompanhamento á portaria da clausura, se abriram as portas onde estavam as religiosas com os rostos cobertos, e pegando no caixão as discretas, entrando o bispo conde, o provincial da religião seraphica e o guardião do convento de S. Francisco da Ponte, o secretario Roque Monteiro Paim, para fazer a entrega, o levaram em communidade ao coro, e no meio d'elle collocaram em uma eça de quatro degráus, coberta de veludo carmesi, com passamanes de ouro, e abrindo-o o secretario Roque Monteiro Paim, declarou ás religiosas que naquellas toalhas estavam involtos os ossos da infante D. Izabel neta da Rainha Sancta, a qual mandava que estivesse na mesma egreja, onde ella tivesse a sepultura, e fechando o caixão, recolheu a chave, e o provincial e o guardião o cobriram com um panno de veludo carmesi, guarnecido de ouro, forrado de tafetá da mesma côr; com o que ficou aquelle convento

entregue d'aquelles sanctos e reaes thesouros, pois naquella capella está uma Rainha Sancta, no coro uma infante innocente.

Quando se tiraram as taboas do caixão, notou o conde de Sancta Cruz que em uma estava esculpido o corpo da Sancta Rainha, e fazendo o bispo conde com o secretario Roque Monteiro Paim, e dois notarios, exame em todas, achou que na sobre que estava o sancto corpo se via a sua imagem, como em um sudario, na de cima o meio corpo, desde a cabeça até os peitos, e todos julgaram que no licor suave que emanara do cadaver sancto, se esculpira no mais precioso balsamo a effigie da Sancta Rainha, e sendo ella a mesma peregrina esculptora, podem aquellas taboas não só ser invejas das mais illuminadas laminas, mas taboas de salvação nas mais arriscadas tormentas.

Como a devoção estava tão desejosa de reliquias, e o bispo conde por premio do fervor as desejava multiplicar para as repartir, as começou a repartir, não as podendo multiplicar, mandou a sua alteza as duas taboas em que estava a effigie do corpo inteiro, e meio corpo, cobertas com um panno de demasco branco, grande parte da colcha, mettida em uma bolsa de tela rica; á serenissima princeza ametade de uma das taboas dos lados, de que ella mandou fazer contas, e estas foram para ella as de maior preço, sendo os extremos da devoção. Ás religiosas deu um retalho da colcha, uma parte da taboa de um lado e o panno de veludo encarnado, que estava dentro do tumulo. Aos bispos, conselheiros de estado e mais titulos, religiões e diversas pessoas dignas, parte de todos os despojos, e os que os receberam da sua piedade os repartiram por tõda a monarchia, de sorte que quando se davam parece que cresciam, porque a Sancta Rainha, obrigada da devoção dos fieis, fazia crescer as reliquias de suas mortalhas, para que elles no seu templo pendurassem as suas mortalhas em gloria das suas reliquias.

Não foi uma só a maravilha que succedeu nesta trasladação, foram muitas as que se admiraram no discurso d'aquelle tempo; e a primeira deixar a Sancta Rainha o con-

vento que fabricara, a egreja que erigira, o tumulo em que estivera, para que as suas amadas filhas não perigassem nas ruinas ou nas inundações. Tractando-se d'aquelle acto, não se sabia a forma em que se havia aberto a primeira vez o tumulo, e feito exame no sancto corpo, o que era preciso assim, porque os exemplos dirigem as acções, como tambem para constar que o sancto corpo e o tumulo persistiam na forma em que se deixaram, e desejando-se os autos que se fizeram naquella occasião, os não poude descobrir a diligencia. Mas porque em tudo houvesse mysterio, lendo um menino em uma eschola por um feito, reconheceu o mestre, que o ouvia, que era o auto que se buscava; e andando aquelle papel alienado, a Sancta Rainha o guardou em quanto esteve perdido, e fez apparecer tanto que foi necessario. No dia em que foi tirada do tumulo, subindo o secretario Roque Monteiro Paim a um andaime que estava mais levantado, e tinha não pequena altura, tornando a descer com muita pressa, cuidando que descia seguro, cahiu enganado, dando com todo o corpo nas lages da egreja, com a cabeça nos degráos de pedra; e, parecendo aos que o viram cahir que não podia deixar de se maltractar, elle se levantou illeso, e julgando-se que, ainda que se não via lesão exterior, podia ser interior o damno, e devia usar de alguns remedios, elle não quiz se não os milagrosos, desfazendo em agua um fio da colcha da Sancta Rainha, bebeu á saude, e continuou a occupação, sem que sentisse algum abalo; sendo tão grande a concorrencia da gente naquella cidade, ninguem esteve com discommodo, todos assistiram com gosto; entendendo-se que em tudo houvesse carestia, em tudo houve abundancia; o que antecedentemente faltava naquella occasião se offerecia, e não só não subiram as cousas de preço, abateram do custo; com o que os que compravam generos de maiores despesas em outras partes entendiam que os que vendiam davam, e que elles não compravam, mas recebiam; indo as religiosas pelo caminho da procissão cegas, porém então mais bem vistas, que as que não vêem, nem se deixam ver, são as que melhor parecem, não só aos olhos de Deos, mas

aos olhos do mundo, indo quasi impedidas, porque os grilhões da clausura, ainda que desatados, sempre deixam os passos difficultosos, nenhuma tropeçou, nenhuma cahiu, antes foram todas por aquelle quasi inaccessivel monte, com tanta ordem, com tanta gravidade, que bem se viu que fóra da clausura não pervertiam a ordem, que observavam a religião; algum prelado houve, que tendo por impossivel, pela indisposição, e pelo desuso, subir o monte levando o cofre, fez primeiro de si experiencia, e para o subir, quatro vezes lhe foi necessario descançar, porém naquella occasião, vestido com capa de asperges, com a mitra na cabeça, com a forquilha na mão, com a almofada e o cofre ao hombro, não só o não molestou o sagrado peso, mas não se lhe alterou o alento debil, antes parece que se lhe fez o alento animoso em virtude do peso sagrado. Em todo aquelle numeroso concurso não houve um reboliço, não se ouviu uma voz; a admiração e a piedade suspenderam de sorte os animos, que os vivos pareciam estatuas na immobilidade, imagens na edificação, estando aquella cidade uma côrte pelos cortesãos, uma praça de armas pelos soldados, sendo uma universidade de estudantes, se as pessoas eram differentes nas profissões, não o estiveram nos animos, e de tal sorte se uniram, que em todos se viu a urbanidade, a discrição, e a galhardia; e cessaram as controversias que ha entre as armas e as letras, estando as letras desarmadas, as armas estudiosas; Marte não puxou pela espada para fazer estragos, Minerva tomou a penna só para fazer elogios, e multiplicando varas a justiça, serviram para o apparato, não para o temor. Como a Sancta Rainha era medianeira da concordia, não houve delictos que punir, houve virtudes que louvar; verteu-se o sangue do coração em lagrimas de ternura, não se verteu o das veias em profusões da iniquidade; e de todos estes admiraveis successos, resultando a sua alteza não pequena fama, á Sancta Rainha immensa honra, a Deos se deve toda a gloria.

FINIS LAUS DEO.

Preço 600 réis